



Teófilo Braga

TEÓFILO  
BRAGA

Teófilo Braga nasceu em Ponta Delgada a 24 de Fevereiro de 1843. Historiador e poeta, pensador e político, a sua individualidade é a mais alta individualidade mental portuguesa do século XIX. membro da Filosofia Positiva, membro do Comité Positivo Central. Teó-

fio é o documento vivo do valor dessa Filosofia, da beatitude que só ela é capaz de produzir, da resignação serena e humana que só ela é capaz de criar, e da coerência sistemática que só nelas se encontra. Poeta, tem a *Crônia dos Tempos*, poema, pela concepção e pelo alcance filosófico, superior à tentativa de Hugo, a *Lenda dos Séculos*. Os sonhos de amor esparsos por esses quatro longos volumes, alguns trechos, como a *Sphinge*, *Odisseia do Lago*, são mesmo, na forma belas. Sociólogo tem, como obra especialista, o *Sistema de Sociologia* que é pouco conhecido porque o público português prefere a sociologia italiana. Historiador, tem a *História da Universidade*, obra monumental que só por si marcaria um homem, e a particular *História da Literatura* que só tem paridade, pelo seu alcance nacional, nos *Lesíndios*. Político, tem os seus opúsculos, as suas conferências, os seus discursos. E em milhares e milhares de páginas que nos deixa, não há uma página de retórica. Figura assombrosa, num país de palradores.

## TEÓFILO BRAGA

História popular de Portugal ... no prelo

### Visão dos Tempos

Epopéia da Humanidade (Edição integral), 4 vol. br. 2840, enc.	\$820
Rodas do Ouro na Literatura (1858 a 1908). Versões poliglotas da Visão dos Tempos, br. \$60, enc.	\$80

### Alma portuguesa

Rapsódias da grande Epopéia dum pequeno Povo

Viríato, Narrativa epo-histórica, 1 <sup>a</sup> v. br. \$60, enc.	\$80
Frei Gil de Santarém (Fausto português), 1 vol. br. \$60, enc.	\$80
Oz Dóce de Inglaterra (Poema), 1 vol. br. \$50, enc.	\$70
Gomes Freire (drama histórico), 1 vol. br. \$60, enc.	\$80
D. Inês de Castro ... ... ... no prelo	

### História da Literatura portuguesa

Introdução e Teoria da História da Literatura portuguesa, 1 vol. br. \$70, enc.	\$90
Bernardim Ribeiro e o Bucolicismo, 1 vol. br. \$70, enc.	\$90
Gil Vicente e as origens do Teatro nacional, 1 vol. br. \$80, enc.	\$100
Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro nacional, 1 vol. br. \$80, enc.	\$100
Sá de Miranda e a Escola Sáliena, 1 vol. br. \$70, enc.	\$90
José — Vida e Obra, 1 grosso vol. br. 1820, enc.	1845
— Obra (Bibliografia comunista), 1 vol. br. 1820, enc.	1845
Camões e o Romantismo nacional, 1 vol. br. \$60, enc.	\$80
A Igreja Missionária, 1 v. br. 1800, enc.	1825
Filinto e os Dissidentes da Arcádia, 1 vol. br. 1820, enc.	1845

*Received June 12, 1922  
from  
S. A. W.*

OBRAS

COMPLETAS

---

IV

POESIA

## ADVERTENCIA

A edição integral da *Visão dos Tempos* comprehende nos seus quatro volumes todas as obras poéticas publicadas pelo auctor desde 1864 a 1894, taes como *Bacchante* (1.<sup>a</sup> ed. da Visão), *Tempestades sonoras*, *Ondina do Lago*, *Torrentes*, *Miragens seculares*, livros que já de ha muito se achavam esgotados; e contém mais cento e vinte e sete poemas e poemetas inéditos, material que excede o d'esses cinco volumes agora incorporados sob o título de *Obras poéticas completas*.

Os editores.

OBRAS POETICAS COMPLETAS

# VISÃO DOS TEMPOS

EPOPEIA DA HUMANIDADE

por

THEOPHILO BRAGA

EDIÇÃO INTEGRAL

TOMO IV

CYCLO DA LIBERDADE



PORTO

LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDON  
Casa editora

SUCCESSIONIS, LELLO & IRMÃO  
1895

Todos os direitos reservados

## CANTO UNDECIMO

DISSOLUÇÃO DO REGIMEN CATHOLICO-FEUDAL

## ELENCO PHILOSOPHICO

DO

## CANTO UNDECIMO

A Edade moderna da Civilisação humana caracteriza-se por uma profunda e prolongada revolução, que se patentea nos factos históricos a começar no século XII, chegando no seu período mais agudo à explosão temporal do fim do século XVII. Essa revolução apresenta um carácter social, enquanto às lutas das classes servas eleva-se ao proletariado, das comunas fundando as garantias cívicas, queda do Feudalismo e Cavalleria, ditadura monárquica apoiando-se nos exercitos permanentes, absolutismo dinástico provocando as revoluções políticas dos Países Baixos, da Inglaterra, da America e da França; e apresenta um aspecto mental enquanto à emancipação da Consciencia pelas heresias, pela renovação pedagógica das Universidades, pelo renascimento da arte e das sciencias da Grécia, pelas novas syntheses boêmiana e caetiana, pelo negativismo dos Encyclopedistas e dos literatos, que sem comprehendêrera a missão pacificadora do sentimento se empenham como espíritos insurreclos n'esta corrente do dissolução do régimen cathólico-feudal. Eis a grande crise da Civilisação occidental; na sua passagem desalentou os mais pujantes espíritos, como Miguel Angelo, Sadoletto, e os associados do Oratório do Amor, que esperavam dentro da Egreja uma iniciativa de reforma; e depois da reacção do Concílio de Trento produziu a tristeza desesperada de Tasso, o isolamento de Cervantes e de Milton. No meio d'esta instabilidade de uña edade que se extingue, outros espíritos reagem contra a incerteza pela gaegaliada, como Erasmo, Gil Vicente, Rabelais, Aretino. A vida activa das descobertas marítimas e a posse do planeta vieram dar ao homem o poder de resistência para se libertar das velhas chimeras anthropocentricas e geocentricas que constituiram a Synthèse ficticia.

## AS DUAS VERDADES

O conflito que ao findar a Edade media se dá entre a Theologia e a Philosophia, entre o tradicionalismo dos Dogmas e as descobertas do Livre-Exame, da Verdade revelada contra a Verdade demonstrada, continua-se pela dissolução do Poder espiritual da Igreja e esboço espontâneo do novo poder espiritual da Scienza.

### I

#### Auroras do Occidente

##### I. SUPPLICIO DO TEMPLARIO

Quadro da extinção da poderosa Ordem religiosa-militar, quando o poder papal se sujeita ao serviço da realera temporal pela abdicação da aspiração theocratica em Avinhão. Os juriconsultos aparecem como instrumento da ditadura monarchica. A Prisão do Templo, em que se extinguia a raça dos Capetos, relaciona os extremos d'esta crise através de cinco séculos.

##### II. VATICINIO DE DANTE

O Poeta concebendo a Monarchia como o ideal da unidade temporal criada pelo Imperio, reconhece que a Justiça e a Paz, vehementemente aspiração da sua alma, serão a base definitiva da ordem social na Humanidade. Ele estava desterrado de Florença, e voltando os olhos para França, como presentindo ali o esforço para esse porvir da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, escreve: «A paz universal, eis aqui a perfeição, o fim ultimo para o qual o gênero humano se dirige, cumprido a sua lícet.» (*Monarch.*, liv. 1, cap. vi e xii.)

##### III. DELIRIO DE PETRARCHA

Determinação do ideal humano da Arte moderna, tornando o Amor, esse tema poético espontâneo das Provenças, como a base afectiva da concordia humana; Petrarcha por uma intuição genial dá ao sentimento a missão conciliadora, no meio da luta mental e social em que se acha envolvido.

##### IV. ULTIMA RATIO REGUM

Pela descoberta da Polvora e emprego da Artilleria, começa o império da força material, sendo o Feudalismo supplantado pela Diktadura monarchica, e a Cavalleria extinta por se achar impotente e sem destino.

Ariosto, o poeta da galanteria cavalheiresca, exprimiu o sentimento de per-  
son pela ruína da idade heroica. Sob a reminiscência do Sím de Schiller,  
symbolizamos no Canto todo uma idade que desaparece diante da bru-  
talidade da força.

#### V. O MAR TENEBROSO

Poemeto sobre a pásse da Terra pelo homem moderno, liberando-se  
da chimeras geocentricas. Tem por argumento a queda de Constantinopla, e  
invasão dos Turcos na Europa, deslocando-se a antiga navegação do Medi-  
terrâneo para o Atlântico. A luta estabelece-se contra as forças da Natu-  
ra. Pela descoberta do caminho da Índia esboça-se a concordia pela pri-  
meira vez entre o Ocidente e o Oriente; e pela circumdução do globo por  
Magalhães, estabelece-se uma nova concepção do universo. Portugal influ-  
iu na marcha da Humanidade por estes feitos, que são o elemento sobre que  
se funda a Epopéa pacífica, iniciada por um pequeno povo.

#### VI. SAVONAROLA

Quando renascia a Antiguidade clássica, insurgia-se o espírito chris-  
tão, procurando desviar as almas para o mysticismo. Ao passo que Lou-  
renço de Médicis preside às festas do Carnaval de Florença, Savonarola  
préga ao povo para que lance à fogueira todas as joias e obras de arte que  
possuir. É a dupluidade da época da Renascença. Savonarola pretende  
continuar a Idade media em uma República de Cristo, mas a Igreja re-  
ligiosa sacerdotal, ou o Catholicismo, melhor organizada para a luta que  
a Egreja sustenta contra o espírito moderno individualista, ataca o mystico  
tribuno e queima-o como herético.

#### VII. PHRASE DE MIGUEL ANGELO

O idealismo platonico que vem de Petrarcha e inspira os lyricos da  
Renascença, é representado no amor do incomparável artista pela formosa  
e pura Victoria Colonna; um beijo dado e outro sempre desejado, identifi-  
cam-se na mesma emoção de sofrimento.

#### VIII. A ESTATUA

Mostra-se como a Arte faz a concordia affectiva das crenças, em  
quanto as Religiões são impacáveis entre si, levando a intransigências até  
às carnificinas. Sob as abóbadas de S. Pedro de Roma levanta-se Moysés  
na figura imponente do Legislador, e cá fica nas praças é cannibal o anti-  
gonismo entre o credo monoteílico christão e o monoteísmo judaico.

## IX. O QUEIMADEIRO

Carnificinas religiosas provocadas pelo casuismo teológico contra os Judeus e contra os heréticos, explicadas pela lei evolutiva dos velhos Deuses, destruídos pelos Deuses novos, apostada na afirmação de Prometheu.

## X. O ECLIPSE DA RASÃO

Na grande crise da Civilização ocidental, accentua-se no século XVI especialmente a crise mental, em que os Humanistas sugerem o espírito crítico, que actua nas questões teológicas da Reforma, e na actividade científica da Renascença. Loyola pretende pôr um dique à corrente do pensamento e funda a Companhia de Jesus com um fim pedagógico, para minar a influência dos Humanistas, e pelos exercícios espirituais apoderar-se das consciências.

## II

### A Epopéa do Riso

#### I. RISUM TENEATIS

O genio occidental emancipa-se das tentações tradicionais do passado pelo riso. Contrapõe-se ao fatalismo trágico do Oriente expresso pela *Epopéia da Lágrima*, esta emoção de rebolta e de actividade dos povos da Europa, que os grandes espíritos, como Erasmo, Gil Vicente, Rabelais e Cervantes, generalisaram na Arte, como elementos da Epopéia do Riso. O destino do genio satírico acha-se assim caracterizado por Comte: «Ainda que o ofício crítico repugna à verdadeira poesia, desde o seu começo no século XIII, a Arte moderna tomou uma parte cada vez mais activa na demolição geral do regime antigo.» (*Polit. posit.*, I, 278.) Compeoa-o pelo processo erudito J. J. Ampère: «Este desenvolvimento satírico é um grande facto histórico, porque n'esta porção tão rica, tão ardente da Literatura da Idade média, é isso o começo da ruína e do fim da Idade média.» (*Histoire de l'art*, I, 288.) O estado dos espíritos nas épocas de transição caracteriza-se pela manifestação do genio cômico, com que reagem quer a favor do passado, como Aristophanes nas suas violentas comedias, ou contra o passado que se impõe ao presente, como os imortais vultos da Renascença.

#### II. PATHELIN TRÁGICO

Luis XI vendo representar a farça de Pathelin, congratula-se com La Sale, porque ali o rude aldeão Agnelet logra com astúcia o comerciante rico e o advogado. Mas o poeta La Sale avisa o rei de que é possível que

um dia Agnelet leve também o próprio Rei ao tribunal revolucionário. Representa-se aqui o século xv, «transição da Cavalleria para a Política, da poesia para a realidade, com que Luiz xi figura na história.» (Ampère, *Mélanges*, t. i, 116.)

### III. O RISO DE ERASMO

Depois que a Idade media se deixou dominar pela *Loucura da Cruz*, pregada por S. Paulo, Erasmo serve-se da forma pitoresca e allegórica do *Eloge de Loucura*, com que satyriza a Tholugia e a Philosophia escolástica, com que espiritualmente preponderavam a Egreja e as Universidades pedantescas.

### IV. O RISO DE RABELAIS

O poder dos Symbolos sobre o espírito humano é como um feticismo hypocrita, e só pode ser destruído evidenciando a vacuidade do sentido que se adapta a todas as circunstâncias. Rabelais exerceu esta saudável reação negativa ridicularizando os Symbolos. Compreendendo-o admiravelmente Philarete Chasles: «Rabelais na sua época tira o extrano efeito do pensamento religioso, que, à força de penetrar a sociedade acabava de a dissolver. A alma divinizada pelo Christianismo tinha tudo invadido. O espiritualismo eliminara a matéria. O Symbolo, a idealização imperavam absolutas; por causa de um Symbolo o Ocidente lançava-se contra o Oriente. Ele dominava a Poesia, que redatira ao estado de phantasma, multiplicando as personificações allegóricas, banindo dos sítios vivos a carne e o sangue humano. Rabelais armou-se de um Symbolo para fazer a guerra aos Symbolos.» (Ap. *Hist. des Oeuvres de Balzac*, p. 173.)

### V. O RISO DE ARETINO

É a revelação de uma nova força social—a Opinião pública, que os Reis e os Papas procuravam coerromper, sendo por esse motivo cynicamente explorados por Aretino.

### VI. O RISO DE CERVANTES

Depois da ultima batalha da Civilisação occidental, no triunfo de Lepante, a cultura e intervenção da força militar por falta de um destino social tornou-se ridícula. A força cavalleresca morida pela Egreja contra os Turcos é Quixote, ou da triste figura, ou qualquer symbolo do altruismo; e o Papa, corsado em Roma e preocupando-se do seu engrandecimento temporal é o gordo Sancho reconsolado na sua Barataria. O cómico está nos contrastes.

## III

## Tentanda via est

## I. A SAGRACAO DA EPOPEIA

No inicio dos seus desastres pessoais, Camões tem a revelação da consciencia, de que o Poema em que idealisa a acção pacifica do homem moderno, é uma das Voices com que a Humanidade exprime o seu proprio destino.

## II. VATICINIO DO ADAMASTOR

No regresso de Camões à Pátria, ao passar pelo Cabo das Tormentas, tem o poeta a visão das grandes catastrophes que levam Portugal à ruína. E' então que o Poeta reconhece que a missão histórica d'esse pequeno povo será inolvidável na marcha da Humanidade.

## III. O POEMA DE CAMÕES

Philippe II entra em Lisboa, é aclamado pela nobreza e clero, mas no meio das vices do povo reconhece que lhe falta uma sancção para tornar segura a sua nova soberania. O invasor pergunta por Camões. O poeta já estava morto. Então o despotismo exclama: — E' passageira a minha conquista; pois sendo incorruptível o ideal do Poeta, os *Lusiadas* conservarão imortaledoso o sentimento de Pátria.

## IV. A BATALHA DE LEPANTO

Terminado o ciclo das guerras defensivas, quando a Europa colligada susta para sempre a invasão das raças amarelas, a glória militar não inspira mais a idealização epica, provocando apenas as parodias grotescas.

## V. DESALENTO DE TASSO

O poeta italiano tendo idealizado os sublimes esforços dos Barbares teudias para conquistarem o Sepulcro de Christo, reconhece que a civilização da Europa seguia outro caminho, indo à descoberta do seu berço oriental, realizando a circumducção do globo, tomando posse do planeta, e dando à sua actividade o concurso pacífico da navegação e do commercio, da industria e do trabalho livre da burguesia. E comparando o seu ideal com o de Camões, d'esse bon Luigi, define a causa do seu desalento, que se agrava ao vir na censura religiosa à *Gierusalem*, a hypocrisia jesuítica substituindo na igreja o sentimento mystico.

**VI. A CONFESSÃO DE CALDERON**

O genio que levou á mais surprehendente idealização artística os dogmas theologicos do Catholicismo, não é comprehendido pela propria Egreja, em que prepondera, no seu tempo o Jesuita, caracterizado pela incapacidade efectiva para as creações artisticas, e obedecendo á divisa *Ad maiorem Dei gloriam*, alardeia a negação dos sentimentos de Família, Pátria e Humanidad.

**VII. O BRAVO DE UIRACABA**

Representa-se a phase das grandes missões cathólicas provocadas pelas descobertas da America e da India. O encontro do homem selvagem revela à consciencia moderna o passado humano em contradição com a lenda theologica de um Paraíso. O Jesuita sustentando na Egreja a ação política, confiada nas suas missões longíquas e ambição de se organizar em estado theocratico ainda mesmo longe da Europa.

# AS DUAS VERDADES

*Spiritus intus alit*

---

## I

### AURORAS DO OCCIDENTE

---

## I

### SUPPLICIO DO TEMPLARIO

Perante o alto conselho  
Dos Cardeaes, o Grão-Mestre dos Templarios,  
Jacques Molay, robusto embora velho,  
Fallou-lhes, como a bando de sicarios:

•O Lobo e a Aguia entendem-se no crime,  
N'este jogo de astucia e iniquidade  
Vence o que a garra imprime  
Com mais ferocidade !

Clemente, o eleito pelo Rei de França,  
Papa Clemente, o quinto,  
Chamou-me, bem presinto,  
Das fronteiras de lá da Palestina,  
E á traiçao entrega-me á vingança  
Do Rei Philippe, que me assassina !

Foi o preço da tiara;  
 Eis de Angely a clausula secreta !  
 Qual o crime do Templo ? Sustentara,  
     Da Fé como o athleta,  
     Grente, firme e sereno,  
 Sempre em respeito o exercito agarenho !

Qual o crime do Templo ? E' a riqueza,  
 O poder, o prestigio religioso !  
 Vê um rival na Ordem a Realeza,  
 Já para o seu thesouro lança a preza,  
     E em tanta ruina o espolio,  
 N'um ignobil delírio ganancioso,  
     Lhe fortifica o solio !

Pobre Papa ! Podendo, soberano,  
 Dominar pelo universal imperio,  
 Submette-se a terrestre e vil tyranno ;  
     Deploravel exemplo !  
 O proprio crime fere-o  
 Ao assignar a queda hoje do Templo.  
 O futuro dirá quem tem razão,  
 Se eu, ou o prisioneiro de Avinhão.\*

---

Os Cardeaes, da colera em transporte,  
 Levantaram-se ! a colera não pensa ;  
 E do Grão-Mestre ali votam a morte.  
     Elle, ouvindo a sentença :

\*Se eu tratasse com simples Cavallciros  
     Em valorosa liça,  
     Seria outra a justiga !  
 Mas Doutores... argutos trapaceiros,

São da letra da Lei vendidos Mestres,  
 De habil pharisaísmo ;  
 Servindo as Monarchias vãs, terrestres,  
 Fazem dos thronos um polytheismo. \*

Na praça de Paris ergue o Preboste  
 Uma enorme fogueira !  
 O Grão-Mestre é amarrado ao poste,  
 Tem o pescoço n'uma gargalheira.  
 D'entre a turba, que muda se conserva  
 Vendo a execução fera, peremptoria,  
 Olhar profundo observa  
 Este crime da Historia !.

Era Dante, o Poeta desterrado  
 Da patria, de Florença !  
 E n'aquelle momento  
 Em que se leu á multidão n'um brado  
 A iniqua sentença,  
 O Grão-Mestre profere o emprazamento  
 Recorrendo ao divino julgamento :

«Do horror das chamas em que aqui me abrazo,  
 No fogo da Justiça em que me inflammo,  
 Impavido, não tremo !  
 D'aqui o Rei e o Papa ambos emprazo,  
 A darem contas chamo  
 Ante o Juiz supremo. »

Do tremebundo appello  
 Debalde procurou Philippe o Bello  
 Distracções para o seu terror medonho !

Dos menestrelis cantares não o cimbalam,  
 Da consciencia os remorsos não se calam,  
 Teve o Rei este sonho:

=Desconhecido Cavalleiro passa  
 Alta noite na praça,  
 Onde estão seis cabeças de Templarios!  
 E revolvendo os restos cinerarios,  
 Perguntou na escuridão que espanta:  
 —Quem o Templo levanta?—  
 E os eccos solitarios  
 Por cada boca repetindo vêm:  
 Ninguem! Ninguem! Ninguem!=

(Foi na Prisão do Templo,  
 Pela Historia o contemplo,  
 Que a raça dos Capetos  
 Por seus crimes abjectos  
 Teve o castigo, e exemplo.)

Quando a morte do Rei a soube o Papa  
 N'esse prazo prefixo,  
 Adoece de susto, e cae no leito,  
 Tendo apertado ao peito  
 Eburneo Crucifixo!  
 Brada em delirio:—Quem a Espada empunha  
 Entre os homens, por Deus brandindo-a bem?  
 A Consciencia, inflexivel testemunha,  
 Respondeu-lhe: «Ninguem!»

O poder temporal  
 Do Papa a ruina alcança  
 Pela eterna vingança,  
 Ao baquear em França  
 O throno imperial.

## II

## VATICINIO DE DANTE

## I

Banido para sempre de Florença,  
Sem lar, sem patria ter, patria querida,  
Vergado ao peso de tristeza immensa;

O Poeta se assentou na rocha erguida  
Junto ao golfo de Spezzia, onde o mar bate  
Revolto, imagem d'esta anciada vida.

Sentara-se alquebrado; e em vão dilate  
Pelo horizonte o olhar a quanto alcança,  
Tudo incerto, como a hora do resgate!

Ameaçado de morte, e sem esperança,  
Comendo o pão de estranhos, peregrino,  
Affronta a indifferença que mais cança;

Dante soltou a voz de intimo hymno:  
«Viver em paz, gosar a liberdade,  
Homem! eis a condição do teu destino!

O Poder Temporal da magestade  
A independencia do homem agrilhôa,  
Sob a rête de leis de iniquidade;

Mas a revolta quando irrompe e atrôa  
Quebra as algemas, rasga as leis, e insana  
Lança por terra a obra má e a boa.

Conflagração de arbitrios, d'onde emana  
A ruina, a vingança, o retrocesso,  
Fluxo e refluxo da existencia humana.

Viver livre e em paz ! Ordem, progresso  
 Jâmais os concilia a Monarchia,  
 Que n'isto assenta do Poder o excesso.

Em mudez sepulchral Dante cahia.

## II

Cahia a tarde; e á luz cambiante e froixa  
 Junto ao golfo de Spezzia, em pé subsiste  
 Fitando o mar o Poeta sobre a rocha :

«Por ventura um Poder melhor existe ?  
 Já que ao homem lhe falta a liberdade,  
 Falle de Paz á Humanidade triste.

De tudo quanto aspira a Humanidade  
 A Paz... que maior bem ella deseja ?  
 Paz na terra ! eis a voz da divindade.

Que me assegure a paz alím a Egreja !  
 Esse Poder espiritual, supremo,  
 Rival da Monarchia embora seja....»

Ergueu-se o Poeta ; a tarde ia no extremo,  
 Como animado d'esse pensamento,  
 Que era da vida ao naufrago inda um remo,

Vira ao longe entre as fragas um Convento,  
 Santa Croce del Corvo, branquejando ;  
 Caminhou para lá com passo lento.

Pareceu-lhe um saudoso azylo brando,  
 O abrigo do pórtico procura,  
 No limiar sentou-se meditando.

Ao vêr aquella pallida figura,  
De olhar lucido e fundo, ao forasteiro  
Frei Hilario, o Prior, diz com doçura :

—Que vindes procurar n'este mosteiro?  
• A Paz! (responde o Poeta angustiado)  
Não a Paz ao meu mal, fardo ligeiro ;

A Paz, dos bens da terra o mais prezado,  
A Paz pela Justiça conseguida,  
Justiça, que a Alma do homem tem fundado.

A paz universal, eis n'esta lida  
O sonho, a aspiração, o ideal, o norte :  
Paz e Verdade,—a synthese da vida..»

Assim fallara o naufrago da sorte,  
O Prior taes palavras não entende ;  
Elle, sem que da estupidez se importe,

Ao bondoso Prior a mão estende,  
Entregando-lhe o Livro dos seus cantos  
Para dal-o a um amigo que o defende ;  
Partiu, deixando os áditos tão santos.

## III

Proseguiu no caminho meditando :  
• Já não respeita a liberdade humana  
O Imperio na orgia do seu mando !

A Egreja, a prostituta infrene, insana,  
Reduc as bênçãos santas a dinheiro,  
Absolve o crime, e intriga ardente, ufana.

Como pregá a paz, Papa guerreiro?  
 Quando vende esta Italia avassalada  
 Ao Rei que mais lhe dá, sendo estrangeiro.

Perdido entre esta enorme derrocada  
 Da Egreja e do Imperio, os dois Poderes  
 Que para o bem do homem valem nada,

Para onde voltar-me?

Lento, avanço,  
 Transpõe os Alpes no rigor do inverno,  
 Como a buscar o seu refugio em França:

•É lá que se hade erguer pregão eterno,  
 Reivindicação firme da Justiça,  
 Cântico alegre do amor fraterno.

Oh França! abres ao mundo a nova liça!  
 E pela afirmação da Liberdade,  
 Pelo trabalho e paz, que me incita,  
 Realisa o seu destino a Humanidade.»

### III

#### DELIRIO DE PETRARCHA

Viu-a no templo, recatada e bella!  
 E no segredo da alma idolatrada  
 Com que delirio a adora! Era casada.  
 O impossivel entre o Poeta e ella.

E como quem contempla ao longe a estrella  
 Que transparece em negridão cerrada;  
 Ou que escuta o som da agua da levada,  
 Correndo livre, e sem poder beber-a...

Cantou Petrarcha o insólito impossível,  
Cada olhar descuidado, cada gesto,  
Graça, donaire, o pôrte indefinivel;

E quando, emlím, um doce riso honesto  
Parecia elevar-o a inaccessible  
Pincaro ideal,—truncou a morte o resto.

Séde eterna de amor! Laura está morta:  
Ah, não se extingue a lucida entidade  
Nos extasis, nos sonhos, na saudade,  
Na visão subjectiva da alma absorta.

Para dar corpo ao vago ideal, supporta  
Petrarcha a dör, do espirito a orfandade,  
Confundido na escura realidade  
Como um cego que vae de porta em porta.

Errante, e sem destino ter na vida,  
Gemendo pelos montes, sem que n'essa  
Solidão ache alivio a taes desgostos,

Com elle morto foram dar: pendida  
No Livro dos seus versos a cabeça,  
Sobre o nome de Laura os labios postos.

## IV

## ULTIMA RATIO REGUM

Calor forte se espalha,  
Da abraseada fornalha  
Sac vivido clarão;  
O bronze estúa quente,  
Para fundir candente  
Um enorme canhão.

Está prêstes o molde, o receptaculo  
 Em que se vasa a lava ou o metal,  
 Gente muita, a nobreza principal,  
 Vem observar o magico espectaculo.

Cavalleiros e damas, toda a corte  
 À maravilha de tal obra assiste;  
 Mas cada rosto tem expressão triste,  
 Como se as almas presentissem morte.

O Mestre da officina  
 A obra que imagina  
 Alegre explica então,  
 Como instantaneamente  
 Vae o bronze candente  
 Moldar-se no canhão:

—Mandou o Rei fundir a grande peça  
 Que aos inimigos seus não mais dê treguas;  
 Pois que as pesadas halas que arremessa  
 Vão cahir à distancia de dez leguas!

Em estilhaços toda a rocha salta,  
 E como o vento arroja as maravalhas,  
 Desabam as muralhas,  
 A cada tiro cae uma torre alta!

Vomitando metralhas  
 O revoltado povo ante si varra;  
 E invencivel constrange  
 Dos cavalleiros a árdida phalange  
 Veloz roçando-a a destructora garra!

Do que o raio mais forte, ao menos tanto,  
 Será o tiro, que derruba tudo!  
 Ao seu estrondo e espanto  
 O peito mais audaz fica hirto e mudo.

O bronze eil-o candente,  
 Que escorre lentamente  
 No molde do canhão;  
 O Bispo, de ordem regia,  
 Veiu, de mitra egregia,  
 Lançar-lhe a bendição:

—Aflugentava o sino as tempestades  
 Nos coruchéos da antiga Cathedral;  
 Mas, outras qualidades  
 Vae ter o seu metal...

Dando aos vivos confortos,  
 E pranteado os mortos,  
 Lançava ao vento o lugubre signal!  
 Convocava em defesa aos seus direitos  
 Os que aos Barões feudais eram sujeitos,  
 Na lucta communal!

E o sino, que de sons enche os espaços  
 Como canto aos céos mavioso e vago,  
 Foi sem piedade feito em mil pedaços,  
 E lançado á caldeira!  
 Hoje canhão, vomitará o estrago,  
 A morte, a oppressão na terra inteira.—

Correu pela caleira  
 O bronze, de maneira  
 Que eis fundido o canhão!  
 O que haverá que tolde  
 O metal, e no molde  
 Lhe altere a perfeição?

Passado este momento de incerteza,  
 Um Cavalleiro chega-se ali perto,  
     Como a tanto se atreve !  
 Contempla a obra, e com sorriso aberto,  
 Mas repassado de intima tristeza,  
     Exclama em phrase breve :

—Para que serve a espada de fino aço  
 Brandida por um destemido braço  
 Pela Justiça, pelo ideal humano ?  
     Por certo, de hoje em dia,  
 A coragem, o brio, a galhardia  
 São apagados pelo bronzeo cano.

Assestado o canhão,  
 Que supprime a bravura e heroes afasta,  
 Para a victoria uma só cousa basta :  
     Que o descarregue inconsciente mão.—

Lento o bronze arrefece ;  
 Uma Dama apparece  
     E contempla o canhão :  
 Com olhos rasos de agua.  
     Disse cheia de magua,  
 Em susto e admiração :

—Já da galanteria os devaneios,  
 Da valentia esplendidos torneios,  
 Que faziam do homem um heróe,  
 De hoje em diante acabaram ...

Tempo foi

Que o ideal da Mulher tanto infundia  
 Intrepidez energica e Poesia !  
     Compete-lhe outra sina,  
 Chorar sobre a ruina  
     Que o canhão temeroso longe espalha,  
 Quando varra scus filhos a metralha.

Presto, o molde se quebra ;  
 O proprio Rei celebra  
 O giganteo canhão !  
 Jurisconsulto velho,  
 Do aulico conselho,  
 Dá sua opinião :

— Quando buscava o Rei com incerteza  
     Fazer plena justiça  
     Entre o povo e a nobreza,  
 Abriu da Lei uma impessoal liça ;  
 Pelo Direito é que se conseguia  
     A social harmonia.

Ao contemplar a reluzente peça,  
     Quem ha que não conheça  
 Que o imperio da Força hoje começa ?  
 Confiando n'aquelle força bruta  
     O arbitrio do Rei  
     O oraculo da Lei  
 No seu capricho nunca mais escuta.—

Volveu-lhe o Rei contente :  
     • O canhão reluzente  
     E a ultima razão  
     Com que eu aplaco o povo,  
     Quando um ideal novo  
     Traz na imaginação.»

Tambem n'aquelle instante viera o Poeta  
 A maravilha vér, obra completa !  
     Oh sublime Ariosto,  
 Só tu soubeste lér em cada rosto  
     A tristeza, a saudade,  
     Final lampejo de uma extinta Edade :

—Vede! na Lyra da Humanidade  
 Uma corda quebrou-se n'este dia,  
 Aquella que cantava a valentia,  
 A consciencia da propria dignidade!  
 Nunca as estrophes épicas, divinas  
 Cantarão cannibales carnificinas,  
 Porque ao bestial orgulho que devasta  
 Pyramides de mortos só lhe basta.

## V

## O MAR TENEBROSO

## CANTO I

## O sonho dos Osmanlis

No rico alcaçár, quando tudo dormia  
 Por noite adiantada, Mahomet segundo  
 Chama o Grão-Visir com um brado iracundo:  
 Khalil, aterrado, de prompto acudia.  
 Na sua presença o espanto encobria;  
 Mas, diz-lhe o Sultão com um risrido asperço:  
 • Não vês como está revolvido esse leito?  
 • Persegue-me um sonho de noite e de dia.

• Não posso dormir! Segue-me um pensamento  
 • Egual a remorso que a paz da alma exul';  
 • Só tenho um desejo:—Tomar Stambul,  
 • Sobre essa conquista ter meu throno assento.  
 • De dia e de noite sonho em tal evento;  
 • Do meu vasto imperio será capital!  
 E ideando a futura batalha campal,  
 De Stambul os planos mostrava-lhe attento:

## BIBLIOTECA

«Fazei com astúcia que vão espiões,  
 «Agora, hoje mesmo, o mais tarde amanhã,  
 «Com todo o segredo fallar a Orban,  
 «O hungaro, o bom fundidor de canhões.  
 «Do Imperador os ministros vilões,  
 «Bem sei, não lhe pagam devidos salários ;  
 «O ouro que levam os meus emissários  
 «Melhor lá lhe explique minhas intenções.»

Orban, do Arsenal, dentro em poucos dias  
 Fugiu : eil-o ás ordens está do Sultão :  
 «Quero eu que me fundas um grande canhão !  
 «Começa o trabalho ; tens grossas quantias.»  
 —Stambul nunca viu d'estas artilherias.—  
 Canhão gigantesco, maior do que sete,  
 Orban traça, molda, e o bronze derrete,  
 Funde obra estupenda de altas ousadias.

—Em pó tornará de Stambul as muralhas  
 Um só tiro dado por este canhão !—  
 Orban carregou-o pela propria mão,  
 Seguro da obra perfeita, sem falhas.  
 Dispára-o sem medo. Voaram metralhas,  
 Tremeu Andrinople, a cidade, um instante,  
 A dez léguas se ouve o ribombo distante,  
 A bala faz ruinas de trinta batalhas !

Diante d'aquelle terríffico efeito,  
 Alegre Mahomet na indomavel pujança  
 A Constantinopla um exercito lança,  
 Duzentos mil homens ! N'um fito direito  
 Caminha na frente, levando no peito  
 Do altivo poder as brilhantes insignias,  
 A Massa de ferro, a que nas luctas igneas  
 Perdeu Bejazet por derrota desfrito.

Derviches o seguem n'um longo cortejo  
 Qual fila de monges soturnos completa ;  
 Com Aschemeddin, que se dá por propheta,  
 Que ás tropas exalta o furioso desejo  
 Do sangue e da morte, da gloria o ensejo !  
 O canhão avança, por juntas cincoenta  
 De bois, que o pucham, indo em marcha lenta  
 Galgando as montanhas, o valé e o brejo.

Mahomet apparece, de abril na alvorada,  
 Diante dos muros de Constantinopla !  
 Ao ár em docsto arrojou a manopla ;  
 A tenda de seda ficou assentada  
 Diante da Porta que é denominada  
 Na voz Caligaria ; e em linha ante os muros  
 Até duas leguas, soldados seguros  
 Aguardam as ordens para a escalada.

Orban anda ancioso por vér os efféitos  
 Da obra ! Assentou o gigante canhão  
 Diante da Porta que diz Sam Romão ;  
 Defendem-na os ríjos e bons parapcitos.  
 Faz a pontaria com calculo e geitos...  
 Rebenta o canhão, prompto, em estilhaços  
 Destroi tudo em roda, e o corpo em pedaços  
 De Orban jaz, do ár caem crâneos desfeitos.

Coragem maior ao Sultão dão revezes,  
 Dos ríjos janizaros marcha na frente :  
 Mas vendo Khalil, no instante presente  
 Chegarem galeras, baixcis genovezes  
 Que o Papa em socorro mandava por vezes,  
 Lembrou fazer pazes com o Imperador !  
 Accede o Derviche bradando :—Senhor,  
 Do voto esquecsei-vos proferido ha mezes ?

Naquella grandiosa e imponente visita  
 Com pompa triumphal, n'uma alegre manhã,  
 Abriste o Mirab que guarda o Coran,  
 De Brusse na esplendida e rica Mesquita ;  
 Leste ah! sentença terrível escripta,  
 Que desde Moysés ao Propheta nos vem :  
*Japhet põe o pé no pescoço de Sem.*  
*E a raça de Cham torna escrava e maldita.*

Mas n'esse momento jurou Mahomet  
 Aquella sentença fatal pôl-a em erro,  
 De novo brandir essa Massa de ferro  
 Cahida das mãos do Sultão Bejazet !  
 E o filho do bravo Amurath eis promette  
 Tornar realidade este sonho feliz :  
 « Os crentes do Islam talcarão a cerviz  
 À raça dos cães que provêm de Japhet. »

Possues da poesia o magnífico afago,  
 Conheces a historia por leitura immensa ;  
 Bem sabes quanto essa temível sentença  
 Se tem realizado : Caiu já Cartago,  
 E Jerusalem sofreu o estrago,  
 Do fero Romano implacável ruina !  
 Mas a África toda, com a Palestina  
 De Allah só conhecem agora o orago.

Ainda o Crescente campéa em Hespanha !  
 Mandaes tocar já o estridente anafil ;  
 A serra ataquemos no proprio covil,  
 Não falta coragem, nem odio, nem sanha.  
 Se o cércio se rompe a desgraça é tamanha !  
 É tua a victoria sobre a Europa inteira,  
 Se tu ao assalto vás na dianteira  
 Stambul cai por certo ante a audacia estranha.—

Mahomet mandou proceder á escalada,  
 Os corpos dos mortos atulham os fossos,  
 Janizaros trépam por sobre os destroços  
 Às altas ameias entre a derrocada.  
 A população parecia pasmada,  
 Só cinco mil homens a pátria defendem,  
 Os mais pelas praças e atrios contendem  
 Se o corpo de Christo é na hostia sagrada!

Jurou Mahomet com palavras aziagas  
 Da rica Stambul—que nos fossos pereça  
 Se acaso a victoria hoje o não favoreça.  
 Chamou a conselho os Visires e Agas:  
 «Caiam sobre mim maldições e mil pragas,  
 «Se eu em cinco dias não acabo a guerra!  
 «Que Stambul se ataque por mar e por terra,  
 «Serão triumphantes as nossas adagas.

«Riquezas, e joias com todo o dinheiro  
 «Serão dos soldados! para mim reservo  
 «O solo e as casas; quanto ao mais observo  
 «Que, excepto o incendio, o saque é inteiro.»  
 Azabs, janizaros, ergueram berreiro,  
 Derviches em loucas, frenéticas dansas,  
 Falla Aschemeddin em benventuranças  
 Para os que morrerem de um golpe certeiro

Em Constantinopla esse jubilo eccôa,  
 Do atroz desbarato tremendo ameaça!  
 Quão mal imagina a multidão que passa  
 Que a ultima hora de Byzancio sóa.  
 De Constantinopla ao Setemtrião\* vôle  
 Fugaz meteoro de luz deslumbrante,  
 A voz dos Derviches n'esse mesmo instante  
 Ao crente Osmanli a victoria apregoa.

Em Constantinopla um agouro era crido:  
 Quando a Cercoporta se abrisse, daria  
 Passagem á horda de infieis n'esse dia !  
 Aviso funesto tão breve esquecido.  
 Para uma sortida sem ser prevenido  
 O Turco, eis a Porta de prompto se abre ;  
 Ninguem no regresso a cerrou ; e o sabre  
 De Islam por ella entra sem ser impedido.

Retrôa do assalto medonho rebate,  
 O Imperador despe o manto em tal passo,  
 A tunica azul e o cinturão de aço,  
 E arroja-se incognito ao mortal combate.  
 Jogava o Sultão no terrifício embate  
 Tambem a corôa do imperio seu, vasto ;  
 No alvor da manhã rompe o assalto nefasto,  
 E antes de uma hora Stambul já se abate.

Tumulto instantaneo, maior que metralhas,  
 Partiu da cidade ! A espalhada linha  
 De infantes, que o cércio apertado mantinha,  
 Dos Turcos, em frente das longas muralhas,  
 Pela Cercoporta, como em rotas malhas,  
 Veloz irrompeu, tremebunda, violenta ;  
 A carnificina começa sedenta,  
 A orgia do saque, o horror das batalhas.

Para o Templo excuso de Santa Sophia  
 Caminha o Sultão jubiloso de gloria ;  
 A Allah vae votal-a em signal da victoria  
 Da rica metropole que apetecia !  
 E quando orgulhoso ao zimborio subia,  
 Para o Occidente voltou logo a fronte,  
 Fitando o ignoto, azulado horizonte,  
 Lançou com desdem a sangrenta ironia :

•Puiz termo á sentença de ultraje medonho,  
 •Do Livro a tremenda sentença desminto!  
 •Calcando a cerviz de Japhet, eu bem sinto,  
 •Que sobre o pescoço meus pés hoje ponho.  
 •Da raça de Sem já me não envergonho,  
 •Eu sou o supremo Senhor de dous mundos,  
 •Exerço o Imperio em dous mares profundos,  
 •Só eu realisei dos Osmanlis o sonho.»

---

CANTO II

## O ocaso do Occidente

De sabios, de humanistas rodeado  
 Da sua Bibliotheca entre os primeiros,  
 Nicolão quinto, papa, descuidado  
 De Sam Fabiano nos vergeis de flores,  
 As conversas escuta com agrado  
 Sobre as obras dos gregos escriptores;  
 Poggio, Manetti com Decembrio falla,  
 Philelpho, Aurispa, mais Lourenço Valla.

Jorge de Trebizonda discutia  
 Com Theodoro de Gaza as traducções  
 De Platão, de Aristoteles; ouvia  
 O papa as luminosas opiniões  
 Acerca de Polybio; e na ironia  
 No tiroteio de atticos farpões  
 Que jogam entre si os litteratos,  
 Os grammaticos são menos cordatos.

Fallou o bom do Papa, em ár risonho,  
 Aquelles escolhidos circumstantes:  
 •Para mim ha um só dourado sonho,  
 Pensamento de todos os instantes:  
 Dos meios, dos poderes que eu disponho,  
 Mais do que a tiara, eu quizera antes  
 Dar vertudos em san latinidade  
 Dar a Biblia e Homero á humanidade.

Qual de vós me acompanha n'esta empreza?  
 Manetti! eu bem sei o que te impede  
 De traduzir a Biblia... com franqueza  
 De ir contra Sam Jeronymo procede.  
 Tens da livre consciencia a intencraza,  
 Ah, se ella especial perdão te pede,  
 Se ás vezes contrariares a Vulgata,  
 Minha benção o escrupulo desata.

Tu, Philelpho! já sabes o que eu quero;  
 És capaz de em hexâmetros verteres  
 Os dois Poemas immortaes de Homero.  
 Para uma tal obra emprehenderes,  
 Casa e jardim em Roma tens: e espero  
 Rodear-te de todos os lazeres;  
 E além de tudo, mil sequins te entrego  
 Pelo verso final do Poema grego \*

Jorge de Trebizonda, alegre exclama:  
 —Oh Santo Padre! que missão divina,  
 Tornar completa, em quem o bello ama,  
 A união da Egreja, a grega e a latina!  
 De Florença o Concilio se a proclama,  
 Um grande ideal a realisal-a ensino,  
 De duas almas synthese suprema  
 Na traducção do homérico Poema! —

Mas quando o Papa esta allusão escuta  
 Ao Scisma do Oriente, pela fronte  
 Passa um véo de tristeza e o enluta :  
 « A estas horas acha-se defronte  
 Já de Constantinopla a força bruta  
 De Mahomet segundo ! E no horizonte  
 Vejo a abysmar-se em vórtice eminente  
 A Civilização do Occidente ! ... »

Na Cidade, onde ha trinta mil pessoas  
 Apenas cinco mil ás armas correm !  
 As outras, como alheias, más ou boas  
 Aceitam as notícias quaes ocorrem ;  
 A fé, a dignidade, o odio apagou-as,  
 E escuta-se entre os gritos dos que morrem :  
 — Antes sob o Turbante de Mahomet,  
 Que do nuncio Isidoro hoje o barrete ! —

Eu só trabalho pela causa justa ;  
 Ao vér Chypre do Turco conquistada,  
 Ao rei de França escrevo ; e elle, à custa  
 Da fé christianíssima jurada,  
 Respondeu-me : — Que o Turco não o assusta,  
 Que a França está de forças esgotada  
 Por trinta annos de guerras e revezes,  
 Vendo inda ha pouco expulsos os Ingleses.

Respondeu-me Inglaterra em desatino,  
 Périfa entre as potências orgulhosas :  
 Que de Byzâncio os muros e o destino  
 Não valiam as guerras das Duas Rosas.  
 A Hespanha diz : — Do reino granadino  
 A conquista dá palmas mais gloriosas.  
 Da Allemanha as coroas são lembradas  
 Das traições de Comnene nas Cruzadas !

Apenas me ajudaram com galeras  
 Genova e Veneza ! A estas horas  
 Qual a sorte da guerra ? Já imperas  
 Barbarie ? a tuas mãos assoladoras  
 Apaga-se o esplendor das nobres éras,  
 Da consciencia as lucidas auroras ;  
 E a Civilisação do Occidente,  
 Com desdém das Potencias, cão, tremente.\*

Quando estava a palestra n'esta altura  
 O Cardeal Isidoro entra na sala ;  
 Fugira da matança atroz e escura ;  
 Da queda e saque de Byzancio falla.  
 Com espanto o escutam ! a amargura  
 Inconsolavel suas almas rala,  
 E o Cardeal a narrativa fecha  
 Quando com armas acudiu á brecha !

Contou como a cidade foi tomada,  
 E a bella cathedral Santa Sophia  
 Em Mesquita de prompto transformada  
 Pelo Sultão votada n'esse dia,  
 Tendo-a mandado evacuar á espada,  
 E o sacrificio santo interrompia !  
 Parece que um mortal súdario frio  
 Cobre tudo ! e que a luz do sol sumiu !

O Papa fica succumbido um instante,  
 Voltou a si com animo ; e exclama :  
 « O dinheiro de Pedro inda é bastante  
 Para atear de uma Cruzada a chamma !  
 Constantinopla está sob o turbante...  
 Mas, que dôr por mim todo se derrama !  
 Que desgraça ! que ruina e fatal córte !  
 Eu bem sinto que é isto a minha morte.\*

## CANTO III

## O Cartel do Infante

Do Mestrado de Christo às terras, longe  
 Dos ruidos da corte se retira  
 O inclyto Infante Dom Henrique. Sofre  
 Em silencio os pezares, o remorso  
 Pela morte do Duque de Coimbra.  
 Desventuroso irmão, que uma palavra  
 Sua, a tempo, salvára contra a intriga  
 Da treda imputação — que conspirava  
 Contra a coroa do sobrinho e genro!

Quando o alquebrado espírito procura  
 Desannuviar, tristeza mais profunda  
 Accomette-o! Mandara-lhe um Legado  
 O terceiro Calixto Papa: exora  
 A cooperação do heroico Infante  
 Para a grande, urgentissima Cruzada  
 Contra o implacavel Mahomet segundo,  
 Que subjugada tem Constantinopla!  
 Numa sentida Carta lhe escrevia  
 O que n'um grito aos reis da Europa disse:

•Uma enchente de Barbaros avança  
 Sobre a Europa, e ao pélago profundo  
 Da servidão e estupidez nos lança!

Vem commandada por Mahomet segundo;  
 Em Byzancio, na capital do Imperio  
 Assentou o seu throno! Golpe fundo.

Ao papa Nicolao quinto a dôr fere-o,  
 Por encontrar da Europa os Reis na inercia,  
 Não vendo o alcance de um perigo sério;

Maior do que o de outr' ora, quando a Persia  
 Exercitos innumeros despeja  
 Para extinguir a liberdade e a Grecia.

Hoje a catastrophe é maior! A Egreja  
 A's Nações cultas, e que são herdeiras  
 Da Grecia e Roma, chama-as á peleja.

Em quanto os Reis não erguem as bandeiras  
 Para a Cruzada unanime, espontanea,  
 Vem o Turco tomado as dianciras;

Conquista a Bosnia e logo a Karamania,  
 Da Criméa de subito se apossa,  
 Otranto cão á acção forte, instantanea.

A Armada de Veneza já destroça ;  
 Põe á ilha de Rhodes duro assedio,  
 De escravos cuida que a fileira engrossa

Com Cavalleiros de Sam João!... Remedio  
 Reclama a affronta que a bruteza excede ;  
 A Christandade ao monstro o triumpho vêde-o.

Os Osmanlis da Europa fazem séde,  
 E as velciras galeras temerosas  
 No Mar Mediterraneo quem impede?...\*

Não pôde ler o Infante as dolorosas  
 Palavras d'esta Encyclica do Papa,  
 A convidar os Princepes da Europa  
 Para a Cruzada santa, humana e justa !  
 A vista grossas lagrimas toldaram,  
 E do Legado resoluto inquire :

—Os Soberanos que resposta deram?  
 Que prometteram para a nobre empreza?  
 Vêm á Cruzada do glorioso heroismo?

Volve o Legado com dolente falla:

\*Oh! vergonha é dizer-o! A Christandade  
 Por um abjecto egoísmo desunida,  
 Cada potencia busca as alianças  
 Com Mahomet segundo, cujo imperio  
 Crescendo em poderio, reconhecem!  
 Vede como o Senado de Veneza  
 Contra Genova pede ao Turco apoio.  
 E Fernando o Catholico! com elle  
 Tambem os Reis de Napoles, da Hungria,  
 Da Polonia, o Grão-Duque de Florença  
 Mancham a historia, anciosos disputando  
 As boas graças do Sultão, que chama  
*Luctas de Cães e Porcos* os conflictos  
 Que os Reis da Europa entre si têm!

O Infante

No desespero que o estrangula, exclama:

—Perante a corrupção e a ruina  
 De uma época vil, nada mais resta  
 Além da dignidade do individuo!  
 Conte o homem de bem consigo, apenas  
 Quando os Estados, miseros, se vergam  
 Ante os gineteis de Mahomet segundo,  
 Quem luta? A sós a individual bravura:  
 Admiro Scanderberg e Hunyáde!  
 Pois bem; visto que os Reis hoje se excusam  
 A<sup>r</sup> Cruzada, eu, sósinho, irei bater-me  
 Com Mahomet segundo frente a frente,  
 Em duello de irrevogavel morte!—

Aos fidalgos de sua Casa chama,  
Aos Cavalleiros do Mestrado:

—Amigos!  
Quem d'entre vós quer ir perder a vida  
Pela fé, a Constantinopla marche,  
E entregue o meu Cartel de desafio  
A Mahomet segundo.—

Promptamente  
Dois bravos cavalleiros avançaram,  
Freires de Christo. O Infante Dom Henrique  
Manda vir a dourada escrivaninha,  
Dita em solemne pausa merencorio :

—A Mahomet segundo, o irrisorio  
Sultão filho de escrava, que alguem véde  
Que mais da Europa calque o territorio!

Ao assassino do irmão Amhed,  
Da princeza de Sinope nascido,  
E herdeiro de Amurath, contas lhe pede

Princepe do Occidente, destemido,  
Por assentar seu throno aonde esteve  
Do Imperio romano o solio erguido.

Por que contra a Europa o vil se atreve,  
Substituindo a Cruz pelo Crescente  
Sobre Santa Sophia ! A liça, breve!

Christão e Cavalleiro do Occidente,  
Contra ti da justiça a força emprego-a  
Para um combate singular, fremente,

A todo o transe, sem te dar mais trégoas  
A não ser a da morte! —

O escrevente  
Do Cartel prompto dois traslados tirá.  
Cada um dos Cavalleiros tendo feito  
Dos bens terrenos doação, e as almas  
Preparado de espiritual socorro,  
Deliberados partem. Um, por terra,  
Outro, por mar, seguiram á ventura,  
Como quem vae manter um Passo honroso!

## CANTO IV

## A Visão de Sagres

O Mar Mediterraneo estava em preza  
Das galeras dos Turcos, vis corsarios!  
Perante a indifferença dos monarchas  
Pelas conquistas rápidas, crescentes  
Com que Mahomet vae occupando a Europa,  
O Infante Dom Henrique os olhos lança  
A' vastidão do atlantico Oceano,  
Cujo horizonte infindo é um mysterio,  
Mar tenebroso, e nunca navegado,  
Que os nautas com terror de si repelle!

Durante um anno o Infante inclyto aguarda  
A volta de qualquer dos Cavalleiros,  
Com a resposta ao destemido repto!  
Era esperança vã. Mahomet segundo  
Entregue á embriaguez, torpe e devasso  
Depois de incruentíssimas batalhas,

Como corresponder ao digno appello  
 Do Grão Mestre de Christo? Heroicos tempos  
 Das luctas de Ricardo e Saladino  
 São idos para sempre; esse desprezo  
 Do Sultão por cavalheirescos passos  
 Mostra ao Infante da pessoal bravura  
 Finda a edade: a Civilisação pede  
 Outra arena mais larga de combate.

Contemplando o sereno Mar imenso,  
 Um problema na mente volve agora.  
 E dizia consigo:  
 — Eu, dia e noite, penso  
 Como sustar a enchente assoladora  
 Do tremendo e invencível inimigo?  
 A Civilisação do Occidente  
 Salvar, qual fez a Grecia em Salamina? —  
 Que emprezas imagina!  
 Que sonho audaz e crente!  
 Revolvendo os Annaes da Antiguidade,  
 Brada; — Oh grande lição da Humanidade.  
 Com ser pequena a Grecia em território,  
 Da Persia o enorme exército derrota  
 Em combate naval!  
 Inicie Portugal  
 Contra o Oriente a guerra; no equóreo  
 Abrindo para a Asia a estranha róta.  
 Das canibais e infames hordas turcas  
 Do assalto a Europa inteira se liberta,  
 Quando em nossas urcas  
 Formos com róta certa;  
 Ferindo-as no Oriente e no seu berço  
 Dos Portuguezes pelo braço adverso! —

Contemplando do Oceano a profundez,  
 E do horizonte a linha ampla, infinita,  
 Vê rugirêm procellas com bravura;  
 Concentrado medita,  
 Se a Gente portugueza  
 Dará realidade á ousada empreza!

Quando a imaginação se lhe apavora,  
 Eis que o Mar Tenebroso se illumina  
 Com o clarão de boreal aurora:  
 O futuro, n'essa hora,  
 Nitido discrimina,  
 Ao brilho da ideal phosphorecencia  
 Do mar, ou do fulgor da intelligencia:

—Foi de Osmanlis o sonho audaz de gloria  
 Tomar Constantinopla! Poz-lhe assedio  
 Amurath; mas já perto da victoria,  
 Não teve outro remedio,  
 Por salvar a Anatolia n'um momento,  
 Forçado erguer, deixar o acampamento.

Tambem Mahomet segundo em tanta insanha  
 Veiu pôr cerco á capital do Oriente!  
 De Ibrahim, principe da Karamanijo,  
 A revolta, forçou-o de repente  
 A transpôr o Hellesponto, e em prompta rázzia  
 Ir acudir aos seus Estados da Asia.

O segredo da salvação da Europa  
 Está patente n'estes dois successos!  
 Dos portuguezes galeões a pôpa  
 Quando ao Mar Tenebroso abra os recessos,  
 E da Asia o maritimo caminho,  
 São os Turcos feridos no seu ninho.

Já para sempre a Europa se liberta  
 Da raça bruta que, hoje, a infesta e tal !  
 Ao peito hermico é nova liça aberta,  
 Ninguem ao Iuzo no impeto o eguala ;  
 E a Portugal a aurora o illumina  
 Dos dias triumphaes de Salamina !—

Neste alto pensamento se arrebata :  
 Activa o Infante intrepidas emprezas  
 Das Navegações grandes portuguezas ;  
 Das intimas tristezas se resgata,  
 Nessa visão do infinito equóreo  
 De Sagres no remoto promontorio :

Oh ! não foi, não, essa visão chimerica,  
 E' lucida a miragem :  
 Segundo incerta rôta  
 Atravessa' uma destemida frôta  
 O Tenebroso Mar, e toca a margem  
 De um ignorado Continente—a America !

Lá para onde, oh sol, froixo declinas  
 Outros haixeiis vogando representas,  
 Transpuzeram o Cabo das Tormentas.  
 Vão implantar as portuguezas Quinas  
 Em um outro hemispherio !  
 E' da Asia o novo imperio.

Do Atlântico ao Pacifico Oceano  
 Um Portuguez, primeiro,  
 Atravessa por não cuidado esteiro,  
 Faz a circumdução da Terra usano !  
 Do planeta tomou posse á vontade  
 O homem ! E' triumphante a Humanidade.

Oh Visão! realidade surprehendente,  
 Dos Portuguezes na Asia a valentia  
 Faz recuar dos Osmanlis a gente  
 Que a Europa desmembrada comprimia;  
 Dos dois mundos — o Oriente e o Occidente  
 Nasce a consciencia da intima harmonia,  
 Inspirando a Epopéa portugueza  
 Na lucta e imperio sobre a Natureza.

## VI

## SAVONAROLA

## I

Quem sabe o que era um monge? foragido,  
 Ermo e triste na paz da estreita cella,  
 No pedestal da cruz tendo pendido  
 O rosto macilento de quem vela!  
 Quantas vezes na dôr do seu gemido  
 Se abriu o céo, e a musica singela  
 Do côro angelical pôz doce calma,  
 Vindo repercutir dentro em sua alma!

## II

Ao longe vendo a eterna patria, ancioso,  
 Como Moysés a terra promettida:  
 Sulamite com mais fervor, do Espeso  
 Não espera da volta a hora querida,  
 Como elle espera o instante venturoso  
 Do regresso do exilio e da partida.  
 Do austero monge foi a terra leito,  
 E sepulchro da angustia o debil peito.

## III

Vira n'alma florir meiga saudade  
 Do amor primeiro, alegre edade de ouro;  
 Lembrando aquelle amor da mocidade,  
 Viu cinzas no logar do seu thesouro.  
 Buscou a paz do claustro, a soledade,  
 E o claustro ouviu do filho o intimo chôro!  
 Viu na gloria do mundo uma mentira,  
 O seu pincel de artista ao olvido atira.

## IV

Como ao naufrago dâ descanso o porto,  
 Ao filho atribulado em tanta ruina  
 O recinto do claustro almo conforto  
 Lhe deu na sua paz santa e divina.  
 Envolto no burel, o monge absorto  
 Que tintas sobre a tela hoje combina!  
 Que vêo phantastico o pincel desdobra!  
 Contempla melancolico a sua obra.

## V

Do Apostolo era o vulto! Assim o viu  
 N'um extasis, suspenso, irradiante,  
 Na penumbra do cárcere sombrio,  
 Tendo a auréola em volta do semblante.  
 Tudo exprime o pincel do artista pio  
 N'aquelle olhar immovel, deslumbrante!  
 Que mysterios na tela não exprime!  
 Ah como d'este quadro a vista o opprime!

## VI

E retocando as sombras, pára, escuta  
 Os sinos do mosteiro em sobre triste:  
 •Feliz irmão, que vencedor na lucta  
 A' celeste morada hoje subiste.  
 Meu Deus! se é a sentença impia e corrupta  
 Com que Roma fulmina o velho Antiste!...  
 Cae-lhe o pincel. Corre a abraçar o amigo,  
 Que em breve desce á paz do frio jazigo.

## VII

Apostolo é a pomba que annuncia  
 A paz, trazendo o ramo de oliveira!  
 Apostolo é o grito de alegria,  
 Apostolo é a sombra da palmeira!  
 Apostolo é o sol que traz o dia,  
 E o dia a liberdade á tribu inteira;  
 Apostolo é o obreiro do futuro,  
 Martyr calado no flagicio escuro.

## VIII

Savonarola ergueu-se! Viu n'essa hora  
 Que o povo ia a seguir-o em seu delirio,  
 Como Israel tambem seguira outr'ora,  
 A' noite, no deserto o ignoto cirio.  
 Viu fulgir no futuro a eterna aurora,  
 Faltava-lhe a coroa do martyrio...  
 E Roma estremeceu! do Christo a esposa  
 Dá-lhe a palma, abre a via-dolorosa!

## IX

Sobre a fronte, na tétrica masmorra,  
 Resplandecia a auréola do justo!  
 Enlevado em beatifica modorra,  
 Antevendo o suppício, não com susto,  
 Prostrado junto á cruz, á turba: «Morrai»  
 No confuso tumulto ouvia a custo:  
 E a visão começava no momento  
 Em que a Deos remontava o pensamento:

## X

«Oh Christo! solitario te contemplo,  
 Meditando em tua intima agonia.  
 Vendo a guerra de irmãos, unico exemplo,  
 E o quadro torpe da nefanda orgia!  
 Quando ao universo abrias um só templo,  
 Uma só lei de amor, que tudo unia,  
 Ouviste o insulto, ouviste o escarnecio acerbo  
 D'aquellos a quem davas o teu Verbo!

## XI

E viste que o pudor era um insulto,  
 Em vez da prece achaste o rir obsceno;  
 Em vez da crença o embuste, meio occulto  
 De propinar á turba mais veneno!  
 Viste nas áras levantado um vulto,  
 Deus do crime, e caindo ao teu aceno,  
 Ergueste os olhos do sudario impuro  
 Para além do horizonte do futuro.

## XII

Ao vér que o brilho futil dos diademas  
 Offuscava aos humildes o direito,  
 Vendo o povo beijar os seus algemas,  
 Sentiste, oh Christo, confranger-se o peito!  
 Mas que jubilo ao vér n'horas extremas  
 Que o sacrifício do homem era accito!  
 Viste erguer-se uma raça dura e forte,  
 Beijar tua cruz—os Barbaros do Norte!

## XIII

Sentindo, oppreso, em ti força bastante—  
 Para ir dizer na frente dos tyrannos:  
 —Todos sômos irmãos!—gritaste: A'vante!  
 Rasgando o véo do embuste e dos enganos,  
 Sacudindo o ergástulo aviltante;  
 E da púrpura rôta dos sob'ranoz  
 Fôste escorrer as lagrimas do povo,  
 Que esperava debalde o dia novo!

## XIV

Deixaste divagar o pensamento,  
 Insondavel, immenso! o atroz sarcasmo  
 Fortalecia mais o teu intento,  
 Redobrava-te o esforço, o entuziasmo.  
 Oh! por certo aterrou-te o sofrimento:  
 Sentiste, oh Christo, um doloroso espasmo,  
 Prevendo quinze seculos correrem  
 Sem a nova palavra comprehenderem.

## XV

Por isso foi teu calix mais amargo,  
 E mais turbidas foram suas fezes!  
 Por isso sobre a Cruz, no frio lethargo,  
 Anteviste do Apostolo os revezes!  
 Assim ao pé da Cruz meu peito alargo,  
 E sinto forças quando penso às vezes,  
 Co'a palavra e teu Verbo como norma,  
 Supplantar a mentira!... Ela a Reforma.

## XVI

Tu és oh Cruz, a página dispersa  
 Do livrō da harmonia aberto ao povo;  
 Tu és das gerações a voz diversa,  
 Que eleva do trabalho um canto novo!  
 És batel que socorre a não submersa,  
 És da arvore da vida outro renovo:  
 Representas o abraço da alliança,  
 Estrella do Oriente, amor, esp'rança!

## XVII

Oh Cruz, és como a fonte do deserto,  
 Ai solicita Agar, materno seio!  
 A cythara maviosa do concerto  
 Do amor fraterno, que do céo nos veiu;  
 Escada de Jacob, eden aberto...  
 E dizendo, parou, sem força, em meio,  
 No pedestal da Cruz poisando a fronte,  
 Abrindo aos olhos de alma outro horizonte.

## XVIII

Noite escura! a borrasca solta um grito,  
 Trovões ribombam n'um concerto horrendo:  
 Responde o mar ás vozes do infinito!  
 E a mente do homem, no mysterio lendo,  
 Com ella ergue um colloquio no conflicto,  
 O mysterio d'esta hora interrompendo.  
 Foi augusta a palavra! O vento briga  
 Nos coruchéos da cathedral antiga!

## XIX

O relampago fulge e vence a treva!  
 Miguel com Satanaz em luctas anda;  
 Vago o silencio escuta: «Ha quem se atreva?»  
 Diz Lucifer; mas Deus o archanjo manda  
 Que co'a espada de logo no ar escreva:  
 «Paz na terra!» Diffunde-se luz branda;  
 Na terra paz e gloria nas alturas,  
 Filho, esperam-te as gerações futuras.

## XX

Filho, desce! Contrista-te a agonia?  
 E o Filho abraça a Cruz e se faz homem;  
 E quando a humanidade parecia  
 Os restos do naufragio que se sómem,  
 Os sete séllos maus da tyrannia  
 Rompe, e quebra os grilhões que a consomem,  
 Gritando-lhe: —Ahasvero, de ora á ante  
 Seja marco o futuro: adiante, adiante!

## XXI

O Apostolo ergueu-se, olhou em roda,  
 Havia um santo horror, mas firme o guarda  
 Na masmorra velando a noite toda,  
 Ao ver erguer-se o Monge se acovarda!  
 Ecco longíquo de nocturna bôda  
 Lá fôra o vento imita; e a alabarda,  
 Que estivera encostada na parede,  
 Caiu, mal disse o martyr: «Tenho sede!»

## XXII

Ermo na dôr, medito e desespéro,  
 A duvida me cerca, punge e afflige!  
 Alma, que geme no martyrio fero,  
 Ao porvir nebuloso o olhar dirige!  
 Sôrvo o calix, meu Deus, eu creio e espero,  
 Dâe-me forças do transe na vertige!»  
 E o guarda traz ao Monge o côpo de aguas;  
 Ao vél-a immunda qual não foi a magoa!

## XXIII

•Busquicí trato de amigos; procurando  
 Das turbas distraçao entre o tumulto,  
 Odios, crimes, má fé vou encontrando!  
 É maior minha magoa se a occulto,  
 Não a percebe o vulgo! Oh não sei quando  
 Não verei em cada homem triste insulto...»  
 E erguendo a fronte de sombrio aspecto,  
 Sorriu-se ao ver entrar Fra-Benedetto.

## XXIV

— Amigo ! hoje n'este antro te procuro,  
 Quando esqueces do peito intimas chagas,  
 E cuidas nas do povo e seu futuro ?  
 Como contra o baixel se vão as vagas,  
 O povo é assim ; é onda em pégo escuro,  
 Prodigio filho que a teu seio assugas !  
 E que importa ? a animar-te não resisto,  
 Vê no Evangelho o exemplo, adora o Christo. — .

## XXV

« Fugindo aos homens a alma se me enluta,  
 Como a esp'rança, a meu lado tudo é morto ,  
 Um livro simples unico me escuta !  
 Argumento com elle, e n'elle absorto,  
 Com elle a dôr o espirito commuta ;  
 É o Livro de Job o meu conforto...  
 Pois que ninguem responde aos meus acenos,  
 Fra-Benedetto, um gole de agua ao menos !

## XXVI

Baixel que incerto voga entre um cachópo  
 E o horror da noite negra, eis minha vida !  
 É bella ! vê da serra sobre o tópo  
 Brilhar a lua agora distrahida !  
 A vida é boa, sim ! d'esta agua um copo  
 No peito extingue a labareda erguida !  
 Disse, e toma das mãos do amigo a taça,  
 Bebe, bebe, ao Senhor depois deu graça.

## XXVII

•São palavras de um misero que geme  
 Sob o peso de angustia incomportavel,  
 É celeuma de um nauta, que sem leme  
 Navega em rumo incerto e variavel!  
 Tu que não escarneces, chora e crê-me  
 No enigma de angustia indecifravel,  
 Depois verás se ha mal que o meu eguale  
 N'este de prantos acanhado valle.»

## XXVIII

Surdos, lugubres sons do psalmo rude  
 Roucas bôccas hypocritas resaram;  
 Como entoam em volta do ataúde,  
 Na profundez da aboboda soaram;  
 Ao justo nada faz que a cõr se mude  
 Na face, que as vigilias maceraram!  
 Range a porta do carcere no quicio,  
 E o cordeiro caminha ao sacrificio.

## XXIX

Era ao nascer do sol. Desponta o dia  
 Esplendido; e que aroma o bosque exhala!  
 Só na morte do justo o céo vestia  
 O azul tão puro, com que ostenta a gala.  
 Quando o Monge do carcere saia,  
 Lançou o olhar ao fundo da senzalla;  
 Sentiu n'alma bem fundas saudades  
 Ao ver entrar o sol por entre as grades:

## XXX

•Ai, como o pobre Lazaro sedento,  
 Que vendo deslizar na dôr seus dias,  
 Sentado junto ás portas do opulento,  
 Escuta as gargalhadas das orgias;  
 Olhos ao céo, a Deus o pensamento  
 Elevo; afasta o calix que me envias,  
 Para o transe, Senhor, é prompta esta alma,  
 Fazei reverdecer a sua palma!•

## XXXI

Além se estende a praça ! Tumultua  
 A plebe para ver este martyrio:  
 Desce o Apostolo, e o vulgo pela rua  
 Insulta o que adorou no mór delírio !  
 No póste a labareda já fluctua,  
 Põe o martyr os olhos no empyreio,  
 Dizendo : «Perdoae sua loucura,  
 No fogo, assim, o espirito se apura !»

## XXXII

Do povo, uns tem do horror o mudo aspecto,  
 Outros riem com risos sanguinarios !  
 Abre um nonno o sacrílego decreto,  
 Ordena o infame bando dos sicarios  
 Que o leia o monge pio Fra-Benedetto,  
 Ao som dos longos doores funerarios !  
 Leu pavido a sentença, pára em meio,  
 Pende-lhe a fronte exausta sobre o seio !

## XXXIII

Como quem lança á chamma uma fogueira  
 Por esteril, o bando enfurecido  
 Arroja Fra-Girólamo á fogueira !  
 Não se escutou um unico gemido.  
 Confrange-se de pasmo a turba inteira,  
 O estalido dos ossos é ouvido !  
 Disse o Monge : « Oh que fazes tu, Florença ! »  
 Caiu, cobriu-se o céo de nevoa densa.

## XXXIV

A columnna do templo era quebrada,  
 Vestiu-se o céo de lucto ao vér aquillo !  
 Nos còros da beatifica morada  
 Hade pura, alva chlamyde vestil-o !  
 Da vertigem violenta e prolongada,  
 Fra-Benedetto acorda, já tranquillo,  
 E nos labios dizia-lhe um sorriso :  
 « Comtigo hoje serei no paraíso. »

## XXXV

Abysmado na dôr e carrancudo,  
 Por se lhe afigurar o golpe fero,  
 Vendo a imagem do amigo, oppreso e mudo  
 Entra na humilde cella o monge austero.  
 A cruz, a Biblia ao pé, silencio tudo,  
 Tudo provoca o pranto mais sincero ;  
 E ao vér do amigo a fronte, pretendia  
 Dar-lhe a expressão divina da agonia.

## XXXVI

Sorriu! que riso aquelle! Dôr tamanha  
 Por lagrimas sem fim não se revela!  
 Doido, atira o pincel com que desenha  
 Ao rio que à falda corre da janella!  
 A vista desvairada força estranha  
 A fascina e não deixa erguer da téla!  
 Que vertigem! detem-no braço occulto,  
 Destaca-se no quadro mais o vulto.

## XXXVII

O artista grego ao vér a estatua fria  
 Tomar rubor lascivo, n'esse instante  
 Sentindo o alvo marfim em que esculpia  
 De tepido tornar-se palpitante,  
 Pavoroso terror não sentiria.  
 Como o attonito monge ao vér brilhante  
 Auróola de luz cercar-lhe a fronte,  
 Como o disco da lua no horizonte.

## XXXVIII

Nas veias pára o sangue como o gêlo!  
 E sempre o mesmo olhar! A dôr se aumenta;  
 As palpebras cerrou para não vê-lo,  
 D'entre as sombras visiveis se lhe ostenta.  
 Nas ancias infernaes de um pezadélio  
 Succumbe, e já da vista a luz se ausenta;  
 Um gélido suor na fronte escorre,  
 E o taciturno monge cæs e morre.

## XXXIX

Quem sabe o que era um monge! Foragido,  
 Só e triste na paz da estreita cella,  
 Da sua cruz à sombra, arrependido,  
 Vendo o mundo nos eccos da procilla !  
 Quantas vezes na dôr do seu gemido  
 Se abriu o cão, e a musica singela  
 Das cytharas angelicas no côro  
 Lhe confundia as vozes do seu choro !

## VII

## PHRASE DE MIGUEL ANGELO

Oh Dante! oh nova aurora de Poesia,  
 Duro juiz da inulta liberdade!  
 Quando entraste dos prantos na Cidade,  
 Perguntaste a Virgilio, ao doce guia :

«D'onde vem tal fragrancia e harmonia,  
 Vozes de amor de tanta suavidade,  
 Que se acclara á amplidão da escuridade,  
 Sobre o estertor da horrida agonia?»

Viste, pairando em nuvem opalina,  
 Voar Paolo e Francesca triste e amante;  
 Quizeste ouvir a dôr que os fulmina.

Interrogaste o Mestre n'esse instante;  
 Ella, explica no ardor que desatina:  
*La bocca mi baciò tutto tremante.*

Fria, dentro de um séretro estendida,  
 Eu vi passar também d'esta janela,  
 Ai, para sempre e nunca mais! aquella  
 Que fôra para mim ideal e vida.

Com Vittoria Colonna, não vencida  
 Vac-se da esperança a luz com ella !  
 Sem rumo e sem fanal d'entre a procella  
 Que eu fique nave misera perdida.

O espirito se abysma em vacuo immenso;  
 A solidão por vasta mais suffoca,  
 Do mal irremissivel me convenço:

Eu pergunto, que mão lethal me toca?  
 Vel-a morta passar... e scismo e penso:  
*Sem nunca ter beijado aquella bocca!*

## VIII

## A ESTATUA

O grande Artista tinha terminado  
 A Estatua de Moysés,  
 Dando-lhe a magestade ideal, divina !  
 Com tristeza, cansado  
 Depuzera-lhe aos pés  
 Esse valente e audacioso escópro,  
 Que ao blôco informe, ao vulto contornado,  
 À fronte que domina  
 Levou da vida o sôpro !

Como que envolve o Instituidor das gentes  
 Nimbo sobre-humano !  
 Tem no ár soberano  
 Oculta força que subjuga os crentes.

Sobre a pedra ou o Bétylo, que adora  
 O homem primitivo  
 Em uma edade prisca,  
 O cinzel do Artista pôde agora  
 D'aquelle consagrado Fogo vivo  
 Reaccender a animica faísca.

Ao Templo de Sam Pedro, excelso e vasto,  
 Do mundo Cathedral,  
 Foi transportada arrasto  
 A Estatua colossal.  
 Debaixo das abobadas gigantes  
 Que um povo em si contém como sepulto,  
 No alto pedestal  
 São agora mais firmes, dominantes  
 As linhas do seu vulto !

No Templo, d'onde o Papa ao orbe dita  
 Da Lei nova o imperio,  
 Em que a concordia aos povos aconselha  
 Pela palavra viva ...  
 (Oh sublime mysterio  
 Da Synthese poetica, infinita !)  
 Mostra erguidas as taboas da Lei Velha  
 O vulto de Moysés,  
 Na mudez expressiva  
 Conciliando ali ambas as Féis !

Ninguem, ninguem comprehendera isto.  
 O sentimento humano em vagos nutos,  
     Ante os dois absolutos  
 Mostra a harmonia entre Iahveh e Christo.

Contradizem-se os Dogmas mutuamente ;  
     Mas da Sciencia a verdade  
         Proclama em toda a parte  
 Que o Homem fez na primordial edade  
 Deuses e Religiões, sincero e crente ;  
     Hoje a missão da Arte  
 Unifica-os na mesma Humanidade.

Miguel Angelo em sua fé profunda,  
 E no ardor da altiva inspiração,  
 Entre a Estantua e a Cathedral jucunda  
     Sente a contradicção :  
         No vulto que a inunda  
 De claridade astral sobre-humana,  
 E nas fogueiras cannibales, devassas  
 Contra inermes judeus, que a Inquisição,  
     Com uma furia insana,  
         Até pelas praças !

Uma noite elle acorda, ao pesadello  
 Do terrível e estranho antagonismo  
     Dos Dogmas, imprevisto !  
 A sós exclama : « Não existe abysmo,  
 Antinomia entre Iahveh e Christo :  
     A Estantua de Moysés,  
 Na Cathedral, o symbolo mais bello  
         Que ha no Catholicismo,  
 Torna-se mais eloquente cada vez !  
 Duas estrophes de um ideal poema  
 Na harmonia da synthese suprema. »

Na Cathedral entrou por horas mortas,  
 Quando o terror os animos abala,  
 O Artista eximio abre a seu grado as portas,  
 E chega ao pé da gigantesca imagem.  
 Com a audacia do genio a intima :

«Falla !»

A Estatua fallou n'essa linguagem  
 De imperceptiveis sons, que communica  
 Entre as almas o odio e a sympathia,  
 Que a verdade e poesia  
 Na mesma realidade identifica !

A Estatua fallou ! A muda phrase  
 Quem traduzil-a por palavras pensa ?  
 Com que viva clareza  
 A comprehendeu quasi  
 No seu fervor a activa Renascença,  
 Quando rehabilitou a Natureza !

A Estatua expressava, com surpreza :

—A mão do homem arrojou ao espaço  
 O Zimborio soberbo  
 Da Egreja de Sam Pedro !  
 Essa mesma mão foi  
 Que accentuou o traço,  
 Arrancando do marmor', bronze ou cedro  
 A estatua do Deus e do Heroe !

Quem dos Livros sagrados dita o Verbo ?  
 E os threnos afflictos ?  
 Da imprecação o brado mais acerbo,  
 Do sacrificio em praticas horrendas ?  
 Quem sonha alegres Mythos ?  
 Quem elabora as Lendas,  
 Uma vez Dogmas das Religiões ?  
 Já mais tarde Epopéas das Nações ?

Responde agora a Sciencia com verdade :  
 Religiões, Sociedade,  
 Leis, Industrias e Arte,  
 São as pégadas que por toda a parte  
 Guiam os homens para a Humanidade !—

A Estátua ficou muda,  
 Que solemne momento !  
 Miguel Angelo alcança o pensamento  
 Recondito... e estuda  
 Realizar pela Arte o accordo eterno  
 Que há entre o Mundo antigo e o moderno :

• Quando estiver meu corpo inanimado  
 Sob a gélida lousa,  
 Quizera uma só causa :  
 Oh, se eu d'ahi contemplo  
 A Cúpula assombrosa,  
 A obra com que Brunelleschi ousa  
 Dar um ideal humano ao grande Templo,  
 Então o meu espírito enlevado  
 Na harmonia infinita se repousa.,»

## IX

## O QUEIMADEIRO

Ao Rei o frio Inquisidor dizia,  
 Olhos no céo, de pé :  
 • Está prompta a fornalha onde se queime  
 A herva esteril, má da heresia,  
 Por mais que vivaz teime  
 Lavrar no campo em que floresce a Fé.

Assignae o Decreto em que se ordene  
 Hoje, em nome de Deus,  
 O Decreto que as almas sãs desejam,  
 Para extinguir a impiedade infrene:  
 Que ao Queimadeiro sejam  
 Arrojados os pérfidos Judeus!»

Responde o Rei com reservada ideia:  
 —Como pôde Jesus,  
 Annunciado por hebreus Prophetas,  
 Elle nascido em valles da Judeia,  
 Como virar as settas  
 O Filho contra o Pae do alto da Cruz?—

«Para salvar-nos, ordenou o Eterno,  
 (Devolve o Inquisidor)  
 Que o Filho morra pelo nosso crime;  
 Mas, resurgindo e libertando o Averno,  
 Oh mysterio sublime!  
 Christo supplanta a Jehovah, senhor.

Das Civilisações na longa historia  
 Revelam os Annaes:  
 Krónos depoz Uranos; Zeus a Krónos;  
 Sobre Zeus-Piter tem Jesus victoria;  
 Põem fóra dos thronos  
 Reis e Deuses — os filhos a seus Paes.

O alto Mysterio em que eu penso e scismo  
 Em verdade o direi,  
 Deveis cumpril-o, com fervor completo  
 Destruindo o malvado Judaismo!»  
 O sangrento Decreto,  
 Convicto e mudo assigna então o Rei,

Compenetrado da absurda Ideia,  
 Como já fez Jesus,  
 O annunciado dos hebreus Prophetas,  
 Sol nascido nos valles da Judéia,  
 Que veiu pôr as mêtas  
 Ao poder de Jechovah, seu pae, da Cruz.

## X

## O ECLIPSE DA RASÃO

Dom Inigo, o galhardo cavalleiro  
 Jaz prostrado no leito da agonia,  
 Do golpe em Pampeluna recebido ;  
 Mas quando erguer-se, exhausto, pretendia,  
 Conhece logo ao passo seu primeiro,  
 Que o garboso donzel ficou tolhido.

Aleijado, aborrido,  
 Recorda-se d'aquella  
 Vâ corte de Castella,  
 O antigo pagem do bom rei Fernando !  
 E agora côxo, estropiado, quando  
 Fôr visto pelas damas, que risadas  
 Lhe irão envenenando  
 Horas de encanto outr'ora ali passadas.

Ainda fraco pela febre, debil  
 N'um vágado, cm delírio então cahira  
 Contemplando da Virgem doce imigem ;  
 Quando a onda sanguinea lhe subira  
 Ao cerebro outra vez, tremente, flébil  
 Como absorto na divinal miragem,  
 Elle sente a coragem  
 Renascer-lhe na vida ;  
 E a esperança perdida

Transformar-se ante a visão que o incita,  
 Visão de gloria esplendida, infinita,  
 Em que o soldado trava outro combate  
     Contra a hoste precita,  
 Para alcançar do homem o resgate:

«Eu vejo a lucta infinda  
 De Satanaz contra Jesus ! Eu tenho  
     Junto da Cruz ainda  
     O meu posto, e hoje venho  
 Na Ala santa alistar-me, com empenho.

Para Africa e Oriente  
 Já os Crentes do Islam vão repellidos,  
     Pelo Hespanhol ardente  
     Com violencia batidos,  
 Pelo Hungaro e Polaco destemidos.

De Moysés os sectarios  
 Do Santo Ofício ardem nas fogueiras !  
     Mas nos combates varios  
     Contra a Egreja, altaneiras  
 Mais ondas vêm, peores que as primeiras.

Vem das brumas do Norte  
 Da Allemanha, da Hollanda e da Inglaterra  
     Essa corrente forte  
     Que o Livre-Exame encerra,  
 E do espírito a submissão desterra !

Sustarei essa vaga !  
 Como posso algemar o pensamento ?  
     Se elle doido divaga,  
     Inquieto, turbulentio,  
 Investigando a causa a cada evento ?

Oh maravilha estranha !  
 O Sol parou de Jesué ao mando !  
     E a batalha ganha  
     O dia prolongando,  
 No triumpho a Jehovah glorificando.

O estupendo milagre  
 É bem que n'este seculo o repita,  
     Que o meu vigor consagre  
     Ao que a mente medita :  
 Páre o Sol da Rasão que nos agita !

O Sol não pára, dizem  
 As leis eternas da Astronomia ;  
     Hoje melhor lei frizem :  
     Páre o Sol que nos guia,  
 A Rasão ! que da Fé nos divorcia.

Sim, a Rasão humana  
 É esse novo Sol, que parar deve !  
     Assim, victoria insana  
     Hade ser ganha em breve ;  
 Quem, pela Crença, a tudo não se atreve ?

De ideias no conflicto,  
 Serei o novo Jesué na lucta !  
     Correrão ao meu grito  
     Do passado o que nuta,  
 E o incerto porvir que tudo escuta.

As gerações domino  
 Se assalto a Cidadella da Scienzia ;  
     Se, pervertendo o Ensino,  
     E da Rasão na ausencia,  
 Submetto o mundo á Santa Obediencia !

E vencida a batalha,  
 No eclipse da Rasão, da sombra e luz,  
 Pelo mundo se espalha  
 A Loucura da Cruz,  
 Que eu, como Paulo, à Scienza humana oppuz..

---

Depois de ter pensado longos dias  
 No desvairado sonho de doente,  
 Dom Inigo, o estropiado cavalleiro,  
 Depois de peregrinar no Oriente,  
 De ter soffrido apupos, ironias ;  
 Na Capella subtérrea d'ò mosteiro  
 De Montmartre, altaneiro  
 Obscuro grupo amigo  
 Ajuntou Dom Inigo,  
 E na mudez do gélido convento  
 Proferem absoluto juramento :  
 •Nenhum outro poder além do Papa !  
 Bons são os meios, quando o fim não 'scapa ;  
 Grilhões ao Pensamento !..

---

II

CLARTÉ DE TOUT

oo

A EPOPEÂA DO RISO

I

RISUM TENEATIS

Lançou a Ásia sobre a Europa  
Corrente vertiginosa  
De exaltação religiosa,  
Que de lagrimas a ensópa !

Por toda a parte se espalha  
Longo, convulsivo choro,  
Os Deuses prantéa em côro,  
Envoltos na alva mortalha ;

Deplora o joven Thammuz,  
Osiris, Mithra lamenta,  
Attys, Zagreus, e acrescenta  
A Adonis, Baldur, Jesus !

N'uma tristeza profunda  
 A Humanidade cahira;  
 Com mais angustia delira  
 Quanto mais o pranto a inunda.

Da sepultura na borda,  
 Do tragicó pezadello  
 Quem desata o funebre élo,  
 Que piedosa mão a acorda?

A luz da nova alvorada  
 É que a afasta da tumba,  
 Quando o seculo retumba  
 Livre e immensa gargalhada:

Riso que os embustes fere,  
 Que a alma liberta do pasmo;  
 Vem de Rabelais e Erasmo,  
 Prolonga-se até Voltaire.

Da morte de Christo o pranto  
 Cessou, e a grande tristeza;  
 Rehabilita a Natureza  
 D'aquelle Riso o encanto.

Como derruba a muralha  
 A tuba de Gedeão,  
 O Riso, — a revolução  
 Da alma os terrores espalha.

Quando o Povo romano  
 Estava já cansado  
 De ver dilacerado  
 Cahir o Gladiador  
 A chafurdar em sangue,  
 Dava-se então ao Povo  
 Espectaculo novo,  
 Para forçal-o a rir:  
 Um condemnado á morte,  
 Escravo, a toda a pressa  
 Pelo Circo atravessa  
 Com um ovo na mão!  
 Passando entre as feras  
 Sem ter o ovo quebrado,  
 Ficava perdoado  
 Se chegasse ao altar.  
 O grande Povo ria  
 Da esperança e ludibrio  
 Do escravo no equilibrio  
 Incerto com terror.

\* \* \* \* \*

Foi assim, no fragor  
 D'esse conflicto obnoxio  
 Do Imperio e Sacerdocio,  
 Da Europa sobre a arena!

A lucta não serena,  
 Não dão trégua as chimeras;  
 Entre as coroadas feras  
 Eis athletas espertos:

Espiritos libertos  
 Que ante as feras coroadas  
 Provocam gargalhadas  
 Que em si trazem revolta!

Quem um tal riso solta  
 Faz livre a Consciencia ;  
 E da intelligencia  
 Desvanece as miragens.

As sombrias visagens,  
 Terrores e enganos  
 Da Noite de Mil annos  
 Desfizeram-se ao cabo.

Quem esboçou do Diabo  
 A figura caprina ?  
 E da embriaguez divina  
 Da Vinha do Senhor .

Rindo, quebra o torpor?  
 E dá Realeza as luctas  
 Muda em lides astutas  
 Da Raposa e do Lobo?

A risada do bobo  
 Abala a antiga corte,  
 Tambem subjuga o forte  
 Para arbitrios propenso!

É clarão do bom senso  
 Que os Poderes invade,  
 Ésto da liberdade  
 De uma alma que resiste!

Da Humanidade triste  
 No Drama doloroso  
 Cordax insultuoso,  
 Na ancia da justica.

O Riso entrou na liga,  
Sarcastico basfondo,  
Em que se fez o acordo  
Por tão estranhos modos,

Da vontade de todos  
Contra o arbitrio de um só!  
As Tiáras e os Sceptros,  
Phantasticos espectros,  
Com o riso vão-se em pó.

## II

## PATHELIN TRAGICO

Dialogo entre Luiz XI e o poeta Antoine de La Sale, depois de verem  
representada a Farça de Maistre Pathelin:

*Luiz XI:* Nunca, desde os bellos dias  
Das mais francas alegriass  
Do Castello de Genappe,  
Sem que algum conto me escape  
Da nossa jovial sucia,  
Me ri, como hoje da astucia  
De Agnelet, bronco zagal,  
Logrando, lorpa e boçal,  
O Advogado Pathelin!

*La Sale:* Rindo estaes, como o Delphim  
N'aquellea edade passada.

*Luiz XI:* Que Farça tão engracada!  
Melhor scena nunca vi  
Pelos Irmãos Sans-Souci.

*La Sale:* Bem viemos por esta rua.  
*Luiz XI:* Parceceu-me a Farça tua.  
*La Sale:* Senhor, porquê?

*Luiz XI:* N'ella vejo  
 Lisonjeado o meu desejo :  
 Quando apparece logrado  
 O trapaceiro Advogado,  
 E o Negociante aldrabão  
 Pelo estupido Aldeão !  
 É assim que eu quero a França  
 N'uma mesma igual balança ;  
 Um só peço e medida,  
 Em um só costume unida . . .

*La Sale:* Mas falta ainda a Nobreza ?  
*Luiz XI:* Não hade ficar illeza ;  
 Esse trabalho me resta.  
 Eu quero Farças como esta,  
 Que desviam as donzellas  
 Das phantasticas Novellas  
 Dos Cavalleiros andantes.  
 Hoje o mundo é dos tratantes,  
 Hoje o governo pertence  
 Ao que pela astucia vence.  
 Encanta-me o Aldeão rude  
 Quando o Advogado illude.  
 Oh, Agnelet tem por certo  
 Um largo caminho aberto,  
 No mundo um grande futuro.

*La Sale:* Isso mesmo conjecturo;  
 Na sua simplicidade,  
 Agnelet é na verdade

Puro Symbolo do Povo,  
 Symptoma de um Tempo novo,  
 Trépa por mais que se roje.  
 E assim como logra hoje  
 O ardiloso Advogado  
 Que traz por Leis enliçado  
 O Commerciante ladino,  
 Que não fará o mofino?  
 Também vestirá um dia  
 Da altiva Aristocracia  
 Os arminhos com grandeza  
 Apanhados á Realeza!

*Luiz XI:* Pois se tanto fôr preciso  
 No meu arbitrio e juizo  
 Para minar os Castellos,  
 E aos Nobres submettel-os  
 Á minha Lei!

*La Sale:* Eu acabo...  
 Mas do throno em menoscabo,  
 Por esse lorpa passmado  
 O Rei hade ser levado  
 Á barra do Tribunal...

*Luiz XI:* De que juiz? Dize, qual?  
*La Sale:* Mas, Senhor! eu não me atrevo  
 A dizer tudo... não devo.  
*Luiz XI:* Falla! acaba a prophecy.  
*La Sale:* Senhor! Agnelet, um dia,  
 Na sua audacia crescente,  
 Chamará o Rei tremente  
 Do seu Tribunal á barra:  
 Sem phrases lhe deita a garra,  
 E a cabeça lhe trunca!

Depois de um silencio reflexivo, e de um sorriso involuntario.

*Luis XI:* Isso é impossivel ! Nunca.  
 Basta que as astacias suas  
 Fiquem bem claras e nuas,  
 Patentes as esparrellas,  
 Que ninguem cahirá n'ellas.  
 Por isso, ordeno que a *Farça*  
*De Pathelin* seja esparsa  
 Por esta arte da Imprensa,  
 Que aqui chegou de Mayençá.

*La Sale:* Senhor, a fatalidade  
 Vos impelle sem detença  
 Para essa vindoura edade:  
 Trabalhaes para a Egualdade.

## III

## O RISO DE ERASMO

Holbein em vão procura sobre a tela  
 Esboçar verdadeiro  
 O retrato de Erasmo !  
 Cheio de enthuziaismo  
 Pelo sabio que espanta o mundo inteiro,  
 A figura ideal não pôde obtel-a.

Cada hora, cada dia,  
 Mesmo a cada instante  
 Aquella excepcional physionomia  
 Pensativa, serena, fulgurante,  
 Na expressão varia !  
 Assim, physionomia como aquella,  
 Como hade Holbein fixal-a sobre a tela ?

Descuidado, à janella  
 Encontrou o philosopho indeciso,  
 Olhando ao longe na extensão da rua !  
 Não ha linha mais bella  
 Que a d'esse vago riso  
 Que nos labios ardentes lhe fluctua !

E esse riso era  
 Como o clarão que extingue uma chimera,  
 Luz de nítida e viva transparencia,  
 Que através da incerteza da nova éra  
 Dirige a consciencia !  
 Do seculo na horrisona procella  
 Ei-lo o phanal ! Se o fixasse a tela !

Ali, a Erasmo, ao critico soberano  
 O pintor inquiria :  
 —Que espectaculo via ?  
 E lhe inspirava um riso sobrehumano,  
 Inundando o semblante etherea luz.  
 «Eu via hoje no mundo  
 De Paulo dominar dogma profundo  
 Da *Loucura da Cruz* !

Na penumbra da Edade media eu via  
 Passar um bando illuminado ao longe  
 Do terror no transporte :  
 Reis e Papas, os Cardeas, o Monge,  
 O rico, o fraco e o forte,  
 N'esta Dansa da Morte.

No meio dos festins e dos prazeres  
 À Dansa arrebatados  
 Vão princepes e esplendidas mulheres,  
 Mesmo na paz os bravos e os soldados !  
 N'uma ronda macabra que surprehende  
 Quem mais á vida com fervor se prende.

Contra este terror da sepultura  
 Que as almas tanto opprime,  
 Por desfastio ri-me,  
 Quando lhe oppuz a natural Loucura.  
 Quem da *Chuva de Maio*  
 Nunca a engracada fabula ouviu?  
 Ella causa um estolido desmaio.  
 Tal chuva é da Loucura o elogio.

Com as aguas de Maio quem se molha  
 Aos outros homens como sandeus olha.  
 E passa triumphante  
 No geral desvario!  
 A Loucura, a rainha dominante  
 É por todos levada  
 Em solemne parada,  
 Com um barrete asumilado, esguio!

Vi passar essa estranha procissão  
 De Theologos e de Universidades  
 Com fôsa erudição  
 Discutindo as vazias Entidades.  
 Vi, seguindo-se os Papas e Conclaves  
 Com grandes insistencias  
 Sobre o Poder das Chaves;  
 Vendendo por dinheiro as Indulgencias,  
 Banqueteando-se à larga com as sobras  
 Que dos Santos lhes rendem boas obras.

Parece interminavel o cortejo;  
 Todos correm ás portas  
 E com espanto eu vejo  
 Na procissão entrarem Irmandades.  
 Seguindo as mesmas pistas,  
 Entrarem os Juristas  
 Querendo governar as sociedades  
 De um outro povo pelas Leis já mortas.

Feliz Loucura, como alegre lavras !  
 Com piedosa demencia,  
 Aos Dogmas sacrificia-se a existencia,  
 Por que immutaveis sejam as palavras.  
 E quanto mais me ria  
 D'esta hallucinacao que mais se inflamma,  
 Subito o sangue humano se derrama,  
 Por questoes vãs, banaes, de sacristia.

Fugi de tal insania à tempestade,  
 D'esta chuva de Maio  
 Do charco immenso saio ;  
 Nas obras primas da Antiguidade  
 Encontro a natureza e a verdade,  
 Recuperando o juiso  
 Da Grecia com o magico sorriso.,

## IV

## O RISO DE RABELAIS

D'entre o terror, quando a fogueira brilha  
 Quicimando os pensadores,  
 Medicos e Impressores,  
 E fogem os cultores  
 Das Letras, que o Poder sombrio humilha :  
 Pobre Etienne Dolet.  
 Marot, Berquin, Servet,  
 Sólta então Rabelais  
 A gargalhada contra a atroz matilha :  
 •Vive de sonhos a Humanidade,  
 Com mil fieções se entretem e embala ;  
 Abraça a nuvem pela realidade,  
 Na miragem da immortalidade  
 Muda em limiar do céo a escura vala.

Faz dos Symbolos todo o seu encanto  
 N'uma doce illusão que a seduz.  
 Que perstigio o da Cruz !  
 Que mortificações e amargo pranto,  
 Quanto sangue verteu por ella, quanto !

Os Symbolos, que a multidão admira  
 São estandartes para hostilidades !  
 Que seculos de ira,  
 De antagonismos, de rivalidades  
 Entre as duas phantasticas Cidades !

## 1.

**As duas Cidades**

Com as tintas do iris se reveste  
 A Cidade celeste  
 Da vida beatifica, serena !  
 Com que desprezo a Theologia investe  
 Contra a Cidade mundanal, terrena !

No conflicto constante, a Egreja brada:  
 —Vivei na penitencia !  
 Detestae quanto á Natureza agrada;  
 Cambiae pela célica morada  
 Riquezas futeis, *godos* da existencia.

Na Cidade terrestre é tudo immundo;  
 Voae, voae n'um extasis jucundo,  
 Damos a Graça, que vos magnifica...  
 Para nós, que nos fica  
 A não ser os despojos d'este mundo ?—

As firmas sepulchraes, mortificadas  
 Por jejuns, das esquálidas figuras  
     Que sanctifica a Egreja,  
 Contrapoz Rabelais musculaturas  
 Fortes, descommunaes, exageradas,  
 Pantagruel, Gargantua que bocca.

Assim, levanta o homem da apathia  
 Da embriaguez da Graça e da tristeza !  
     Com consciente ousadia  
 Põe-n'o em contacto com a Natureza.  
     Na sepulchral penumbra  
         Da maceração negra,  
 A seductora Circe, que o deslumbrá,  
 Dá-lhe um vigor que o vivifica e alegra.

Avança o homem nos seus passos varios  
 À India, America ! Esses continentes  
     Têm philtros incendiarios,  
 Que dão sonhos, visões surprehendentes.  
 A phantasia e a rasão suscita  
     A miragem bonita,  
 Rompendo os elos da existencia amarga,  
 E a sociabilidade mais lhe alarga.

Têm esses philtros um poder mais vasto  
 Do que a Taça de Esdras teve outr'ora !  
     Nem é mais seductora  
 A Taça de Tristão do amor não casto.  
 O Santo Graal e o magico Dschem,  
     Oh, por certo não têm  
         A visão do futuro,  
 Esperança dulcifica e serena  
 Como estes philtros com que se envenena,  
     Hoje Eden mais seguro,  
         A Cidade terrena.

Philtros encantadores  
 Que nos inspiram riso e alegria:  
 A Baunilha! os lethargicos vapores  
 Afasta da aterrada phantasia!  
 Sonhos que suavissam os terrores  
 Dos abyssos da Fé;  
 Dos pezadelos da Edade media  
 Afugentam a acedia.  
 O Alcool, o Café.  
 Dá-nos o Assucar combustão mais forte  
 N'esta lucta da vida contra a morte.

## II

## As duas Espadas

Em quanto humilde a multidão trabalha,  
 Eis luctando em indomito duello,  
 Peor do que o flagello  
 De grandiosa batalha,  
 Os dois Symbolos da Auctoridade:  
 O Sceptro com o Bâculo,  
 Em odiento espectaculo  
 Embaraçando a marcha á Humanidade.

\*Eu quero submeter o mundo todo  
 A uma só Fé! Pois d'aqui dimana  
 Por tão suave modo  
 A procurada e ideal concordia humana.\*  
 A terra inteira que se prostre diante  
 Do Santissimo Rei da Ilha Sonnante.

—O mundo inteiro a mim jungir me apraz  
De uma só Lei ao soberano imperio!

De um ao outro hemispherio  
Implantará a Ordem e a Paz.—  
Da Monarchia universal o sonho  
Dos Reis loucos as mentes hallucina,  
Um vórtice medonho  
Arrasta os povos à carnificina.

Um vento de revolta intenso pária  
Sobre o infando e obscuro retrocesso:  
No Concilio, em Constança e Basílica,

Proclama-se a ideia :  
O Poder com que Roma se desvaira  
Só reside dos crentes no congresso.  
Dos Estados Geraes como um especreto  
Irrompe outro terrível vendaval,  
Que aos Reis arranca a purpura e o sceptro,  
Ei-a : A Soberania nacional.

Ensarilhe-se o Sceptro com o Ráculo,  
Eleve-se o utensilio do trabalho!  
Em vez da Espada e do Hyssope, o malho,  
Do ensino illumine-se o Cénaculo.

Eis da Paz e Verdade  
O Imperio universal da Humanidade.  
E já que o homem sem pensar e á tōa  
Dos Symbolos entrega-se ao perstigio,  
Em vez da Tiara augusta e da Corda,  
Vêde :—o Bârete phrygio!

## III

## As duas Verdades

O terrivel duello do passado  
 Continúa-se entre a Razão e a Fé!  
     Levantam-se de um lado  
 Entelechias, Conocitos, Syllogismos;  
 Do outro os Dogmas fecham-se em abyssos  
 N'esse vacuo firmando-se de pé!

A Egreja conserva  
*Distinguos* de reserva,  
 E fortifica-se em Opiniões!  
 Do outro lado as Universidades  
     Põem á frente Entidades,  
     Occultas Qualidades,  
 Com mil Quodlibéticas Questões!

Quem vencerá na intrépida estacada?  
 Pode ser que a Verdade revelada;  
 Ou talvez a Verdade demonstrada?  
 Como se alastrá no ar a pocirada!

No tremendo baldão  
 D'esta lucta da Fé com a Razão  
 De prolongada angustia e paroxismo,  
     Sôa uma voz então:  
     — Abaixo o Syllogismo! —

Aquelle grito austero  
 Quem o lançou? Luthero;  
 Rabelais o converte em gargalhada!  
     Com jubilo sincero,  
     Exclama: «A lucta cesse,  
 Ante a *Dive Bouteille*, que apparece  
 Da Verdade como ambula sagrada.

Ella suscita o encanto e a alegria,  
 Enthusiasmo, franqueza,  
 Ardente inspiração!  
 Rehabilita a santa Natureza,  
 E dá á phantasia  
 Dos Symboles uma outra ideal visão.

Aristophanes! Quando a Grecia outr'ora  
 Deixou escuros Mythos e costumes,  
 Dando curso à corrente das idéias  
 Que a derrota da Persia suscitara,  
 Audaz, com o teu riso, sobre a scena,  
 Contra entusiasmos dc aspirações novas,  
 Mantiveste o perstígio do Passado.  
 Hoje, que uma éra nova se define,  
 Libertando a Razão e a Consciencia,  
 Fazendo amar a odiada Natureza,  
 O riso, o riso franco é que me ajuda  
 A acclarar os sombrios horisontes,  
 A activar do Passado a derrocada,  
 A desvendar a obra do Futuro!\*

---

E aquellas gargalhadas  
 De Rabelais, no tempo repercutem,  
 E nas almas incutem  
 Vibrações prolongadas:  
 Solta-as Henri Etienne,  
 Pasquier, e Montaigne em arrancadas  
 De bom-senso pereenne.  
 Têm da verdade o dom  
 Em Noël du Faïl,  
 Beroald de Verville,  
 Cyrano e Scarron.

E n'esta ondulação clara, infinita,  
 Profunda, ideal, solemne  
 Ao bom de La Fontaine  
 Que verdades suscita,  
 Como pulsa em Pascal!  
 E affrontando o mal  
 Nos typos de Molière,  
 Toca a missão social  
 Nos labios de Voltaire.

## V

## O RISÓ DE ARETINO

Gosando o dia de hoje,  
 E o prazer que foge,  
 Vivia como um Doge,  
 Rodeado de pompa deslumbrante,  
 Em sumptuosidade oriental,  
 No seu palacio rico, diamantino,  
 Sobre o Grande-Canal,  
 Da Ponte do Rialto não distante,  
 O mordaz Aretino.

Ahi n'esse paraíso  
 Que desvaira o juiso,  
 Aos labios vem-lhe um riso...  
 Que riso! um riso ironico que vibra,  
 Mas com que se equilibra  
 Entre as affrontas que lhe cospem crúas,  
 E ovações triumphaes que pelas ruas  
 Lhe dão os Reis, Imperadores, Papas,  
 E até os Sátrapas!

\*Dizem uns que fui fraude,  
Em vil mendicidade  
E torpe vadiagem !  
Que este que agora com primor escreve,  
Foi moleiro, almoocreve,  
Criado de estalagem !

De saltimbanco teve a indignidade,  
Forçado das galés,  
E em tanto revés  
Seu fado não finda ;  
Depois d'estes baldóes,  
Nas costas mostra ainda  
Do azorrague os vergões !

Oh ! que eu alegre veja  
Correr os dias aprazíveis, lentos ;  
Que os vapores malignos da inveja  
Não fazem decrescer meus rendimentos.

Com aparada penná,  
E uma rêsma de papel em branco,  
Fazendo prosa amena,  
E elogios em verso,  
O que foi saltimbanco  
Ri-se hoje do universo.

Ao vér-me o Papa apéa-se da mula,  
Levanta-me do chão ;  
Sobre a face me oscula,  
E faz-me Cavalleiro de Latrão  
Por sua propria mão !

O grande Carlos Quinto,  
 Se o territorio à pressa  
 De Veneza atravessa,  
 (Bem sabem que não minto!)  
 Ao meu encontro vem,  
 Mesmo à sua direita  
 Assentado me tem !  
 E di-me uma pensão  
 De duzentos ducados de receita  
 Sobre o proprio Ducado de Milão!

E Francisco Primeiro, quem não viu?  
 Por um só elogio  
 Fez-se meu tributario.  
 Mandou-me promptamente  
 Um grosso collar de ouro de presente,  
 E um parlamentario  
 Com missão espinhosa:  
 — Mais elogios, seja em verso ou prosa. —

Com uma leve penna  
 E uma résma de papel em branco,  
 Fazendo prosa ou verso,  
 O que foi saltimbanco  
 Ri-se hoje do universo.

Tambem ao Duque de Florença embriega  
 A phrase de Aretino;  
 E do Duque de Urbino  
 Nunca, nunca escacca  
 De aureos sequins a infallível paga !  
 O Bispo de Nicéa  
 De velludo me envia umas chinellas,  
 Cravejadas de pedras as fivelas ...

D'onde vem tal mysterio?  
 Os Princepes sangrado em seu imperio  
 Têm os povos com immoraes tributos;  
 Temendo a Opinião, irresolutos,  
 São de um subdito agora, em modos varios,  
 Os fieis tributarios.

Com uma leve pena  
 E uma résma de papel em branco,  
 Fazendo prosa ou verso,  
 O que foi saltimbanco  
 Ri-se hoje do universo!

Os Reis atacam-se em violencia dura  
 Nos campos de batalha;  
 Ante a sua metralha  
 Varrem a humanidade que os atura.  
 Têm a força bruta,  
 E por ella nos thronos sustentados,  
 Alargam seus Estados,  
 Devastam territorios e cidades;  
 Fazem Lei absoluta  
 Dos arbitrios e das iniquidades  
 De estólicas vontades!

N'um delirio de goso,  
 Não sentem da miseria as agonias,  
 Do povo a vida amarga!  
 Dos que trabalham, sempre e sem repouso,  
 O thesouro que vem de economias  
 Malbaratam á larga!

Em tanta gloria, triumphal, ingente,  
 Os Reis hoje se insultam mutuamente:  
 Só um poder escapa-lhe da mão:  
 É a — Opinião!

Oh, quem não adivinha  
 O mysterio da omnipotencia minha?  
 Do Epigramma e do Encomio a phrase,  
     Qual lança com que invista,  
 Fez já com que me acclamassem quasi  
     O quinto Evangelista.

É bem que n'este mundo cousta exista  
 Mais poderosa do que a força bruta :  
     E apesar da abjecção  
 Da palavra em que louvo, em que motejo,  
 E da indignidade do que escuta,  
     Bem conheço, bem vejo  
 Esse novo poder — a Opinião.

Dogmas e thronos o indelevel sello,  
 Temem do poder novo! — Imperadores,  
 Reis e Papas, cuidando corrompel-o,  
     Vêm comprar-me os louvores  
 E através dos mais contrarios ventos,  
 Gotejam ouro Estados e Igreja ;  
 Os vapores malignos da inveja  
 Não conseguem baixar meus rendimentos.

Eu, com a leve pena  
 E uma r  sma de papel em branco,  
     Chamem-me saltimbanco,  
 Fazendo prosa e verso,  
 Rio-me do universo.»

## VI

## O RISO DE CERVANTES

À luz froixa da pallida vigilia,  
 Solitario, pensando sob o pezo  
     Do esteril desalento,  
 Na ciudez indigente da familia,  
 No tropel de esperanças vacillantes,  
 Da inspiração no fogo o olhar acceso,  
 Arrebatado em vivo pensamento  
     Trabalhava Cervantes.

Que busca a mente audaz? e que grandeza  
 Lhe desvenda a arrojada phantasia?  
 Que allivio sonha para a atroz pobreza?  
 Já vem alvorecendo a luz do dia;  
     E à luz mortiça e breve,  
 Com mais fervor, que nunca teve de antes,  
 Livido o rosto, fito o olhar, escreve  
     No seu livro Cervantes.

Ai, já cansada de esperal-o, e triste  
 Ergue-se a esposa; vem de manso, espreita  
     Na meia aberta porta;  
 De repente, elle, que ás visões assiste  
 Do mundo ideal das creações gigantes,  
 Com que risadas o silêncio corta  
 Da noite! para o lado a penha deita,  
     A rir a sós Cervantes.

Riu-se, a bom rir! convulsa gargalhada,  
 Longo scherzzo de ignotas harmonias!  
 Observa tudo a esposa desolada;  
 Mas d'essas concentradas ironias  
     Percebera bem pouco;  
 E para si, em ancias cruciantes,  
 Diz: «Coitado, coitado! elle está louco,  
     Louco o pobre Cervantes.»

Como quem vence um natural impulso,  
 Nas mãos esconde a fronte, e a dor semelha;  
 Abafa o poeta a custo o rir convulso,  
 E diante de um Senhor Crucificado,  
 Proferindo palavras oflégantes,  
     Contracto se ajoelha,  
 O rosto todo em lagrimas banhado,  
     Pesaroso Cervantes:

— Perdoae-me, Senhor, este desmancho,  
 Ralampago infernal de tal contraste  
     Que ora a mente me invade!  
 Ao vér como o casmurro e gordo *Sancho*  
 Repleto de anexins sempre abundantes,  
 Ri de *Quixote*, então tu me lembraste  
 Na missão de salvar a humanidade...  
     Mas, perdão a Cervantes!

Porque, trouxeste por ideal ao mundo  
 Salvar o homem do atro cativeiro,  
 Dando a vida por nós sobre o madeiro;  
 E esse Pedro, mais pratico e profundo  
     Larga-te aos sycophantes!  
 Toma á doutrina a parte utilitaria,  
 Vindo fundar em Roma a Barataria...  
     Mas... perdão a Cervantes! —

Irrompiam-lhe as lagrimas ferventes  
Dos olhos ; os soluços  
Abaixaram-lhe o grito do bom-senso.  
Aos pés do Christo prostra-se de bruços.  
Eis com passos trementes,  
Como se viesse à hora dos amantes,  
Entra a esposa, e abraça-o: «Penso, eu penso  
Que tens o fogo da Rasão, Cervantes !»

### III

## TENTANDA VIA EST

---

### I

#### SAGRADA DA EPOPÉA

Quando Camões cumpria a desastrada sina,  
E naufrago se viu no immenso mar da China,  
A nado se salvou na foz do rio Mecon ;  
Trazia inda alagado o Poema, excelso dom  
Onde as Navegações, triumphos e revezes  
De um punhado de heroes, os fortes Portuguezes,  
Que dispersos no orbe os une o amor sem quebra  
Da Patria idolatrada, o Cantor concelebra.

Sentar-se o Poeta foi nas ruinas estupendas  
De Angor, aonde chegou por ignoradas sendas,  
Absorto na mudez da grande alma que sinta  
Maravilhas da Civilisação extincta !  
É mesmo indiferente á miseranda sina  
Que o persegue, de Khmer ante a assombrosa ruina.

E em quanto respirava ali as brisas quentes  
 Que trazem lethal febre e prostram os valentes,  
 O Cantor retocava a Epopéa não vista.  
 Chegou-se a elle então Peregrino buddista,  
 Que attrahira a voz que na soédão declama,  
 E depois de escutar as estrophes, exclama:

•Ó Poeta! a India tem a Epopéa sublime  
 Do Ramáyana! o som de uma estrophe redime  
 O sudra; ao mais abjecto escravo fal-o homem.  
 Que este supremo dom os teus canticos tomem!

•Se a tua Pátria fôr vendida, e mergulhada  
 Em cativeiro vil, do abyssmo alevantada  
 Será por esse Canto, immenso, audaz e bravo;  
 Quem o sentir, sacode as algemas de escravo.

•E a Civilisação do remoto Occidente  
 Vendo hoje o homem vencer a Natureza ambiente,  
 Consagre esta Epopéa á pacifica edade,  
 O pregão triumphal que solta a Humanidade. \*

---

Fosse halucinação ou intima consciencia.  
 Tal benção deu no Poeta a nobre complacencia,  
 E do animo sereno a bondade insondavel,  
 Com que elle supportou, naufrago e miseravel,  
 As infectas prisões, os injustos castigos,  
 A fome, a solidão, ingratidões de amigos,  
 E contra a gloria sua o roubo e desacato.  
 E por fim o estertor do hospital n'um grabaio.

## VATICINIO DO ADAMASTOR

Uma noite de temporal desfeito,  
 Do Cabo das Tormentas já na altura,  
 Camões, que à patria volta, vê direito  
 Vir contra elle a esqualida figura  
 Do Adamastor ! Do lusitano Peito  
 O sombrio destino, a sorte escura,  
 O tremendo gigante ali revela  
 Lamentoso nos eccos da procella :

— Camões ! Bem sei que ahi levas comtigo  
 Pregão triumphal da tua Patria amada ;  
 Salvou-o o destino do perigo  
 De engulil-o o Mecon na agua salgada,  
 Para que um dia fosse ... aqui t' o digo,  
 Epitaphio da terra escravizada,  
 Para dar testemunho a um tempo novo  
 Da ruina infanda do atrevido Povo.

Não satisfeito ainda o horrendo Fado  
 Das provaçôes crueis que a cada instante  
 Por toda a parte seguem a teu lado,  
 Como insultos da plebe a heroe ovante,  
 Duros revezes tem-te preparado  
 Com maligna insistencia, e flammejante  
 Verás, quando chegares a Lisboa,  
 Como sobre a cidade a Peste vôa !

Verás ruas desertas, e as praças  
 Da necrópole já cobertas de erva ;  
 Em cada rosto estampam-se as desgraças ;  
 Nas almas, que esperança se conserva ?

Entre moniões de mortos mudo passas,  
 Da alegria de outr'ora emsím observa  
 Inda mais triste que a visão funérea  
 De tua velha mãe tanta miseria !

Ao chegar a Lisboa, o rico emporio  
 De quanto tem de maravilha o Oriente,  
 O teu Livro de versos, furto inglorio,  
 Testemunha do teu amor ardente,  
 De outros poetas titulo irrisorio,  
 Ludibria aos vindouros torpemente,  
 Tornando as tuas emoções sentidas  
 Lustre vão de reputações mentidas.

Verás a independencia portugueza  
 Nos areaes ardentes sepultada  
 Da África adusta em insensata empreza ;  
 D'entre as nações tua nação riscada !  
 Vendida ao invasor pela nobreza,  
 Que para a traição negra é colligada  
 Ao egoísmo da lusitana Egreja,  
 E até o povo os proprios ferros beija.

\* \* \*

Verás que n'este quadro não te illudo !  
 A visão da desgraça nunca engana,  
 Não se ergue em Portugal nenhum escudo  
 Ao cahir em província castelhana.—  
 Tudo Camões escuta attento e mudo ;  
 Mas ao ouvir da Patria a ruina insana  
 Preste a tombar no lugubre triclinio,  
 Protesta contra o horrendo vaticinio :

• Eu não verci taminha desventura!  
 À Pátria e a mim a mesma morte investe.  
 Então do Adamastor a alta figura  
 Exclama com rancor:

— Interrompeste

Esta visão terrifica, futura,  
 Não saberás o que do porvir resta:  
 Fique-te o animo acorrentado agora  
 Ao desalento atroz que te devora.

Na impenetravel treva do destino,  
 Se allivio procurares algum dia,  
 Contra as angustias de um pungir ferino,  
 Contra a tua mortal melancolia,  
 Visita de Nathercia, o ideal divino,  
 A sepultura solitaria e fria,  
 Que ao fulgor do malogrado afecto  
 Talvez tome a visão um outro aspecto.—

Cumpriu-se o implacável vaticínio!  
 Desolação e prantos  
 Vão por todos os cantos  
 De Portugal! O horrendo morticínio  
 Em Alcacer-kibir  
 Faz as almas mais fortes succumbir.

Vaga nas ruas desvairada a gente,  
 Erguendo na angiedade  
 As mãos aos céos attonita, mesquinha!  
 Camões, já cadaverico e doente,  
 Para o Pantheon de mais grandiosa edade;  
 Para o Mosteiro de Belém caminha.

Na gelida penumbra das arcadas  
 Se perde, e sobre a lagem que cobria  
 A sepultura de Nathercia ajoelha !  
 Vém-lhe á lembrança as illusões passadas,  
 Episódios do amor de dia a dia,  
 Que um extasis semelha !

Na concentração íntima absorvido  
 Da saudade do amor cedo perdido,  
 Como a fresca bonina,  
 Viu o Poeta, d'entre um nimbo occulto  
 Vago e indeciso a aproximar-se um vulto,  
 Pensosa Catherina.

Como vinha mansa e bella  
 Toda de branco vestida,  
 A fronte sua cingida  
 De immarcescível capella,  
 A desditosa donzella !  
 Traz na face um livor lindo,  
 Nathercia, com dor sorrindo,  
 Parou junto do Poeta,  
 Que estranha emoção inquieta  
 Com o que está vendo e ouvindo:

•Bem sei que não me esqueceste,  
 Quando esses teus pensamentos  
 Por mares, naufragios, ventos  
 Te levaram, e perdeste  
 Um amor, amor como este !  
 Eram para mim as palmas,  
 Para ti doentias calmas,  
 Perseguições, tempestades !  
 Mataram-me as saudades  
 Que uniram as nossas almas.

Não perdi a esperança  
 D'aquellos sonhos felizes ;  
 Tu ainda hoje bendizes  
 Um amor que em ti não causa ;  
 Tens-me viva na lembrança !  
 Mesmo n'este frio leito  
 Sinto pulsar-me no peito  
 O amor que tornaste eterno,  
 Uma amizade, um enlevo terno  
 Nunca em vida satisfeito.

Para que recordar hoje  
 Esse passado inclemente ?  
 Mais triste agora o presente  
 Quando a liberdade foge,  
 Quando a tyrannia arroje  
 As gargalheiras de escravo  
 A um Povo audaz e bravo !  
 Fõe teus olhos no futuro,  
 Embora amargo e escuro,  
 Dou-te a provar doce favo :

Háde a Patria ser cativa,  
 Vendida pela nobreza ;  
 Muda a lingua portugueza,  
 Quasi esquecida, reviva  
 Na tua Epopéa alta !  
 Por que será esse Poema  
 O fôco sagrado, o emblema  
 Da Patria, que alto celebra ;  
 Ao seu brado o Povo quebra  
 Do Castelhano o algema ! \*

Estas palavras dizendo  
 Aquella aéria figura  
 Esvae-se na sepultura,  
 Como se vae desfazendo  
 A nevoa, ao sol nascendo.  
 Voltou a si o Poeta  
 Da angustia que tanto o inquieto,  
 Vencido encara o destino ;  
 Levanta á Patria o seu Hymno,  
 Como o Partha arreja a seta :

— Sempre se lança em um naufrágio escuro  
 Ao mar a historia de asperos revezes,  
 A fim de ir dar a algum porto seguro ;

Do abysmo onde os imperios tantas vezes  
 Baqucam, mando ás ribas do futuro  
 O Poema do que foram Portuguezes.

## III

## O POEMA DE CAMÕES

## I

Espalham-se aos rumores de ameaças,  
 Com pompa marcial, tórvos, crescentes  
 Como ondas em tropel — enchendo as praças  
 Do rei Philippe os esquadões frementes ;  
 E logo occupam tudo !  
 Portugal não oppõe um só escudo.  
 Os arcos triumphaes ornam as ruas,  
 Galhardetes, alfaias damasquinas . . .  
 Quando o leão de Castella as garras cruas  
 Assenta sobre as aviltadas Quinas,

As fortalezas salvam com estrondo !  
 Pelo ar os sinos com festivos doires,  
 No templo — que espectaculo hediondo !  
 Dizem que o Rei, os padres e os nobres  
     Consagram á conquista !  
 Infamia nunca vista :  
 Calar com ruido a voz da consciencia,  
 Perante o altar santificando o jugo,  
 Vender da Patria o nome, a independencia,  
 Levando-a ao cépo do feroz verdugo.

Vé Philippe a seus pés um povo escravo ;  
 Não bastam, não, exclamações e palmas !  
 Quer possuir o que despreza o bravo,  
 Quer uma cousa — a servidão das almas !

N'isso encontra grandeza.  
 Ao passar, saca-lhe em rojos a Nobreza ;  
 E os padres, para quem o ataúde  
 É sempre uma esperança de cubica,  
 Juram manter na fé do povo rude  
 Que o dominio estrangeiro é de justiça.

Conhece o Rei, no entanto, que lhe falta  
 Essa cousa que a posse lhe cimente ...  
 O Povo ? Beija a espada que o assalta ;  
 Os Poetas ? Glorificam o Prudente,  
     N'um côro vil, abjecto !  
 Porém, para o dominio ser completo,  
 Jungindo á Hespanha esta nação vendida,  
 Não bastam bençãos do traiçoeiro monge,  
 Nem protestos da raça envilecida,  
 Quer Philippe ainda mais ...

Elle va longe.

## II

O Rei chama o Ministro á puridade,  
 Manda lér-lhe das cédulas a lista  
 Dos que venderam Patria e liberdade,  
 Dos que em traição mudaram a conquista.

Entre os grandes e bispos, magistrados,  
 Capitães e poetas, quanto ha nobre,  
 Um nome só, entre esses deshonrados,  
 O nome de Camões não se descobre !

De repente Philippe altivo ordena :  
 « Vão procurar Camões ! Venha o Poeta !  
 Dar-lhe-hei victoria contra a sua pena,  
 E a mim torne a victoria mais completa.

O que a Sadi não deu o rei da Persia,  
 Por mim, tarde, a Camões prestado seja !  
 Vença o Cantor a doentia inercia,  
 Que em mim bem sinto de Alexandre a inveja.

Os que agora me acclamam com espanto  
 Comprehenderão um dia o assassinio !  
 Mas de Camões a gloria de um só canto  
 Fazia eterno, eterno o meu dominio.

Vão procurar Camões ! A posse inteira  
 De Portugal n'esse animo reside ;  
 Se a Historia não oculta a ignobil feira,  
 Que eu seja o heroe de um novo Poema ! Ide..

## III

Ghegam, horas depois, os mensageiros,  
 Voltam desalentados; nova triste!  
 Foram tarde, mão grado irem ligeiros:  
 Era morto Camões! Ah, não resiste  
 Sua alma ao vêr soldados estrangeiros  
 Na Patria, e o povo que aos festins assiste!...  
 O Poeta cheio de afflição e de ira:  
 — *Patria! juntos morremos!* — Succumbira.

## IV

Philippe escuta; ah, sente-se inimigo,  
 Do novo Estado julga a posse iniqua;  
 Vaticina o rumor vago perigo,  
 E exclama attento na visão longíqua:

\*O que governa os Povos, bem percebe  
 Que as pompas festivas, os juramentos  
 Da nobreza e aclamações da plebe  
 São do poder bem fracos fundamentos.

Dos esquadrões que vale a força dura?  
 Do sacerdote a benção que me exalta?  
 Ah, não ter corrompido essa alma pura...  
 Portugal não é meu! Camões me falta.

Morto é Camões; mas guarda-se a verdade  
 No Poema d'essa austera consciencia,  
 Onde a Patria respira a liberdade,  
 D'onde resurge a morta independencia.

Já não posso abafar, tornar mentida  
 Essa voz que resona como ameaça,  
 Grito de imprecação que acorda à vida,  
 Alevantando a decahida raça.

Minaz, dentro do magico Poema  
 Ha do incendio futuro uma favilla ;  
 Traz a explosão com que rebenta a algema,  
 Meu poder n'um só dia se anniquilla.

Hoje a meus pés, alegre, sob o jugo,  
 Sem conhecer sequer tanto desdouro,  
 Acclama Portugal o seu verdugo ;  
 Mas eu presinto um seculo vindouro . . .

Nascida em ferros, e como elles dura  
 Se a gloria do passado alguem recorda,  
 Como Lazaro em funda sepultura,  
 Uma outra geração febril acorda !

Camões! Camões, heroe, cantor e bravo,  
 Envilecidos animos levanta ;  
 Por que encerra o Poema onde os seus canta  
 A força que faz livre um povo escravo.\*

Cumpriu-se a voz da tradição. O Vate  
 Deu novo alento aos peitos lusitanos ;  
 Não foi preciso um seculo ! o resgate  
 Fez-se n'um dia, ao fim de sessenta annos.

## IV

## A BATALHA DE LEPANTO

Fora um dia Cervantes increpado  
 Por ter sem dó ridicularisado  
 A honra e o generoso pensamento  
 Em *Dom Quixote*, ideal do sentimento.

De Lepanto o heroico mutilado,  
 Vendo-se na miseria injuriado,  
 Volveu com dignidade, altivo, lento,  
 Repellindo o insultuoso intento :

— Assisti no final combate dado,  
 Em que a Europa o futuro viu jogado,  
 Pela invasão do Turco violento,  
 Que tudo assola como um igneo vento.

Assim em Salamina, no passado,  
 Tendo as hordas da Persia derrotado,  
 Das trevas d'esse barbáro elemento  
 A Grecia torna o Occidente isento.

Lepanto a Salamina é igualado,  
 Por que o destino seu, mais elevado,  
 A guerra defensiva, n'um momento  
 Attingiu, dando à Paz seguro assento.

Desde esse dia em diante eis terminado  
 O imperio e força bruta do soldado !  
 O heroísmo pessoal não acha alento,  
 Nem da Justiça o sangue é argumento.

O trabalho e a paz têm secundado  
 A ordem, a riqueza em cada Estado,  
 E da bravura militar o aumento  
 Só vem a combater Moinhos de vento. —

## V

## DESALENTO DE TASSO

Triste, alquebrado, accolhe-se a Sorrento  
 Em doentia halucinação o Tasso,  
 Víctima inerme de illusões que ideára !  
 Redobra o desalento  
 O crú desdem do Duque de Ferrara.  
 Nada o detém no desvairado passo,  
 Nada o consola, embora  
 Venha alental-o no mortal cansaço  
 O suavissimo affecto de Eleonora.

Já longe do solar de Affonso d'Este,  
 A quem dera em seu Canto immortal nome,  
 Contra as rajadas hibernaes investe !  
 Na febre que o consome,  
 Do mar contempla a horrifica procella ;  
 E brada, ao vêr em lucta os elementos  
 Em furia aterradora :  
 « Harmonisam-se em ti meus pensamentos ;  
 Mas a lembrança d'ella  
 Põe-me tranquillo ! a doce Eleonora !

Ignota mão veiu quebrar-me a Lyra,  
 Falsear-me o Canto em que exaltei a Crença !  
 E tremenda, fatídica me atira  
 Com fria indifferença

À prisão do hospital de alienados!  
 Chamam loucura a angústia de meus brados,  
     Demente o olhar que chora!  
 Falta-me a luz na solidão immensa,  
 Pobre de mim! Já morta Eleonora...

Camões! Camões, invejo o teu destino!  
 Bradaste á voz do Oceano em tempestade;  
 Chamam-me louco a mim, por caridade;  
 Acaso é o meu Poema um desatino?  
 Oh bon Luigi! e quanto mais profundo  
 Foste do que eu? Com êstro impaciente  
 Celebraste a visão de estranho mundo,  
     Esse encantado Oriente!  
 Cantaste a audácia, a força e a riqueza  
 Lá no Paiz da luz, onde se expande  
     Nome que fazes grande  
 Da tua amada Patria portugueza!

Eu, sem patria, cantei a esteril lucta  
 Em volta de um Sepulchro consagrado;  
 Que importa a posse da funerea gruta,  
     E a Lenda do passado?  
 Cantei o grão Sepulchro, a cujo fundo  
 N'um delírio de ié, com galhardia,  
 Cá da Europa se arroja um velho mundo  
 Que, pensando em salvar-se, succumbia.

Os christãos cavalleiros aos milhares  
 Na onda da Cruzada arrebatados,  
 Por naufragios e inhospitos palmares  
     Chegam á Palestina!  
 E de Christo os soldados  
 Ao gume dos alfanges sarracenos,  
 Cantando os hymnos de uma unção divina  
 Avançam firmes, crédulos, serenos.

Mas, a par da sublime e alta empreza  
 Raiam de uma nova éra os esplendores :  
 De Pisa e de Veneza.  
 Seguem o mesmo esteiro os mercadores.  
 Em vez da crença, o lucro o peito instiga,  
 Não buscam do Sepulchro santo a senda ;  
 Do Oceano tenebroso a lenda antiga  
 Do interesse o móvel a desvenda.

Loucos Cruzados ! Apagou-se a chamma  
 Que exaltara o valor; como eu, errastes !  
 Nos dois Heróes, o Godofredo e o Gama,  
 Que espantosos contrastes !  
 A edade era de industria, de interesse,  
 Do trabalho e da ordem chã, burguezia ;  
 N'este afan mercantil a Europa esquece  
 A religiosa Empreza !

Reynaldo de Coucy corre a Solyma  
 Por merecer a mão de Gabriella ;  
 No voto ousado que a paixão sublima,  
 Cae ferido ; e da morte com a venda  
 Pediu, a pensar n'ella,  
 Que o coração lhe seja entregue um dia ...  
 N'um banquete Gabriella recebia  
 Pela mão de Fayel a extrema prenda.

Foi como a bella de Vergy a Europa !  
 Os guerreiros da Fé, bem longe, esquece,  
 Dos bergantins á popa  
 Desfralda o pavilhão do interesse,  
 Cantei das duas Crenças o dilemma,  
 No Sepulchro vazio da divindade ...  
 Oh, bem hajas, Camões ! no teu poema  
 Ha a vida, a intuição da Humanidade.

Em trabalhos, em dor, em lucta immerso,  
 Luiz! cantaste o luso Peito ardente,  
 Que descubriu da Humanidade o berço,  
 A alliança do Oriente e Occidente!  
 Por premio o hospital deu-te a mortalha  
 Que do teu corpo entrega á valla o espolio!  
 Da gloria a auréola é sumo de palha,  
 Tasso expira antes de ir ao Capitolio. \*

## VI

## A CONFISSÃO DE CALDERON

Ajoclhado aos pés de um séco Jesuita,  
 Calderon sentiu n'alma a algidez da morte  
 Ouvindo ao confessor intencional pergunta :

— Pois não te accusa, irmão, a consciencia nunca  
 De andares profanando os Dogmas sacrosantos  
 Perante a multidão, e em comedias nas praças?

«Padre! (lhe respondeu servoroso o Poeta):  
 O rito é transitorio, a vida é ação perenne:  
 Eu busco a fonte viva e eterna da verdade.

Vêde, as Religiões falsça-as a heresia,  
 Os Dogmas entre si vão-se contradictando;  
 Sómente a Arte, a Arte é immutavel, bella!

O que ha de verdadeiro e bom no Christianismo  
 É bello; a expressão do universal sentido  
 Só pôde encontrar na Arte a suprema linguagem.

O Dogma por si só conduz á intolerancia,  
 Ao desespero e horror; a emoção do Bello.  
 Essa infunde a concordia, a paz e a alegria.

Se o Christianismo foi que em sua essencia trouxe  
O sentimento novo e ideal da Humanidade.  
O Bello é encarnação da Verdade ; eis a Arte !

A estranha confissão do Poeta inspirado  
Não pôde comprehendê-la o Jesuita séco ;  
Como entender a vida o que se crê cadaver ?

Ao tocar a Arca santa da Arte o Jesuita,  
Que tinha morto em si o sentimento humano,  
Secaram-se-lhe as mãos, como o castigo de Ozá.

Flagrante acusação do embuste e da mentira  
Com que simula a fé o falso sacerdote ;  
Finge-se a crença ! o Bello, oh não ! Bendita a Arte.

## VII

## O BRAVO DE UIRAÇABA

(POEMA)

—  
CANTO I

## Tentação no deserto

1

Na clareira escondida da floresta,  
Presa nos ramos das magnolias, pende  
A somnolenta rête entretecida  
Do matiz variegado da plumagem  
Do canindé vistoso. Quem repousa  
Ali, na molle sesta ? na frescura  
De uma aprazível, hospedeira sombra ?

Em volta, jaz sentado com desleixo  
 Um rancho indígena, aguardando o instante  
 Que o maioral acorde. A rija tribo  
 Soube escolher o Bravo, o destemido  
 Pela certeza da ligeira flexa;  
 Chamaram-lhe o valente de Uiraçába,  
 Pelo nome da aljava que o acompanha.  
 Elle era novo e sonhador; ouvia  
 Longe, bem longe os passos do inimigo,  
 Como a panthera farejava a preza;  
 Como o raio, espalhava repentina  
 Castigo irremissível! Mas ás vezes  
 O granito mais duro estala, quando  
 Humilde gota de agua se congella.  
 Fôra assim o guerreiro. Elle era novo,  
 Não o saciava essa altivez do mando,  
 Nem a larguezza de não vistas matas,  
 Nem os recontros do conguar gigante.  
 Elle anciava bem pouco, ou nada, tudo:  
 Tinha séde de amor...

## II

Por entre as brenhas,  
 Rompia desvairado, ia seguindo  
 Sem saber para onde; muitas vezes  
 Cuidava estar ouvindo voz sentida  
 Chamal-o para si... Em vão buscava.  
 Os canticos das aves solitarias  
 Da americana plaga, segredando  
 Confidencias da alegre natureza,  
 Entreabriam-lhe a furto o incerto sonho.

## III

No frenesim do amoroso instinto  
 Convoca o Bravo os anciãos da tribo,  
 Guardas da tradição e narradores  
 Dos gloriosos feitos, que se contam  
 Na vespera sedenta das batalhas.  
 Juntou-se o côro dos Moranduçáras,  
 O chefe assim fallou:

— Velhos sinceros,  
 Não mancha os vossos labios a mentira !  
 Tantas vezes hei visto a estrella morta  
 Perder-se no horizonte ao vir do dia,  
 Sem que o sonno me alente das fadigas !  
 E Jurema, a propicia mãe dos sonhos,  
 Me seduz com apparições ridentes ;  
 Embala-me com tantas harmonias ;  
 Traz-me enciado, desvairado, louco !  
 Eu não sei que me falta ; e o que busco  
 Presinto que não seja d'este mundo !  
 Fallae, velhos sinceros, revelae-me  
 Se algum maligno Anhága me combate ? —

D'entre os Moranduçáras venerandos,  
 Dos que têm os thesouros do passado  
 Guardados na memoria, o mais antigo,  
 O prudente Abaeté lento responde :

«Guerreiro de Uiraçába ! na floresta  
 Uma clareira occulta conhecemos ;  
 As magnolias em flor lhe prestam sombra.  
 Mysterious mudez ali revôa,

Favoravel ás santas narrativas.  
 Oh vem cominosco ! Ali nós te abriremos  
 O deposito augusto das edades  
 Onde o porvir obscurio se esclarece..

## IV

À sombra das magnolias, brandamente  
 Baloiçado na rede entretecida  
 Das plumagens do canindé vistoso,  
 O terror de Uiraçába dormitava.  
 O velho Abacté declara ao côro  
 Dos narradores da soberba tribo :

\*Eil-o, repousa placido, tranquillo  
 Como uma aguia nos visos do fraguedo ;  
 Deixemol-o dormir ! A mãe risonha  
 Das visões mais queridas, mãe ditosa  
 Dos sonhos de ouro, a candida Jurema,  
 Ihe baseje o semblante afogueado  
 Do agitado guerreiro. Semimorto  
 N'este instante parece; mas no peito  
 Violento irrompe um sentimento novo.  
 — Amor, amor ! sabemol-o nós todos  
 A quem a edade revelou a vida..  
 Responde attento, a froixa voz, o côro.

## V

Não foi tão leve o ruido das palavras  
 Que essa verdade eterna traduziam ;  
 Subito acorda o Bravo de Uiraçába :

— Vozes surdas, sinistras, ominosas,  
 Como a voz do guariba ao vir da noite,  
 A visão fugitiva me interrompem!  
 «Oh Bravo! (o Abaeté responde a medo,)  
 Quando se ouve ao crepusculo o guariba,  
 Elle annuncia quasi sempre a morte!  
 — O indomito guerreiro de Uiraçába  
 Não sabe o que é temor! Mando que expliques  
 Quanto me diz esse guariba em sonhos. —

Como o cypreste se ergue sobre a campa,  
 D'entre os Moranduçáras se elevanta  
 O trémulo Abaeté:

«Canta o guariba...»

Nas solidões das matas elle canta,  
 Como o padre christão quando psalmeia...  
 Bem vés! A loira Virgem que aparece  
 Nos teus rápidos sonhos, melindrosa,  
 É do branco das longes terras filha,  
 Isso descubro no fatal presagio.»

— Oh! dize-me se a posso ver um dia?

«Como alva pomba vem, no pando vôo  
 Por magicos accenos atrahida,  
 Vinda de estranhos climas quasi toca  
 Na brasílica riba a Virgem bella;  
 Descança! Ella virá poesar seu rosto  
 Sobre um peito de tanto amor vencido.»

Era o guerreiro sonhador e novo!  
 Ficou de pé scismando, triste, quēdo,  
 Equal ao cedro no alto da montanha.  
 Ao côro dos Moranduçárasolve

O Abaeté, e a cada um derrama  
 No camocin o líquido sagrado,  
 O licor de Jurema, que os inspira  
 Para contar ao Bravo de Uiraçába  
 O destino, que áquelle amor se prende.  
 E enquanto ficam no extasi suspensos,  
 Assim canta o selvagem que os domina :

— Sôpro de Aracaty, brisa dos mares,  
 Dissipa a densa nevoa que inda envolve  
 O longíquo horizonte onde a contemplo.  
 Deixa mirar a apparição divina  
 Que me traz alheiado d'este mundo!  
 Eu a vejo ao clarão dos devaneios,  
 Da pallida Jacy á luz serena,  
 E quanto mais me touge, mais revôam  
 Para ella em tropel tantos desejos.  
 No murmúrio de incognitas torrentes,  
 No cicio das folhas do arvoredo,  
 No gorgorio das aves mais canoras,  
 Em tudo a sinto, a vejo e a respiro.  
 Nem da jaty o mel tem o perfume,  
 O gosto d'essas fallas que eu escuto...  
 Lá da Mayri das longes terras, trala  
 Sôpro de Aracaty, brisa dos mares.—

Prêsto a horda do espasmo se levanta!  
 Grito de frenesim rijo interrompe  
 Essas palavras com que o Bravo scisma :

\*Oh filho de Tupan, feliz na Aljava  
 D'onde uma flexa nunca em vão se tira!  
 Teu braço é o trophéo que representa  
 Contra os guerreiros da Mayri distante,

Da terra a liberdade primitiva.  
 A Virgem que amas tanto, e em sonhos miras  
 É talisman contra essa liberdade!  
 Evita o amor que a morte traz consigo.\*

## VII

Por sobre a confusão aterradora  
 Das cruas vozes, roucas, agourentas,  
 Se eleva a voz do Bravo de Uiraçába:

—Cedo me acostumei a vencer sempre!  
 Prostrei certo o leopardo mais pujante;  
 É bem que affronte um dia o meu destino.  
 E que alta sina o succumbir por ella!—

A sós se embrenha pela selva dentro.

## VIII

Ficara o bando dos Moranduças  
 Assombrado da decisão tremenda;  
 Veiu a mudez sellar todas as bocas.  
 Quem se atreve a acordal-o do lethargo?  
 Ouvi-se estrondo inesperado ao perto,  
 Alaridos sem fim, gritos agudos,  
 Gargalhadas diabolicas, convulsas,  
 Ao som das quaes mais o tripudio cresce!  
 Era a tribo do Bravo de Uiraçába,  
 Que traz ao sacrificio hoje um vencido  
 De uma raça jurada ao odio eterno:

\*Em nossas bocas o horó retrôa,  
 As cavernas mais surdas estremecem.  
 É forte a massurâma! ao velho tronco  
 Se amarre o Pytigoar envergonhado;

Não mais hão de essas mãos brandir o arco;  
 Os uivos do oitibó confundam queixas  
 Que a dor lhe arranca na hora do trespasso.\*

Vae começar o cruento sacrifício.  
 Ao tronco mais robusto o prisioneiro  
 Se confrange amarrado, vendo as dansas  
 Que em volta d'elle attonito se enroscam.  
 Do coração acede o sangue todo  
 Às faces de rancor e de vergonha.  
 Corta-lhe a corda os pulsos roxendos;  
 A alma não verga, e mesmo n'esse instante  
 Está longe, bem longe, vendo a furna  
 Em que o espera a desprovida esposa,  
 E o sitio aonde a prole nova brinca.  
 Bem sabe o Pytigoar que a morte avança,  
 De desespero canta na agonia :

\*Tivesse a voz do lobo da caverna  
 Quando urra sedento!  
 O bramido do mar na quadra hyberna,  
 Se o revolve o vento!

O conguar da brenha quando ataca  
 A descuidada preza,  
 De um golpe só, tenaz a vida sáca,  
 Não tem esta vileza.

Dansae, dansae, com passo bem ligeiro,  
 Que ainda mais veloz  
 O grande dia hão de chegar primeiro,  
 Que me vinguém de vós.\*

la cantando. Um vulto negro, negro  
 Por entre as grossas arvores assomma,  
 De jesuita envolto na roupetá.  
 A serpente, que perfida se enrola  
 Sobre um ramo flexivel, esperando  
 Colher de prompto o incauto passarinho,  
 Faz lembrar a missão d'esses pilotos  
 Do caminho do céo. Se o Novo Mundo  
 Tem, na vida de esplêndida riqueza,  
 O cascavel, de sonoro silvo,  
 Mandou-lhe a velha Europa dos seus antros  
 Mais terrível especie — o Jesuita.

Este, porém, que emerge do arvoredo,  
 Solícito buscando o suppliciado,  
 Era bom, era pobre, um santo homem,  
 O padre Anchieta, o apostolo primeiro  
 Que fez soar a nova do Evangelho  
 Nas solidões da America. Bem haja !  
 Ei-lo que se aproxima do tapuya  
 Em quanto dansa a tribo desvairada;  
 A fé dava-lhe agora o dom das linguas:

— Miseravel ! a morte estende as garras,  
 Não tenhas medo ; ainda ha outra vida,  
 E melhor, e sem fim ! D'ella te aviso.  
 (Disse o padre fallando-lhe em segredo.)

«Deixa-me, embora.»

— Aceita hoje o baptismo !

Na mente o suppliciado revivia  
 Sua impotente raiva, enquanto o padre  
 Na cabeça febril do prisioneiro  
 Espreme um lenço que embebêra na agua.  
 A tribu ao vel-o em tremebundo rito,  
 Ao qual attribuira o atroz contagio  
 Que a desvastava, — as dansas interrompe,  
 Contra o Jesuita pavido arremette,  
 No forte e immenso massurâma o enleia.  
 Promptas flexas o peito seu lhe visam :

— Senhor, Senhor ! o apostolo fervente  
 Incredulo confessâa o vosso nome !  
 Fazeis-me como a Saulo. A luz divina  
 Me illumine no derradeiro transe.  
 As brisas tropicaes, que vão levando  
 Os perfumes da plaga americana  
 Para o solio do Altissimo, alevantem  
 Minha oração humilde. Eu sou o obreiro  
 Da parabola santa da Escriptura,  
 Vim tarde, e vós pagaeis-me o eterno dia.—

## X

Sobre os dois condemnados imminente  
 Montões de flexas quasi se despedem,  
 Quando na umbrosa solidão do bosque  
 O clangor do boré retrôa. Hirtos  
 Ficam todos na cásila; conhecem  
 Do maioral o toque, e n'esse instante,  
 Suspenso o golpe, o mando seu aguardam :

«Guerreiros ! abaixae as vossas flexas.  
 Venho saber se acaso me descobre  
 O pagé, que de vós a morte espera,  
 O mysterio dos sonhos de Jurema.

— Eu o sei! — acudiu o padre logo.

«Como é o teu nome?

— Anchieta!

«Anchieta, falla!

Oh conta-me o que sabes d'essa Virgem  
Que nos sonhos dourados me apparece.

— Pelo amor que tu sentes, vim de longe  
Sulcando errante os mares; e por elle,  
Como estás vendo, expuz-me a crú flagicio.  
Pela sede do amor que te devora  
Eu dou por bem o ter perdido a pátria;  
Vim para fallar d'elle n'estas plagas,  
E tu és o primeiro que me escutas!  
A Virgem, que nos sonhos teus se mostra  
É luz do céo, revelação distincta,  
O seu amor se apura só na morte.

• «Bem hojas, varão santo! (Volve o Bravo  
Desprendendo-o do longo massurâma:) Venerando pogé de um outro nome,  
Talvez como Tupan? mais luminoso?  
Dize o nome da Virgem que anuncias.

— Bravo! chama-se a Fé. Ellá dá força  
Para affrontar os mais terríveis lances.

xii

Isto disserá. No ár se repercute  
Crêbo estampido, inesperado estrondo,  
De uma salva da lusa artilharia.  
Aquellas solidões tacitas ouvem  
A voz com que outros povos vêm prégar-lhe  
Da civilisação. A triba ingente  
Dispersa-se confusa; o Chefe apenas  
Junto do padre impavido ficará:

\*Anchieta ! o ar é puro ; rutilante  
O vulto de Tupan alegra tudo,  
D'onde vem pois o temeroso estrondo ?

— A Ná das Quinas chega de Lisboa ;  
Oh vem commigo para ouvir as novas  
Que traz da amada e lusitana terra.

Perto era a praia, e o padre chora ouvindo  
O canto dos saudosos marinheiros.

## CANTO II

## Os Piratas do Largo

## I

Batida das tormentas, dos combates  
Dos piratas do mar, desmantelada,  
Roto o velame, a mastreação partida,  
O costado arrombado por metralha,  
Entrava na Bahia a nio formosa  
Chamada a *Frol do Mar*. Bem mais parece  
Arremessada à praia pelas ondas  
Como despojo de escaroco tremendo,  
Do que a altaiva e gentil Capitaniz !  
O que passara a Ná no pégo immenso,  
Na travessia do Oceano, as fomes,  
Tempestade, abordagem de corsarios...  
Não ha palavras que descrevam tudo !

Havia meio anno que partira  
 Do patrio Tejo seu; singrando usana  
 Traz a seu bordo Jorge de Albuquerque,  
 Mancebo, cavallciro, apaixonado,  
 Coração para a guerra e para amores.  
 Da frota immensa a Não apenas resta !  
 Traz Jorge de Albuquerque, ao qual compete  
 Vir sacudir os régulos selvagens  
 Que têm cercada Olinda. Elle partira,  
 Largara a vela na monção fagueira ;  
 Piloto era Mem Vasques, homem firme,  
 N'esta volta do mar encanecido ;  
 Havia pouco ainda, lhe morrera  
 A amada companheira da existencia,  
 Lisboa para elle era um deserto ;  
 A orfandade e pobreza de uma filha  
 As saudades do mar lhe despertaram.  
 Voltou á vida das refregas, quando  
 Senil o corpo almeja por descânço ;  
 E na carreira do Brazil procura  
 Ganhar o dote da infeliz criança.  
 ,  
 Orfan, de seus quinze annos, vem com elle  
 Dulce, graciosa e mansa. A branca alcione  
 Que se envolve na cerração do cabo,  
 Não vai mais descuidada sobre a vaga  
 Do que a virgem deixando lar e patria.  
 Ai visão com que o nauta sempre sonha !  
 Jorge Coelho de Albuquerque, jovem  
 Mas destemido Commandante, brinca  
 Descuidado com ella na viagem ;  
 E a cada riso pudibundo, ás fallas  
 Da mais encantadora ingenuidade,  
 Sente que o amor lhe vence o duro peito.  
 Dulce brincava e ria sem dar tino...  
 Que mal tem os quinze annos quando brincam !

## III

Orfansinha de mãe, exposta aos mares,  
 Aos perigos de incognitas paragens,  
 Ia sorrindo ingenua sobre o abysmo !  
 Somnambula que na voragem passa,  
 Desconhecia a vida, o mal; alegre  
 Com a viva expansão da meninice,  
 À beira da ama antiga se achegava,  
 Distrahida, escutando os velhos contos,  
 Historias da larcira.

«Oh não te esqueças  
 Hoje ao luar, na tolda da galera,  
 De repetir, a noite vae serena,  
 O conto de um amor em terra alheia.»

Era ao decimo dia da viagem,  
 Luar divino, magico, aprazivel  
 Só feito para cantos de saudade !  
 Achega-se a Ama então para a menina,  
 Sentam-se á ré, e com a voz dorida  
 Ia narrando-lhe um solão de amores.

## IV

O Commandante Jorge de Albuquerque  
 Lento se aproximara; esteve ouvindo.  
 O clarão do luar se reflectia  
 Na face virginal; palor incerto  
 Tornava Dulce apparição sublime.  
 Sentia cada vez o Commandante  
 Crescer mais a affeção pela criança !  
 Elle era tambem novo, e só contava  
 Vinte duas florentes primaveras.

Com a ideia do amor fero revoa  
 Na mente o atro lampejo dos recontros  
 Que vae ter c'os selvagens, na porfia  
 Do resgate de Olinda ! Na amurada  
 Do navio se encosta a pensar n'ella ;  
 As turbulentas vagas o embalam,  
 O susurro adormenta-lhe os sentidos,  
 E deixa-se levar de mundo em mundo,  
 Sem saber como confessar a Dulce  
 A vehemencia da paixão que nasce !  
 E quanto mais o impeto se exalta,  
 Quanto mais bate o coração oppreso,  
 Tanto mais a menina continua  
 Absorta ouvindo a Aia que lhe conta  
 A historia dos amores de cativos.

## V

Debalde procurava o audaz guerreiro  
 Como confessaria o amor occulto ;  
 Sagrada timidez de uma alma pura !  
 Com Mem Vasques fallava, ia a dizer-lhe  
 Quanto sente por Dulce, e as palavras  
 Se atropellam nos labios sem sentido.  
 Filho e herdeiro de uma inclita linhagem,  
 Tem Jorge de Albuquerque a sobre eschola  
 Da corte portugueza ; e bem se lembra  
 Lá dos serões do paço, onde com damas  
 Se falla sempre em verso. Alma poesia,  
 Serve-lhe tu de meiga confidente !  
 Dá-lhe uma estrophe, a mais apaixonada,  
 Um murmurio da Fonte de Vauclusa :

— Busco-te, como aguia busca a altura,  
 Como o impavido olhar o sol ardente ;  
 Como busca erma praia onda plangente,  
 Busco-te, como o rio o mar procura.

E sigo-te de longe! Em noite escura  
 O Mago segue a estrella do Oriente;  
 A Columna de fogo, a raça crente  
 Segue pelos desertos na espessura.

Se alcançasse o teu vôo, nuvem suspensa  
 No diaphano empyreo, alma cativa  
 Viveria ao calor da eterna crença.

Não languesças ingenua sensitiva,  
 Não te percas pela amplidão immensa,  
 Como Ophelia na onda fugitiva.—

Ouvira Dulce a enamorada estancia,  
 Sorriu-se a medo, e agora lhe parece  
 Mais sentida do que os romances velhos  
 Que a descuidada infancia lhe embalavam.  
 «Cante-me outra canção; como as da corte,  
 Como no tempo da Menina e Moça;  
 Nunca até hoje ainda as tinha ouvido.»

Jorge ao pé da amurada recitava:

— Morrer de amor, é vêr sempre o teu rosto  
 Quando ri para todos e não cõra!  
 E vêr o brilho fulgido da aurora  
 Toldar-se em melancólico sol posto!

Morrer de amor é o intimo desgosto,  
 Que um riso gera, e a occultas a alma chora;  
 Morrer de amor, é vêr-me de hora em hora  
 A novas incertezas sempre exposto!

Quem te vê, misteriosa criatura,  
Sente-se escravo d'esse olhar traiçoeiro ;  
Por toda a parte o teu olhar procura.

Porque me fazes meu prisioneiro ?  
Se é só para cantar tua loucura,  
Douda, para que me matar primeiro ?—

## VI

Traz a Náu a seu bordo um jesuíta,  
Alvaro de Lucena ; ao padre Anchieta  
Traz um diploma do Geral da Ordem.  
O padre ao ver risonha essa donzella  
Sentiu vontade de enlutar sua alma ;  
Vendo-a sem mãe, lembrou-lhe a paz do claustro  
Para acolher a descuidada Virgem.  
Quiz fallar a Mem Vasques... receiaava...  
Melhor seria inebriar a Dulce  
Nos efluvios do amor divino. O padre  
Descobriria que o amor se apossou de ambos :  
Vê Jorge de Albuquerque mais seguro,  
E Dulce como flor que desabrocha  
Ao sol de uma manhã de primavera.  
Jura roubal-a ao decidido amante  
Para o redil de Christo. Mansa pomba  
Sacrificada na ára ensanguentada !

## VII

Lucena a cada instante volve a Dulce  
Um olhar paternal, fallando unctuoso  
Nas delícias do céo ; Jorge emmudece,  
Sem poder revelar toda a verdade  
Do sentimento que trasborda na alma.

Trava-se entre ambos um mortal combate,  
 Lucta incognita, obscura, incomprehensivel.  
 Quem vencerá? O espirito das trevas  
 Tem por vezes recursos imprevistos!  
 A este tempo conhecera Dulce  
 No olhar do Commandante uma tristeza  
 Que a tornava mais branda, compassiva.  
 Nos grupos do convés o procurava,  
 Nos sustos da tormenta a vista d'elle  
 Dava-lhe uma indizivel esperança.  
 Não era a mesma Dulce; demudada  
 Na cór, e na expressão a via a Ama.  
 Nem pedia que lhe contasse contos!

## VIII

Quiz Dulce comprazer com o costume  
 Da carinhosa Ama, e no regaço  
 A cabeça reclina, e agora pede  
 Que prosiga na historia do Cativo.  
 Aproxima-se Jorge; a Ama sorriu-se  
 Satisfeita por vér que estão attentos.  
 Quem como ella respeita as velhas lendas?  
 Ou quem guarda com mais sagrado esmero  
 O thesouro das tradições antigas?  
 Fresca era a brisa, immensurado o esteiro  
 Que o galeão transpõe; e emquanto aos gritos  
 Do piloto obedece a marinhagem,  
 Segue o seu conto a boa cuvilheira.

## IX

Attento ouvira o Commandante. Dulce  
 Suspensa, como um seraphim da altura,  
 Era mais bella n'esse instante; Jorge  
 Jurou comsigo para sempre amal-a.

Quer fallar-lhe de amor; mas como? O padre  
Estuda-lhe os mais leves movimentos.

— Dulce, agora me lembra de um romance  
Que aprendi em criança.

•Háde ser lindo!

— Quer ouvil-o? Meus Deos, tenho saudades  
De um tempo que não torna! edade de ouro.—

Sorriu-se Dulce, e abriu mesmo a seu lado  
Logar para assentar-se.

— Se me lembro,  
E parte d'essa historia do Cativo  
Contada por quem já o amor prendera.  
•Ouçâmos o romance entretenido.

## x

Mal acabara a narração, as lagrimas  
Já dos olhos de Dulce se desprendem:  
São lagrimas de uns olhos de criança,  
Mas confissão de amor não ha mais breve.

— Tel-a eu feito chorar... que pena, Dulce!  
O que eu sinto por si, dava-me força  
De o calar para sempre, se eu soubera  
Que lhe trazia magoa.

•Não importa;  
Como gosto de ouvil-o! agora conte  
Historias sem pesar, contos alegres.  
— Eu, soldado, a discretem com damas?  
•Mas na corte... lá nos serôcs vistosos...  
— Inspiram-nos por lá beijos furtivos...  
(Disse Jorge em segredo.) •Os beijos mentem,  
Senão dera-lh'os d'alma e com vontade.

Estas palavras quasi imperceptíveis  
 Inebriaram Jorge; o cavalleiro  
 Nunca encontrara distincão tamanha.  
 Quiz disfarçar a commoção profunda,  
 Quasi alheio começa uma ballada,  
 Da sua infancia uma memoria linda.

Não pôde agora Dulce ter o riso,  
 Vendo um retrato da paixão occulta  
 Que rebentara entre ambos. Indiscreta,  
 Com a graça invencível dos quinze annos,  
 No feliz abandono da innocencia,  
 Celou a face aos labios do guerreiro.

## XI

Sustere-a por momentos entre os braços,  
 Beijou-a descuidado d'este mundo;  
 Mas subito acordou do sonho aério!  
 Parecia impossivel a loucura;  
 Cobre a fronte a vermelhidão do pejo,  
 Pede perdão a Dulce em tom confuso.

## XII

Vira tudo o negrento jesuita!  
 O vivo amor a maldição lhe exalta;  
 Jurou cobrir de lucto aquellas almas.  
 Jorge Coelho de Albuquerque, altivo,  
 O mais bizarro cavalheiro, logo  
 Se acercou de Mem Vasques:

— A vós peço  
 A mão da bella, encantadora Dulce.—

Benção celestial choveu sobre ambos.

## XIII

Na orla do horizonte o sol se afunda,  
 Rispido o vento sopra do nordeste,  
 Pallidas sombras vão-se amontado,  
 Formando a negridão da noite feia.  
 Sobre o convés a marinhagem crente  
 Se perfila, e á hora do sol posto  
 Resam a *Salve* em commovente côro;  
 Era energico o som d'aquellas vozes  
 Rudes, cansadas, cheias de verdade:

## A SALVE DOS MAREANTES

«Em nome do Padre e Filho,  
 Do Espírito Santo, amen!  
 Digam a salve Rainha,  
 Em boa intenção de quem  
 Seu fado máo faz andar  
 Por sobre as aguas do mar.

Salve! Rainha dos Anjos,  
 Senhora e mãe dos afflictos,  
 No meio da tempestade  
 Ouvis os cansados gritos  
 Dos que andam sem descansar  
 Por sobre as aguas do mar.

Sois a doçura da vida,  
 O porto de salvamento;  
 O vosso manto azulado  
 Se estende no firmamento,  
 Formosa estrella polar,  
 Por sobre as aguas do mar.»

Reverbero final do sol da tarde  
 Reflectiu-se na vela branca, ao longe,  
 De um Bergantim perdido na distancia.  
 Os olhos todos para ali se fitam;  
 Outras velas, mais velas descortinam.  
 Que será? Desconfia o velho mestre,  
 O capitão sbrri; juntos segredam...  
 Cheio de raiva brada o Commandante:

—Vem piratas franceses sobre o esteiro  
 Da lusa não! Podíamos fugir-lhes  
 Protegidos na escuridão da noite;  
 Que faremos?

«À capa, e o combate!»  
 Gritaram todos em tropel medonho.

A prestam-se os canhões e os machados,  
 Alegre canta a marinhagem brava;  
 Ia a não *Frol do Mar* singrando airosa,  
 Como garça real ante a rajada.  
 Lá sobre a madrugada, mal desponta  
 O primeiro dilúculo, se avista  
 Um Bergantim frances, veleiro, ao perto;  
 Fallaram, mas não foram entendidos,  
 E aos acenos responde-lhes metralha.

Celerrimo o corsario se aproxima,  
 E enquanto orça a bombordo, descarrega  
 Trinta canhões por banda. Sacudida  
 A *Frol do Mar* se afasta, como a fera  
 Que se aparelha ao salto. À Náo francesa  
 Vem de encontro, para metel-a a pique.

Contra o 'sporio o cavernâme geme,  
 Um rombo enorme lhe abre. Ouviu-se grita  
 De infernal, sanguinario desespero.  
 Redobra o fogo; o mastro de mezena  
 Faz-se em estilhas, vão com elle as Quinas.  
 De valor os prodigios não tem conta!  
 Ao mastaréo real subiu à pressa  
 Um gageiro a hastear nossa bandeira,  
 Sobre elle os tiros servem, não tem medo;  
 Firme sustenta no alto o standarte  
 Enquanto se prolonga a astroz peleja.

—Portuguezes! (bradára o Commandante)  
 Sois dignos d'este nome!

Isto dissera,  
 Quando um fumo caliginoso e espesso  
 Começá a erguer-se do corsario. Ardia!  
 Lavra o incendio horribil. Albuquerque  
 Teme o paio do Bergantim, e manda  
 Para a não Frol do Mar vir os vencidos.  
 Faz-se ao largo, e não era bem distante  
 Que ouviram ecco de explosão tremenda.

E a Não seguiu na mesma singradura,  
 Vencidos leva os asperos sicambros.

## xv

De todo se perdera no horisonte  
 O fumo do combate; o tombadilho  
 Tinto de sangue e cheio de pelouros  
 Do denodado feito lembra a gloria.  
 Foi golpe decisivo, mas gigante,  
 Fez pender o combate inopinado.

Agua aberta levava a Nao; debalde  
Se procura vedar.

Eis, de repente  
Se avista á prôa um galeão de Hollanda.  
Vem sobre a Nao; mas Jorge de Albuquerque  
Manda içar o estandarte lusitano!  
Por salva, atira toda a artilheria.  
Responde-lhe de lá nova descarga;  
Um combate mortal se trava; varre  
A metralha o convés dos dois navios.

O Commandante intrepido descobre  
Que uma bala despedaçara o leme;  
Nao obedece ao mando a Nao possante.  
Elle vê a catastrophe imminente,  
Teme a traição dos prisioneiros franceses.  
Denodado recurso de vencido!  
Grita aos scus:

— Abordagem! abordagem! —  
Ganchos de ferro atracam a galera  
Do pirata hollandez; unem-se, embatem-se  
Como na arena dois gladiadores.  
Os machados pezados se despenham,  
Em vez dos bacamartes luzem facas,  
Nao se ouvem gritos, só pancadas surdas!

O Commandante portuguez conhece  
A traição dos franceses prisioneiros;  
Brada aos scus, mas a embriaguez do sangue  
Não deixa ouvir.

## xvi

Na confusão sedenta,  
Alvaro de Lucena, o jesuita  
Andava, erguido ao alto um Crucifixo!  
Dulce a seus pés cairá desmaiada;

Um sicario francez ia a raptal-a,  
 Quando Jorge de um golpe o lança em terra.  
 Volta a si a menina. O padre falla:

\*Oh salva-nos do angustioso transe,  
 O Senhor hade ouvir a tua prece!  
 De teu pae pela vida ; pela sorte  
 De nós todos, um voto da tua alma !  
 Dedica a Deos a tua virgindade,  
 E n'um instante nos veremos livres.\*

Deu-lhe a Cruz a beijar. Dulce profere  
 Voto inconsiderado. Pouco a pouco  
 A galera hollandeza que se afunda ;  
 Houve um grito de regosijo immenso  
 E alarido de concentrada raiva.  
 Triumphavam mais outra vez as Quinas !  
 Como se afunda a mó do Apocalypse  
 O pégo sorve esse veloz corsario.

## XVII

Ao outro dia, eis que avistaram terra,  
 Terras de Santa Cruz. Poucos morreram  
 No combate sangrento ; aquella vista  
 Alegra, alenta os lassos marcantes !  
 E ao raiar da vistosa madrugada,  
 Na bahia de Pernambuco entraram ;  
 Salva de artilheria os annuncia.  
 Desembarcam ! Alguem na praia espera,  
 Na capella da Virgem, sobranceira  
 Ao mar, o padre Anchieta estava. Acenam...

O Bravo de Uiraçába fica absorto  
 Ante Dulce, a visão encantadora !  
 Beijam a terra os nautas ao tocal-a,  
 Juntos vão para a ermida render graças.

Ficou fóra o selvagem. Mudo escuta  
Psalmo choroso que resõa dentro,  
Alfim quebra o torpor em que jazia :

•É esta a voz suave,  
A voz que me adormece !  
Nenhum cantico de ave  
A sua voz parece.

Trouxe-a a brisa dos mares  
Da Mayri lá dos brancos ;  
Häode os nossos palmares  
Para ella ser fracos.

Não se me dá que a morte  
Acompanhe seus passos ;  
Sob os seus pés, que importe,  
Meu corpo ande aos pedaços.»

## CANTO III

## Descolorida

1

Jaz sombranceira ao mar a Fortaleza  
De Pernambuco : altiva sentinella  
Da portugueza, hoje apagada gloria.  
D'ali se alcança em baixo a capellinha  
Onde Dulce resara a augusta prece :  
Não tinha ainda derramado os olhos  
Pela magica e estranha perspectiva,  
Quando um secco ruido e vozeria  
Veiu acordal-a do agitado sonno.

Era o guerreiro de Uiraçiba, o chefe  
 Da tribo mais audaz, mais destemida,  
 Que vem dar preito ao pendão das Quinas;  
 O côro dos Moranduçáras segue-o  
 Executando os rápidos meneios  
 Que elle n'um gesto imperioso manda:

«Tocae a marica  
 Valentes do bosque!  
 A serpe das dansas  
 Sedenta se enrosque.»

Que infernal confusão, que tropelias!  
 O Bravo mede os passos com a vista:

«Os lobos famintos  
 Saíram da toca!  
 Retrôe a marica  
 Na rija itáoca.»

E cada vez com mais fragor as dansas  
 Se alargavam na vasta Fortaleza,  
 Como a ronda da noite de Walpurgis;  
 E prosseguiram, se não fôra a vinda  
 De Duarte Coelho; elle é temido  
 Como governador, homem antigo!  
 Vem Jorge, seu irmão, Dulce, Mem Vasques  
 A vêrem estes usos, estas gentes.

## II

Diz Duarte Coelho aos seus:

— É esta  
 A tribo mais indemita das brenhas!  
 De paz com ella tem as santas Quinas

Um perpetuo concerto. Mas eu tremo...  
 (Volveu a medo e como a olhar em roda)  
 Eu tremo quando vejo um jesuita  
 Andar pelo sertão; que o padre instiga  
 De continuo o selvagem á revolta !

Depois volveu ao Bravo taes palavras:

—Bem vindo é o guerreiro a quem adorna  
 A mais brilhante e singular plumagem !  
 É feliz a alegria que me inspira  
 Homenagem sincera.

## III

N'isto, o Bravo  
 Se lança em terra; ali depõe as armas:

«Meu arco, aljava e settas  
 Deixo tudo a teus pés!  
 Minha firme alliance  
 É franca, bem o vés.»

Eis que o Governador lhe entrega as armas,  
 Retribuindo o abraço com que sella  
 A paz jurada. Salva a artilheria !  
 E ao ribombo estridente se revolve  
 Na mente do selvagem negra ideia :

«Se a tribu hoje soubesse  
 Que o chefe mais altivo  
 A atraiçou, fazendo-sc  
 Aqui mesmo cativo ?

O amor, o amor só pôde  
 Tornar minha alma escrava !  
 Que outro poder vencera  
 O Bravo de Uiraçaba ?»

Ergue os olhos do chão e observa ao perto  
 A visão que de longe se entreabriu ;  
 Vê Dulce, o devaneio vaporoso,  
 A voz que chama sem saber de d'onde !  
 Voltou-se para ella, a medo, simples  
 Na sublime rudeza, na candura  
 Da impolluta verdade da sua alma :

\*Virgem anunciada  
 Nos sonhos de Jurema !  
 É o rir de tua bocca  
 Alegria suprema.

Como são loiras  
 As tuas tranças !  
 Assim nas matas,  
 Por entre as francesas  
 Branca Jacy  
 Teus raios lanças.

Mãos delicadas  
 Feitas de neve !  
 Beija-as o lirio  
 A furto e leve..»

Ia para beijar a mão tremente  
 O nô do coração ; Dulce recua !  
 Mas Jorge de Albuquerque o arremete,  
 Quasi para deitar-lhe a mão... .

— Suspende !

Brada o Governaador — não vês que ateias,  
 Assim, cruenta e escusada guerra ?

## IV

Tinham chegado os padres jesuitas,  
Alvaro de Lucena e o bom Anchieta;  
Perceberam de arteiros o conflito.  
Tudo ajuda os seus planos:

\*Vê, repára  
Na paixão que inspirara Dulce ao Bravo!  
Oh! como elle se exalta a cada instante.»

Nem Lucena sabia este segredo.  
Alfim devolve ao mestre:

— «Ella não sabe  
Quanto amor o selvagem sente ao vel-a:  
É bom! é bom que o amor se fortifique.  
\*Dulce trará para o redil de Christo  
Este indígena bruto! É santo o preço  
Com que paga esse amor, pois n'estas plagas  
Faz diffundir a luz do Evangelho.

— «São de Apostolo, mestre, as vossas fallas;  
Mas Dulce falla e ri tão distrahida  
Com Jorge de Albuquerque!» —

\*Occulto plano  
Trago na mente; em breve é d'aqui longe  
O galhardo mancebo! É risão velho,  
O amor nasce da vista. Oh não te esqueças  
Que trazemos uma alma ao christianismo.  
— «Mas como afastaremos Jorge e Dulce?  
\*Chiton!» devolve Anchieta; e vagoroso  
Do Bravo de Uiraçába se aproxima,  
Fallaram em segredo, longamente:

«Oh bravo de Uiraçába,  
Dize-me tu, se ainda  
A tua horda soberba  
Não atacou Olinda?»

Como a onça da brenha, refalsada,  
Logo o selvagem percebendo o padre,  
Respondera na lingua não sabida :

— Dei ordem ao assalto  
Hoje ao alvôr primeiro !  
Um traidor-pyigoar  
Será o mensageiro. —

«Pódes estar seguro da promessa !  
Hade a Virgem dos sonhos de Jurema  
Pender entre teus braços. (Diz Anchieta :)  
Abraçando-a, abraça a fé de Christo.  
O puro amor de Dulce ao céo eleva !»

Um frenesim de jubilo se apossa  
Do selvagem ridente; manda á tribo  
Recomeçar as dansas estrondosas :

«Tocae a marica  
Valentes do bosque !  
Á serpe das dansas  
Que se desenrosque.»

Ficou deserta a Fortalcea. As hordas  
Vão-se embora e com elas vão os padres,  
Os solitários do sertão. Receia  
O bom Governador da santidade;  
Quem ousará tugir? Não acabava,  
Quando ali surge, como por encanto,  
Desgarrado tapuya, anunciando  
Novas ruínas, e novas de alvoroto :

«Senhor! novas trago :  
Um fero cabinda  
Cerrou na alvorada  
O forte de Olinda.»

Já Duarte Coelho não se espanta  
 Ouvindo a aterradora novidade ;  
 Por instantes deteve-se calado !  
 Percebeu d'ende vinha esse desastre .  
 Que importa ? Se a coragem lhe dá força !  
 Não longe estava Jorge, esbelto, airoso,  
 Todo fervor e crença e patriotismo !  
 Garbo e donaire confiança inspiram.

## v

\*Jorge ! (lhe diz o irmão) como és criança !  
 Contas vinte dois annos : ninguem sabe  
 Assim do mar como da terra os lances,  
 Como tu meu irmão ! Eu sou herdeiro  
 D'esta Capitania ; a cada instante  
 Me sinto accomettido do gentio.  
 Para o reino pedi auxilio : eu disse  
 Que um só braço podia n'estas plagas  
 Fazer de portuguez temido o nome :  
 Era o teu. E bem hajam a Rainha  
 E seu neto, que à empreza te chamaram !  
 Estas Quinas imploram teu socorro,  
 Acode prompto ao traiçoeiro cércio ;  
 Alto serviço n'isso a Deus tu prestas,  
 À patria, a ti. Provar podes agora  
 Alma de portuguez ! Salva-me Olinda.  
 — Pela Fé, pela Patria rompi mares,  
 Afrontei do hollandez a catadura,  
 Fomes, tormentas, mas eu quero, eu quero  
 Morrer por elles no palmar longíquo ! —

Assim dissera Jorge inabalavel ;  
 Dulce, não longe, ouvira e entristecera,  
 Baixou o rosto como um lirio pende

Quando se esvae ultima luz da tarde !  
 Dulce, ainda na aurora da existencia  
 Võ cerrarem-se á vida os horisontes,  
 Rosa descolorida !

## VI

A soldadesca  
 Prestes desce á bahia ; vae na frente  
 Por Commandante Jorge d'Albuquerque.  
 O dia declinava, aziago, triste ;  
 A virgem sóbe anciada ao promontorio,  
 E contempla no vacuo que lhe fica.  
 Que diriam no perturbado aceno :

\*Luz e calor  
 Da minha vida :  
 A voz me falta  
 Na despedida.

— É para ti  
 Alma d'esta alma,  
 Do meu triumpho  
 A verde palma.

\*Não te entristeça  
 Cruel distancia,  
 Tu bem conheces  
 Minha constancia.

— Se nos separa  
 A morte dura,  
 Como eu te amira  
 Na sepultura !

## VII

Esfuma-se no vago a barca bella,  
E n'essa hora tranquilla inda se escuta  
Com a ressaca a voz dos mareantes.

Emquanto Dulce alonga ao mar os olhos  
Rasos de agua da amarga despedida,  
Sente ao perto um rumor. Repara: o medo  
A voz abafa, e tira o movimento!  
Era o selvagem que a adorava em terra.  
O intrepido guerreiro das florestas  
Se aproxima com susto, e brando falla,  
Toma-lhe uma das mãos, nevada, fria:

«Ouvindo a tua voz,  
Senhora, não resisto!  
Venho pedir-te a sós  
Me ensina a fé do Christo.

.....  
Caem-lhe soltas no ombro  
As tranças do cabello;  
Brisas, a este assombro  
Prendei-me em infindo élo.

Assim linda, parece  
Flascida sensitiva,  
Quando ao sol que amanhece  
Se torna rediviva.

Ai quem me dera agora  
Ter a voz do carinho,  
A voz que tem, senhora,  
O colibri do ninho.»

## VIII

Eis que os dois padres jesuitas surdem.

«Venerandos pagés! oh não perturbem  
O sonno d'esta virgem de Juréma!»  
Bradara o Bravo extactico de goso.  
Dulce acordára de um lethal delíquio:

= Que voz magica é esta que fascina,  
E me confrange e quebra? ==

Volve Anchieta:

— «Olha a teus pés a humilde criatura,  
Bruta, como a produz a natureza,  
Cega, como quem anda sem ter crença!  
Infunde a luz n'aquellea mente obtusa.  
Oh baixa ao limbo da sua alma ignava,  
E falla-lhe de amor, do céo, de Christo!»

*Bravo:*      Eu accepto o baptismo,  
                  Se Dulce amor me jura!

*Anchieta:*    Abre-lhe o paraíso.

*Dulce:*        Abrem-me a sepultura.

## CANTO IV

## Noite escura da alma

1

Depois que Jorge fôra para a guerra,  
Não mais uma hora teve de descanso  
A lastimosa Dulce. Feral sombra  
Lhe empana o rosto affável, delicado.

O noivo anda perdido ha tanto tempo  
 Pelo sertão espesso, combatendo  
 O pérfido gentio. Jorge ignora  
 Do baptismo no selvagem, que detesta,  
 Dado por mãos de Dulce. Deus! mal haja  
 Quem faz a burla á sombra da innocencia.

## II

Ouve-se um côro marcial distante,  
 Ruido de atambores, vivas, hymnos  
 De triunphante marcha ; já se avistam  
 Hasteados pendões a tremularem.  
 À frente lá vem Jorge de Albuquerque,  
 Cavalleiro gentil, enamorado ;  
 Poucos dos seus regressam ; vem ufano  
 Com a gloria nas armas alcançada.  
 Sae ao encontro ali Duarte Coelho,  
 Abraçam-se os irmãos :

— Irmão, é salva

Tua Capitanía ! —

E entrega a espada.

Os que em redor estavam choram, vendo  
 A honradez de tão galhardo moço.  
 Com effusão de jubilo o abraçam,  
 Só Dulce fica immovel, indecisa  
 Como quem se recolhe a sós consigo.  
 Jorge, franco e leal, moço e alegre,  
 Aproxima-se, e vem sem extranhesa,  
 Diz, lançando-lhe os braços, à sorrir-se :

— Não penses que a victoria,  
 Dulce, é tua rival !  
 Fiz respeitar a gloria  
 Do velho Portugal.

Eu fui e vi Olinda,  
Como Cesar, venci!  
E no combate ainda  
Nem lá eu te esqueci.—

Dulce com voz entrecortada, a medo  
Vagamente articula e balbucia :

«Que saudade cruenta  
O coração me rala!  
Parece que me alenta  
O ouvir a tua falla.\*

Ia atirar-se aos braços do amante,  
Quando ao pé, de repente, surge Anchieta  
E vem padre Lucena, apostrophando :

•Detém, Jorge, a profanação medonha!  
Oh não toques na virgem consagrada;  
Ella fez voto ao céo do seu futuro.»

— «Vês este Crucifixo ao alto erguido?  
Este mesmo eu ergui inda mais alto,  
Lá quando o mar bramia e retumbava  
Com a metralha do hollandez pirata.  
Dulce jurou sobre este Crucifixo,  
Pela vida de um pae que amava tanto,  
E pela salvação dos que se viam  
No mais horrendo transe da abordagem;  
Jurou ser pura ao céo; lembra-te d'isto!»—

Aterrado recua Jorge; Dulce  
Sentiu entrar-lhe a morte dentro d'alma,  
E o gelo do sepulchro ir extinguindo  
As aféções que o coração sentia.

## III

A este tempo o sino das trindades  
 Soou na torre da formosa ermida,  
 O som pelas quebradas se repete.  
 A guarnição da lusa Fortaleza  
 Com respeitosa crença se perfila,  
 Inspira crença a resa do soldado.  
 Com respeito e fervor íntimo então  
 A mimosa oração que os anjos cantam :

## AVE MARIA

Já na ermida as trindades  
 Bateu solitario o sino ;  
 É quando nascem saudades  
 Do tempo em que era menino.

«Ave ! açucena illeza,  
 Maria, mãe de Jesus !  
 És o escudo da pureza,  
 És do mundo aurora e luz.

Maria, nome de encanto,  
 Graça ! eleita do Senhor ;  
 Com teu azulado manto  
 Amparas o peccador.

Ave ! Rainha das virgens,  
 Flor dos valles de Judá ;  
 Seio de castas vertigens  
 Dos incensos de Sabá.

Oh, bendita entre as mulheres,  
 Firme tronco de Jessé,  
 Do teu seio ao desprenderes  
 O fructo de nossa fé.»

Na ermida de além da serra  
O sino bateu trindades;  
É quando os anjos na terra  
Choram do céo com saudades.

## IV

Terminada a oração, Jorge procura,  
A contristada amante; quer fallar-lhe,  
Afastar o terror que a vence e prostra;  
Não dá com ella, chama... em vão a busca!  
Todos ficam solícitos, não sabem  
Por onde vaga a entristecida virgem.

Um presagio de morte aziago nasce,  
À luz de fachos pelas aguas remam  
Em busca do seu corpo!

## V

Ao outro dia,  
Pelas florestas dentro vão errando,  
Mem Vasques, Jorge, e os padres jesuitas  
Que sabem as veredas das balseiras.

Dulce andava alheiada, espavorida;  
Os vestidos rasgados pelas sarças,  
Os pés ensanguentados, sem dar tino:  
Ia fallando a sós, como em segredo,  
Linguagem desconexa, entrecortada:

•Enlutaram-me a vida  
Sem remedio!

Tornaram-m'a soturna, aborrecida,  
Com o tedio.  
Converteram meu sonho  
Em chimera!

Sinto que me envergoanho  
 Do que era.  
 E eu era uma criança  
 Desnudada !  
 Hoje é minha esperança  
 Sombra, nada.  
 Ando por esta brenha  
 Confundida !  
 Não sei se vá, nem venha  
 Mais perdida.  
 Perdida alva açucena  
 Entre abrolhos ;  
 Perdida a luz serena  
 Dos meus olhos.  
 São lagrimas rosario  
 Na clausura !  
 Tu, vêo, és um sudario  
 Da sepultura.  
 Voto feito com medo  
 Na tempestade ...  
 Matarem-me tão cedo,  
 N'esta edade !\*

## VI

De Dulce o canto dirigira o passo  
 Ao namorado e ao pae que a procuram.  
 Era á beira de um caudaloso rio,  
 Cercado de salgueiros pelas margens ;  
 Brando arruido acompanhava o canto ...  
 Vão apoz a donzella. Os Jesuitas  
 Por um atalho cortam, vão safr-lhe  
 Num ápice ao encontro. Aquella vista  
 Inesperada assusta a fugitiva !  
 Vê no burrel a negridão do inferno,

Leve se furtá, quasi ás mãos a tomam,  
 Arqueja de fadiga, chega á margem  
 Na corrente febril se precipita !  
 Quando Jorge chegou, só pôde vel-a  
 Á flor de agua levada, como a rosa  
 De uma verde grinalda desprendida:  
 Quer lançar-se á torrente ! padre Anchieta  
 O segura por feitos e palavras,  
 Ante os olhos lhe poz um Crucifixo.  
 Jorge falla com ironia acerba :

## A UM CRUCIFIXO

— Pregado em uma cruz de ébano expira !  
 O alvor do corpo de marfim deslumbrá  
 A vista que divaga na penumbra.  
 Dentro da cella donde a alma lá suspira.

Cada pisada chaga é de saphira ;  
 Reluz na sombra que o altar obumbrá !  
 São aljofres as lagrimas... Resumbrá  
 Em tudo a dôr que em extasis delira.

Doce Jesus ! sem conhecer a vida,  
 E sem saber porquê, na flôr da edade,  
 Chora a teus pés a infancia amortecida :

Vêr perder-se a alegria, a mocidade,  
 Ou vêr-te exangue n'essa cruz erguida,  
 Qual fará, bom Jesus, mais piedade ? —

## VII

Assim fallara, quando repentino  
 Sentiu-se ao perto o baque de agil corpo  
 Na corrente das aguas. Olham todos  
 Para verem se algum jaguar surgira !  
 Viram nadando o Bravo de Uiraçába ;  
 N'um momento elle alcança a flor caída,  
 Traí-a á margem. Mas Dulce estava morta.

Jorge abraça o selvagem. Sem fadiga  
 Sustem o Bravo o corpo inda nos braços,  
 Os padres o rodeiam ; elle falla :

« Em vida ella era vossa,  
 Esta flor delicada !  
 Nas vossas mãos ferinas  
 Murchou-se, abandonada.

É bem que hoje na morte  
 A abrace um instante ;  
 Adormecida é bella,  
 Não sou eu seu amante ?

Oh colibri saudoso,  
 Cantas a boa nova,  
 Que manda o que repousa  
 Para sempre na cova.

A tarde vem descendo,  
 O meu dia é findado ;  
 Venha o gélido somno  
 Tendo Dulce a meu lado. »

E com furor o corpo aos hombros lança!  
Perto estava um outeiro; presto sóbe,  
Seguem-no os outros pávidos co' a vista...

Ei-lo que chega ao cume, e lá do alto  
Do boré tira um penetrante silvo.  
Os eccos interrompem o silencio  
Da mais vetusta e secular floresta;  
Outro silvo agudíssimo repete,  
O signal de perigo, ao qual se ajunta  
Ardida tribu cannibal, sangrenta.

De improviso, de cada canto saem  
Vultos sem fim de alipedes guerreiros:  
A falda da montanha se enegrece!  
Alfim retrôa o derradeiro toque...  
Ao rumor a mudez funerea segue,  
E os maioraes da tribu perguntaram:

— Guerreiro! tu chamas,  
O que é que decretas?

•Entrego o meu arco,  
Ai estão minhas setas.

Trahi minha tribu,  
Não devo ser rei!  
Da selva as veredas  
Ao branco ensinai...

As crenças antigas  
Que ouvi de Sumé,  
Troquei-as por outras,  
De Christo é a fé.»

Isto disse o Bravo arremessando  
O carcaz para a multidão suspensa ;  
Elle immovel, de pé o peito amostra,  
Chuveiro de yatagans o atravessa !  
Ouviu-se pela immensidão das matas  
Côro horrendo, soturno, pavoroso :

— A seta que parte  
E as feras amansa,  
Do indio trahido  
Proclama a vingança.

PARTE III  
CYCLO DA LIBERDADE

MOVIMENTO ESTHÉTICO, SCIENTIFICO E PHILOSOPHICO,  
CONCORRENDO PARA  
O PROGRESSO MORAL, ECONOMICO E POLITICO

ELENCO PHILOSOPHICO  
DO  
CYCLO DA LIBERDADE

A emancipação das fatalidades cosmológicas e sociais só é alcançada depois de um longo percurso histórico em que se acumulam todas as experiências do passado; esse conhecimento, conduzindo à descoberta da invariabilidade das Leis naturais e do condicionalismo psychológico, permite em certo número de previsões e de aplicações imediatas, tornando assim objecto de ciência, isto é, de observação e de dedução, a maior parte dos fenômenos, que anteriormente eram explicados em vez de notados. A tendência para a submissão ao incognoscível diminui com o desenvolvimento do critério experimental, e as Religiões ou syntheses provisórias formadas sobre o conjunto synthético de Causas fictícias, decadem nos espíritos, que procuram as relações das coisas pelo processo científico. Tal é o alto estado de consciência, em que o indivíduo se sente tanto mais livre, quanto se abstém de lutar ou procurar intervir na marcha das leis naturais.

No advento a este estado mental e moral, há uma provisória decomposição das velhas concepções tradicionais, das crenças herdadas, das formas sociais transmitidas pelo automatismo do costume; e há uma phase de recomposição em que com os dados inductivos da ciência o homem procura formar uma nova synthese do universo ou propriamente uma Philosophia. O negativismo representado historicamente na época das heresias religiosas e das revoluções políticas, que vem desde o século XIX, atinge a sua crise mais intensa sob a actividade especulativa dos Encyclopedistas. A aspiração reconstrutiva revelada por Diderot, compreendida pela Convenção francesa, toma-se o principal destino do nosso século, em que o critismo negativista é um facto isolado diante da grande corrente reconstrutiva.

... Na phase dominante da negação crítica, aparece por momentos o individualismo anarchico; porém, esses tipos mais preponderantes, como Danton, presentiam a necessidade de uma subordinação a um fim comum — a elevação da Humanidade.

### A Philosophia

Ode em que se esboça a nova synthese do universo pelo acordo ou unidade entre as noções subjectivas formadas pela nossa vibração sensorial, e os dados objectivos recebidos do mundo exterior. Por este acordo é que se atinge a realidade pelo maior numero de relações induzidas, que nos aproximam da verdade. Os trabalhos de Berkeley e de Hume, cada um sob o seu aspecto exclusivo preparam a conciliação crítica de Kant, e sucessivamente as syntheses tentadas sobre a forma do acesso d'estes dois elementos imperscindíveis do conhecimento por Fichte e Schelling; no meio da dispersão metaphysica, Augusto Comte, subordinando-se ao destino humano, descobre a mutua dependência da unidade mental, da unidade affectiva e da unidade activa, constitutivas da Synthese suprema que levarão o homem ao estado normal, a que há tanto aspira.

# A PHILOSOPHIA

(Pezu)

## I

### A Barca de Pedro

Em quanto se ignorou da Terra o movimento,  
E o homem não sabia achar no firmamento  
    Pelo espaço o seu marco,  
Então, bastava Pedro arvorado em piloto,  
O rudo pescador ! mas hoje, podre e roto  
    Jaz sobre a praia o barco.

No horizonte de além visando a tempestade,  
Quando outr'ora levava a pobre Humanidade  
    Na curta cabotagem,  
Era sempre o seu porto a fria sepultura ;  
Singrando a medo fez mais triste a criatura  
    Na incerta viagem.

O homem subordinou da Natureza a força !  
 No couraçado, como altiva e enorme corça,  
     O mar todo percorre !  
 Foge ante a tempestade, e liga os continentes,  
 Gingem então o orbe electricas correntes,  
     Da Razão se socorre.

A Scienza alargou os términos do mundo ;  
 O germen cellular da vida achou profundo  
     No longo encadecimento ;  
 Ensinou a transpôr de um vôo as alturas,  
 E dos Dogmas descreve as velhas estructuras  
     Como um detrito lento.

Quem hoje ha que obedeça á voz de um Patriarcha ?  
 E tempo de varar de Pedro a fragil barca  
     Quebrada no areal !  
 Quem pôde achar firmeza ali n'aquelle esquife,  
 Se a Terra é o baixel que nos leva ao recife  
     Do Oceano sideral !

## II

## A miragem

Por calmas e por sêdes devorado  
 Na desvairada caravana, exhausto,  
 Aquelle que atravessa por desertos,  
 Se ao longe avista de encantado Oásis  
 Fugaz, consoladora perspectiva,  
 E o vulto aério de palmeiras verdes  
 A balouçar-se em suspirada brisa,  
 Supplantando a fadiga pela esperança  
 Cobra alento um instante, e febril marcha !

Mas, ai! ao cabo de tediosas horas,  
 Quando a amplidão infunde o esgotamento,  
 Furta-se à vista o Oásis desejado.  
 Como o vapor que a imagem reflectira,  
 A rapida illusão evapora-se, e o triste  
 Câo no areal, que exânimse o sepulta.

Assim caminha errante a Humanidade;  
 Na ingente caravana da existencia,  
 Sem saber para onde, vai levada  
 Na corrente vital por entre dores,  
 Miserias, decepções, luctas e morte;  
 Tenta em vão descobrir d'oncde partira,  
 Quer desvendar um horizonte infinito,  
 Busca em balde alcançar o seu destino!  
 Nessa hora, então, na mente hallucinada  
 Ostentam-se as miragens deslumbrantes  
 Das visões subjectivas que a enganam,  
 Nuvem pulverulenta, com que a cegam  
 Sepultando-a na funda obscuridade!

Eis a miragem do Eden d'oncde vimos,  
 Esta a visão da Terra promettida,  
 Do Deus pessoal, e de uma vida eterna,  
 Das recompensas do sonhado Empyreo,  
 Dos beijos das Valkyries, e dos gosos  
 Do Céo, do Svarga e do sensual Walhalla.  
 Religião! conjunto de miragens  
 Das indistintas emoções do homem,  
 Que lhe incitaram seus primeiros passos;  
 Ao renovar-nos a fictícia esperança,  
 Calas a decepção pelos embustes.  
 Nunca, nunca dos séculos na série  
 Se achou confirmação para tacs sonhos!

Os alentos que infundes, quebrantaram  
 As másculas, as fortes energias,  
 Pela embriaguez extáctica, passiva,  
 De uma contemplação estéril, vaga,  
 Em que a mente se absorve e se consome  
 Como a lampada que arde n'um sepulchro.

O deserto é sem fim ! Anciosa, incerta  
 Prosegue a Humanidade na romagem,  
 Como Ahasvero ou Kheder, para diante,  
 Colhendo as agonias das edades :  
 A miragem dos Dogmas é mentira,  
 E aquelles que mais creram, succumbindo  
 Deixaram-nos a duvida, por onde  
 Nós transitamos de criança a homem !  
 A reflexão servira-nos de norte ;  
 E em vez de irmos por mares e desertos  
 Confiados na miragem seductora  
 Da Columna de fogo ante o propheta,  
 Desprezâmos das Causas o perstígio.  
 Conduziu-nos a duvida á conquista  
 Das Leis, as Leis que a Natureza regem !  
 Cede á Rasão a Crença, ao real o sonho,  
 A illusão da mente ao objectivo.

E como o que transpondo oceano immenso  
 Por entre as cerrações e as borrascas,  
 Por vendavaes, entre medonhas syrtes,  
 Segue observando a bussola seguro :  
 E assim a Rasão — norte immutavel,  
 Viva estrella polar, que ao homem fixa  
 No turbilhão do Cosmos o esteiro  
 Por onde atinge a comprehensão das causas.

## III

Como o que está n'um Dédalo, perdido,  
 Acha o fio conductor e se liberta,  
 Tal a Rasão, ao homem desvendando  
 Relações complexíssimas dos mundos !  
 Liberta-o dos enigmas insolúveis  
 Do *Porque?* e do *Para que?* a Sphinge  
 Que devorou das gerações o esforço,  
 Precipitando-as, implacável, muda,  
 Nos abyssmos de hieratica apathia.  
 A Rasão, comprehendendo o universo,  
 Deduziu da infinita variedade  
 A unidade de uma lei bem simples :  
 A persistencia eterna da Materia !

Como a Materia, é eterno o Movimento,  
 Identico, nas órbitas dos astros,  
 Nas vibrações imperceptíveis do átomo,  
 Na transmissão da cellula inconsciente,  
 Na irradiação esplendida da Ideia !  
 Lançando o olhar pelo universo infindo,  
 O vôo da Rasão, audaz, potente,  
 Atravessando as sombras, os absurdos,  
 Vasa que deixam as edades mortas,  
 Observa o jogo e evolução das forças  
 Da elaboração cósmica infinita :

**O Firmamento**

Por esse Espaço aberto o olhar se espalha ;  
 Pocira de astros, sóis, constelações,  
 Como estilhaços de feroz metralha,  
 Se alastram nos confusos turbilhões !

O Universo é o campo da batalha:  
 Os planetas extintos e já frios,  
 Anneis quebrados, páramos vazios  
 São destroços dos fervidos baldões.

O aspecto deslumbrante, aéreo, lindo,  
 Da lucida coroa zodiacal,  
 D'esse combate violento, infindo  
 Occulta o ésto n'uma curva ideal  
     Sereno reluzindo !  
 A lucta dura ha séculos sem conta,  
 E em suas formas a Materia aponta  
 Vestígios do conflito primordial :

Como se abarcam dois athletas fortes,  
 Peito a peito, oscillando n'um vac-vem,  
 Ambos equaes no embate, como cohortes  
 Que se esmagam no espaço que as retém,  
     Trocando os fundos cortes :  
 Cahos e Cosmos, soltos degladçam,  
 Assim como os irmãos quando se odeiam,  
 Como no mytho lucta o Mal e o Bem !

Rompe a continua e indômita refrega,  
 Ribombando na gélida amplidão ;  
 Cahos rue, a Materia desaggrega :  
 No vórtice da ignota repulsão  
     Eis franca, vã se entrega !  
 No cadinho que as cousas gazifica,  
 Estrellas, sérres, tudo identifica,  
 A luz, o pensamento, a aspiração.

Da inerte massa até à Consciencia,  
 Da volição até à viva Luz,  
 Tudo volta á recondita immanencia,  
 A forma ao amorphismo se reduz ;  
     Nem substancia ou essencia  
 Já distingue os esparsos elementos ;  
 Como varrem os areaes os ventos  
 O átomo intangível se produz.

Cahos venceu ! No insondado abysmo  
 Fluctua, como envolto em nevoa ; a sós,  
 Na convulsão final do cataclysma,  
 Restituindo à Materia apoz  
     Seu individualismo !  
 Desfaz-se tudo como a solta malha,  
 Mas o fio enovel-a... A batalha  
 Retoma outro vigor, é mais feroz.

Já Cosmos o combate recomeça  
 Como em arena de amplidão sem fim ;  
 Procura aonde firme estabeleça  
 Resistencia ou apoio, aonde alsim  
     Mais forte permaneça !  
 Mas é tudo sem pezo, tudo instavel,  
 Sem dimensões o átomo inseccavel,  
     Incoercível assim.

Tudo se agita em convulsão constante,  
 A dispersada massa o vacuo encheu ; .  
 Fixar o que fluctua vacillante  
 Cosmos procura a traça ; e percebeu  
     Ahi triumpho ovante !  
 Ao vasto nimbo de átomos primévos  
 Se arroja, impelle-os com impulsos sévios,  
     Comprime-os um instante.

Comprime-os um instante, e o giro todo  
 Se perturba da rotação igual;  
 A translação começa. Achando o modo  
 De combater a repulsão lethal,  
 Junge átomos a rôdo !

Como ao rolar uma avalanche alpina  
 Augmenta ao envolver-se em neve fina,  
 Irrompe além no val;

Assim por essa translação primeira  
 O nucleo se formou, aonde vão  
 Como em um rodopio de poeira  
 Adherindo na inerte construcão  
 Massa á massa ligeira.

Cosmos crê no triumpho ! Mas quem orça  
 O tempo quando? Substitue-o a força  
 Na longa evolução.

Principiou a Nebulose immensa  
 A revolver-se, vaga, sem cessar,  
 Obscura ainda, gélida, propensa  
 Ao movimento interno, singular  
 Que rapida a condensa.

Os átomos congregam-se infinitos,  
 Como os gigantes dos vetustos mytôes  
 O Olympo tentam juntos escalar.

Cosmos aggrega-os para a lucta ingente;  
 A molécula é como a legião  
 Elementar, tenaz e resistente;  
 Contra a nova energia lucta em vão  
 Cahos quasi impotente !  
 No systema do intrepido equilibrio  
 Quebra-se a vaga etherea com fulibrio,  
 Começa a affinidade e a attracção.

Como as sedentas Ménades se atiram  
N'uma coréa rapida, febril,  
E n'essa oscillação em que deliram  
Conservam a cadencia no ár gentil;

As moléculas giram  
À procura, na aberta immensidade,  
Da prévia orientação da affinidade  
Com que tecem a forma a mais subtil.

Tudo é trevas ainda! Mas redobra  
Da central Nebulose a marcha já!  
Tal como enrosca os elos uma cobra,  
No imo seio, onde o calor está

A força se desdobra—  
Em outra força — a luz diamantina,  
Perenne, scintillante, que fulmina,  
A Luz, que a cõr e a graça ás cousas dá.

Cosmos começa a construcção insano,  
A construcção do Universo; e vae  
Como architecto proseguindo um plano;  
Tomou por base a densidade, e cæ  
    Tudo a molde no arcano.

Os deslumbrantes, sideraes systemas  
São os rythmos e estrophes dos poemas,  
Tudo d'esse determinismo sac.

---

Cahos busca o triumpho em mil azares  
Na repulsa da onda resplendente;  
Cria Cosmos os nucleos solares  
Que vêm ligar a Nebulose ingente  
    Que se alastrá nos áres.

Cahos ataca a creaçao sublime,  
A vibração electrica lhe imprime  
E a thermica expansão, forças dispares.

Na Nebulose a convulsão fremente  
 O Espaço coalha com milhões de estrelas,  
 D'esse pó sideral resplandecente ;  
 Formando a curva a Via-lactea, fel-as  
     De um brilho albi-nítente.  
 Cosmos à lei da rotação submette  
 Os corpos fragmentados, e repete  
 Como centros as constelações bellas.

Encheu o Espaço de um eterno dia,  
 E da harmonia ignota das espheras ;  
 Mas Cahos já redobra de ousadia,  
 Accumulando as coleras mais feras,  
     Na lucta proseguiá ;  
 Desprende d'esses sóes, tumultuarias,  
 Incandescentes massas planetarias,  
 Perdidas na amplidão escura e fria.

Já Cosmos tira força d'essa ruina,  
 E pela acção da gravidade, immensa,  
 As detem ; de um reflexo as illumina,  
 E pela rotação forte as condensa.  
     Mas Cahos imagina  
 Uma invencível traça, uma das suas . . .  
 Que se quebrem em numerosas Luas  
 Anneis equatoriaes da crusta densa.

Cosmos com mais audacia continua  
 Na construcção do esplendido Universo ;  
 Das incoerciveis forças uma a uma  
 Com que o combate aquelle irmão adverso  
     Não rejeita nenhuma !  
 Do electrico fluido se apodera,  
 Do Calor e da Luz, e n'elles gera  
 Novo equilibrio em que anda agora immerso.

Os elementos chimicos se alliam,  
Como fizera em sideraes systemas ;  
Combinações organicas se criam  
Realisando outras formas, outros themes,  
Que a Vida presagiam.

Oh visão inaudita da Materia !  
Como da extrema dissociação ethérea  
Consciencia e Vida sêo formas supremas.

Cahos um golpe certo comprehende,  
E imprime-lhe a mortal caducidade ;  
Mas contra este defeito que desprende  
O equilibrio vital em curta edade,

Cosmos bem se defende :  
Soube fixar-lhe o impulso hereditario ;  
Da menor resistencia o curso vario  
O pôe em busca pela immensidate.

Assim, deu-lhe um poder que o transforma  
Esse eterno Protheu, célula viva,  
Que busca a indefinida, a ideal norma  
Reagindo contra a morte que o priva

Da consciente fórmâ ;  
Vencendo a força que lhe trunca a vida,  
Transmitte a perfeição adquirida  
Na ascencional série successiva.

Ainda agora a eterna lucta dura,  
No dualismo tremendo que se alterna ;  
Cahos vae de vencida, mas procura  
O momento remoto em que governa  
Dissociação escura,  
Para desmoronar astros jucundos,  
Precipitar os sôes, embater mundos  
Conflagrando-se em convulsão interna.

Para tanto recolhe as energias  
 Que perde a evolução pelos espaços ;  
 Irradiações da luz, as ardentes  
 Das ondulações thermicas, e escassos  
 Eccos das harmonias  
 Do universal concerto das espheras,  
 Não é debalde, Cahos, que inda esperas  
 Supplantar Cosmos nos vindouros dias !

Homem ! que assistes à infinda lucta,  
 Como o que observa o drama já em meio,  
 Hoje o scatido intimo perscruta,  
 Deixa o pávido, aério devaneio  
 Que a visão alta enluta !  
 Quem ergue o véo que empana a transparencia  
 Da solução que buscas ? Eil-a, a Scienzia  
 Eleva-te à Consciencia, é este o meio.

A força que transforma e a que conserva  
 São eguaes entre si, por isso oscillam,  
 Cad'uma o sempiterno rythmo observa,  
 Na mutua successão não se aniquillam,  
 Nenhuma d'outra é serva.  
 A repulsão e a força aggregativa,  
 Como em dualismo estão Vichnu e Siva,  
 Num infinito identico se azylam.

Vós, que brilhaes na Via-láctea, estrellas,  
 Sol, que as energias nos alentas,  
 Terra, que assim opaca vás entre ellas,  
 E a Consciencia e a Vida em ti sustentas,  
 D'Arte as concepções bellas,  
 A noção racional e a Liberdade,  
 Tudo são formas d'essa dualidade,  
 Mas transitorias, gradativas, lentas.

## IV

É o universo o vasto taboleiro  
 Do complicado jogo a que assistimos ;  
 Ai do que ignora a lei d'esse andamento.  
 Temos como parceiro o Incognoscivel,  
 Sempre implacavel ao mais leve engano ;  
 Observação, conhecimento, é o lemma  
 Por onde a certa via se descobre.  
 Estão hoje os Oraculos já mudos,  
 O reducto da liberdade do homem  
 Ergue-o um novo Poder — o da Sciencia !  
 Reproduzindo as leis que o Cosmos regem,  
 Verificando-as, torna este ente débil  
 A synthese consciente do universo.

## V

## O fecho da abobada

Depois que a larga abobada se fecha,  
 Tira o architecto os simplices, as traves,  
 Materiaes provisórios, que serviram  
 Na construcção grandiosa alevantada !  
 Pois bem, agora, Sacerdocios, Dogmas,  
 Privilegios de Castas, Dynastias,  
 Ficções da Auctoridade hereditaria,  
 Mantidos pela inercia do costume,  
 Pelo perstigio absurdo do passado,  
 Vós sois os velhos simplices que restam  
 Da aggregação da sociedade antiga.  
 É tempo de varrermos o edificio  
 Atrancado de tanta cousa inutil ;  
 Tal como está, é a Sociedade a tunica  
 De Nessus, o individuo adstringe e mata !

Quem pelo instincto proprio se revolta,  
 Ou pela reflexão audaz se eleva  
 A esta dissidencia austera e digna,  
 O sentido possue do Verbo augusto.  
 Percebe-o Kant, o espirito que vira  
 Como as forças se alternam e equivalem,  
 Sem Deus fixando as normas do universo ;  
 Baixando á terra o olhar, attento observa  
 Um singular phenomeno estupendo !

O cataclysma social da França  
 Lhe absorve a attenção toda, desviando-o  
 Da visão sideral ! No cahos novo  
 Vê da violencia dos pessoces arbitrios  
 Leis naturaes, perpetuas, immutaveis  
 Determinarem contra a Auctoridade  
 As condições irrevogaveis de ordem !  
 Momento unico ! Assim n'aquelle mente  
 Pôde formar-se a synthese suprema  
 Unificando o Cosmos e a Consciência !  
 E onde todos só viram anarchia,  
 Uma calamidade inexplicavel,  
 O diluvio de sangue e paixões brutas,  
 Viu a trepidação de outro equilibrio !  
 Sente que assiste á formaçao de um mundo,  
 Procura ancioso a marcha evolutiva :  
 A Historia comprovou-lhe a marcha ignota,  
 Deduzindo da lenta ação do tempo  
 Que accumulara enormes injustiças,  
 A intensidade da tremenda Crise.

Quem soltará o Verbo da concordia ?  
 Philosophia ! — o acordo das consciencias,  
 Que lá desde Aristoteles a Bacon,  
 De Descartes, a Kant, a Hume, a Comte  
 Traçou o novo sulco á Humanidade.

---

## CANTO DUODECIMO

UNIDADE IMPULSIONADA PELA REVOLUÇÃO OCCIDENTAL.  
ATÉ AO FIM DA GRANDE CRISE

## ELENCO PHILOSOPHICO

DO

## CANTO DUODECIMO

No grande drama da Historia que se sucede sob a forma da Revolução occidental, os séculos xvi, xvii e xviii comprehendem a sua phase violenta e decisiva, deixando presentir a aproximação da harmonia de uma Edade normal. Para representar essa Revolução profunda em todos os seus aspectos complexos, idealizámos os sucessos mais significativos e pintorescos em uma vasta Epopéa, formada de trez Trilogias, com poemas sobre cada uma das suas phases de decomposição. É esta vista de conjunto que nos faz compreender a sua grandeza, e insistente solução final.

### A EPOPÉA DA REVOLUÇÃO

#### GIGANTOMACHIA

Preludio sobre o desenvolvimento normal da unidade cerebral, ou o accesso das trez Syntheses fundamentaes, Philosophia, Scienzia e Poesia, pela mutua e necessaria dependencia entre a subjectividade e a objectividade.

I. **Duvida cartesianiana.** — Pequeno quadro do esforço dos Philosophos para abandonar o prestígio das Causas, e investigar as Leis.

II. **Venceste, Galileo!** — Esforço para reconstruir o estado synthetico, abandonando as noções absolutas pela relatividade.

**III. Ficção social.** — Demolição dos velhos ideais polytheicos por incompatíveis com o estado mental moderno, e necessidade da intervenção negativa da Arte. A denominada *Querella dos Antigos e Modernos*, no seculo xvi é a manifestação d'esta crise esthetica, presalecendo a consagração das novas obes literarias. O nome de Perrault, que fuziou para vindicar a legitima preponderancia da Arte moderna, torna verdadeira a ficção de Ariosto renovada com um sentido social.

#### 4.º TRILOGIA

##### Os Athletas da Ideia

A Revolução occidental, que se manifesta no seculo xvii, enquanto à crise mental nas podrosas syntheses philosophicas de Bacon e Descartes, na sua forma social manifesta-se na reacção violenta contra o Protestantismo, na revolução política de Inglaterra sob Cromwel, e no negativismo critico dos Encyclopedistas sob as duas escolas de Voltaire e de Rousseau, determinando por fim a grande explosão temporal.

##### I. LEVIATHAN

Poema sobre as perseguições contra o Protestantismo; o seu título é tomado da personificação com que o genio pessimista de Hobbes caracteriza a revolução moderna, que tendia para a crise final de 89. A revolução que agitava já os espíritos no seculo xvii é combatida pela colligação das Monarquias absolutas e Catholicismo sob a direcção jesuítica. Contra este retrocesso dá-se a vindicação da liberdade de Consciencia pelos proscritos elementos foragidos de França, refugiados na Suíssa, Alemanha do norte, Holanda e Inglaterra, verdadeiros precursores da elaboração mental dos Encyclopedistas, que precederam a phase activa de 89, como disseminaram os germens das Revoluções da Inglaterra e da America, que por si influiram na Crise final.

##### II. MILTON

O poeta, que acompanha Cromwel e idealiza a Revolução no Paraíso perdido, já cego encerra-se na visão subjectiva para resistir ao desalento de espirito, quando a Restauração catholicico-monarchica explora os velhos preconceitos.

### III. O BANQUETE DOS LIVRES

O individualismo protestante tira, no seculo XVIII em França a expressão da livre crítica, com que os Literatos actuam na decomposição da synthese theologica, sem contudo poderem entrar no trabalho de reorganização do Poder espiritual. A Encyclopédia caracteriza este período de dispersão doutrinaria. O Banquete em que figuram as trez escolas revolucionárias de Voltaire, Rousseau e Diderot, é a Ghild da Confidernidade universal, que começa a fazer-se sentir, e que vem dar à Revolução o aspecto do restabelecimento da Justiça sobre o arbitrio da Graça. Dom João aparece como o symbolo do seculo XVIII, sensual e artista, mestador e incredulo; cercado de marquezas e damas em uma cén a desenrolta, o pagem chega atterado pelo reido estranho da queda da Bastilha, exclamando: Ah, Senhor! Era mais do que o espectro, era a Revolução. E não poderosa e anonyma agarrá o gentil devasso, arrasta-o com a corte e a nobreza para o Tribunal revolucionário e d'ali para a guilhotina.

### 2.ª TRILOGIA

#### A explosão da Força

A longa crise mental que se continúa da Renascença até aos Encyclopedistas, no fim do seculo XVII transforma-se em uma explosão temporal, na Crise francesa. O movimento philosophico ou doutrinario na primeira phase orgânica da Revolução produziu uma certa unanimidade dos espíritos revelada no 14 de Julho e no 4 de Agosto. Porém, interrompida no seu periodo decisivo pela morte de Danton e pelo sacrificio inutil dos representantes da Scienzia, da Philosophia e da Poesia, Lavoisier, Condorcet e André Chénier, sob a dictadura sanguinaria de Robespierre, a morte d'este preparou o caminho para a crise da orgia militar napoleónica, ou o ciclo das guerras do Imperio, cujas iniquidades perturbaram e obscureceram o sentido social e humano da Revolução.

### I. A CIDADE UNIVERSAL

Poema sobre a grande crise da Revolução, no momento em que se dá o conflito entre a Escola de Rousseau, ou deista, conduzindo ao recesso, e a Escola de Diderot, que esboça a reconstrução ou Synthese social sem Deus nem Reis. Venceu o rousseauiano Robespierre, e exerceu-se desde logo o Terror, sendo a principal vítima Condorcet. No seu refúgio

percario, diante da perseguição do sínismos rhetorico, Condorcet concentra-se na contemplação da evolução geral da Humanidade, tornando a Historia o campo da observação e da previsão para a Scienzia social, que tende a instituir-se. Dentro do quadro da lucta do grande chefe temporal, Danton, que salva a Revolução, e que vem a cair vítima do absolutismo rhetorico de Robespierre, é que se passa o drama da morte de Condorcet.

### II. A QUARTA CORDA DA LYRA

No período do Terror, ainda sob a dictadura de Robespierre, é guillotinado o poeta André Chénier, que fizera no seu espírito a harmonia entre o genio de Homero e a expansão da alma popular. Três dias mais tarde teria escapado à carnificina, por que a morte do furioso Rhetorico fez cessar o Terror e despejarem-se as prisões. Chénier ao proferir as celebres palavras : *Pour tant, j'avais quelque chose là!* referia-se ao pensamento de uma nova Epopéa da Humanidade, cujos tentáculos subsistem nos fragmentos do seu poema *Hermes*. É este ideal verdadeitamente a quarta corda da Lyra ; em todas as épocas da evolução humana os Poetas deram forma aos sentimentos construindo a synthese espontânea da concordia social. Elevando-se dia Hymnos religiosos, da idealização da vida doméstica e da consagração da vida pública nas Epopéas nacionaes, até à aproximação das tradições de todas as raças, foram elles que desenvolveram o ideal profunda-smente real e universalista da Humanidade.

### III. A ORGIA MILITAR

Poememos esboçando o ciclo das guerras do Império, em que o aventureiro Corso coadjuva o retrocesso, restabelecendo a preponderância da Egreja e a hierarchia feudal de uma corte caricata. Representa-se essa agitação egoista, que paralisou a reconstrução social, e explorou a restauração anarchica dos velhos elementos conservantistas.

I. **A sepultura do Heroe.** — Representa-se o desvio da corrente da Revolução pela vaidade do Corso, como fariam os Reis barbares que se sepultavam no leito de um rio desviado do seu curso.

II. **A covardia do Bravo.** — Quadro da situação final da batalha de Waterloo, em que Napoleão depois de demitido, tendo no dedo o anel envenenado com que se suicidou Condorcet, atira-o fora por lhe faltar a coragem para morrer dignamente.

III. **Napoleão moribundo.** — Representa-se todo o Passado demolido pela Revolução symbolizado em uma Montanha, em cujo algar

Napoleão sepulta os corajosos demolidores. Michelet sentiu a eloquência d'esta imagem: «Que a Justiça tenha supportado mil annos sobre o cotação esta montanha do Dogma, que ella tenha, n'este esmagamento contado as horas, os dias, os annos, os longos annos. Isso, para o que o sabe, é uma fonte eterna de lagrimas. O que me feriu o coração foi a longa resilição, a doçura, a paciencia, foi o esforço que a humanidade fez para amar esse mundo de ódio e de maldição sob o qual a acarunchavam.» (Bibl. de l'Humanité, 478.)

**IV. Os Semeadores da Peste.** — Allegoria da propaganda da lenda heróica napoleónica feita pelos literatos e artistas sem compreensão do destino social, dando em resultado o estabelecimento do Segundo Império.

**V. Parada sinistra.** — Quadro synthetico das guerras napoleónicas provocado pela demolição popular da Colonna da Praça Vendôme, encontrando-se o instinto da multidão em acordo com a consciência da história.

### 3.ª TRILOGIA

#### Revoltas do Espírito

O século xix herdou a missão constructiva iniciada pela Revolução francesa; mas a perturbação das velhas firmes sociedades, que desmoronaram, e das crenças fácticas que perderam o domínio das consciências, acordou o instinto conservantista, e o Império militar de Napoleão, a Santa Aliança dos Reis contra os Povos, a Restauração e o regimen das Cartas outorgadas, a agitação socialista, a teoria das grandes Nacionalidades e a República burguesa aceitando os anachronismos do regimen Catholico-federal, prolongaram a crise revolucionária sob a aparição de transição explorada pelos partidos medios. Os grandes Poetas da Europa sentiram este longo interregno do espírito, e pelo espírito continuaram a Revolução na forma negativa do protesto. Byron, Goethe e Victor Hugo são os gritos da consciência moderna, em uma civilização falsificada pelo conservatismo burguês, em que a Ciência transige com a crença num dogmatismo oficial, e em que o destino pacífico da Indústria se subordina aos estériles apparatus militares. E esses grandes Poetas, com capacidade para idealizarem e definirem nos seus cantos luminosos o estado normal da Humanidade, falam uns insurretos, que subsistirão como eloquente commentário de uma fase transitória da consciência, n'este prolongamento que se tornou anárquico. Na idealização do século xix, na Epopéia da História, os vultos de Byron, Goethe e Victor Hugo são as estrophes da revolta contra uma ação regressiva; como poe-

nas elles sentem e exprimem todas as antinomias entre os sentimentos, os pensamentos e os actos.

### I. TEDIO DE HAROLD

A reacção da Europa contra a Orgia militar napoleónica foi organizada pelos decahidos elementos católico-féudais, que sophismaram esta necessidade urgente de pacificação, confundindo os crimes do Córso com o ódio à França e contra os principios proclamados pela Revolução. Essa reacção chamada a Santa Aliança dos Reis contra os Povos, não podendo apagar a Liberdade conquistada, deturpou-a atribuindo-lhe um carácter de concessão ou outorga do absolutismo. Tal foi o regimen das Cortes Constitucionaes e do Parlamentarismo representativo. Byron, que a si mesmo se personificou em Harold, pela sua superior organização artística sentiu a falsidade da situação da Europa, e repelido pelo hypocrita conservantismo inglês, torna-se o Poeta da insurreição moral; nas suas peregrinações compraz-se na comprehensão da solidariedade dos Povos occidentaes, e pelas Revoluções de 1820, na Itália, Espanha, Portugal e Grecia moderna, descobre que a Europa já não estacionará, e apaixona-se pelo symptom fecundo da revivescência das pequenas Nacionalidades até ao ponto de sacrificar a sua vida.

### II. VIGILIAS DO FAUSTO

O genio especulativo do seculo xix representado no typo lendário do Fausto, tem a sua completa expressão em Goethe, extraordianaria organisaçao poetica, que aminge o problema da unidade cerebral pelo accesso da Imaginação e da Razão, elevando-se pela harmonia da Poesia e da Scienzia a uma synthese universal, ou Philosophia. O poeta identifica-se no typo do Fausto; aos vinte annos, generoso, apaixonado, romantico, inspirando-se de Shakespeare, obedecendo aos impulsos do coração; no regresso da Itália apaixona-se pela Arte antiga, e consegue a serenidade calma; por ultimo, procurando um ecletismo universal, unifica a poesia, a scienzia, o espírito antigo e o moderno, no gosto de um tanto saber e na harmonia das suas faculdades. Assim o define Saint René Tallandrier.

A scienzia fragmentaria, especializada, sem subordinar-se a uma necessaria synthese fundamental, como a cristallisaram as Academias officiales, é representada pelo poeta no typo de Wagner; em Mephistopheles, está symbolizado o seu amigo Merck, continuador do espírito critico e negativista do seculo xix. Goethe saúda a época da reconstrução synthetica, interessando-se pela lucta científica entre Geoffroy Saint, Hilaire e Cuvier, no Instituto. Na sua Lira afiam-se as tres cordas ou Sentimentos da Verdade, do Amor e do Bem, atingindo o bello. É o que o torna immortal. «O duplo sentimento do verdadeiro e do bom, não seria nitidamente expresso, sem que o sentimento do bello, que é, em todo o gênero o instincço da perfeição rapidamente apreciada, não desse tambem surgir; etc.» (Comte, Cozzi, vi, 759.)

## III. STRUGGLE FOR LIFE

O ultimo grande conflito da força militar, que é a mancha do seculo xix, foi motivado pela França napoleónica, que desvia a missão d'aquele poro do seu desejo de unificação das potencias da Europa, membros solidarios da definitiva Republica occidental. Vencida pela Alemanha imperio-federal pelo criminoso consentimento das outras nações da Europa, derrotada em Sédam, levanta-se triumphantemente no campo da Indústria. Foi a proclamação de uma nova Idade. E como para universalizar as ideias é preciso que tomem a forma de sentimento, a França exaltou o seu poeta Victor Hugo como aquele que durante vinte anos no desterro de Jersey lhe fortificou a consciência moral, e como o que melhor sentiu a missão hegemônica de Paris, continuadora de Athenas, de Roma, de Florença e da Hollanda. Victor Hugo recebeu da França e do mundo a legítima apoteose: *Sob o Arco do Triunfo*, significando o fim das glorificações militares; e *Sob a crypta de Santa Genoveva*, como a substituição das santificações theologicas, pela incorporação na vida subjectiva d'aqueles que serviram a Humanidade.

A Trilogia épica das *Rerutas do Espírito* não vai além d'esta phase negativa da Historia; convém por tanto acelerar a evolução humana para a vida normal pela melhor compreensão do seu destino. É esse futuro para o qual tendemos, que convém definir scientificamente, idealizar artisticamente e tomar por objectivo de toda a existencia affectiva, especulativa e prática, tanto collectiva como individual. Essa será verdadeiramente a Epopeia do futuro, como indica Augusto Comte. Por qualquer lado que levássemos este réu do porvir, sempre se esboça radiante a figura simultaneamente real e ideal da Humanidade, esse ponto luminoso de convergência ou fíco para o qual se acumulam todos os esforços, todas as descobertas, todas as dores e triunhos de cada geração que viveu para si, sem compreensão da sua solidariedade com a especie.

# A EPOPÉA DA REVOLUÇÃO

## GIGANTOMACHIA

Na velha tradição poetica da Grecia,  
Escalaram o céo intrepidos gigantes,  
Intentando roubar aos olympicos numes  
O divino poder !  
Grebro sobre elles cão o raio ! peripecia,  
Em que ficaram sob os montes arquejantes,  
Confundindo ao ranger de dentes e queixumes,  
Ameaças de volver.

Recomeçou a lucta ! e para que a consagre  
Colombo apoz ter dado o dominio secundo  
E mais vasto da terra, um novo continente,  
N'esse anno em que morreu,  
Copernico descobre o systema do mundo ;  
Kepler formula as leis, que excluem o milagre  
Com que se encobre o Deus dos espaços no ambiente,  
Leis são dadas ao céo !

Escala Galiléo o Olympo alto! o gigante  
 Pela funda visão telescopica impéra!  
 Fixa a gravitação da tellurica esphera  
 Newton já; e Laplace, em calculo possante  
 Da amplidão sideral determina o equilibrio.

A divina Chimera  
 Desalojam, enfim, do espaço com ludibrio,

## I

**Duvida cartesiania**

Era crédulo e simples, como criança,  
 Quando, implacavel contra mim avança,  
 Sobre a estrada da vida infinda e larga,  
 A Duvida!

Com ironia amarga,  
 Inflexível, e de sinistro aspeito,  
 Brada-me então:

« Luctemos peito a peito;  
 Se te vencer, vão-se os doírdados sonhos,  
 Que te alentaram annos bem risonhos.  
 Tu, rei da creaçao, que á tua imagem  
 Formaste Deus n'uma feliz miragem,  
 Para quem é o sol um lampadario,  
 E a terra o tablado de um scenario,  
 Se eu te vencer, verás quanta miseria  
 Te prende ás leis que regem a matéria.  
 Á lucta! peito a peito; braço a braço;  
 Se triumphas, peior! lethal cansaço  
 Prostra-te em hieratica apathia,  
 E absorto na extáctica idiotia,  
 Serás santo, ou fetiche n'uma gruta! »

Procurei evitar a estranha lucta  
Segundo para diante.

Como paira

Por sobre um morto o abutre, eis me desvaira  
A mente, vendo a Duvida a seguir-me  
Como segue a um corpo a sombra ; firme,  
Foi-me arrancando os Symbolos augustos  
Que afugentaram meus primeiros sustos,  
Os Dogmas, os Mysterios, os Sophismas,  
Do espirito os subjectivos prismas.

Quando parei da fuga na vertigem,  
Contemplo ! as cousas mostram-me outra origem,  
N'uma relaçao intima, latente.  
Olho em volta de mim ! era o presente  
De uma apparencia nova, seductora,  
Illuminado de uma infinda aurora.

Todo eu, ja pela Duvida envolvido,  
Forçado em terra a dar-me por vencido,  
Ia prostrar-me ao absoluto imperio ...  
A Duvida, alumiano-me o criterio,  
Me impelle para diante, com vehemencia :

« O que julgaste a Duvida é a Sciencia !  
Fortifica-te o espirito em verdade ;  
Possuindo o livre arbitrio da vontade,  
Caminha ! tens o imperio da consciencia ...

**Venceste, Galiléo!**

1

Possuido do espírito sereno  
 Da magestosa e ideal Philosophia,  
 Procurou atalhar esse veneno  
     Da religiosa Orgia.  
 Da expiação e vago messianismo,  
 O Imperador Juliano! E aos desatinos,  
 Revivescencias do Polytheismo,  
 Contrapoz os Mysterios Eleusinos.

A impetuosa corrente  
 Das lagrimas que choram pelo Christo  
 As mulheres, que o amam loucamente,  
 Propagou-se com um furor não visto!  
     A emoção plangente  
 Do sacrifício, o lugubre mysterio  
 Tem de revolução social um mixto,  
     Que ameaça o Imperio!

Mais pôde o sentimento  
 Irreflectido, ingenuo,  
 Do que o sabio no lucido argumento,  
 Ou a façanha do guerreiro strenuo!  
     Da plebe ante o labéo  
 Desalentado exclama Juliano,  
 Na lucta contra o emotivo engano:  
     — Venceste, Galiléo!

## II

Dos antigos a ideal Philosophia  
 Vencer não pôde, não  
 Esse contagio da hallucinação  
 Que da Asia sobre a Europa se estendia.  
 Contamina o Poder ! horrida phase  
 Do religioso mal ;  
 Certa e experimental  
 À razão não lhe dava a Sciencia base.

Triste, o ascetismo o homem hallucina ;  
 Eis que a visão concreta  
 Da Natureza as mentes disciplina,  
 Novas Sciencias enceta,  
 Fundadas sobre a objectiva base !  
 Co' telescopio invade audaz o céo,  
 E imprime o seculo outra ideia à phrase :  
 — Venceste, Galiléo !

## III

**Fieção social**

No debate sem fim, denominado  
 Querella dos Antigos e Modernos,  
 Com que exprimiu um seculo o latente  
 Conflito das ideias do passado  
 Que as Religiões exploraram, e Governos,  
 Reagindo contra a marcha do presente ;

Perrault, ao tomar parte  
 No salão onde estavam discutindo,  
 Narrou, e com que arte !  
 Com que primor e gosto !

Um velho conto, ingenuo, simples, lindo,  
 Recordação de Ariosto,  
 Que era, em vez de argumento, allegoria  
 Que orientava a questão e a vencía :

• Era uma Princeza encantadora !  
 (Por princezas as bellas reconheço)  
 Formosa, incomparavel, que por preço  
 Da gentileza, a quē ninguem resiste,  
 Tambem fadada fôra  
 Com um terrivel dom, um dom bem triste.

No fim de certos annos, a Princeza  
 Da esplendida beldade despojada,  
 Por medonha surpreza,  
 Inevitavelmente  
 Via a graça do talhe transformada  
 Em horrida serpente.

Mão grado essa apparencia repugnante,  
 Conserva sempre o natural humano ;  
 E almejando o instante  
 De libertar-se do horroroso engano,  
 Procurava com timida anciedade  
 Nas pessoas o instincto da piedade.

Dos que a viam na feminil belleza  
 Tinha as adorações, a homenagem ;  
 O triumpho completo !  
 Perseguição, crueza  
 Provocava com hediondo aspecto  
 De ophídica visagem.

Se a tratavam com modo compassivo,  
 Facilitava-se o anciado instante,  
 O momento furtivo  
 Em que liberto o espirito cativo,  
 A serpente de aspecto repugnante  
 Torna a feminil forma deslumbrante.

Quando a Princeza, bella apparecia  
 Radiosa e serena,  
 De uma graça e expressão sublime, rara,  
 Nunca mais, a Princeza se esquecia  
 Dos que a trataram com bondade e pena  
 Sob a hedionda forma que arrastára !

Quantos afugentaram a serpente,  
 Ignorando o mysterio  
 D'aquelle dom fatídico e occulto,  
 Do seu odio sofreram o imperio ;  
 Vinha o castigo irremissivelmente,  
 Nada ficava inulto.

Pois todo o conto tem moralidade :  
 Oh transfiguração da Liberdade !  
 Ideal supremo, augusto, puro e grande,  
 Da belleza moral ! Quando se expande  
 Na convulsão da escrava sociedade,  
 E terrível se exhala  
 Toda a paixão dos corações oppressos,  
 O que não sabe conhecê-a, amal-a,  
 Perdoar-lhe os excessos,

Nessas crises que vêm de idade em idade,  
Para ante o carro triumphal, que o esmaga,  
Sem ver na forma monstruosa e vaga  
O humano Ideal que busca a realidade.»

---

Na Querella de Antigos e Modernos  
Dominando o espírito agitado ...  
Surge a Revolução, funda, latente;  
Embalde as Religiões e os Governos  
Impõem o perstigio do Passado,  
Da Ordem contra o Progresso do presente.

## 1.ª TRILOGIA

### OS ATHLETAS DA IDEIA

I

#### LEVIATHAN

(rocha)

CANTO I

##### Os trinta dinheiros

I

Já velho, e desdentado pelos vícios,  
Ossos cheios de cárie, Luiz Quatorze  
Não sae dos aposentos, onde passa  
Da demorada doença aborrecido.  
Força-o ao tédio o longo traiamento  
Da operação da fistula do anus!  
A França inteira sofre aquelle tédio  
Da fistula nojosa; ah, mesmo a História  
Consigna tristes, lamentaveis factos,  
Absurdos do capricho, e desvarios  
De um organismo á dor impaciente.

A fistula separa duas épocas  
Na vida do Rei-Sol: d'antes, prazeres,  
Garbo e pompas, cavalheirismo e graça;

Depois, perfidia ignobil, aborrida,  
 Guerras injustas, cannibales matanças,  
 Uma nação em ruinas condemnada  
 Debaixo do odio das nações da Europa !

Nos aborrecimentos prolongados  
 Do leito apparatoso, o Rei boceja ;  
 Ninguem consegue distrahil-o ! É morta  
 A veneranda e placida rainha ;  
 Morto é Colbert, o activo e audaz Ministro.  
 Sente-se o soberano solitario ;  
 Desconfiado e tacito procura  
 Em cada rosto uma intenção occulta :  
 Nas damas, que o adoram, vê a ardente  
 Ambição do seu thálimo vasio ;  
 Nos cortezãos a intriga, ávidas garras  
 Só para a pasta de Ministro erguidas.

Não quer o Rei, que o pús que verte e infecta  
 O ár ambiente, ataque o alto prestigio  
 Do seu privilegiado e sacro vulto !  
 Bem poucos têm entrada no aposento.  
 Um só tem sempre a qualquer hora entrada,  
 O Confessor, o astuto jesuita,  
 O ladino Lachaise !

O habil Padre  
 Comprehende a gravidade do momento ;  
 Convém aproveital-o ! Jâmais pôde  
 Ser escutado pelo Rei, nos dias  
 Das estridentes festas e caçadas,  
 Nem nas intrigas dos sensuas amores.  
 Agora ... agora é força distrahil-o,  
 De coussas mil fallar-lhe, envencilhal-o  
 Nas calculadas sugestões : A aranha  
 Envolve lenta em delicados fios  
 Estonteada mosca, que apôs suga.

O Rei, o Confessor, sósinhos ambos,  
 Fallam intimamente. Um tem a força,  
 O outro a astucia... Oh fabula, oh verdade,  
 Do Lobo e da Raposa: a astucia vence!  
 Narra o Padre com tenebrosas cōres  
 A conjuração tréda de Inglaterra  
 Pelo infame Oste descoberta:

— Em Inglaterra a mortandade é grande,  
 O catholico sangue corre a jarros!  
 Os Protestantes cuidam que encontraram  
 De uma conjuração tramenda o fio,  
 Que a Companhia de Jesus tramiara  
 Contra o governo, e a favor do Papa!  
 Quantos martyres conta a Companhia!  
 Tantas perseguições são uma affronta,  
 Um doésto pessoal contra a grandeza  
 Do Rei-Christianissimo de França  
 Que, bondoso, toléra em seus estados  
 O livre culto a esses Protestantes,  
 Que industrias e riqueza em si concentram.—

Sentiu-se o Rei ferido na vaidade,  
 Mordendo os beiços ao de leve.

O Padre  
 Sentado junto ao leito do monarcha  
 Continua insinuando mansamente:

— Como o solio dos Papas, hade um dia  
 Hade o throno dos Reis ser abalado  
 Pelo atténtado do Protestantismo!  
 Quem préga a liberdade de consciencia,  
 E politica liberdade exige,  
 Entre o Rei e a Nação abre um duello.

Nova soberania o Povo acclama.  
 Quem não vê sobre o cépo envilecido  
 A cabeça do rei Carlos primeiro  
 Pelo machado do algoz truncada?  
 Qual foi o crime seu? Elle queria  
 Manter intemerata a auctoridade  
 Do regimen real. O ignaro Povo,  
 Como esse Leviathan do Apocalypse,  
 Monstro indomavel, a cabeça erguendo,  
 Sem dó commette o infândo parricidio.  
 Oh, Philosopho Hobbes, viste claro  
 Quando o Povo representaste um dia  
 De Leviathan na insólita figura.  
 Viste a Revolução desencadeada,  
 Brandindo o facho horrivel da anarchia,  
 Levando em uma tumultuosa vaga  
 O ungido de Deus ao cadasfalso. —

Mudo fitava Luiz Quatorze o Padre,  
 Como quem penetrava a allegoria  
 Do estupendo monstro da Escriptura.  
 Prosegue o Confessor:

— Os reis da Assyria  
 Para cingirem a corôa, em prova  
 Luctavam com leões em vasta arena,  
 E depois da victoria, gloriosos  
 Se assentavam n'um throno inabalavel.  
 Ha um Rei a que a Europa chama Grande,  
 Que é a gloria de um seculo, o modelo  
 Dos reis da Terra: *Viro immortali!*  
 É a divisa da triumphal estatua  
 Na Praça das Victorias levantada.  
 Só terão estes titulos valia  
 Perante a Historia, um dia, se o monarca  
 Que os destinos da França rege, emprehenda

Combater esse monstro, acorrentando  
 O Leviathan, a agitação do Povo,  
 E leve dos vassallos as consciencias  
 À submissão pacifica e serena  
 Da unidade da Crença e do Imperio. —

Ouvia o Rei attento, e percebia.  
 N'isto, o medico entrou; ergue-se o Padre,  
 Interrompendo a sugestão maligna;  
 Ao sahir, com Louvois se acotovella,  
 E diz, com ár celeste e malicioso:

— Ámanhã, em Mont-Luiz de madrugada.

11

Em Mont-Luiz? era ali o doce azylo,  
 O ignorado e esplendido retiro?  
 Onde Lachaise frue os ocios santos,  
 Quando enojado da profana corte,  
 Das confissões e intrigas palacianas,  
 Dos espinhos secretos do governo,  
 Quer viver para si alguns instantes.  
 Em Mont-Luiz quem ousa procural-o?  
 Perturbar-lhe a concentração piedosa?  
 Só no caso da salvação das almas.

Ainda a aurora não rompia; bate  
 Com signal conhecido à porta um vulto;  
 Era Louvois. Abriram. Que se trata  
 No mysterio d'aquellea confidencia?  
 Nada menos que o cargo de Ministro:

— Morto, e bem morto está Colbert, aquele  
Ministro activo, incrédulo, damnado,  
Que acima da Religião do Christo  
Punha a Industria franceza, engrandecida  
Por decretos innumeros, sem nunca  
Consentir que os infames Protestantes  
Pelo governo fossem perseguidos !  
Em um paiz catholico, que affronta  
Às consciencias puras, vendo herejes  
Livremente o seu culto praticarem.  
Morto é Colbert ! Quereis a pasta d'elle ? —

Não hesitou Louvois um só momento ;  
Sorri de intelligente, e baixo inquire :

\* As condições quaes são ?

— Poucas ! Em troca  
Da pasta de Ministro, Luiz Quatorze  
Hade extinguir em França, e para sempre,  
A Religião dos Protestantes.

\* Juro-o.

— Serão seus templos todos derrubados,  
Sem que subsista pedra sobre pedra !  
Às familias arranquem-se as crianças,  
Internem-se em conventos de mulheres  
Onde esqueçam a heretica doutrina.  
Occupadas militarmente sejam  
Dos religionarios as moradas ;  
Confisquemos os bens que lhes dão força. —

\* Eu, Louvois, com taes clausulas concórdo. »

Outros tantos decretos imagina,  
Em que assinalhar o nome de Ministro ;

Lachaise o pacto firma, ali submette  
 Do Ministro futuro a vil chancella  
 Com que hade os crimes encobrir na historiia,  
 Fazendo jorrar sangue a humanidade.

## III

Não descansa no plano audaz o Padre !  
 Da Maintenon no quarto entra de noite  
 O intrigante Confessor. Lachaise  
 Foi suprehendel-a affogueada em pranto.

— Porque são essas lagrimas? — Indaga,  
 Melifluo o padre a insinuar-se unctuoso  
 Como a Serpente mythica do Eden.

Voltando a si do mal singido susto,  
 A Maintenon responde :

— • O meu antigo  
 Confessor, padre Gobelin, notando  
 Que a desenvolta Montespan exerce  
 Seducao nos sentidos do monarcha,  
 Temeu pela moral, logo que soube  
 Como eu estava ja deliberada  
 A abandonar a corte para sempre !  
 Impoz-me que ficasse aqui, dizendo,  
 Que para o Rei a salvação estava  
 Á humilde presençā minha unida.  
 Fiquei. O Rei ás outras me prefere ;  
 A Montespan minha rival, sedenta  
 Jurou vingar-se : ás claras já me ameaça.  
 Vedes? Lucta de morte, ou eu ou ella !

— Bem, disse o Padre Gobelin, bem disse  
Que ficasse, obediente filha;  
E ficarás de vez: serás Rainha!...

— Rainha! eu?...

— Sim. Lembra-te da hora  
Quando o Rei te abraçou magoado e triste  
Depois do funeral da esposa. Basta!  
De uma palavra minha o casamento  
Do Rei contigo hoje depende. Agora  
O que me dás em troca?

— Tudo.

— Tudo?

— Serei a lima em tuas mãos; eu, filha  
Da Companhia, a obediencia levo  
Mesmo até ao peccado, até à morte.

— Promettes, pois, do Rei obter, que seja  
O Edito de Nantes revogado?  
Que termine o labéu da santa Egreja,  
Que as consciencias á revolta alenta,  
Emancipadas do Poder do Papa?

— Prometto!...

— Que triumpho! Nesse caso  
A Rainha de França eu felicito.  
E dou-lhe a absolvição para que possa  
Enriquecer os seus irmãos, doando  
Os bens aos Protestantes confiscados. —

E dizendo isto o Confessor ajoelha,  
Beijando a mão á Maintenon, que trema  
Olhando com espanto, receiosa  
Das maneiras brutaes que o padre emprega  
Na direcção espiritual das damas.

Lachaise, n'um relance com que a fita,  
De perfidia diabolica repleto,  
N'um tom que faz gelar o sangue, exclama:

— Francisca d'Aubigné! —

Balbuciante

A Maintenon empallidece! O Padre  
Prosegue n'um entono que domina:

— Vê bem que és neta de Theodoro Agrippa,  
Esse que males tantos fez à Egreja!  
A ti cumpre expiar tamanhos crimes  
Contra o céo, contra Deus! Lava essa mancha  
No sangue impuro e vil dos Protestantes.  
Sobre o espírito do Monarca exerce  
O influxo, o fervor; é nosso o triumpho! —

IV

O Rei deciae pela doença; é triste,  
Dementado; um terror religioso  
Prende-o, dá-lhe um caracter hesitante.  
A ligação da Maintenon enreda-o  
Nos escrupulos frivulos, mésquinhos,  
Em devoções que a mente lhe desvairam  
Nas scenas de volupia provocada.

Lachaise é complacente; arteiro falla  
De um occulto peccado do Monarca!  
Os amores, ninguem ao certo os sabe,  
De Isabel de Inglaterra!... O levirato  
Exige expiação, embora, mesmo,  
Que o sangue de outrem seja derramado!...  
<sub>13</sub>

## V

É já ministro Louvois ! Cansado  
 Da Montespan provocadora e esbelta,  
 Que na sensualidade se confia,  
 Quer o Rei desligar-se d'ella ; a medo  
 Consulta o Confessor. Lachaise abrupto  
 Responde, e quasi no Rei o modo intima :

— Dae-lhe, Senhor, dinheiro, e mais dinheiro,  
 Só com dinheiro cala-se a marquezza !  
 Dotse-lhe os filhos bem, e tudo é findo. —

O Rei chamou Louvois, que desempenhe  
 A missão que o liberte ; e o Ministro  
 Com ár de hesitação responde :

\* O Clero  
 Contribuir não quer para o Estado !  
 Faz-nos esse dinheiro enorme falta.  
 Contra as immunidades nada posso ;  
 Comtudo, ha um remedio . . .

— Qual é elle ?  
 \* Diz-me o Padre Lachaise que submetta  
 A vontade real o Clero todo . . .  
 — De que modo ?

\* Se Vossa Magestade  
 Der ao Catholicismo no seu reino  
 Toda a supremacia, revogando  
 Esse Edito de Nantes detestavel,  
 Que hoje as bases da Egreja tanto mina ;  
 Porque o Protestantismo lavra à sombra  
 Da infernal Liberdade de Consciencia ! \*

Lachaise entrava, e escutando attento,  
 Em expressão beatifica prosegue :

— Não é sómente a Egreja que é minada ;  
 O Estado civil se desmorona,  
 Porque da Liberdade de Consciencia  
 O Livre-Pensamento se proclama,  
 Da Autoridade discutindo a origem !  
 A discussão, a critica desvendam  
 As fraquezas dos Reis : Samuel descreve  
 As sumptuosidades perdularias,  
 Dos Reis escandalosas aventuras ! —

Luiz Quatorze aterrado encara o Padre :  
 • Liberdade política é tudo isso ?  
 É de Carlos Primeiro o cadasfalso ?  
 É o Protestantismo de Inglaterra !  
 Dos Capetos o sangue, eu juro ! nunca  
 Hade nobilitar o hediondo cépo,  
 Lá como a Cruz divinisára o Christo.  
 É preciso ferir de prompto e forte  
 Leviathan, o monstro que se insurge . . .  
 Em rigor, que mais vale um culto que outro ?  
 Eu só quero o Poder régio seguro. \*

N'isto Louvois, a acenos de Lachaise,  
 Mostra ao Rei o Decreto em que revoga  
 O Edito de Nantes ! Insensível  
 O Rei assigna. A noite vem descendo  
 Fria, brumosa do aspero novembro :  
 Tal sobre a França caié a espessa sombra  
 Que a révolve n'um mar de sangue e pranto.

O Ministro com jubilo relata  
 Ao Rei, que a Assembléa do alto Clero  
 Da propria imposição prescreve a norma,  
 Dando doze milhões para o Estado !

Devolve o Padre, firme em seu intento:

— Dé-se dinheiro á Montespan agora,  
E cave-se entre o Rei e ella o abysmo,  
Na sanctificação do matrimonio.  
Senhor! vinde á capella, a noiva espera  
Junto do altar prostrada, esvaecida,  
A Maintenon, a nova Esther da Egreja! —

Sidem os trez! Que nupcias de vampiros.  
Nos frios corredores de Versalhes  
O desdentado Rei vae coxeando,  
Buscar a benção que premeia o crime;  
E enquanto dão a mão de esposos, quantas  
Perseguidas familias se desmembram!

## CANTO II

### Oderint ut metuant

I

O Rei possuido andava de uma ideia!  
Antes mil vezes um desejo bruto,  
Que elle saciasse com boçal egoismo;  
Antes a óca e estolida vaidade,  
Que o torna o sol do mundo palaciano;  
Ter uma ideia! Desgraçada França.

Pensava o Rei :

— Eu só nos meus Estados  
Absoluta soberania exerce ;  
Uma só Religião imponho e quero !  
Qualquer Crença, que ahi se manifeste,  
Heide consideral-a, isto proclamo,  
Attentado de lesa-magestade,  
Que deve ser punido com a morte. —

Entrava então Louvois n'este momento ;  
Traz uma extensa carta, em que relata  
O Marechal de Noailles, como as ordens  
Tremebundas cumpriu no sul da França.  
O Rei quer ouvir tudo, saciar-se  
Na atroz iniquidade. E Louvois lia :

\* Pensei que ante o terror se submettessem  
Os Religionarios ! Sem escolha,  
Para a intimidação emprego os meios ;  
Mandei logo arrasar a ferro e fogo  
Os templos calvinistas, prohibindo  
As manifestações do culto. Os Curas  
Ou Pastores, que á multidão pregavam,  
Foram manietados com algemas,  
Aos porões das galeras arrojados !  
Mandei arrancar todas as crianças  
Ás famílias dos Huguenotes, cuido  
Se evitará assim, que as contamine  
A heresia dos paes ! Mesmo empregando  
O suppicio, a tortura, não consigo  
Senão mesquinhas conversões ; reagem  
Aquellos inconcussos caracteres !  
Destruí o commercio inteiro em Nimes,  
Que estava em mãos de ricos Protestantes.

É a desolação sombria, immensa ;  
 E em vez d'ante o rigor se submetterém,  
 Mais se exalta a paixão religiosa  
 Que os leva a preferir sorrindo a morte !  
 As miserias familias perseguidas,  
 Andam refugiadas nas montanhas,  
 Onde praticam livremente o culto  
 E escutam a palavra dos Pastores,  
 Alentando-os para a hora do martyrio.  
 Quando bati os montes, nos reductos  
 Das fragas foi completo o extermínio  
 Pela fome ; de prisioneiros cheias  
 Estão de França as fortalezas todas !  
 O desespero enche-os de coragem,  
 E tanta é já a audacia, que levantam  
 A mão armada contra o Rei de França ! . . . \*

Luiz Quatorze estremeceu ouvindo  
 A phrase escripta por aquelle bravo  
 Ajudante de Campo, que o salvára  
 Outr'ora em Valenciennes. Fica attento ;  
 O Ministro prosegue na leitura :

\* Pela violencia nada se consegue !  
 Pela experientia vejo que seria  
 Amnistia geral bom conceder-se,  
 Mandando Missionarios instruidos,  
 Que dirijam as almas com brandura,  
 Pacificando os animos cansados,  
 Attrahindo-os à causa da verdade. \*

Lachaise compungido se mostrava  
 Diante da catastrophe medonha  
 Da atroz devastaçao do sul da França !  
 A Maintenon que Ingrimas derrama,  
 Proferindo a palavra envenenada :

— Não pôde agora o Rei recuar sem quebrar  
 Da propria dignidade ! Elle sustenta  
 Como o segundo e excelso Constantino  
 Da Religião catholica a unidade !  
 Cesar e Deus encontram-se de acordo.

## II

Animado pela vaidade acerba  
 De Luiz Quatorze, Louvois escreve  
 Ao Marechal de Noailles, repellindo  
 A amnistia que pede, incompativel  
 Co'a dignidade augusta do Monarca,  
 Que de um modo exclusivo impõe e exige  
 A completa extincção dos Huguenotes.  
 Louvois ordena terminantemente :

— Onde existir Egreja calvinista,  
 Faça-se a occupação da terra logo  
 Por força militar ! Que as tropas sejam  
 Das povoações á custa sustentadas ;  
 Em tribunaes de guerra se condemnem  
 Quantos recusem abraçar o culto  
 Da Egreja romana, e mesmo quando  
 Embaracem a conversão dos filhos !  
 Queimem-se as casas dos que forem vistos  
 Pegar em armas, e dos que intimados  
 A depõl-as, não obedeceram promptos.  
 Terror, desolação enfim se espalhe,  
 Para que lembre eternamente como  
 A rebeldia contra o Rei se pune ! —

Quando Noailles trépido proclama  
 No Languedoc esse horrido decreto,  
 A exaltação um novo aspecto ostenta.  
 Ninguem seu culto abjura ! Nem segredo  
 Transparece das victimas no rosto  
 Sob a pressão hypocrita e selvagem.  
 Affrontadas no lar em que cohabita  
 A boçal soldadesca desenfreada,  
 Expoliadas da industria e das riquezas,  
 Miserandas famílias protestantes  
 Vão o solo da França abandonando !  
 O Marechal hesita ante a ruina  
 Da nação, que se exhaure em suas forças ;  
 À corte exora que suspenda a ordem  
 Do terrível decreto, em prazo breve ;  
 Que talvez missionarios conseguissem  
 O que não faz a soldadesca bruta . . .

O Rei consulta os grandes luminares  
 Da Egreja de França, o eloquente  
 Bossuet, Fénelon suave e brando ;  
 Cada um engrandece o pensamento  
 Do magnanimo Rei, que identifica  
 Em si Religião, Soberania !  
 Dos missionarios na obra não confiavam ;  
 O que entre os Huguenotes não consegue  
 O dinheiro ou a força bruta, nada  
 Pôde a palavra em espíritos rebeldes,  
 Que revolvem a letra do Evangelho  
 E a meditam á luz do Livre-Exame !

Porfum, o Abade Hervé foi escolhido  
 Para a missão pacífica. O Ministro,  
 O Confessor e o Rei, nada esperando  
 Em conversões dos doze missionários,  
 Visam à extinção do Calvinismo,  
 Como erva parasita em christã messe !  
 Devastação, ultrajes nas famílias  
 Por Companhias de Dragões que ocupem  
 Só as moradas dos Religionários,  
 É determinação régia. Noailles,  
 Que tinha n'alma impresso o vivo culto  
 Da subserviência ao Rei, abafa  
 O grito da consciência, e a frio cumpre :

Aos Religionários confiscados  
 São os bens, se de França emigrar tentam ;  
 A metade compete aos denunciantes !  
 São arrancados à família os filhos  
 De cinco annos a dezaseis, mettidos  
 Em clausura cathólica, onde aprendam  
 As doutrinas da triumphante Egreja.  
 Que um ferro quente marque, e ás galeras  
 Seja lançado o Protestante ousado  
 Que um catholico tenha ao seu serviço !  
 O que tentar abandonar a França  
 Perca os bens, e ás galeras se arremesse,  
 Como abjecto grilheta, se fôr homem ;  
 Mulher, seja rapada por navalha,  
 Em perpetua clausura recolhida.  
 A quem coadjuve a evasão se inflige  
 A mesma pena. Os mortos de heresia  
 Nas ruas, sobre cal são arrastados,  
 Atirados para os covões a monte.

## IV

As almas delicadas contemplavam  
 Com desvanecimento religioso  
 As tragicas angustias das familias  
 Desmembradas, famintas, foragidas  
 Sobre o solo miserrimo estrangeiro !  
 A bella Sevigné não tem mais phrases  
 Com que exalte a constancia do Monarca :  
 Invencivel na Fé, como nas armas  
 Foi perante as nações inabalavel !  
 E Lafontaine ? o ingenuo Lafontaine,  
 Que a vida passa descuidado á mesa  
 Dos Marquezes contando velhos contos  
 Com que o apetite sensual excita,  
 Vendo o heroismo de Luiz Quatorze,  
 Exclamava :

— Sómente um Homero falta  
 Para o Rei ter na terra as glorias todas ! —

Oh convenção moral ! Se á consciencia  
 Falta a base, a noção da humanidade,  
 Como a torpe abjeccão palaciana,  
 A religiosa hypocrisia, os crimes  
 Se legitimam como excoisas glorias !  
 Lacnaise exulta na sua obra escura.  
 Que importa que um milhão de homens emigre,  
 Que as riquezas da França se aniquilem,  
 Que a justiça no sangue e horror se afunde ?  
 O Jesuita oppõe a represalia  
 Às derrotas que soffre em Inglaterra !

## V

Quantas familias protestantes buscam  
 Da Normandia as afastadas costas  
 Para emigrarem! Um motivo existe  
 Para essa escolha: O povo guarda a crença  
 Que ha ali uma fonte mysteriosa  
 Que tem um dom, o singular perstigio:  
 Aquelle que beber na argentea veia,  
 Por mais transviado que no mundo seja,  
 Não poderá morrer em terra estranha!  
 Hade vir acabar seus tristes dias  
 Sobre o solo da estremecida patria.

Seria aquella crença por ventura  
 Que trazia, ao seguirem para o exilio,  
 Ali tantas familias protestantes,  
 Que na fonte de Reveillon as aguas  
 Com a saudade infinda anciosas bebem?

A perseguida multidão dispersa  
 Refugia-se incerta na Allemanha,  
 A Suissa abre-lhe o seguro seio;  
 A Inglaterra e a Hollanda accolhem  
 Bandos e bandos de Religionarios.  
 Em paga, esses espiritos activos,  
 Intelligentes, probos, onde param  
 Abrem um fóco novo para a Scienzia,  
 Criam a Industria, alargam a riqueza,  
 Conservando na dolorosa crise  
 Da independencia, os germens da energia  
 Que ao fim de um seculo explosindo em França,  
 Dão á Revolução os horisontes.

## CANTO III

## A bella Ysabeau

I

O grande Rei, o protector das letras  
 Que imita Augusto no nefando vicio,  
 Cruel no fim da vida, conversava  
 Sobre o triumpho da Egreja com Racine :

— Que magoa para mim, se no futuro  
 Desconhecer a tradição dos povos  
 Que uma nova Joanna d'Arc, em França,  
 A Religião catholica restaura !  
 Eu fui o braço, a Maintenon a alma  
 Que a unidade da Fé no reino assenta.  
 Que poema, Racine, que victoria !  
 E que immortalidade para o poeta !

Suor em bagas pela fronte escorre  
 A Racine : um sorriso doloroso  
 Era o protesto mudo da consciencia.

— Não vos inspira o heroico feito um Poema ?  
 Não vos assombra o luminoso vulto  
 Da nova Joanna d'Arc ? . . .

O Poeta falla :

• Que tragedia maior que a realidade !  
 O povo tem o instinto da Justiça ;  
 Elle idealisa os grandes sentimentos,  
 Tem a vertigem das commoções fundas ;

D'elle surgem Sibyllas e Prophetas  
 Que a lenda eterna ao sofrimento criam !  
 Uma joven aldeã, no sul da França,  
 Como Débora á sombra das palmeiras,  
 Falla ás turbas com vehemencia e fogo,\*  
 É a *Bella Ysabeau* . . . \*

Luiz Quatorze,

Como ferido do instantaneo golpe,  
 A expressão colérica reprime ;  
 E interrompendo um glacial silêncio,  
 Como se arremecasse sobre o Poeta  
 Do desfavor a lagrima, que sepulta  
 O condemnado e morto para as graças.  
 Recolheu-se sombrio ao aposento ;  
 Não fallou mais no nome de Racine !

II

Porque o rancor do Rei incita o nome  
 Da joven aldeã, que o povo acclama  
 Como a *Bella Ysabeau* ?

As grandes dores,  
 As emoções que a multidão agitam,  
 Os desastres da Patria, o sangue, a ruina,  
 Dão a hallucinação que a mente exalta,  
 Os extasis, visões, os vaticínios,  
 Os heroicos, sublimes sacrifícios.  
 Quando a França se achava desmembrada,  
 Sem governo, ao arbitrio do estrangeiro,  
 Uma mulher, Joanna d'Arc, inspira  
 O sentimento nacional, o esforço  
 Que a liberdade á patria revindica.  
 N'esta devastação que a Egreja ordena,  
 Movendo o Braço secular, impune,

Quando os genios applaudem com descaro  
 Do monarcha a infernal hypocrisia,  
 Ergueu a voz do Povo o alto protesto  
 Severo, justo e grande, os vis espanta.

As lagrimas, as dores communicam  
 Intima compuncão; entre as donzellas  
 Os terrores, as mortes lhes suscitam  
 Extasis, em que imploram — Piedade!  
 No Delphinado uma criança falla,  
 O povo acode crêdulo a ouvil-a.  
 Tem apenas quinze annos! Fresca e bella,  
 Inconsciente, e prompta para a morte,  
 É dominada pela impressão viva  
 Do sangue derramado, dos incendios,  
 Dos ais das pobres victimas inermes,  
 As mulheres, os velhos, as crianças  
 Que as patas dos cavallos despedaçam!  
 Era a *Bella Ysabeau*! humilde filha  
 De um cardador de lã; pelas montanhas  
 Andava a guardar gado, e a soledade  
 Despertou-lhe a visão, fel-a Sibylla.  
 Ella falla; começa por um psalmo,  
 Misericordia implora a tanta angustia,  
 Descrevendo com um relevo intenso  
 Scenas de cannibal carnificina,  
 Quando ás mães os filhinhos arrancaram,  
 Atirados para a clausura muda,  
 E os esposos ao banco das galeras;  
 A familia dispersa, morta á fome,  
 Ao frio por matagaes, onde a perseguem  
 Os soldados do Rei, que as ordens cumprem.

## III

Mas, da *Bella Ysabeau* os labios soltam  
Um vaticínio breve, e que se espalha  
Entre o povo! A Auctoridade treme...

Do Delphinado o Intendente acode  
Para ouvir; tudo a corte sabe anciosa.  
A joven aldeã prophetisava...  
O que?

\* Pobre familia protestante,  
Eu vejo-te dispersa, desmembrada  
Na Allemanha do norte, na Suissa,  
Na Hollanda e por toda a Inglaterra;  
Mas eu sei que outra vez serás unida  
Sobre o solo da França, a pedir contas  
Do attentado — à Egreja e à Realeza!....

Não se atrevendo a estrangular a criança,  
No Hospital a internam. É preciso  
Contraminar a impressão profunda  
Que ella causa no povo! Se inda ao menos  
Na candidez da inconsciencia sua  
Pudesse proferir uma heresia!  
Irmã de Joanna d'Arc, certo expiára  
A auréola que a cerca, na fogucira.

## IV

Eis, Flechier, o theologo seguro  
Recebe ordem do Rei, para que abafe  
Pela doutrinação a voz dolente  
Com que a *Bella Ysabeau* commove a França.

O theologo exerce a velha argucia,  
 Pergunta, inquire, mas em vão sophisma,  
 Ante a simplicidade que o domina.  
 O riso de desdem com que elle encara  
 A Sibylla do Povo, crente e rude,  
 Em consternação muda se converte !  
 Não ha pretexto para a crueldade,  
 Na *Bella Ysabeau* falla a alma da França.  
 E a convulsão do grande dia da ira  
 Aos Philosophos longe se annuncia !

## V

Uma outra voz irrompe ! é reflectida,  
 Consciente; pela razão fulmina :  
 É a voz de Jurieu, brado violento  
 Que a Liberdade da Consciencia affirma.  
 Eil-o que accusa a primitiva Egreja  
 De sustentar-se em embates de doutrina  
 Só pela Espada temporal dos Cesares ;  
 Os perseguidos chama á resistencia,  
 E um medonho vaticinio dita :

= *Outenta e nove!* Este o terrivel anno  
 Que a ruina traz á funebre potencia,  
 Porque attentou contra o Dever humano. =

O audaz controversista a nova espalha  
 Em *Cartas pastoraes*. A corte manda  
 Que Bossuet a Jurieu responda ;  
 Mas, a hora tremenda se aproxima  
 Que o Monstro-multidão acorda em sanha,  
 Já Leviathan revolve a Inglaterra !

O jesuita Petri, o ardiloso,  
 Que é Confessor do rei Jacques Segundo,  
 E á perfídia sanguinaria o incita,  
 A Lachaise escreveu: narra-lhe a ruina  
 Do plano atroz em que se empenham ambos:

\* Mal Guilherme de Orange desembarca,  
 Jacques Segundo, por covarde, foge,  
 O catholico throno desampara!  
 Na fuga, arroja ás aguas do Tamisa  
 O grande Sello do Estado... Ao lodo  
 Vae para sempre o Symbolo imponente  
 Do Direito divino, fonte pura  
 Do Poder absoluto sobre a terra!...»

Rasgou Lachaise a carta:

— Que se ignore  
 Que hoje o Poder político se funda  
 Sobre um pacto social! —

Os Protestantes  
 Com Guilherme de Orange triumpharam;  
 Leviathan, o povo, ergue a cabeça  
 Tendo o corpo aos pedaços desmembrado  
 Por todos os Estados; de Inglaterra  
 Onde se apoia, já domina o mundo!

## CANTO IV

## A esphera branca

I

As tenebrosas luctas religiosas  
 Fizeram da Inglaterra hospitalcira  
 Inviolavel azylo das ideias !  
 Entre os Religionarios perseguidos  
 Que se acoutaram entre o activo povo,  
 Fructifica o trabalho, que fecunda  
 Essa patria adoptiva e a torna grande !  
 Aos odios cannibaes de Luiz Quatorze,  
 A Inglaterra oppõe — a piedade,  
 A protecção aos pobres foragidos ;  
 Compartilha o seu pão, dando-lhes patria.  
 Como ao encontro do Samaritano,  
 Cada qual leva o óbolo aos oppressos.

II

Encontraram-se ali Swift e Hobbes,  
 O poeta e o philosopho ; trouxeram  
 Para as familias que da França emigram  
 Ante o furor religioso — a esmola  
 De compungidos corações humanos !

Vendo Swift o doloroso quadro,  
 Com expressão de uma ironia acerba  
 Disse para o philosopho :  
 — À desgraça  
 As lagrimas não bastam ! é allivio  
 Quantas vezes a gargalhada franca.

No *Conto do Tonel* pintei ao vivo  
 As mesquinhas paixões do fanatismo,  
 Dignas de riso, se não fôra o sangue...  
 E a compressão das livres consciencias!  
 No mar, têm por costume os marinheiros,  
 Quando encontram de frente uma baléa,  
 Atirar-lhe com um tonel vazio,  
 Que vai servir para brinquedo ao monstro.  
 A corajosa marujada entende  
 Que assim do rijo embate o baixel salva;  
 Prôa ao largo, divertem-se de longe!  
 É este o assumpto alegre do meu Conto,  
 Que os lugubres sucessos interpretam:  
 A Baléa, bem vêdes, representa.  
 O poder dos systemas, das doutrinas  
 Que ovantes passam, devastando os povos,  
 Até que inane cãe, por esgotado  
 Na discussão das frivolas minúcias.  
 O Baixel que naufragio ameaça, é o Estado;  
 Horacio o tinha dito já.

\* Por certo,

(Interrompe o Philosopho ao Poeta)  
 Alludis à comparação usada  
 No livro o *Leviathan*? O despotismo  
 Deu em França este nome ao povo, quando  
 Pela Revolução funda a justiça.  
 Não me entenderam, não! O estranho monstro,  
 Leviathan, é toda a Sociedade,  
 Esse organismo enorme, incomprehensivel,  
 De opiniões, ideias, interesses,  
 Instituições, em intimo conflicto  
 Produzindo o invencivel movimento  
 De uma corrente progressiva e ampla,  
 Contra a qual são os Reis sempre impotentes,  
 E risível o anáthema dos Papas!

Instrumento de um fanatismo cego,  
 Estupido, persegue Luiz Quatorze  
 Pela crença as familias protestantes ;  
 Quem pôde avassallar as consciencias ?  
 Esses Religionarios as riquezas  
 Levam consigo, — a aptidão da industria,  
 Para a Suissa, Hollanda e Allemanha.  
 Quanto lhes deve agora a Inglaterra !  
 Como de uma fogueira immensa ás brasas  
 Que o vento espalha, em si o incendio levam,  
 Deu a Revolução de Outenta e Outo  
 Á moderna Inglaterra a ordem nova.  
 Ah, não longe virá tambem o dia  
 De outra emancipação — a americana,  
 Até que sôe a hora, o advento amargo  
 De uma estupenda Crise do Occidente,  
 Equilíbrio de séculos buscado !  
 O Baixel vae de encontro ao monstro e talha-o ...  
 Mas o *Tonel*? Falta esta allegoria ;  
 Qual é pois o sentido ? »

O Poeta ouvira

A teoria social de Hobbes, attento,  
 E, reatando as ideias, continua :

— O *Tonel*, ante o monstro intolerante  
 É um Conto qualquer que causa riso ;  
 O riso espanta as coleras do orgulho.  
 Quem se não ri da encarniçada rixa  
 Que entre si trazem João, Martinho e Pedro  
 Sobre o estofo das capas que os trez cobrem ?  
 Qual d'ellas tem mais nodoas, mais remendos ?  
 Mas o Papa, e Luthero com Calvino  
 Nos empuchões á capa espalham odios,  
 Perseguições, ruinas, mortandades !  
 Em quanto o fetichismo houver no mundo

Pelo Symbolo, é o *Tonel* preciso;  
 Contra o Terror, do Conto a gargalhada.  
 O *Annel* do Pescador ainda apparece  
 Qual talisman de magica potencia;  
 Como algemar as consciencias busca!  
 Despertemos do perzadello aziago:

## III

## O Annel do Pescador

O bom do Pescador disse aos trez companheiros:  
 — Eu possuo um *Annel* de sublime condão,  
 Que tornará feliz quem o trouxer na mão.

Sei que estes dias meus são já os derradeiros;  
 E antes que se me extinga a vida em sacrifício,  
 Deixo eu a um de vós o talisman propicio. —

Uma tarde que andava a pescar sobre o Lago,  
 Quando a réde estendida aqui e além se apanha,  
 Fallou secretamente a esses trez da companha:

— Em verdade vos digo: Oh, não é sonho vago,  
 Quem possuir o *Annel*, no mundo tem segura  
 A riqueza, potencia, a gloria e a ventura.

Quem possuir o *Annel* dominará na terra  
 Sobre os proprios Reis, e sobre as Consciencias;  
 Dará a salvação segundo as conveniencias.

Logo que no sepulchro o meu corpo se encerra,  
 Procurae esse *Annel*, o talisman propicio. —  
 Cedo o bom Pescador expirou no suppicio.

Não se esquecem os trez da indigente companha  
De procurar o Annel; revolveram a lage,  
As prégas do sudario em vilissimo ultrage;

Cuidando cada um dos trez que o Annel apanha,  
Eis na chaga do peito os dedos mettem rombos,  
E o gélido corpo é revirado aos tombos.

Se o Annel mysterioso existe, ninguem sabe;  
Mas cada um dos trez, com astucia e fervor  
Teima em dizer que achou o *Annel do Pescador*.

Pedro exulta contente! alegre em si não cabe,  
Logo à veneração se impõe dos companheiros;  
Ufano em ter o Annel, exclue os mais parceiros:

• Universal Poder este Annel me confere,  
Com que na alma humana a minha ação penetra,  
E o espírito accorrenta à Fé na morta letra.

Toda a ordem no mundo o Annel potente fere,  
Os juramentos quebra e os fracos desliga  
De obediencia ao forte; até aos Reis obriga. •

Ninguem lhe contradiz aquella pia fraude  
Que o Poder novo affirma; ouvem, mas não entendem:  
• Os Servos e os Reis, de mim ambos dependem. •

Paulo por possuidor do talisman se applaude:  
• Omnipotente sou; no Annel é transmissivel  
Dom da Graça, a eleição de Deus incomprehensivel,

Pela qual livre estou das leis da terra ; e venho  
Trazar a emoção que as almas edifica,  
E pelo sentimento em Deus as unifica.\*

Thiago sae d'allí : « Sou eu, eu é que tenho  
Bem guardado esse Annel, de que fallou o Mestre,  
Que reune o empyreo e imperio terrestre.

Eu é que tenho o Annel ; os vossos são estereis;  
Taes poderes não vêm simplesmente da Fé,  
Que accepta a Letra morta, e em absurdos crê.

É sonho inefficaz, se as Obras não fizereis,  
Aos que prometteis Graça, ou arbitrio do Céo:  
A acção é que elevanta o individuo, o eu. \*

---

Aflastaram-se os trez solertes companheiros,  
Cada qual se dirige ao dominio do mundo,  
Confiando do Annel no influxo profundo.

Qual d'elles attingiu, dos trez aventureiros  
O ficticio ideal, que de edade em edade  
Se tornou com assombro em uma realidade?

Não por que possuisse o *Annel do Pescador*,  
Foi Pedro ! D'entre os trez era Pedro o mais broma;  
Conseguiu assentar um throno excenso em Roma.

Como em letras elle era o menos sabedor,  
Mais ferrenho se agarra à letra immovel, fria,  
Impondo então a Fé, quando elle em nada cria.—

## IV

Bem presentira Swift em seu conto,  
 Nova lucta se trava em França ; agora  
 Contra Martinho e João não reage Pedro.  
 É a questão da Graça ! O Jesuita  
 Opina pelo merito das *Obras* ;  
 Posto ao lado de Thiago a Pedro arrasta  
 Contra as doutrinas mysticas de Paulo,  
 E pela mão de Luiz Quatorze assalta  
 Do Port-Royal os quietos solitarios,  
 Buscando até nas campas a heresia !

## V

## A Fabula moderna.

Ia o Rei-Sol caminho de Versalhes,  
 Do enfado do ocio e do prazer exhausto ;  
 Às turbas que o vêem passar dá-lhes  
 A vertigem das pompas e do fausto.  
 Donosas damas, guapos cavalleiros,  
 Luxurientes abbades, vãos marquezes,  
 Seguem-no altivos ; vão passar os mezes  
 Das fortes calmas nos jardins fagueiros.

Cavalleiros e damas são planetas  
 D'esse centro de uma attracção sublime ;  
 Cantam-no em panegyrico os poetas,  
 Por que o arbitrio seu mata ou redime !  
 Elle illumina e dá calor à França,  
 A Justiça é a espada que elle vibra ;  
 E da nação a vida se equilibra  
 No tedio imenso do Poder, que o cansa.

E enquanto passa em cõche reluzente  
 Erguendo o pó de uma grandeza estulta,  
 Saudou mudo o monarca omnipotente  
 Um bando de homens, que o calor sepulta :  
 Um bando que trabalha abrindo a estrada  
 Inda não prompta, que a Versalhes leva ;  
 A comitiva rompe a custo; e séva  
 Paira a vista do Rei como indignada :

\* Miseraveis ! Ainda a obra em meio !  
 Não sabem que hoje de Paris me move ?  
 Senhor de Lafontaine... (O Poeta veiu)  
 Contae-me aqui a Fabula do Povo,  
 Do sér abjecto que a clemencia esgota. \*

Um apoloigo antigo contou breve,  
 Qual mão sinistra que a sentença escreve  
 A Balthazar, n'uma visão remota :

— Debaixo de um sol de agosto,  
 Na fadiga  
 A que a precisão obriga,  
 Gira da aurora ao sol posto  
 A Formiga.

Aqui sóbe, ora ali desce,  
 Quasi esbarra ;  
 De manhã, té que anoitece,  
 Canta ociosa d'entre a messe  
 A Cigarra.

Chega a enxurrada de Outubro :  
 \* Minha amiga !  
 Fome e febre... este olhar rubro...  
 Que negra crise descubro...  
 Ai, Formiga ! \*

Com frio, faminta, inquieta,  
Seu mal narra;  
Responde a outra: — Patéta!  
Cura a febre com dieta,  
Mãe Cigarra.

Chasqueavas-me em Agosto  
Na fadiga,  
Com descuidada cantiga;  
Hoje vae-te, e dansa a gosto  
Da Formiga.—

E foi o *Seis de Outubro* o grande dia  
Da tremenda justiça! Dia amargo,  
Embate de dois mundos!  
Pelo caminho que a Versalhes guia  
Irrompe a multidão, que abafa ao largo  
Doestos iracundos.

Como um baixel sossobra, assim a corte,  
A guarda real, os nobres favoritos  
Entre a plebe se sómem!  
No secular festim libou-se a morte,  
E dos oppressos os ardentes gritos  
São os *Direitos do Homem*.

O decrepito Rei era um miasma  
Inda na morte infecionando. A França  
Fica esgotada e atraç dos outros povos,  
Pela acção deprimente que exercera.

E enquanto o mundo official proclama  
 Ao misero devasso, peior que Nero,  
 Eponymo de um seculo, irmanando-o  
 A Alexandre, a Péricles, a Augusto,  
 Uma voz discordou no abjecto côro:

Com santa ingenuidade de alma exclama  
 O benevolo Abbade de Saint-Pierre,  
 Diante da apotheose do monarca :

\* Só merece a immortalidade aquelle  
 Que promoveu o bem ; hade o seu nome  
 Sobreviver na gratidão humana. \*

Tremeu a Academia ! Essas palavras  
 Empanavam a gloria inextinguivel  
 Do grande Rei ! Ao brado infame e odiento  
 Do Cardeal de Polignac reune-se  
 A corporação sabia, destinada  
 Unicamente a eternisar a gloria  
 Do Rei-Sol.

A Academia escuta  
 A accusação do Abbade ! e de horror hirta,  
 Nem mesmo admitté explicações do assumpto ;  
 Por votos seja o dissidente expulso !

Silencioso o escrutinio corre ;  
 Entre as espheras pretas, que excluiram  
 Da Academia o pensador sublime,  
 Achou-se apenas uma esphera branca !  
 Era o voto do sabio Fontenelle,  
 O julgamento historico consciente.  
 Coadjuvado pelo alto privilegio  
 De uma longevidade centenaria,

Fontenelle tornou-se desde essa hora  
 Laço de transição, a aurora vaga  
 Do esplendor do *Seculo das Luzes*,  
 Do seculo do Livre-Pensamento,  
 Que uma éra nova abriu á Humanidade.

## II

## MILTON

## I

Velho e cego o Poeta se assentara  
 Ao Orgão, preludiando melodias  
 De religiosa unção !  
 As desgraças, tristezas, agonias.  
 Perseguições, terrorcs, tudo pâra  
 - Ante esta solidão.

Milton se eleva em sonorosa prece,  
 E das luctas politicas se esquece,  
 Da pobreza tambem ;  
 No voo da phantasia, não se importa  
 Se a justiça do rei, o algoz á porta  
 Para arrastal-o vem.

---

Cahia a tarde, quando chega o amigo  
 Certo, seguro, antigo,  
 O bom velho Elwood :  
 Esse que em fraternal solicitude  
 Nas horas de amargura  
 De um desalento fero,  
 Lhe fazia a leitura  
 Dos Poemas de Homero.

Escuta o amigo a melodia doce  
 Que da alma toma posse,  
 Que infunde tanta paz !  
 Guarda, scismando, um timido silencio,  
 E a mudez convence-o  
 Que a dôr o canto apraz.

Sente o Poeta, na tréva que o rodeia,  
 Que alguem estranho, mas que o não odeia,  
 Mansamente chegára !  
 No diluvio das melodias pára,  
 E exclama : « É a cegueira um ataúde,  
 Elwood, Elwood !

• Dedilhe, embora, as melodias bellas  
 Que dos Prophetas de Israel me avivam  
 Nobres Lamentações;  
 Anda-me envolto o espirito em procellas  
 Dos conflictos sociaes; a alma me crivam  
 Negras recordações.

• Nunca o disse a ninguem : A lucta immensa  
 Das Legiões rebeldes, no meu Poema,  
 De Jehovah contra a augusta magestade,  
 Certo, ninguem o pensa,  
 É eloquente emblema  
 Da crua realidade :

• Eu assisti a essa immensa lucta !  
 Deus, é vontade eterna e absoluta,  
 O Dogma imovel, que a razão enluta,  
 Peso da Tradição !  
 Satanaz, é a critica audaciosa,  
 A aspiração da Liberdade anciosa,  
 É a ideia que tudo inquire e oussa,  
 Protesto, e Negação !

• Vi esta lucta, e n'ella tomei parte!  
 Vêde, o rei Carlos, o primeiro Stuart,  
 O Direito divino representa  
 Na vontade pessoal, de lei isenta  
 Ao ponto da traição!  
 Contra a soberania alta, abusiva,  
 Que a livre sociedade da lei priva,  
 Como Satan, já Cromwel bafurda,  
 Audaz suplanta a tyrannia absurda  
 Pela Rebellião!

• A Rebellião na mente se transporta  
 Dos combates que dão o Bem e o Mal,  
 Para o mundo social:  
 Contra Jupiter luctam os Gigantes,  
 Ou contra Jehovah Anjos brilhantes  
 Que se tornam precitos...  
 E esse quadro ideal  
 De uma miragem vaga e illusoria,  
 Desvenda-nos na sua letra morta  
 Dos mais vetustos Mythos  
 Sempre o drama da Historia...»

---

E quando Milton revelava a ideia  
 Immanente na esplendida Epopéa,  
 Volve Elwood aterrado:  
 — Não reveles, oh Poeta, um tal segredo!  
 Carlos Segundo é vingativo e tredo,  
 Não perdoa o passado.

Para nós todos, hoje, a Inglaterra  
 É sob o atroz despota que a aterra,  
 Paraíso perdido!

Em nome da Ordem e da Liberdade  
 Da Justiça, da Fé, e da Verdade,  
 É o cutello erguido.—

## II

Milton sorriu-se triste e sem receio,  
 E como continuando o devancio  
     Em que se refugia,  
 Terminando a dolente melodia,  
 Sentar-se ao pé do velho amigo veiu,  
     E lento referia :

\* Dos Céos em roda, onde em infinito goso  
     Os bemaventurados  
     Existem enlevados  
 Na harmonia de um mystico repouso,  
 Andam vagando os Anjos condemnados,  
     Decahidos da Graça,  
 Para vêr lá por dentro o que se passa,  
 Para ouvir de algum Côro os doces brados.

\* A elles é o Empyreo impenetravel ;  
     Inquietos, sem remorsos,  
     Empregam mil esforços  
 Para ouvir qualquer som de harpa ineffável ;  
 Trépam uns após outros sobre os dorsos,  
     E cada qual espreita  
 Lá para dentro da Cidade eleita,  
 Tendo em violentas posições os torsos.

\* Leve rumor dos jubilos apenas  
 Chega até aos precitos,  
 Dos cantos infinitos,  
 Das alegrias placidas, serenas ;  
 Mas, a curiosidade mais incita-os,  
 Nos espíritos lavra,  
 No empenho de alguma ideal palavra  
 Perceber dos Triságios inauditos.

\* No desespero seu descem à terra,  
 E dos homens vem junto  
 Segredar-lhes o assumpto  
 Que o som ouvido vagamente encerra !  
 Não percehem dos Cósos o conjunto ;  
 Da aspiração ideal  
 Só trazem mais estímulos ao mal,  
 E o mal cresce na terra muito e muito :

\* Como esta palavra da *Verdade*  
 Cobre o embuste, a mentira !  
 Como a vingança, a ira  
 A *Justiça* enredou na iniquidade !  
 O dogma, a *Fé*, nas Religiões delira,  
 Abre às almas abysmos ;  
 Como a *Moral* mascara os egoismos,  
 E a *Lei*, a adaga com que impune fira !

\* A *Ordem* justifica o brutal crime  
 Dos despotas, rezes Cacos  
 Escravizando os fracos ;  
 E mesmo a *Liberdade* que os redime,  
 Horizontes allumiando opacos  
 Da plebe improba e crua,  
 Quando a onda do sangue quente estúia,  
 É véo que cobre as violações e sacos.

\* Com a palavra *Amor*, torpezas quantas  
 De sensualidade!  
 Cada uma Entidade  
 Que synthetisam as palavras santas,  
 Tem desvairado a pobre humanidade,  
 E a Razão engana,  
 Tornando a vida social insana  
 De ininterrupta e atroz calamidade.

\* N'este cíbos, em que vivemos todos,  
 Como aguia cativa,  
 Dura sorte me priva  
 Da luz que inunda essa amplidão a rodos!  
 Mas que importa? Minha alma pensativa  
 Reconstrue o universo,  
 O passado, o porvir, e em Deus immerso  
 Goso a visão suprema, subjectiva.\*

---

Entram na sala as filhas do Poeta;  
 Crendo-o triste, cada uma se inquieta,  
 E as ultimas palavras interpreta,  
 Vêm fazer-lhe a leitura!  
 E enquanto lendo a Bíblia, as attendia,  
 De Milton o espírito immergeia  
 N'aquelle immenso oceano de poesia  
 Que adormenta a amargura.

---

## III

## O BANQUETE DOS LIVRES

(POEMA)

## PRIMEIRA PARTE

## A TAÇA DA GHILD

## CANTO I

*Écrasons l'infame*

É nos salões d'Holbach, na franqueza  
 Do parque de Grand-val, onde o banquete,  
 Pretexto para o encontro dos amigos,  
 Frugal se presta às expansões sinceras.  
 Sem os terrores da rassão de Estado,  
 Da intolerancia acérrima dos Dogmas,  
 Ali, como os philosophos de Athenas  
 Nos jardins do Academus, imitando  
 O festim de Platão, tinham por thema  
 Tambem o Amor, o amor da Humanidade!

Conversavam na alegre effusão da alma,  
 Como os que vão de subito levados  
 À regiões incognitas, suspensos.  
 Ao pé de Diderot está Galiani,  
 Mais além d'Alembert, aqui Helvetius  
 Attento a tudo, e como que inundado  
 D'aquella intensa luz; Raynal mais perto

Estava de Buffon ; Rousseau absorto  
 Todo se enleva na aza da utopia.  
 Um sublime Cenaculo, estupendo,  
 Onde as linguas de fogo, que infundiram  
 Validez e convicção ás consciencias,  
 Scintillam na expressão dos pensamentos.  
 Faltava ali Voltaire ! Onde a essa hora  
 O semideus da intrepida ironia ?

Não deram pela falta os mais convivas.  
 Fallava Diderot, o audaz obreiro  
 Que transforma os espiritos ; sorrindo :

« Vede ! custou dez annos a tomada  
 Da antiga Troya ; não bastou a força,  
 Foi necessário ardil. A Razão sempre  
 Como unico poder ! Planea Ulysses  
 O cavallo, em que oculta os mais audazes,  
 Dentro dos muros invenciveis de Ilion  
 Os introduz . . . Tambem na fortaleza  
 Do Cesarismo e absurda Theocracia,  
 Contra os quaes já tres seculos correram  
 De lucta inefficaz, introduzimos  
 O novo estratagema — a *Encyclopédia* !  
 Lá dentro estão da Revolução germens,  
 Fermentam as ideias ; mas um dia  
 Hão de fructificar na mente do homem.  
 D'ahi dimana a verdadeira força.

Reis e Padres ! satanica alliança,  
 Dois Poderes eguaes no acordo egoista.  
 Dizia a Egreja : — A Terra não se move ! —  
 A Galileo ao cárcere arremessa,  
 Contrapondo á Razão a letra morta ;  
 A voz do genio abafa o texto mudo.

Cuidara assim que o pensamento algema  
 N'uma têa de aranha, o dogma estulto.  
 Eis a Terra movendo-se no espaço!  
 E a matéria oscillando no equilíbrio  
 Que ora a condensa e desaggrega, em formas  
 Transitorias da sempiternidade,  
 Confirma da Razão a autonomia  
 No irrefutável facto : *E pur si muore.*

Dizia a Realeza : — A Sociedade  
 Subsistindo pelo que tem de estavel,  
 O Estado sou Eu ! É só da força,  
 Sancção das leis, que se deriva a Ordem !  
 Seja o direito então minha vontade,  
 Seja a justiça uma emoção do arbitrio, —  
 E arrojava ás Bastilhas negras quantos  
 A elevação do homem annunciam,  
 Ou, abjurando o culto do passado  
 Previam mais fulgor n'outro horizonte.  
 Apesar dos exercitos frementes,  
 Dos canhões e dos sanguinários pactos  
 Das truculentas dynastias, muda  
 Foi a Realeza á barra da justiça.  
 Caia da iniquidade a Cidadella  
 Por terra ao Cá ira ! cantico, grito,  
 O *E pur si muore* dos destinos do homem.

Então d'Holbach erguendo ao ár a taça  
 Com que a concordia humana symbolisa,  
 Taça da Ghild, que nos labios toca :

— «Que Poder novo ao homem arma o braço ?  
 Que concepção lhe insurge a consciência ?  
 Quando a opulenta Babylonia, outr'ora,

De Cyro pelo exercito assaltada,  
 Se abandonava ás desvairadas festas  
 Dos seus deuses sensuas, na louca pompa,  
 Viu Belzaçar na sala do banquete  
 Na parede fronteira, mão sinistra  
 Escrevendo a sentença da ruina  
 \*De um mundo torpe, o — Manet, *Thecel, Phares.*

Nova crise atravessa a humanidade ;  
 Não é a força, é a razão que a incita.  
 Como um polypo enorme, que renasce  
 E a energia orgânica devora,  
 Tal foi na sociedade o Despotismo :  
 Separa os povos crédulos, levando-os  
 De embate uns contra os outros, empenhados  
 Em odios vãos de raça ; e os arrebanha  
 Fechando-os n'um redil de indignidade !  
 A guerra e o fanatismo eram as bases  
 Da Ordem social. Crêra-se impune,  
 Julgava-se seguro, inabalável !  
 E quando o Cesarismo mais deslumbra  
 Pela devassidão e pompa os povos,  
 E os Reis se dão da divindade eleitos,  
 Dizendo receber dos céos o imperio,  
 Todo esse mundo de torpeza e crimes  
 Já se presente desabar em terra  
 N'um diluvio de sangue submerso.  
 Aqui, na Babilonia do Occidente  
 Não se conspurca os calyces dos templos,  
 Nem por craneos dos martyres calados  
 Se bebe agora em fraternal encontro.  
 Communga-se a união pelas ideias ;  
 Hoje é Paris o centro do convívio,  
 Tem a Taça da Ghild, que une os povos !  
 Dé-se a provar ao mundo o travo forte.

No fraternal banquete erga-se a Taça  
 Das angustias fataes da Humanidade,  
 Livres saudando a aurora do futuro;  
 Conciliem-se as consciências rectas  
 Sob a divisa de — *Écrasons l'infame!* —

Rousseau ouvira attento; comprehendendo  
 Da saudação as lucidas palavras,  
 Viu a lux nova a grande, a eterna lucta  
 Da Humanidade em prol do seu destino;  
 Para vencer da força o antigo abuso,  
 Contra a fascinação dos velhos Dogmas,  
 E despertar no Povo a consciência,  
 Faz da ideia a semente da revolta:

#### PARABOLA DA SEMENTE

— Reis e Padres! satanica alliança,  
 Deram-se as mãos para a nefanda obra  
 De abafarem da liberdade a esperança,  
 Como se enrosca ao corpo vivo a cobra.

Mas, quem pôde vencel-os? Quem? olhamos  
 Debalde em volta, pois ninguem se atreve;  
 Todos duvidam, todos vacillamos...  
 A lição eloquente é a mais breve:

Ouvi! aprendereis como se lança  
 Do eterno crêpe na funerea dobra  
 Reis e Padres, que em tetrica alliança  
 Deram-se as mãos para a nefanda obra:

Traz rapido tufão pobre semente,  
 Gae ao acaso sobre dura rocha;  
 Humida fenda em si mal a consente,  
 Com orvalho do céo eis desabrocha.

Dá-se a lucta do vivo contra o morto;  
 O grão perdido alli germina a custo;  
 A luz do sol na altura serve de horte,  
 Que o alimenta e vae tornando arbusto.

Vão as raizes penetrando a pedra;  
 Mais pôde o vivo do que a inerte massa;  
 É rija a fraga, mas a planta medra,  
 Ergue-se ao alto, e a rocha despedaça.

É sempre assim que a liberdade avança;  
 Assim a tradição cede à ideia!  
 E a noção, que dissolve a negra aliança  
 Da cidadella do erro o muro apêa. —

Numa ideal transfiguração sente  
 Rousseau, que a educação modéla o homem,  
 Elle proclama o supreheadente verbo.  
 Tem a intuição da vida collectiva,  
 Da multidão anonyma, que exalta:

— O Povo, a grande força, equiparado  
 Fóra ao bruto! e como tal talharam-no  
 Cimento vivo de áras e de thronos.  
 Elle, o creador de ingentes Epopéas  
 Jazeu seculos tacito e idiota;  
 Elle, que altas Pyramides erguera,  
 Cathedraes rendilhadas e castellos,  
 Revolve-se nas fétidas pocilgas!  
 Elle que elaborou na mente os Mythos,  
 Foi com isso illudido pelos padres.  
 Elle que fecundou da Liberdade  
 A flor, regando-a o sangue, nas feridas  
 Tingiu aos Reis a purpura soberana.

E como o domador propina ás feras  
 O opio que adormenta a sanha e a força  
 E as faz curvar ante uma froixa vara,  
 Tal se curva ante o baculo e o sceptro ;  
 Assim ao Povo os dogmas adormentam  
 Na pobreza de espirito, embebido,  
 Miseravel, no sonho de outra vida !  
 Ai de quem despertar esse dormente ;  
 Se abre os olhos, evac-se o pezadello. —

Diderot viu mais fundo :

• Separemos

Esses Poderes, gêmeos da mentira ;  
 Minando um só é incompleta a obra !  
 Subsistem pelo ávido conloio.  
 Da Liberdade de Consciencia — a Hollanda  
 Foi o reducto inabalavel, quando  
 Era o braço dos Reis o algoz dos Padres.  
 Compete á França abrir a nova rôta :  
 Liberdade politica ! eis o lemma  
 Proclamado da Grecia á Renascença,  
 Delido em sangue pelo Despotismo.  
 Está creada a mutua dissidencia  
 Entre o ignobil que propina o opio  
 Do Dogma escuro, e o domador da fera ;  
 Frederico da Prussia, Catherina,  
 José Segundo, abraçam a divisa  
 Da pugna acerrima : *Écrasons l'infame !*  
 Conflagração de dois opacos mundos.  
 Nós não veremos o estupendo dia,  
 Dia da Revolução ! mas, longe  
 Transparece o clarão da nova Ordem.  
 Sobre o estrume do fétido monturo

Cáem germens trazidos pelos ventos,  
 Revestem-no de alfombras vicejantes,  
 De verdura e de flores perfumadas,  
 Desabrochando ao sol! E o que era hediondo,  
 Mephítico, incapaz de ser tocado,  
 Dará o sér a emanacão saudavel!  
 São assim os detritos revoltantes  
 De um passado já morto, onde impudente  
 Se fortalece o Cesarismo abjecto.  
 Prepotencia dos Reis, feudal arbitrio,  
 Intolerancia religiosa, crimes  
 Do fanatismo cego, privilegios  
 Que inda ultrajam a dignidade humana,  
 Vós formaes esse tâbido monturo,  
 Em que germina a grande Flor vermelha,  
 Revolução! — que vivifica o mundo. \*

Era já serão alto; prosegundo  
 A palestra animada, impetuosa,  
 De repente Galiani volve em torno  
 Dos convivas o olhar:

— Agora explico  
 O que faz do Banquete Academia.  
 Dou pela falta á mesa de Voltaire!  
 Faltava-nos da ironia o apoio,  
 De um riso orientador da realidade.  
 Está vasio o seu lugar! Que acaso  
 O affastou? Elle, o primeiro athleta? —

E quando assim fallava, o reposteiro  
 Do salão de Grand-val correu... Voltaire  
 Entrava lento, e vinha succumbido,  
 Desalentado e triste, em ár de angustia,  
 Como a buscar refugio entre os amigos.

## CANTO II

## O terremoto de Lisboa

Pela tristeza immensa quebrantado,  
 Voltaire se assentou. Todos pretendem  
 No salão de Grand-val entre a alegria  
 Saber que estranho caso o impressiona?  
 Por certo, ante a injustiça ou a desgraça  
 Elle se achou miserrimo, impotente!

Fallou Voltaire:

— Um grande terremoto  
 Subverteu a cidade de Lisboa!  
 Pobre povo! já vítima calada.  
 Do horror do queimadeiro, com que a Egreja  
 Extingue a erva má das heresias,  
 Esse povo, sem dó bestializado  
 Pelos Autos de Fé — selvagens pompas! —  
 No momento em que aos templos concorria  
 A adorar com fervor o Deus da ira,  
 Ficou sob as abobadas submerso!

N'essa mesquinha terra, onde se erguera  
 O privilegio, a atroz desegualdade,  
 Ante a enorme catastrophe baquearam  
 Torreões sumptuosos e os casabres  
 Pelo vortice horrendo nivelados,  
 Rasos com o chão, na mesma sanha envoltos,  
 Durou minutos o desabamento.  
 E quando a espessa nuvem de poeira  
 Cobria à vista a horrivel perspectiva,  
 E o sol rútilo, ardente, trasbordava  
 Nos espaços de luz — contraste acerbo! —

O Tejo ao mar reflue, cresce instantaneo,  
 Accumulando impetuosa vaga  
 Que a Cidade alastrou! Vão no refluxo  
 Mortos e vivos, tudo quanto arrasta  
 Ao hiante golfo no alvôo aberto!  
 Parece onda que vem varrer os crimes  
 Que accumulatoram no infamado solo  
 Por seculos, e impunes, reis e padres!  
 Aonde a vaga não chegou, o incendio  
 Lavra, devastador, mundificando  
 O cahos medieval que ahi subsiste  
 Sequestrado á corrente das ideias.  
 Eis, com as vidas aos milhares, ficam  
 Aniquiladas lá tantas riquezas,  
 As riquezas de um povo activo e sobrio,  
 Que descobrira a America e a India,  
 Que teve o sceptro impavido dos mares.

As bibliothecas e os archivos ardem.  
 O sol entrou nos derrocados claustros  
 Onde as trévas do fanatismo bronco  
 De tempo infindo estavam congregadas.  
 Povo miserò! é negra a sua historia:  
 Do dominio hespanhol sacode o jugo,  
 E na emocioè sublime do resgate  
 Livre se entrega a um Bragança egoista  
 Que o algemou á perfida Inglaterra,  
 De uma covarde segurançá em paga!  
 Páris, ao serviço de um poder ignobil,  
 Carecias acaso d'este abalo,  
 Para surgiress do torpor do bruto?  
 Hoje o assombro te impelle á idiotia.

Ah! falta alguma cousa no Universo!  
 Pois se existisse um Deus ou Providencia,

Consciencia da Ordem, ou Justiça,  
 Era a absurda catastrophe impossivel !  
 Se até aqui foi preciso inventar numes,  
 Caduca hoje a vulgar necessidade ;  
 Busquemos a verdade na evidencia,  
 Que se investigue a Lei em vez da Causa.  
 Nós nos achamos como os outros seres  
 Às leis fataes da Natureza adscriptos,  
 Compete-nos, por força, o conhecê-l-as,  
 Dirigindo-as com previsão da sciencia.  
 Esta a vereda nova e a mais segura !  
 O raio, que arrojava o deus do Olympo,  
 Arrancou-o das nuvens a vontade  
 De Franklin ; e as orbitas dos astros  
 Newton as circumscreve pelo espaço.  
 Eguaes ao raio são tambem as outras  
 Indicações da colera divina ;  
 Mesmo as pestes e as guerras, submettidas  
 À leis fataes pelo homem descobertas.

Porque existiram Religiões ? Porque elles  
 Davam-se por seguras medianciras  
 Nos arbitrios de Deus ; ellas sabiam  
 Segredos de esconjuro, a prece, o rito  
 Para applacar-se as coleras tremendas.  
 Caduca a velha hypothese ante os factos ;  
 Só no mundo das fabulas subsiste  
 A ficção infantil que a mente occupa.  
 O espirito moderno, audaz, activo,  
 Não contempla, examina, quer vér tudo,  
 Verificar consciente, e convencido.  
 É esta a orientação da luz — a Sciencia,  
 Vedado pômo das Theocracias.  
 Precede o terremoto de Lisboa  
 A ruina de um mundo ! o enorme abalo

A alma moderna convulsiona, no vacuo  
 Lançando as ficções vãs do theologismo,  
 E as ócas, subjectivas entidades. —

Vendo a Taça da Ghild sobre a meza,  
 Enche-a Voltaire, e em jubilo saúda :

— Conta-se que o Terror, na velha edade,  
 Sugerira dos Deuses a entidade  
 Que os crédulos espanta !  
 Hoje, os Deuses ante o terror se sómem,  
 E, Próvidencia de si mesmo, o homem  
 Das ruínas se elevanta. —

Diderot, que escutára, e que assentia,  
 Levantou-se saudando a éra nova  
 Como um gigante em meio das ruínas :

\* Para além do horizonte da Sciencia  
 Abre-se um vacuo incognoscível, frio . . .  
 Apoderou-se a Fé d'esse vazio.

Sobre o páramo escuro, cuja essencia  
 Sempre intangivel é do nada o sonno,  
 A Fé fundamentou ahi seu throno;

No boqueirão lethal se precipita,  
 Julgando illuminar-o com seus raios,  
 Nas almas deixa os mysticos desmaios.

Perpassa o tempo, e hoje te indigita,  
 Hallucinante Fé, que o não dominas !  
 O vácuo engole-te, e ás visões divinas.

Vae! procura outros mundos, que esse espaço  
 Teus vãos phantaſmas resurgir não deixa,  
 Incogniscivel — a Sciencia o fecha,  
 Valhacouto do idiota e do devasso. \*

D'Alembert, com a augusta segurança  
 De um espirito recto, que se apoia  
 Na convicção da immutabilidade  
 Das leis da Natureza, — o demiurgo  
 Que esculpira o frontão da *Encyclopédia*,  
 Fallou:

— • A hora da lucta se aproxima,  
 Da lucta decisiva ; a luz attrae-nos,  
 E a vida esvæc-se a combater as trévas.  
 Outr' ora, nos primévos dias do homem,  
 Quando a necessidade o reunira  
 Para atacar os grandes monstros brutos,  
 O Megatherium rijo, o Mastodontone,  
 A fraqueza de todos fez-se força  
 Na instinctiva Liga, que origina  
 Da sociedade a primordial coherencia.  
 Coube a victoria à intelligente liga !  
 Da Natureza physica acabaram  
 Os monstros indomaveis ! lentamente  
 Novos productos monstruosos surgem,  
 Hydra invencivel, que se multiplica,  
 E incoercivel se furtá aos golpes todos.  
 Continuamos a primitiva lucta  
 Contra estes outros monstros do passado,  
 Que se acoutaram na consciencia humana :  
 Sacerdotal Superstiçao obscura,  
 Auctoridade hereditaria, — absurdos  
 Aviventados por paixões egoistas,

Que o cahos social sévios prolongam !  
 A lucta material está findada,  
 Sobre a creaçao o homem tem imperio ;  
 Começa a nova lucta da Consciencia,  
 Em que a rasão se insurge, e alfim um dia  
 O homem toma de si mesmo pósse. —

Terminado o banquete, Suard que chega,  
 Traz a noticia do fallecimento  
 Do sabio Montesquieu :

\* N'aquelle transe  
 Como sua alma em hymnos de verdade  
 Se exhalou ! Chama em volta do seu leito  
 Os attentos discípulos que escutam :

= Na venturosa edade estaes, senhores,  
 Do activo esforço e dos successos grandes;  
 Gastae vossa energia vindicando,  
 Como um supremo goso, o que for util  
 À desolada e pobre humanidade !  
 Quem succumbe a tristezas, se um momento  
 Dado á meditação adoça a angustia ?  
 Da vida em mim se apaga este lampejo,  
 Vós com ardor entraes na liça agora.  
 Tocae a meta que entrevi de longe !  
 Dos liames do instincto o homem solto,  
 Quando á rasão procura levantar-se,  
 Absurdos mil consagra monstruosos.  
 Olhae, como as Nações riquezas, pompas  
 Malbaratam em um esteril luxo,  
 Em quanto ao homem laborioso falta  
 O pão as mais das vezes, e o bom senso !  
 Para extinguir a dupla e crua fome,  
 Aos Povos se esclareça a intelligencia,

Dá-se aos Governos bases de Justiça.  
Philosophos! é esta a missão vossa. —  
Nisto exhalou o alento derradeiro.

Voltaire, o acerbo athleta da ironia  
Que vem da segurança do bom senso,  
Comprehendendo o problema, vaticina  
Da enciancipação moral a hora :

— É morto Montesquieu ! A Humanidade  
Do seu Direito os titulos perdera ;  
O sabio illustre conseguiu achal-os,  
E veiu ao homem dai-os,  
Restituindo assim a Liberdade,  
O sol de uma nova éra.

Quando o sol desce abaixo do horizonte  
Deixa ainda uma vaga claridade  
Crepuscular, esparsa pelo espaço,  
Que allumia, e suscita o pensamento :  
Assim, tambem, depois que á campa baixam  
Vultos que irradiaram sempre ideias,  
Deixam fulgindo no horizonte humano  
Como um clarão que as gerações envolve,  
E da concordia ao limiar as guia. —

---

A catastrophe ingente de Lisboa  
Produzira um intenso e vivo abalo  
Em todas as consciencias; desvairadas  
Vêem na Providencia atroz ludibrio !

Os espíritos fortes não succumbem;  
 Sobre o Universo, ousados, o olhar lançam,  
 A Lei em vez da incognoscível Causa  
 No equilibrio das forças investigam.

E n'essa infensa crise, quando à mesa  
 Do festim do barão d'Holbach, anciosos  
 Eminentes espíritos sacodem  
 O pezadello secular, e fitam  
 As lucidas miragens do futuro,  
 Bem longe, mas na mesma ideia absortos,  
 Da mesma vibração moral feridos,  
 Outros genios tambem se fortificam  
 Na duvida insolvel, proclamando  
 A emancipação interna do homem,  
 De hora em diante senhor do seu destino!

N'essa hora infesta, Kant solitário,  
 Concentrado em meditação profunda,  
 Lançava o olhar perscrutador aos orbes,  
 E pela só coordenação das forças,  
 As immanentes forças da Materia,  
 Reconstruiu sem Deus o universo.  
 Goëthe lança por terra o Altar que erguera  
 Às mythicas fioções do pantheismo,  
 E na verdade unanime da Scienzia  
 Fecunda o ideal — Verdade e Poesia.

---

Renasce a Humanidade, a eterna phenix,  
 Do grande cataclysmo da Consciencia !  
 O coração humano ardente pulsa  
 Hoje por novo Amor ! Deuses, Oraculos,  
 Monumentos triumphaes, Coróas, Dogmas,  
 Cedem o passo à sedução estranha :

A Galathéa, essa animada estatua,  
 É a Vida, o problema irredutivel.  
 Bichat, Lavoisier, Lamarck, attentos  
 Procuram surprehendel-a; ella se esquiva  
 Immortal Galathéa; Magendie,  
 Baer e Bell, febris se apaixonaram  
 De Pygmalião pela animada Estantua.  
 Todos procuram o mysterio insito  
 D'aquelleas seios tenues que palpitan,  
 Como o calor e fogo intimo a move,  
 Como ao marmore adveiu o sentimento!  
 Goethe se inspira em nova e ardente strophe  
 Do universal amor, e o *Fausto* exprime  
 Esta ancia do saber, que impelle o homem,  
 Que se contém no mytho inconsciente  
 Do Prometheu hellenico a Ahasvero!

Da ideia as translúcidas correntes  
 Atravessando a velha sociedade  
 Catholico-feudal, que se dissolve,  
 Suscitam o acordar das consciencias!  
 O banquete de Holbach era o reflexo  
 D'esta Symposia fraternal dos livres;  
 Em toda a parte surdem os convivas:  
 Junto de Bolingbroke se acolhiam  
 Na Inglaterra audazes pensadores.  
 Eis na Allemanha, Kant, Herder e Lessing,  
 Fichte e Jacobi, Lavater, Goethe  
 São os gigantes do escalado Olympo,  
 Que arrebatam a racional favilla.  
 A santa incubação é precedida  
 De illuminismo vago: as almas puras,  
 Collaborando pelo sentimento  
 Na crise em que o passado se derroca,

Lançaram da revolta o eterno grito,  
O Ternario, que allia a *Liberdade*,  
*Egualdade e Fraternidade humana!*

Pôde a Lyra de Orpheo, no mundo antigo  
Com a magia do sonoro carmen,  
Que era a força da Lei, vencer as feras,  
Asserenar os ventos, as borrascas,  
Carrear as pedras que a Cidade cingem :  
Tal no mundo moderno que desponta,  
É d'essa Lyra o *Ca ira*, que acorda  
A multidão a vindicar justiça,  
A fundar a Egualdade no Direito,  
Na liga fraternal para a defesa.  
E os que eram mudos pelo sofrimento  
De séculos herdado, com o canto  
Cobram a voz saudando a *Liberdade*.

*No princípio era o Verbo...* Se um sentido  
Pôde a razão achar na escura phrase,  
Ei-lo aqui: Quando o homem das cavernas  
Inda era mudo, bestial e alálo,  
Destacou-se do bruto em que era immerso  
Pela articulação da Linguagem.

*No princípio era o Verbo...* E a palavra  
Que nos trouxera à sociabilidade,  
Foi fixada na forma de Hieroglyphos;  
Encarnou-se nos traços do alfabeto,  
Que o saber adquirido perpetuaram !  
Perstigio da inaudita maravilha  
Essas cabeças simples hallucina,  
E o espírito estaca adstricto à Letra.

No princípio era o Verbo... A éra nova  
 Mobilisou a Letra pela Imprensa,  
 Do espírito adquirindo a ubiquidade!  
 Eis os séculos em commun convívio,  
 Raças, Povos, Nações vão congressar-se,  
 Da universal concordia é base a Scienzia.

## SEGUNDA PARTE

## A TAÇA DE OURO DE BABYLONIA

## CANTO I

## Último festim de Dom João

1

Quem suscitou a lubrica vertigem,  
 Este desvairamento da Rainha.  
 Pelos bailes e festas, mascaradas  
 Em que traz envolvida a corte, e a abysma  
 Na voragem de gastos fabulosos?  
 A Rainha era casta e timorata...  
 Hoje, que ardor! todo o dinheiro é pouco  
 Para o jogo frenético e prazeres  
 Do Petit-Trianon nas noites loucas!  
 Não se lhe dá que a França verta sangue  
 Para encher o erário! O goso foge,  
 Rapida a vida passa como um sonho.

Que mudança tamanha na alma ingenua  
 De Maria Antoinette! Que volúpia

Se lhe infiltrou? Debalde a mãe austera  
 De Austria lhe escreve, e previdente a avisa.  
 Nem Mesmer, Saint Germain ou Cagliostro  
 Explicar poderiam tal mudança.  
 É, contudo, patente esse mysterio.

## II

Na visita do Imperador a França,  
 De seu irmão José Segundo, vinha  
 Um cavalleiro apôsto, o olhar ardente,  
 Sobre os labios um riso apaixonado,  
 Mas ironico, tragico, furtivo,  
 Com fascinante seducção. Quem era?  
 Por onde passa um frêmito de goso  
 Espalha entre as mulheres! Contam d'elle  
 Que, era filho de um castelhano monge  
 Que em Roma vira a encantadora Estatua  
 Da nivea Galathéa, a estatua occulta  
 Nas Thermas de Trajano, e a abraçara  
 Em amplexo febril, peccaminoso.  
 A Estatua é de urna feminilidade  
 Invencivel, ideal, provocadora;  
 Muitos dos desvairados que a contemplam  
 Beijam-a doidos, doidos a polluem  
 De sensual exaltação no accesso!

Oh, bem bajam os Papas, que nas sombras  
 Sepultaram da Galathéa a Estatua!  
 Mas, d'esse abraço do hespanhol asceta  
 Nasceu Don Juan! Que mysterioso typo.  
 Da seducção tem a invencivel força,  
 A graça feminil, a luz sombria  
 Do secreto desejo que subjuga!

Don Juan, Don Juan, era sua vida  
 Tal como o nascimento, misteriosa:  
 Depois de ter vagado pela Hespanha  
 Como um frade ribaldo, andou na Europa  
 A visitar as opulentas cidades.

Molière o apresenta a Luiz Quatorze;  
 Em Vienna, entre esplendorosas festas,  
 No genio de Mozart encontra as notas  
 Da expressão de infados devaneios,  
 Da aancia do goso que atormenta as almas.

Ao vél-o em França, D'Argenteau lhe falla:

— Vive triste a Rainha, comprimida  
 Por austera etiqueta; em volta d'ella  
 Só inveja e desdens, e mesmo o esposo  
 Faz da corte um monastico recinto.  
 Tornaes Paris como Vienna! espalhe-se  
 A vertigem dos bailes, da alegria.

\* Rainha e joven! (Don Juan devolve)  
 Melancholica e bella, triste vive;  
 Vou irizar-lhe a mente de mil sonhos,  
 Fazel-a amada dos que ao perto a vejam,  
 Dos que aspirem o ar que ella respira.  
 Tenho um Philtro que os animos subjuga;  
 Taça de Ouro de Babylonia... Vede-a;  
 Quem a levar aos labios não mais perde  
 A febre dos prazeres, dos amores. \*

## III

Foi no banquete dado á despedida  
 Do Imperador José Segundo; á mesa,  
 Quando se erguem os brindes, entra um pagem,  
 Com donaire gentil, o olhar faminto,

Mas faminto de desvairados beijos,  
 A Maria Antoinette entrega a Taça  
 De Babylonia, a Taça de Ouro cheia  
 De um licor que inebria o ar ambiente.  
 A Rainha levou a Taça aos labios  
 De leve, a medo...

Ah, desde aquella hora  
 Foi-se tornando bella e desenvolta  
 A Rainha de França! É invencivel  
 A seducção que de ora em diante inspira.  
 A formosa Princeza de Lamballe  
 Com affeição a adora! Tem inveja  
 A Polignac da intima ternura.  
 D'Artois, Coigny, Conti, Lauzan e Férsen,  
 Todos os jovens cortezãos andavam  
 Deslumbrados da graça da Rainha;  
 E mesmo no Cardeal de Rohan punge  
 O sensual espinho que o desvaira.

## IV

Dez annos successivos da existencia  
 N'um delirio de festas continuados!  
 Do Petit-Trianon nos jardins bellos,  
 Donairosa Maria Antoinette  
 Como se esquece ali de que é Rainha!  
 Fugindo á etiqueta palaciana  
 De pastora se veste, e munge leda  
 As ovelhinhas brancas; além se erguem  
 Os casebres de simulada aldeia  
 Construida para o ditoso idyllio;  
 Ali finge ser timida leiteira.  
 Os jovens cortezãos que estão na intriga  
 Tocam frauta entre as moitas, disfructando  
 As primasias do amoroso encanto,

E vão por uma ponte sobre um lago  
 Para essa ilha cheia de verdura  
 Que está no centro; ahí verde collina  
 Coberta de jasmins, de rosas, myrtos  
 Tem o *Templo do Amor* no alto erguido.  
 Oh sonho lindo! Oh, quem sonhára sempre.  
 N'esse *Templo do Amor*, é que a Rainha  
 A pastora d'aquellea ideal Arcadia,  
 Os amantes congrassa por um beijo,  
 E apaga entre elles as rivalidades!

Que risos e segredos pelas alas,  
 Pelos meandros dos jardins inglezes  
 Cortados de regatos, revestidos  
 Por arvores frondentes! Alto o cedro  
 Do Libano, e a Séphora da China,  
 O pinheiro da Arabia como embalam  
 Rumorosos as sombras mais propicias  
 Aos furtivos encontros! E à noite?  
 Por noites de luar, quando perdidos  
 Os sabidos atalhos... é pouco isto  
 Comparado ás vertiginosas dansas  
 Lá no grande Salão alumiado  
 Por lustre de cristal, que em volta cingem  
 Mil corças de Amores pequeninos.  
 As mascaras de seda mal escondem  
 Os desejos, que no ár loucura espalham;  
 Na deslumbrante confusão quem sabe  
 Da dama dos seus férvidos amores?  
 Deliciosos enganos, sobresaltos  
 Que tornam mais vehementes os encontros.

Fulgorante de graça entra a Rainha  
 Na Sala da Comedia; representa  
 De uma ingenua aldeã que meiga escuta

Declarações de amor apaixonadas.  
 Fêlizes os que alegres tomam parte  
 Nos *rendez-vous* das doces noites breves;  
 Mais felizes ainda os que contemplam  
 A furto, e casualmente, se a Rainha  
 Faz de Susana ao emergir no banho,  
 Se algum donaire ao toucador ensaiá.

Quem não dará por ella o sangue, a vida?  
 Esse o temperamento frio odeia  
 Do descuidado Rei...

## v

Neste delírio  
 Do Petit-Trianon, que ornam custosas  
 Alfaias estupendas, os ministros  
 Vão cahindo esgotados de recursos  
 Para alcançar dinheiros! Malesherbes  
 Cahiu, Calonne apoz, Necker; que importa?  
 Quem, em verdade, é que governa o mundo?

Disse o Poeta:

— Em quanto não governam  
 Este mundo os Philosophos, a Fome  
 Ou o Amor é que dominam tudo.

Ergue-se em França o horrido conflito.  
 Quem vencerá?

A Fome!

O Amor!

Quem sabe?

Mandou a França os seus representantes  
 À Assembleia dos Notaveis. Pensam  
 Debellar a famélica miseria ;  
 Os Estados Geraes são convocados,  
 Do poder da Coroa se apoderam.  
 Tem a Soberania a Constituinte.

A Rainha viu claro no horizonte.  
 Deve vencer o Amor, pois com a Fome  
 Os Philosophos têm já pactuado.  
 De Babylonia a Taça de Ouro agora  
 Os mais altos espíritos fascina.  
 Mirabeau da Rainha se aproxima,  
 A seus pés ajoelha, e o que promette?...  
 Vem Barnave, Lameth; quantos se rendem?  
 Quem tem medo das coleras do povo!  
 Ruja, embora; é o Amor que impelle os bravos.

D'Argenteau, da Rainha o conselheiro  
 Que em seus actos a guia, a sós segreda :

— Senhora! a Fome distribue activa  
*Cocardes tricolores* entre a plebe,  
 Como a divisa que congrega à lucta  
 Os inimigos que a Realeza ameaçam.  
 De Babylonia a Taça de Ouro tendes;  
 Daes às Guardas Reaes o doce philtro,  
 Todos irão por vós até à morte.—

Por ordem da Rainha se prepara  
 A grande Sala da Opera em Versalhes;  
 No banquete festivo são convivas  
 Da Guarda Real os Officiaes todos,

De uniformes de gala deslumbrantes.  
 As flores, luzes, capitosos vinhos  
 O entusiasmo accendem ! Com certeza  
 A Rainha virá ao final brinde?  
 Ia o banquete em meio ; Don Juan falla  
 No conselho secreto da Rainha :

« Entrae, Senhora, entrae na sala agora;  
 Vereis corações firmes que se aprestam  
 A defender-vos, mesmo, até à morte.  
 De Babylonia a Taça de Ouro eu dei-vos,  
 Fazei uma saúde áquelles bravos,  
 E vencerá o Amor ! »

Triste responde  
 A Rainha Antoinette :

— Eu não me atrevo  
 A percorrer a sala do banquete;  
 Um presagio terrível me acabrunha !  
 Lembram-me as festas nupciaes mudadas  
 Numa horrenda catastrophe imprevista,  
 Quando espantados os marciaes ginetes  
 Ao resplandor dos fogos instantaneos,  
 Atropellam a multidão inerme ! ...  
 No festim de hoje o coração presente ...  
 « Não é possível o funesto agouro !  
 De Babylonia a Taça de Ouro ainda  
 Tem um perstigio magico, invencivel.  
 Entremos ... »

No Salão resoam hymnos  
 De entusiasmo louco ; e aos sons vehementes  
 De um côro triumphal entra a Rainha  
 Na apparatosa quadra do banquete.

Palor sinistro lhe branquea a face ;  
 Ella esplendida passa, acompanhada  
 Por Damas que as *Cocardes brancas* levam ;  
 Por sua mão, colloca-as sobre os peitos  
 Dos garbosos Officiaes, que altivos  
 Deitam ao chão a *tricolor Cocarde*.

A Rainha sorri, vendo o triumpho,  
 Crê nos seus denodados cavalleiros ;  
 Ao tirar do açafate o ultimo laço  
 Acha na mão uma *Cocarde negra*,  
 Da Casa de Austria o conhecido emblema.  
 Terror lethal o rosto seu exprime !  
 Mas os brados, os firmes juramentos,  
 Acclamações, as musicas, aturdem-n'a,  
 E temerosa saca, indo occultar-se  
 Nos braços da Princeza de Lamballe.  
 Bem receia que a Fome tenha em breve  
 Maior poder do que o Amor !

Por certo,

Pôde a Taça da Ghild para a lucta  
 Reunir a multidão que revindica  
 Os Direitos que ao homem lhe competem ;  
 De Babylonia a Taça de Ouro apenas  
 Ajunta em goso egoista os que no mundo  
 Fruem da Auctoridade o antigo abuso.

## CANTO II

## A queda da Bastilha

I

Ao recordar-se do sinistro encontro  
 De uma *Cocarde negra*, ainda estremece  
 Convulsiva Maria Antoinette  
 Abraçada á príncipeza de Lamballe:

— Eu bem conheço que na voz do Povo  
 Sou a traição, a Austriaca ! inimiga  
 Da política nacional da França.  
 Quiz a fatalidade irrevogavel  
 Trazer-me ás mãos uma *Cocarde negra*,  
 A cér do Imperio de Austria. Esta suspeita  
 Presagia a catastrophe medonha  
 Que me espera ! Quem foge ao seu destino ?  
 \* Mas, Senhora, que phantasia ...

— Sabes

Em que dia eu nasci ? No mesmo dia  
 Que o terremoto subverteu Lisboa.  
 Como que vim á luz d'entre ruinas,  
 Para ser sob ruinas sepultada.  
 Bem presinto que se derrue um mundo,  
 E que elle hade abafar-me em seus escombros.

\* Mas ... para que forçar coincidencias  
 Sem significação ? Confiae nos bravos  
 Da Guarda Real ... E os apaixonados,  
 Vandreuil, e Coigny, Lauzan e Fersen  
 Com que prazer darão por vós a vida ! \*

Quando a Rainha já se anima, á pressa  
Entrava D'Argenteau; vem junto d'ella:

— A onda cresce; a *tricolor Cocarde*  
Vê-se em todos os peitos, em protesto  
De vós não terdes levantado um brinde  
Á Nação no banquete. Isso que importa?  
Está seguro o throno dos Capetos.  
Contra a Nação, eu digo, contra aquelles  
Que hallucinam o povo proclamando  
Phantasticos direitos, vede altiva  
Ha quatrocentos annos a Bastilha!  
Suas muralhas são impenetraveis;  
Essas negras abobadas calaram  
Philosophos, Poetas; n'esse abyssmo  
Os Politicos caíam. Se assim mesmo,  
Por um milagre da consciencia humana  
O povo se entendesse, e a Cidadella  
Ruísse em terra, inda um recurso resta:  
A fuga! A fuga é que vos aconselham  
Leopoldo e a Rainha Carolina.  
Acaso o Rei aceita o ultimo alvitre?

## II

Por entre a multidão andava ansiosa  
Uma pobre mulher, rogando a todos,  
Implorando justiça, e a liberdade  
De um esquecido preso da Bastilha.  
Nem ella mesma o misero conhece.  
Viera á mão parar-lhe, casualmente,  
A queixa escripta e arrojada ao vento.  
Doceu-lhe a sorte da desgraça muda,  
Da victima do arbitrio irresponsavel.  
Appellou para os corações humanos!

Não attendem a voz; mas insistente  
 A piedosa mulher espalha a queixa  
 Do esquecido prisioneiro; à turba  
 Accode o horror da negra Cidadella  
 Que amedronta Paris, vê n'ella o emblema  
 De um iniquo Poder! E os que diante  
 Passam dos fortes muros da Bastilha,  
 As abafadas ancias representam  
 Dos seculos de arbitrio e de injustiça.

Que era preciso para alli, em vida,  
 Ser sepultado, e não vér mais o dia?  
 Bastava o ter rasão perante o abuso.  
 E contemplando essa Prisão nefanda,  
 Nasceu no povo o impulso da revolta,  
 Pelo contraste apenas entrevisto  
 Nas algemas que os pulsos arroxiam  
 E o espirito livre que protesta.

## III

## O Prisioneiro

Uma palavra diz toda a desgraça:  
 Tem por si a rasão! cis o seu crime;  
 O despota o conhece, busca traça  
 Para occultar a victima que opprime.

Ferros! vossos anneis concatenados  
 Venham soldal-o para sempre ao muro;  
 Abobadas, calze plangeantes brados,  
 Trevas, sumi-o no estertor do escuro.

Mas; tudo é pouco. O prisioneiro pensa  
 No rancor do tyranno e adormece;  
 A natureza é mãe: na dôr immensa  
 Accolhe o que nas ancas desfallece.

No lethargico sonno descuidoso,  
 Aos sitios mais queridos de outras éras  
 A mente vôle e aviva com repouso  
 Passadas illusões, doces chimeras.

Quem cuidará que o inerme prisioneiro,  
 Esquecido do peso das algemas,  
 Ouve os colloquios do amor primeiro?  
 Do adeus final as expressões extremas?

Alli lhe transparece sobre os labios  
 Ignoto arpejo de suave riso,  
 Sereno, como a profundez dos sabios,  
 Triste, como o luar quando indeciso.

Pensa que é livre ! o sonno é liberdade  
 Para esse a quem nenhum consolo reste;  
 Qual será mais feliz? a Auctoridade  
 Nunca logrou um sonno como este.

Véla o tyranno, tendo alerta os guardas,  
 Entre canhões, muralhas, torres, fossos !  
 Lá quando o sonno chega em horas tardas,  
 Ouve aí, vê sangue, estrépios, destroços:

Escuta os gritos surdos da revolta  
 Do povo que a si mesmo faz justiça ;  
 É negro o pezadello, o horror o escolta,  
 Quer despertar, remorso o enfeitiça.

Este, dormindo, já se sente escravo,  
 Arrastado por praças, com vergonha ;  
 Mas quem jaz mudo sob o iníquo agravo  
 Que é livre, livre, o prisioneiro sonha.

Qual será mais feliz ? Um, quando dorme  
 É só para sentir terror, fraqueza ;  
 E aquelle que succumbe ao peso enorme,  
 Diz-lhe ser livre a santa Natureza.

Bem haja a eterna força que lhe inspiras,  
 Que não conhece algemas — a Vontade !  
 Prepotentes ! quebrae ante ella as iras,  
 Embalem-nos os sonhos da verdade.

## IV

Pobre e santa mulher ! foi o teu brado  
 Como se dessem a provar ás almas  
 Trago forte de um fraternal convívio,  
 Pela Taça da Ghild. Na concordia  
 De uma mesma emoção se realisa  
 A harmonia suprema das vontades.  
 Essa voz de piedade, tantas vezes  
 Repetida, converte-se n'um grito :

— À Bastilha ! À Bastilha ! —

Grito ingente,

Espontâneo, geral, tempestuoso ;  
 Negreja a multidão enchendo as ruas,  
 Para a Prisão converge a onda enorme.  
 Estaca diante dos tremendos fossos,  
 Das pontes levadiças ! Quem hesita ?  
 Vence o impossível intima confiança.

Chegam a Delaunay parlamentarios:  
 Que abra as portas e a Fortaleza entregue!  
 O tempo urge e a commoção atinge  
 O frenesim que multiplica as forças;  
 Rompe a fusilaria, e por cinco horas  
 O furor do combate se prolonga.  
 A ponte levadiça cai, e invade  
 A multidão os antros da Bastilha;  
 E como o cão mordendo o pão que o fere,  
 Pedra a pedra derruba o monumento  
 Que era o espetro de um passado odioso.

## v

## A tomada da Bastilha

Todos os erros e fatais absurdos  
 Da primitiva concepção humana,  
 Quando a Força adorou, — de que dimana  
 A servidão abjecta;

Toda essa hostilidade irrequieta  
 Transmittida por um costume inerte,  
 Dos Padres o embuste audaz, solerte,  
 Dos Reis sempre a hecatomba;

Mortal odio de raças, que não zomba,  
 Rancor das classes, e de egoista casta,  
 Da Razão o terror que a mente afasta  
 Da Lei á ignota Causa;

De um passado já morto quebra a pausa  
 O bando de phantasticos vampiros,  
 Resurgindo dos lóbregos retiros  
 De remotas edades;

N'um vórtice de sangue e iniquidades  
 Construiram esse antro escuro, estranho,  
 Onde os homens se sentem vil rebanho,  
 A Torre, que se impunha !

Foi tudo isto a Bastilha ! Testemunha  
 Nos seus espessos muros, negros fossos  
 E abobadas que escondem frios ossos,  
 Dos que morrem clamando.

Constituiu o Symbolo execrando  
 Do Poder,—quando a Ordem fundamenta,  
 Dando apoio á Realeza na tormenta  
 Das paixões que partilha.

E enquanto esteve immovel a Bastilha,  
 Os que equalam ao Dogma o Privilegio,  
 Tornando a liberdade um sacrilegio  
 Julgaram-se seguros.

Ao contemplar inabalaveis muros,  
 Da protoria a senhorial Cidade  
 Equilibrada na desegualdade,  
 Sobre tradições mortas,

Não suspeitavam que as silentes portas  
 Da Onda humana cedam á violencia,  
 Vindo a entender-se pela consciencia,  
 Os livres e os cativos.

E diziam : « Os homens primitivos  
 Que a Sennaár chegaram em taes mingoas,  
 Não conseguiram entender-se ! as linguas  
 O acordo não soccorre

Para acabar a construcção da Torre  
 Que dos diluvios fortes os liberta...  
 A consciencia hodierna é mais incerta  
 Ante o poder se humilha;

Impotente em presença da Bastilha,  
 Não logrando entender-se, nem já tenta  
 Assaltal-a na colera violenta,  
 O jugo aceita, e morre.\*

A Bastilha ! a tremenda, a infanda Torre  
 Com que ás turbas se impõe a realeza,  
 A voz que tenta unil-as, com crueza  
 Allí prompta amordaça !

Um dia... eterno dia ! enche-se a praça ;  
 Que gente ! A angustia os peitos lhe escalavra,  
 Formaram a grande Onda ; e sem palavra  
 Ou combinado plano,

Contra a Bastilha vão no impeto insano,  
 Agarram-se ás muralhas, saltam dentro,  
 Reboa no antro o fogo, ataca o centro,  
 E o colosso se rende !

Como em volta do muro que defende  
 A Cidade maldita, Gedeão toca  
 A trombeta sinistra, e se derroca  
 De subito a muralha,

Ao hymno altivo do Cú ira, trabalha  
 Demolido a Bastilha o povo ! Assombro !  
 Pôc raso com o chão o torpe escombro,  
 Que ao tempo se impuzera.

Do Poder arbitrio o Symbolo era  
Derrubado! Baqueou na inanidez;  
Por sua vez tambem a Auctoridade  
Se submette á Justica.

Não se entenderam na vetusta liça  
Da construcçao da Torre na campina  
Para affrontar a colera divina,  
E o Dogma as raças vence;

Mas contra a Força, hoje a união contém-se  
Na harmonia da consciencia! Usana  
A Bastilha — a desegualdade humana  
Cae perante o Direito.

---

E disse o Povo, apoz o ingente feito:  
• Façamos d'estas pedras uma ponte,  
A livre via-lactea que defronte  
Á sahida do exilio! »  
E a arma do combate cil-a utensilio.

## VI

Em Versalhes, os bailes d'essa noite  
Do Quatorze de Julho terminaram  
N'um cotilhon phantastico. O bondoso  
Rei Luiz Dezaseis, a somno solto  
Dorme em seus aposentos; o relogio  
Não fôra adiantado, como ás vezes,  
Do Petit-Trianon nas noites bellas.  
O bom do Rei dormia o sonno suave  
Da consciencia placida, embalado  
N'uma ignorancia venturosa e tréda.

De repente a Versalhes, a terrível  
 Noticia da tomada da Bastilha  
 Chega como um relampago sinistro.  
 Arrasada a Bastilha pelo Povo !  
 Comprehende a Rainha todo o alcance  
 De um tamanho desastre, e inesperado :  
 Do antigo Regimen fecha a éra,  
 Só resta agora preparar a fuga,  
 Pôr os filhos, e seu marido a salvo ;  
 Instincto de mulher. Que importa o throno ?

— Mas, deve ir acordar-se o Rei agora ?  
 Dar-lhe a noticia da calamidade ?

Don Juan, revestido inda do baile,  
 E do Conde de Fersen na figura  
 Indica o plano rapido da fuga ;  
 No sagaz Leporello, o esperto pagem,  
 Afivella-lhe a mascara que imita  
 Do Duque de Liancourt a nobre fronte,  
 Para que elle entre no aposento régio,  
 E avise o Rei da desastrada nova.

Dormia o soberano socegado ;  
 Leporello-Liancourt chega-se ao leito,  
 Consegue despertal-o, e lentamente  
 Relata a derrocada da Bastilha.  
 Escuta com esforço o Rei ; procura  
 Vencer o sonno, e na confusa ideia  
 Exclamou :

— Mas, é isso uma revolta ! —

Leporello-Liancourt com voz tremente,  
Como se um mortal gélo se infiltrasse  
Nas veias:

\* Ah ! Senhor ! ah, Senhor ! (brada)  
É a Revolução ! \*

O Espectro rubro  
De odio e sangue implacavel se annuncia ;  
Ao fatídico estrépito dos passos,  
No frenesim da secular vingança,  
Castellos, áras, thronos estremecem ;  
N'um lethal redemoinho arrasta quantos  
Fruem do privilegio o goso egoista  
Para a barra do Tribunal sangrento.  
Que os julgue a geração dos opprimidos !

## VII

Na activa convulsão de um mundo novo  
Que surge das ruinas do passado,  
Como o Samaritano ensanguentado  
Bondoso, ingenuo e crente ergue-se o Povo.

Sansão, abala o templo onde te encerra  
Velho dogma de eternas injustiças !  
N'um momento a Bastilha cæe por terra,  
Nos escombros pendão fraternal iças.



O Povo em massa accode à grande festa,  
Esquece a iniqüidade dos juízes !  
Sentem-se irmãos, irmãos todos ! e n'esta  
Hora sublime abraçam-se felizes.

Vêm todos na effusão de alegre pranto  
 Ao connubio da Lei e Liberdade!  
 N'um festival gigante entoam canto  
 De esperança, de paz, de humanidade.

Eis desfilam na cívica parada  
 Magistrados, artistas, vêm depois  
 Os emblemas do campo, a foice, a enxada ;  
 Os orfãos e as viúvas dos heroes.

Um delírio de amor o mundo alaga,  
 E n'esta convulsão em que se lida,  
 Os estigmas do privilégio apaga,  
 Renasce o homem à consciente vida.

\* \*

Como o entrar da Vida tem inicio  
 Com dilaceração e sangue e choro,  
 A Ideia vive pelo sacrifício,  
 Propagada em angustiado côro.

Lei terrível da Vida! Força estranha  
 Confunde n'uma identica emoção  
 O impeto do Amor e a ardente sanha,  
 Que o liga á Morte e á destruição.

E o diluvio de Amor que o mundo alaga,  
 Ei-lo odio! Noventa e trez impéra!  
 Correndo o sangue, a sua vista embriaga,  
 Produz mais sede á convulsiva fera.

Da emoção fraternal, boa, jucunda,  
 Surgem paixões brutas, irrequietas  
 Dilacerando a geração secunda  
 Dos sabios, dos philosophos e poetas.

Oh filho de seis seculos de luctas,  
 Do movimento enorme das ideias,  
 Ao tomar corpo o berço teu enluctas;  
 Sobre os que o sér te deram já campéas.

A Arte, a Sciencia e a Philosophia,  
 Revolução! augustas te geraram,  
 Como as fadas, teu natalicio dia  
 De ideal Paz e Verdade illuminaram.

Nos dias do Terror, quando as escadas  
 Do indigno cadafalso, pensativo  
 Subia Chénier de mãos atadas,  
 Apagou-se ao ideal o esplendor vivo.

Nos dias do Terror, quando o pescoço  
 Na guilhotina estende, á luz funérea,  
 Lavoisier, occultou o obscuro fosso  
 A visão objectiva da Materia.

Nos dias do Terror, quando o cansaço  
 Entrega Condorcet á turba insana,  
 Pelo suicídio escapa e deixa o traço  
 Em que define a orientação humana.

Alguem há que condemne uma criança  
 Quando, ao nascer, abriu á mãe a cova?  
 Confundem-se o terror e a esperança,  
 Traz dilacerações a Ideia nova.

## Epílogo

Quem visse um forte e musculoso Athleta  
 Estorcer-se pujante,  
 No esforço do gigante  
 Quebrando a algema vil que o manieta,  
 Levado por indomitos impulsos  
 Nos arremessos dos libertos pulsos;

Quem, vendo a estranha audacia nunca vista,  
 Quasi em lethal cansaço,  
 E da lide no espaço  
 Não descortina o outro antagonista,  
 Julgaria uma hallucinação bruta  
 O quadro incomprehensivel d'essa lucta.

\*

Da grande lucta é o athleta o Povo;  
 Lança em terra a Bastilha,  
 A Revolução brilha  
 Como a aurora ideal de um mundo novo.  
 Imputam-lhe o odio, o crime sanguinario,  
 Velando o braço iníquo do contrario.

Restitua-se ao quadro essa figura  
 Que ninguem vê na liça,  
 Brilhará a justiça  
 Do Povo, com que vindicar procura  
 Os Direitos da humana natureza  
 Contra o egoismo da Egreja e da Realeza.

Assim, a lucta audaz, desesperada  
 Não mostra desatinos;  
 D'ella impendem destinos  
 Da Humanidade, livre proclamada.  
 Como é sublime a lucta, quando o Athleta,  
 Partida a algema, attinge a anciada mèta!

## 2.ª TRILOGIA

---

### A EXPLOSÃO DA FORÇA

#### I

#### A CIDADE UNIVERSAL

(POEMA)

Oh ! Combien doit être douce la patrie que se sont faite en commun les esprits immortels qui ont trouvé ou seulement entrevu un rayon de vérité nouvelle !

QUINET, *La Crise*, t. I, p. v.

Proclamou Robespierre o Sér supremo  
Arbitro do universo !  
E desde essa hora em diante  
O frigido rhetorico perverso  
Funda o Terror em sangue e odio extremo,  
N'um rancor delirante  
Contra o seu similhante !

---

## CANTO I

## O asylo da viuva

1

Feroz a multidão cresce berrando;  
 Acompanha a carreta que transporta  
 Esqualidos, famintos condemnados  
 Do Tribunal sangrento á guilhotina.  
 Mulheres formosíssimas chorosas,  
 Mancebos de expressão intelligente,  
 Uns com ar melancólico, abatidos,  
 Outros cantando em côro hymnos de guerra,  
 Com árias do *Caveau* intercortadas  
 Por monologos tragicos, caminham  
 Sobre o moroso carro funerario,  
 Que ao cutello do algoz leva ás dezenas.

N'este momento atravessava a rua  
 Pinel, o grande medico; por pouco  
 Quasi o atropella a multidão fremente.  
 Mil vociferações no ar retrôam!  
 Para evitar a revoltosa vaga  
 Por tortuosa rua Pinel entra,  
 Eis com o sabio Cabanis defronta.

Uma tristeza funda os aproxima;  
 Abraçaram-se. O medico segrêda:

— Vede, a hallucinação atinge agora  
 A loucura furiosa! Causa assombro  
 O spectaculo do desvairamento  
 De um povo inteiro, que o Terror excita,

E pelo sangue o pânico combate!  
 Não ha na historia crise semelhante.  
 Às vertigens da Demonomania  
 Vem as paixões politicas seguir-se...

\* Tudo isto apoz o fraternal abraço  
 De sympathia, e emocionante *Festa*  
*Da Humanidade!* (Cabanis lhe volve.)  
 Tudo isto apoz o impeto sublime  
 De generosidade e sentimento,  
 Que o prodigo estupendo realisara  
 Do desmoronamento da Bastilha !  
 Por quanto tempo durará ainda  
 A horrorosa loucura ?

— Quanto tempo ?

Agora é que ella attinge o maior auge.  
 E como as grandes pestes, que se extinguem  
 Quando não têm mais victimas, acaba  
 O Terror, quando a ultima cabeça  
 Role, dos exaltados demagogos  
 Que esta Revolução justa inquinaram !  
 O Terror nos envolve agora a todos :  
 Danton e Robespierre estão em lucta  
 Um contra o outro — o leão e a serpente !  
 Qual vencerá ? Um morrerá primeiro,  
 Mas o outro não lhe sobrevive muito.  
 Na lucta de rancor e de vaidade,  
 Robespierre o perstigio da virtude  
 Impõe á multidão, e austero, á morte  
 Condemna todos quantos não o admiram...

« Sob essa accusação todos estamos !  
 — Os factos nol-o mostram : está preso

Lavoisier ! salval-o é impossivel.  
E Condorcet ...

« O que ouço ? (Em aancia e susto  
Cabanis, triste o medico interroga.)  
— Foi accusado por Chabot ; a ordem  
Para ser preso Condorcet foi dada.  
Vae Robespierre intrepido atacando  
Até poder ferir Danton ...

« Que infamia !  
Quando a Sciencia e o Genio luminoso  
Pela estupida horda desvairada  
Já são desacatados, que mais resta  
Do originario impulso nobre e grande ?  
Ah, contra as convulsões de uma loucura  
Cannibal, ha sómente a força bruta.  
Da demolição de erros do passado,  
Sobre escombros que ao alto se amontoam,  
Estou já vendo o pedestal formar-se  
Para o heroe, o salvador, o vulto  
Providencial que nos explore a todos,  
Seja elle Robespierre em dictadura,  
Ou algum espadão que a soldadesca  
O embriague e proclame em seu delirio !  
Mas, Condorcet ? Como acudir-lhe agora ?

— Ha sómente um recurso : ir avisal-o ;  
Fazer com que esquecido elle se torne.  
Sempre os loucos se esquecem facilmente  
D'aquelles cuja vista os enfurece.  
Se a esconder-se Condorcet resolve,  
E não se lembram d'elle mais, é salvo.  
As furiás insensatas assignalam  
Da Revolução breve o paroxismo.

Os dois sabios unidos caminharam,  
 Ao palacio de La Monnaie, morada  
 Do illustre Condorcet. Entrando no átrio  
 Pinel saiu da contenção profunda  
 Em que immerso viera, como achando  
 A solução difficult de um problema:

— Descobri um azylo impenetravel;  
 Tem alli Condorcet refugio certo.  
 Uma santa mulher, pobre viuva,  
 È Madame Vernet que, boa, o accolhe.

Relampago de luxo viva allumia  
 De Cabañis o consternado rosto:

« Para que o sabio um dia não se veja  
 Arrastado por carcères infectos,  
 Nem pela multidão vil ultrajado;  
 Para que aquella olympica cabeça  
 Sob o cutello de um algoz não role,  
 Um meio lhe darei... este annel basta. »

Mudos sobem a larga escadaria.  
 Entram; avistam Condorcet brincando  
 No jardim com Elisa, a doce filha,  
 Criança de trez annos mal completos;  
 E Sophia, a encantadora esposa,  
 Com expressão de graça ideal, andava  
 Colhendo flores para um ramo, quando

Pára subitamente, ao perto vendo  
 Pinel e Cabanis que se aproximam.  
 Teve ella a intuição de uma desgraça;  
 Hesitaram os dois por um instante  
 Se a terrível noticia lhes dariam;  
 Mas a expressão dos rostos de ambos tria-os.

Condorcet atacou de frente o caso:  
 — «Processa-me o Terror?»

Pinel, vencendo  
 A oppressão com que respira, falla:

— A lucta entre Danton e Robespierre  
 Declarou-se. O rhetorico deista  
 O poder de Danton traiçoeiro mina,  
 Condemnando os amigos scus á morte.  
 Lavoisier já está encarcerado...

Condorcet, dominado n'esse instante  
 Por um presentimento íntimo, exclama:

— «Quando da França o genio glorioso  
 Já não é respeitado...»

Beija a filha  
 Que meigamente no hombro adormecera;  
 E como um condemnado em frente á morte:  
 — «Robespierre bem sabe porque eu tenho  
 Por elle um profundíssimo desprezo!»

Aproxima-se a esposa, comprehendendo  
 Na desolação muda, que era a ruina,  
 Do venturoso lar. Cabanis falla,  
 Nem já procura attenuar as phrases:

\* Chabot, movido a instigação occulta,  
Accusou Condorcet ; gritando pede  
Que o Tribunal o arroje á guilhotina !  
Accusa o cidadão, por que ha dois annos  
Uma proposta fez para a renuncia  
Das guerras com intuito de conquista,  
Mesmo se contra a liberdade attentam  
Das nações. »

Osculou Sophia o esposo.  
Cabanis continua :

« É accusado  
Por que a pena de morte repellira,  
Propondo a sua abolição ; e agrava  
A coherencia do principio o facto  
De não ter Cordorect votado a morte  
De Luiz Dezescis ! »

Sophia abraça  
Com fervor e paixão essa bella alma :  
— Por ti soffrerei todas as ruinas ! —

Cabanis concluiu :

\* Contra o accusado  
Deu-se ordem terminante de captura ;  
E os esbirros de Robespierre, em breve,  
Assaltarão armados o palacio. »

Resoluto falhou Pinel :

— Partamos ;  
Não ha tempo a perder ; acompanhac-me.  
Descobri para vós seguro azylo.  
É preciso o tornar-vos esquecido,  
Até que passe a onda sanguinosa ;  
Não pôde durar muito ! Uma familia  
Modesta e simples, fôra d'estas luctas,

Vos accolhe em seu lar. Refugio certo  
Em casa de Madame Vernet tendes.

Sentiu-se Cabanis alliviado  
Da preocupação que o punge:

« Eu tenho  
Este annel, que um subtil veneno encerra;  
Mata instantaneamente. Eu o entrego  
Para o momento angustioso, quando  
Não possas de outra forma libertar-te  
Do asco das enxovias, ou da affronta  
Da abjecção cannibal da guilhotina. »

Estendeu Condorcet com anciadade  
A mão:

— « Dá-me esse annel. Nada receies,  
Minha mulher e esta filha prendem-me  
À vida tenazmente. Dá-me força  
Esse annel; talisman de segurança  
No terror da incerteza e dos arbitrios.  
Eu a morte de Socrates prefiro,  
Como Sidney morrendo pela pátria,  
Quanto melhor, do que ir com ignominia  
Perante a multidão irreverente  
Arrastado em tropel ao bruto cépo! »

Os trez illustres pensadores partem  
Em busca do piedoso e cauto azylo.

Horas depois assaltam a morada  
De Condorcet. A multidão braveja;  
Vozes roucas pediam a cabeça

Do aristocrata, o misero, o covarde  
 Que não votou a morte do Capeto!  
 Do infame que condemnou as guerras!  
 Contra a pena de morte a voz erguendo!  
 No palacio procuram de alto a baixo  
 O condemnado, em vão; não o encontram.  
 Do confisco dos bens prompto o decreto  
 Comigo trazem; prégam-o na porta!  
 Do quarto, aonde timida se accolhe  
 Sophia, a esposa joven e graciosa  
 Com a filha nos braços, os esbirros  
 Aos repellões a levam para a rua,  
 Despojada de todos os recursos!

Descia a noite fria. Desvalida  
 A senhora divaga errando á tōa  
 Pelas praças, na immensa soledade,  
 Leva-a o acaso na sua onda escura.  
 A filhinha inspirava-lhe coragem,  
 Sublimou-se a esposa em mãe heroica.

## v

Ao refugio onde Condorcet se occulta  
 Chega a esposa gentil, acompanhada  
 Por Cabanis; choravam silenciosos.

= Foi o nosso palacio sequestrado,  
 E a sentença que á morte te condemna  
 Pregada na parede! . . .

Ardentemente  
 Beijava Condorcet a meiga filha  
 Que pulava contente em seus joelhos:

— «Quando espera o suppicio o condemnado  
 Gâc n'um sonno profundo ; e os seus sonhos,  
 As palavras que solta são lembranças  
 Que o passado accumula como a nota,  
 A resonancia de estalada corda.  
 Uma insomnio invencivel me domina,  
 E os quadros que ora á mente se afiguram  
 São sempre as perspectivas do futuro !  
 Eu, morto para os interesses de hoje,  
 N'esta procella de monstruosidades  
 Eu naufrago, não sinto o desalento,  
 Fitando a luz remota e indecisa  
 Que do porvir vae desvendando o porto.  
 Sob as crenças theologicas formou-se  
 A sieção de uma éra de ventura,  
 De confraternidade : era o Millenio.  
 São as religiões exclusivistas,  
 Dando a esperança unicamente a adeptos :  
 A Scienzia, prevendo essa harmonia  
 Que as gerações da terra vão cercando,  
 Sob o nome da Humanidade abrange  
 Todos as raças, crenças, individuos,  
 Forças dispersas que elle em si concentra. \*

Mas Cabanis sorria duvidoso :

\* Quem viu esse spectaculo estupendo  
 De concordia e de paz, que a mente eleva,  
*Festa da Humanidade*, ah não cuidara  
 Que hoje a Revolução se abyssmaria  
 No cahos do Terror. Não é possivel  
 Já a illusão deliciosa ; o homem  
 É sempre o animal feroz e egoista ;  
 Civilisa-se, se o submette a força  
 Da tradição, de um despota a espada ...

— « Pensasse assim, restava-me o suicidio !  
 Não fallas pois como homem de sciencia.  
 Que importa a tempestade de um momento,  
 Se o infinito espaço está sereno ?  
 Como o sol leva em sequito os planetas  
 Attrahidos no mesmo impulso e curso  
 Para o astro central, que elle circumda  
 Na incalculavel órbitainda ignota,  
 Tambem as civilisações, as raças,  
 Todos os s̄cres conscientes, desde  
 O remoto passado, vêm, na marcha  
 Dos tempos attrahidos para um centro  
 Que se vae descrevendo, e illuminando,  
 Nebulosa ideal — a Humanidade. »

Sophia abraça compungida o esposo :  
 = Essas ideias generosas, grandes,  
 Que te fizeram desprezar convicto  
 Privilegios do nascimento, e agora  
 Affrontar a injustiça do presente,  
 São a luz do espirito, a esperança,  
 O alento que na vida tens. Bem hajas.

— « Mas quanto a solidão me opprime e esmaga !  
 E o silencio ? Sem ter aqui um livro !  
 O sentimento exalta-se ; as ideias  
 Em emoção vehemente se transformam,  
 Geometra, em poeta me converto.  
 De Pythagoras, conta-se, dotado  
 Da penetração intima das cousas,  
 Sentia as vibrações sonoras, puras  
 Da rotação dos astros percorrendo  
 As órbitas infinidas nos espaços :  
 Quanto é mais viva a intuição do Poeta,

Presentindo nas variadas raças,  
 Nas linguagens confusas, e nos cultos  
 Das religiões e nas sociaes fórmas,  
 Nos nacionaes e crús antagonismos,  
 Uma harmonia superior, latente,  
 Idealizada pela expressão da Arte,  
 Suprema encarnação da Humanidade!  
 O que era essa harmonia das espheras,  
 Do philosopho na especulação alta,  
 É para o Poeta hoje a Concordia humana!  
 O Poeta na região das sombras  
 Só pôde entrar lá dentro, descobrindo  
 Na arvore sepulchral o *Ramo de ouro*;  
 Virgilio o disse, e viu que n'esse mundo  
 Obscuro do passado alcança a entrada  
 Quem colhe o *Ramo de ouro* da Poesia. »

Comprehendera Cabanis agora  
 A illuminação sublime e bella  
 De Condorcet :

« A luz que reflectia  
 Sobre a fronte de Socrates tranquillo,  
 Por tribunal iníquo condemnado  
 À morte, e intemerato dissertando  
 Sobre o futuro da alma humana, é essa,  
 É essa mesma luz, que mais intensa  
 Dá-te hoje a transfiguração do genio,  
 E revela o porvir da Humanidade.  
 Eu comprehendo d'onde emana a exœccta  
 Moral serenidade! Essas ideias  
 Dão conforto e a solidão povãoam.  
 A noite avança; é tempo de sairmos... »

Condorcet abraçava a esposa e a filha :

— « Até quando? E se ainda nos veremos,  
Como encher estas horas solitarias.... »

Vencendo a esposa as lagrimas, estende  
A filha aos beijos:

= Pensa no futuro;  
Do futuro aqui tens a imagem bella.  
Acima das ruinas do presente  
Pelo voo do pensamento eleva-te,  
Edifica a Cidade ideal, humana,  
A Patria dos espiritos que adoram  
Não Reis nem Deus — a Paz e a Verdade. =

Como a lagem de um tumulo se fecha,  
Assim ficou o incognito recinto  
Na solidão do triste condemnado.

## VI

Vão os dias correndo lentos; mudo  
Na longa solidão ficava absorto  
Condorcet, quando extatico medita  
Da universal Cidade na utopia.  
Da Revolução ruge a tempestade  
Ao redor d'elle; e antes que se afunde  
O baixel, o philosopho se entrega  
À sublime contemplação, buscando  
Entre as sombras espessas da borrasca  
O esteiro translucido e infindo  
Da marcha ascensional da Humanidade.  
Que recordações intimas o assaltam!  
A existencia domestica, a Familia  
No seu ideal mais puro lhe apparece,

Realidade incomparável! Bella,  
 Tinha-o Sophia sempre amado; o esposo  
 Não profanaria a virginal candura.  
 Vibra a concordia humana o sentimento,  
 Câc por terra a Bastilha, a esse impulso  
 Que unifica as vontades pelo affecto,  
 N'esse diluvio em funda sympathia  
 Os corações se immergeem, ambos sentem  
 Uma anciadade de juncção das almas:  
 Do casto amplexo, a flor esponsalicia  
 Deu esse fructo que os consola — Elisa.

Na mente do philosopho perpassam  
 O drama audaz, eschyliano e grande  
 Que vira da *Tomada da Bastilha*!  
 As escuras abobadas se arrasam,  
 Sepultando a Realeza e o despotismo.  
 A phantasia pária, vôo, unindo  
 Áquella aurora uma conquista nova:  
 De Franklin o *Para-Raios*! Marca  
 Dos divinos arbitrios o remate;  
 Na elevação do espírito audaciosa  
 O Geometra torna-se poeta:

#### O Para-Raios

N'esse valle, por onde manso vaes  
 Ribeirinho de Uróla a saltitares,  
 Bordado de pomares,  
 De alegres milheiraes;  
 No valle, que as vertentes tem expostas  
 Aos fortes escarcéos,  
 E os verdes castanheiros das encostas  
 Se embalançam na viração risonha,  
 Com as brisas do Golfo da Gasconha,  
 Auras dos Pyrenneos;

Ahi, no valle ameno que seduz  
 O espirito triste,  
 Lá n'esse valle da Biscaya existe  
 A casa onde foi nado  
 O Apostolo-soldado,  
 Que funda a Companhia de Jesus:  
 Não mui longe de Asculia alevantado  
 Vê-se o Torreão antigo  
 Da familia de Inigo  
 Por um grandioso Templo circumdado.

Do Templo na alta cúpula campêa  
 No aberto espaço a Cruz;  
 Nas montanhosas regiões serpêa  
 O corisco, que os plátanos apêa,  
 E inunda os áres de instantânea luz!  
 Aos coriscos a Cruz de ferro attráe-os,  
 E para defendel-a  
 Pozeram os jesuitas ao pé d'ella  
 O novo Para-raios.

Mas n'esta applicação  
 Em que o jesuita emprega  
 As descobertas fulgidas da Sciencia,  
 Não nota que renega  
 Da Fé, que impõe n'uma tenaz missão,  
 Com a incredulidade transigindo  
 Do seculo já findo.

Don Inigo erigindo  
 Religiosa milícia que peleja,  
 Organisou um corpo de combate  
 Com que tenta o resgate  
 Do Poder Espiritual que a Egreja

A cada hora perdia,  
Quando a Renascença  
O Poder da Sciencia torna guia  
Dos espíritos em logar da Crença.

Eis-os diante das Leis da Natureza !  
No presente quem orça  
Qual d'esses dois Poderes, na defesa,  
Manterá sua força ?  
Já o dobre do sino não espalha  
Para longe e bem longe a tempestade,  
Sobre os raios não têm auctoridade  
As preces, nem ha oração que valha.

Pois que o raio não é  
A expressão da colera divina,  
Perde sobre elle o seu imperio a Fé;  
E como o não domina,  
Põe o jesuita ao pé  
Da Cruz, emblema de um Poder extinto,  
Para-raios agora,  
Abandonando ao popular instincto,  
Ao cerebro que ignora,  
A illusão que adora.

Quando um dia uma mão quebrou o sceptro  
Do poder dos tyrannos,  
Das coleras celestes o espectro  
Extingue, abrindo os naturaes arcanos.  
A éra das fieções ficou fechada,  
As chimeras não fallam à Consciencia  
Que acclama, libertada,  
Hoje o Poder espiritual da Sciencia.

---

## CANTO II

**Sophia Grouchy**

1

Cabanis vem a furto e com piedade  
 Acompanhar nas tediosas horas  
 O sabio Condorcet no occulto azylo,  
 Narrando do Terror anciados transes,  
 Do Terror, que na França inteira impera :

\* Na Convenção fez hoje Robespierre  
 Pomposa profissão de fé deista !  
 Eis a grande Revolução ferida.  
 Pelo golpe do ignobil retrocesso ;  
 Os Symbolos theologicos bem cedo  
 Veremos restaurados ! Velhos troncos  
 Por onde trépa a planta parasita,  
 O Despotismo, queinda nos ameaça  
 Mantendo iniquidades seculares.  
 No dia em que morrer Danton, acaba  
 A energia unica, que impelle  
 A gloriosa Revolução no intuito  
 Da liberdade dada à consciencia.

— « E Danton ? Mas Danton não se defende ? ... »  
 • Danton ri-se do misero adversario,  
 O banal epileptico, adorado  
 Tal como um Deus no Club das megéras.  
 Diz, que antes quer ser vítima de um crime,  
 Do que triumphar do apóstata verboso  
 De uma moralidade desorada. \*

N'um exclusivo pensamento absorto,  
Condorcet mal attende; preocupava-o  
Da cara esposa a sorte angustiosa:

— « E Sophia ?

« Em verdade, é sempre heroica !  
Com Elisa, a filhinha nos seus braços,  
Ella vae pelos carceres, aonde  
Os sentenciados contam os momentos  
Que lhes resta da vida, e por lembrança  
Querem deixar um ultimo despojo,  
Um retrato ás esposas desoladas.  
Sophia faz de prompto as aguarellas,  
Fixando a vida nas physionomias  
Que logo o horror da guilhotina apaga.  
Os guardas a conhecem; já os presos  
Anciosos esperam-na, temendo  
Que se não salve esse ultimo lampejo  
Da vida que lhes foge ! D'isto vive;  
Revelou-lhe o mister o seu talento.  
Ninguem se atreve a insultal-a ; passa,  
Como força beneficia a contemplam.  
Com a filha nos braços, bem parece  
A Virgem-Mãe, incólume calcando  
A serpente que aos outros estrangula. »

N'este momento a Condorcet acode  
A genial revelação grandiosa  
Do Symbolo da Humanidade, o vulto  
Da Mulher, n'uma encarnação excelsa,  
Esposa, Filha e Mãe, trindade santa :

— « Quando o Poeta estava mais absorto  
Do Paraíso o Cântico escrevendo,

Ao esboçar nas lucidas palavras  
 De São Bernardo esse ideal sublime  
 Da Virgem-Mãe, extatico suspende  
 A immortal estrophe principiada  
*Vergine Madre, Figlia del tuo Figlio...*

N'uma contemplação pura se abysma:  
 Teve Dante a visão incomparavel,  
 Real e ideal de toda a Humanidade,  
 Mãe e filha d'aquelles mesmos séres  
 Que aos seios trouxe, a quem accalma as dores  
 Glorificando a lucta e o sacrifício.  
 Ao adorar o Symbolo eloquente,  
 Na invocação magnifica prorompe:

Virgem gloriosa e immarcescivel palma,  
 Esposa, encanto de emoção suprema,  
 Mãe, vago anseio de inspirado poema,  
 Trindade augusta que a existencia accalma !

Tens sob os pés a lua leda e calma.  
 Gingem-te o rosto estrellas em diadema ;  
 Sob esse manto azul quem ha que tema  
 A dôr, se em ti nos santifica a alma ?

Sorriso meigo que o terror espanta,  
 De humilde e intemerata castidade  
 É esse olhar de suavidade tanta !

Hymno de amor e dôr e soledade,  
 Esposa, Filha e Mãe, trindade santa,  
 Doce e ideal visão da Humanidade. \*

Luminosa, Sophia chega a casa  
 Da viúva Vernet; vem ver o esposo.  
 Como o encontra abatido, concentrado!

= Não venho ver-te tantas, tantas vezes  
 Quantas o coração me pede! Punge  
 A aflição dos que esperam pesarosos  
 Pelos retratos, que esti à pressa esboço,  
 Esse amargo penhor de uma lembrança  
 Da despedida para sempre, n' hora  
 Que a carreta feral se está enchendo,  
 E em tropel os arrasta à guilhotina!  
 Esta pressão horrível me confrange.  
 Trabalho sempre. Pobres mães me prendem  
 Estes braços, com lagrimas pedindo,  
 Com lagrimas ardentes que as console  
 Com a recordação ultima, o alento  
 Colhido na expressão do esposo, ou filho. ==

Condorcet escutava, repetindo  
 Beijos sobre mil beijos pela face  
 Da filhinha, que descuidada salta  
 Sobre os joelhos que a sustêm:

— \* A morte

Não me aterra, por mim; mas tenho pena  
 De não chegar a ver a efflorescência  
 D'esta criança quasi ideal, tão bella!  
 Comprehendo como o contacto, a vista  
 Da apparição angelica e innocent  
 Em Sophia a coragem lhe redobra.  
 Pobre mãe! grande em tua soledade,

A lembrança dos horrorosos transes  
 Que tu sofres, é mais, mais lancinante.  
 Do que a morte! Estas horas são infândas,  
 São as noites de insomnias intermináveis.  
 Parece que enlouqueço; a encephalgia  
 Na solidão é mais febril e intensa.  
 Doutor! prepara um elixir que appaque  
 Esta exaltada sensibilidade;  
 Que me socorre. »

Cabanis sorriu-se.

Abraçava-o Sophia docemente:

= Tranquillisa-te. Escuta: não pertences  
 À família sómente, que te admira!  
 Ha outro amor mais alto, suprehendente,  
 De que tens dado as mais sublimes provas:  
 O amor da Pátria, o amor da Humanidade.  
 É chegado o momento, em que tu deves  
 Prestar á Pátria, consagrar ao mundo  
 Serviço immorredouro — um pensamento!  
 Vae a Revolução baixel sem lême  
 Quasi a desconjuntar-se sobre escolhos!  
 Tantos e tão inuteis sacrifícios  
 Diante d'esta insanía lamentável,  
 Desorientação geral, tremenda!  
 Preciso é que tu falles com altura,  
 Tem a tua razão supremacia.  
 Ensina ás energias desvairadas  
 O caminho por onde se realiza  
 Todo o progresso humano. Escreve um livro!  
 Um quadro, onde com largos traços pintes  
 Qual a marcha a seguir da Humanidade.  
 Então as almas generosas, diante  
 D'esse contorno genial, por certo  
 Erguerão sobre escombros do passado

A ineffável Cidade do futuro,  
 Tal como Diderot a concebera,  
 E que Danton, sómente pela audacia  
 Era capaz de dar-lhe realidade. —

Cabanis reforçava este pedido :  
 « E um tal Livro é tanto mais urgente  
 Quanto agora pretende Robespierre,  
 Aproveitando a insensatez do vulgo,  
 E da superstição fundas raízes,  
 Decretar a existencia ao Sér supremo,  
 Dar lei á immortalidade da alma !

— « Com vontade riria, se eu pudesse.  
 (Condorcet cão n'uma tristeza amarga.)  
 O espirito fluctua incerto, anciado  
 Entre as duas correntes temerosas :  
 O riso de Voltaire, que emancipa,  
 Ou de Rousseau sentimental deísmo !  
 É preciso orientar a alma humana  
 No sentido completo da verdade ;  
 Vou esboçar o desejado quadro. »

## III

Um partidario da Montanha soube  
 Que se acha Condorcet refugiado  
 Em casa da Viúva Vernet ; entrou.  
 Dá com os trez que estavam conversando.  
 Ficam tomados de instantaneo susto.

O Montanhez fallou :  
 — Eu vos declaro  
 Sob palavra de honra, e possuido

Pelo amor da Justiça e Liberdade,  
 Que manterei segredo inviolavel  
 Sobre o azylo de Condorcet ! eu mesmo  
 Heide avisal-o do perigo, quando  
 Repentino se mostre e o torne incauto.  
 Convém ter preparado um outro azylo. —

Cabanis agradece taes palavras ;  
 Condorcet abraçou-o silencioso,  
 E outra vez sós, solícitos proseguem :

\* Aonde um outro azylo achar agora ?  
 Alguma busca já se intenta ? O nome  
 De Condorcet não foiinda esquecido ? \*

A piedosa Viuva se recorda  
 Do retiro onde vive Suard occulto,  
 Em Fontenai-au-Rose. Conseguira  
 O academicº ali ser olvidado.

Cabanis, o parente affectuoso,  
 Do philosophº a esposa desolada,  
 Partem logo d'ali ; a todo o custo  
 Buscam fallar a Suard na mesma noite.  
 Conseguiram que em seu retiro aceite  
 O grande, o luminoso foragido.

## IV

Precipitado repentinamente  
 Numa completa solidão, sentia  
 Condorcet a incerteza do destino ;  
 Era o abalo moral incomportavel !

Elle falla em deixar a humilde casa  
 Da Viuva Vernet, teme, receia  
 Que a guilhotinem por cumplicidade!  
 A piedosa Viuva em vão lhe pede  
 Que tranquillise o espirito; e pergunta  
 Que possa dar-lhe distração, allivio?  
 Pedira Condorcet papel e penna,  
 Todo à elaboração mental se entrega.  
 Assim consegue encher horas de tédio  
 Na assombrosa contemplação absorto,  
 Em que pairava o espirito vidente  
 Sobre a marcha da Humanidade inteira.

---

CANTO III

## A contemplação de Condorcet

— « Nas solidões do Oceano pavorosas,  
 Na tempestade desencadeada.  
 O baixel está prestes a afundar-se;  
 Em rápidos instantes hão de as ondas  
 Tragar os restos do fatal naufrágio.  
 Ficarão ignoradas para sempre  
 As ancias de entes miserios na morte  
 Obscura, sem a compuncão humana! »

É então que pensando no futuro  
 Que lhes foge, os que têm a morte ao perto  
 As palavras da despedida escrevem,  
 Lembrando a hora horrenda da agonia.  
 Pedindo a condoléncia, a piedade

Ao baixar do mar fundo á sepultura,  
 Um papel mettem dentro da garrafa  
 Que ao mar arrojam; que ella vá boiando  
 No fluxo das correntes dar um dia  
 Á praia, e saiba alguem dos desgraçados.

Para mim a hora azinga se aproxima;  
 Do futuro me absorve o pensamento,  
 Quasi que leio no destino humano.  
 Quando o Terror sedento, sanguinario,  
 Implacavel me ameaça e me procura,  
 Mais nitida a visão se representa  
 Na mente, como a despedida ao naufrago:

#### Revelação da Humanidade

A Terra é mysterioso palimpsesto  
 Em que dos tempos a eternidade,  
 A evolução das fórmas da Materia  
 Vae inscrevendo, sobrepondo os traços  
 Dos novos seres que esse berço cria.  
 Lê o espírito as páginas dispersas,  
 Testemunho dos séculos que passam  
 Sem computo no abysmo do infinito.

Lei de transformação eterna, infinda,  
 Que leva em busca de aperfeiçoamento!  
 A Terra, em suas crustas e montanhas  
 N'um latente labor, cria no seio  
 O mundo vegetal, que brota e irrompe  
 Dos espalhados germens que fecunda.

Como as plantas com tanto viço e aroma  
 Embalsamam o ar, e alando á vida  
 Tecem o berço da animalidade!

Ah, n'esta escala ascensional, gigante  
 Da evolução orgânica, destaca-se  
 No vértice de um progressivo esboço  
 Um sér mais alto e quasi ideal — o Homem!

## I

**Caliban**

Robusto e bronco, mas de fronte erécta  
 Toma posse da Terra pela força  
 Com que arma o braço pela clava e o malho.  
 É um rudo Titan; não pensa ainda  
 Em escalar o Olympo, mas revolve  
 A Terra com o arado, inventa o fogo,  
 Combate as feras, e regula o curso  
 Dos grandes rios; vóga nas correntes.  
 A omnipotente mão tudo affeiçoa,  
 Faz o muro cyclopico que cinge  
 Uma Cidade-Azylo, e sobre a argilla  
 Imprime o cunho seu da intelligencia;  
 Transforma a face do terraquito globo!  
 O mundo real, que o cansa e o devora,  
 Elle o submette á norma ideal, ao sonho  
 Em que do cahos quasi o extráe de novo.  
 O Demiurgos, o Heroe, o obreiro,  
 Expressão da immortal actividade,  
 Que não fará se o Sentimento um dia  
 Lhe sugerir o seu primeiro ímpulso!

Lucta o homem contra a fatalidade  
 Das duras leis do Cosmos que elle habita,  
 De emoções sensorias que o hallucinam,  
 Da pressão do passado a que obedece.

Como vencer a organica apathia?  
 Dominar pelo imperio da vontade,  
 Reconhecer-se consciente e livre?  
 Caliban, escutando o Sentimento,  
 Para a vida moral se eleva e atinge  
 Fórmas sublimes no sér seu, mais altas,  
 Da Familia, de Patria e Humanidade.

## II

**Psyche**

A vaga luz crepuscular da Aurora  
 Que nas trevas se esvæe quando o sol desce,  
 A amorosa contemplação suscita.  
 Hora assim melancholica e serena,  
 N'essa sombra propicia se revela  
 Éros a Psyche: o Amor, a Piedade.

Mas o Mysterio à paixão vaga imprime  
 De orgiasticos cultos a doença,  
 A vertigem sensual dos velhos Mythos  
 Da Syria e Babylonia. Desvairada  
 Pela sagrada Orgia a mulher desce,  
 Com ella as fortes raças mais activas.  
 Como Perseu a Andromeda liberta  
 Do monstro que a devora, Psyche um dia  
 Sacudindo o delirio das bacchantes,  
 Deixando das hieródulas os ritos,  
 Ergue-se como a lua pura e suave  
 Em mystica ascenção incomparavel,  
 Espousa, Filha, Mãe, a medianeira  
 Pelo amor entre a Humanidade e o Homem.

Idealisou o mundo antigo as fórmas  
 Da plastica, na bella Galathéa;  
 Dão-lhe todas as graças seductoras  
 O cinzel do artista e a ardente estrophe  
 Dos immortaes Poetas que a cantaram!  
 Nasceu o Sentimento do infinito,  
 Anceio eterno e nunca satisfeito  
 Ante a contemplação das fórmas puras.

Foi então que entreviu a mente o typo  
 Da belleza moral — e se destaca  
 A mulher como Symbolo perfeito:  
 Da Virgem, na figura luminosa  
 Da esperança e graça immaculada;  
 Da Esposa, a affectiva suavidade;  
 E a Mãe! Mãe dolorosa e compassiva  
 Que traz nos braços o porvir, um mundo!

Psyche! tu és o eterno feminino,  
 Doce emoção do afecto, a sympathia,  
 A vibração harmonica das almas  
 Que faz sentir outra alma — a Humanidade,  
 A quem te elevas pelo sacrifício!

Pulsem todas as Lyras melodiosas,  
 Espalhem os pincéis as cōres vivas  
 Do iris, para que se veja Psyche  
 Como o verbo do Amor sublime encarna  
 Na creaçao secunda da Familia.

Como um Templo imutavel, como o Dogma  
 Absoluto por quem o crente morre,  
 É a Familia estavel! firme assento  
 Na memoria dos Mortos tem: origem

Da disciplina cultural primeira.  
 Os nossos Mortos! os queridos Mortos!  
 Lá nas profundidades mais escuras  
 De immensurável mar o coral forma  
 Lentamente as incrustações que um dia  
 Chegam á flor das aguas, sob o aspecto  
 De ilhas e de archipelagos esparsos.  
 Bella a vegetação ahi se expande,  
 Como a formar um berço de verdura  
 Que o mysterio da vida preludia:  
 Assim da noite do passado emergem  
 Esses agrupamentos familialistas,  
 Que preparam ao homem que medita  
 Todos os instrumentos da sua obra:  
 As Linguis, a Poesia, o Culto, a Industria,  
 Normas moraes de uma espontanea Ordem,  
 O capital de enormes descobertas  
 Que as contemplações altas faz possiveis  
 E á Rasão os triumphos lhe assegura.

A Vestal conservando na ára santa  
 Sobre a pedra focal o Fogo vivo,  
 Representa esse vinculo sagrado  
 Que dos avoengos a Familia unira.  
 O cuidado, a mudez, recolhimento  
 Da Vestal, na Mulher são o destino  
 Da familial subordinação pura.  
 Sentindo a aspiração da Humanidade  
 Sem voz que a exprima, ou triste, incerta e alala,  
 Na commiseração quebra o silencio,  
 E exaltada Sibylla vaticina!  
 Eil-a Débora á sombra das palmeiras  
 A ordem social nova proclamando;  
 É Magdalena que a Jesus dá vida  
 Pelo amor com que o ergue do sepulchro;

É Phebe, quando a Paulo dita a carta  
 Sobre a Graça e Amor da nova idade !  
 Sois vós, sois vós, Sibyllas misteriosas,  
 As vibrações mais tenues, delicadas  
 Do coração humano, quando aspira  
 Ao Ideal que foge e a que se lança.

Ao fundar a Família, um mesmo impulso  
 À defesa do Lar o homem chama,  
 Fal-o affrontar a morte com coragem,  
 Obter pelo Trabalho a subsistencia.  
 É n'esse esforço que elle educa o braço,  
 Tambem o esforço a intelligencia incita.  
 Torna-se o Lar o fóco da Cidade,  
 O Prytaneo, que os animos allia  
 N'um fraternal abraço de concordia.  
 A Cidade converte-se em reducto ;  
 Ahi, pela Justiça, e na Egualdade  
 Com que energia de criação se affirma  
 O Eu altivo, o individuo humano !

E forte para a lucta, cada Patria  
 Ao imperio da Terra se dirige ;  
 Qual dos Povos terá do orbe o domínio ?

A INDIA, na bondade encantadora  
 Cria a norma completa da Família,  
 A Trindade ineffável affectiva,  
 Pae, Mãe, Filho, as estrophes de um mesmo hymno !

A PERSIA, n'um esforço inquebrantavel  
 O Trabalho e a Virtude identifica ;  
 A acção é a forma creadora do homem,  
 Que o torna um Deus : cil-o obra de si mesmo !

A GRECIA, ao typo humano imprime o cunho  
 Da perfeição da plástica, e elabora  
 Intimo sér moral, dá luz á ideia  
 Com que na mente abrange o universo ;  
 Faz do homem a floração mais bella,  
 Dá-lhe o Ideal e a ancia da Verdade !

## III

**Hermes**

Como a affectividade estabelece  
 Um acordo entre a acção e o pensamento !  
 Busca o homem alar-se á região alta  
 Das ideias, mas prostra-o a fadiga  
 Pelo trabalho material, insano ;  
 Às espontaneas emoções entregue,  
 Adora a Natureza, que o subjuga  
 À Chimera oppressiva. Na miragem  
 Das subjectivas concepções que abraça,  
 Acha o germe da ideia que o liberta :  
 O Sol, o nume que os espaços enche  
 Inundando-os de luz, calor e vida,  
 É Phtá, Helios, é Surya, Mithra, a fonte  
 Das energias todas do universo !

Apropriou-se o homem d'essa força,  
 No fogo, no vapor, no movimento ;  
 Rouba ao céo a faísca atroadora,  
 Apêa o Deus do altar, d'onde o espanta,  
 E no grande arsenal da Terra inteira  
 Fal-o mover as machinas submissos !

N'esta ascenção que o sublima e exalta,  
 Livre do pezadello e da fadiga

Que o cerebro lhe exaure, o homem pôde  
 No ocio secundo meditar tranquillo  
 N'um problema de que depende o triumpho :  
 • Conhece-te a ti mesmo ! » Então, seguro,  
 Depois que com o fogo e com o ferro,  
 Com a agua e o vapor, na activa lucta  
 Da faina industrial tenha vencido,  
 Subjugado a implacavel Natureza,  
 N'esse esforço hade alsim reconhecer-se !  
 Ah, d'essa altura vendo os povos, raças,  
 Tribus, nações formados do mesmo homem,  
 Da unidade moral no vago esboço  
 Acha a revelação da Humanidade.  
 Sente-se do Passado solidario,  
 Que lhe deu instrumentos para a lucta ;  
 Cooperação reclama-lhe o presente  
 No conflicto vital, que o torna forte ;  
 E da especie o destino lhe apparece,  
 Ponto de convergencia que unifica  
 Todas as desmembradas energias.

E enquanto os homens se julgaram filhos  
 De um Deus-Pae, sempre um entranhado odio  
 Os separou pela exclusão dos Dogmas,  
 Pelas fronteiras e balsões das Patrias.  
 As Raças vieram dos diversos germens  
 Nos varios meios do orbe subsistentes ;  
 Eguaes necessidades aproximam-nas,  
 Para a mesma defesa é que se ligam,  
 O Sentimento humano identifica-as.

Disse um Poeta da Historia : — Pela lucta  
 O mundo começou, e a lucta é infinda ;  
 O Homem lucta contra a Natureza,

Contra a Materia o Espírito reage,  
 A Liberdade ante a Fatalidade,  
 Ah, que a lucta é universal, eterna!—  
 Como pôde assim ser? se o Homem sente  
 Que é do universo agora uma potencia,  
 Como o Calor ou como a Luz, e exerce  
 Uma acção de harmonia, de concordia,  
 Acha a razão implicita das cousas,  
 Da ordem natural tendo a Consciencia!

Venceu, da Natureza no conflito,  
 Fundando a Paz o sonho desejado;  
 Sobre a Materia é certo o seu triumpho,  
 Se as suggestões sensorias domina,  
 Deduzindo das relações das cousas  
 A noção subjectiva da Verdade.  
 Já da Fatalidade se emancipa  
 Sacrificando o pessoal egoismo  
 Ao bem humano e altruísta. A vida,  
 No individuo caduca, eil-a perpetua  
 Quando à Especie immortal se lhe consagram  
 Os impulsos da propria Liberdade. »

---

## CANTO IV

## O annel do suicida

I

Reconcentrado o espirito, em silencio  
 O philosopho estava em seu retiro,  
 Prestes a terminar o Livro, o quadro  
 Onde a visão esplendida esboçava  
 Da evolução da Humanidade inteira!

Resplandecia-lhe a espaçosa fronte  
Com o clarão da ideia, que irradia  
Da verdade, pela expressão convicto.

Desenfreada, terrível passa a onda  
Da Revolução! Quasi que olvidado  
É Condorcet, e por ventura salvo.  
Salvo? Neste momento decisivo  
A piedosa Viúva Vernet chega  
Ao quarto do philosopho, transida  
De susto, e todo o aspecto angustiado:

— Senhor! mais um decreto horrível sére  
Os corações heroicos consagrados  
Ao sentimento da hospitalidade!  
Câe a pena de morte sobre aquelles  
Que derem agasalho aos foragidos,  
Refugio aos condemnados do tremendo  
Tribunal revolucionario... —

Como  
Se despertasse de um lethargo fundo,  
Ergue subito o pálido semblante  
Condorcet! fita a compassiva Viúva,  
Como se no espírito instantanea  
Resolução se apoderasse d'elle.  
A Viúva Vernet, com um sorriso  
De bondade e coragem, que revela  
Dedicação sublime, continua:

— Eu na pena de morte estou incursa;  
Não me entrega o destino a nobre palma  
Que me tornaria a mim mais gloriosa  
Do que a santa mulher, quando batendo  
Dos potentados ás egoistas portas

A implorar por esquecido preso,  
 Universalisou o horror immenso  
 Que poz em terra, em horas, a Bastilha !  
 Subisse eu os degrãos da guilhotina  
 Por ter dado refugio ao perseguido,  
 Quando esse perseguido o seculo honra ! . . .  
 Com certeza o Terror acabaria  
 N'essa hora, sendo a lei moral violada.  
 Essa palma ao destino eu não mereço ;  
 Vivei sereno n'este occulto azylo. —

O silencio de Condorcet aterra-a.  
 Seria a decisao irrevogavel ?  
 Bem comprehendera a bondadosa Viuva  
 Quanto havia de tragico e sinistro . . .  
 N'este silencio ; e volvendo á mesma ideia :

— Para que vim fallar agora n'isto !  
 Melhor seria que ignorasseis tudo. —

Notaram ambos passos ao de leve ;  
 N'este momento Cabanis entrava,  
 Vem avisar o amigo, que o recebe  
 Em Fontenai-au-Rose, em seu refugio  
 Suard o academico.

Interrompe  
 O sabio medico e a agradavel nova,  
 Condorcet, que exclamou com segurança :

— • Dizei-me . . . Danton foi guilhotinado ?  
 • Formidanda verdade ! Como o sabes ?  
 Quem trouxe aqui ao ádito sereno  
 Essa má-nova tão desoladora ?  
 — • Foi do Terror a convulsão recente,

Que sentenciou à morte quantos derem  
 Azylo aos perseguidos! Protestará  
 Danton, com a coragem de gigante:  
 — Darei um ponta-pé na guilhotina! —  
 Só elle era capaz da humana audácia.  
 Depois de ter emancipado a França  
 Da servidão da tréda Monarchia;  
 E fundado a República, reunindo  
 A desmembrada pátria pelo esforço  
 De Paris hegemonic, a Europa  
 Vence ao chamar toda a nação às armas!  
 Só Danton attingira o ideal supremo  
 De pôr em mutuo acordo a Lei e a Ordem.  
 Diante d'esse genio surprehendente  
 Um rhetorico ôco se atravessa,  
 Repleto de perfídias e de phrases,  
 Agitado por loucas utopias  
 De um idealismo vago, com que encobre  
 A ambição do Poder, que tanto o alenta.  
 Quando o duello de morte se terçava  
 Entre o heroico Danton e Robespierre,  
 Presenti que da sorte do combate  
 Depende da Republica o destino.  
 Com grandeza Danton profere a phrase  
 Que revela da lucta o desenlace:  
 — Antes quero morrer, do que eu o sangue  
 Embora do adversario meu derrame. —  
 Não seria esta indifferença sua,  
 Em frente das calumnias do inimigo,  
 No Tribunal revolucionario,  
 Acto de um resoluto suicidio?

\* Tens razão! É assim que agora explico  
 O supremo desdém perante a morte.  
 Esse homem, que salvou por tantas vezes

A Patria, quando o rei traidor condena,  
 Quando armou a nação contra o estrangeiro  
 Que as fronteiras lhe invade, acaso esse homem  
 Poderia deixar a França entregue  
 Aos desvarios do Incorruptivel?  
 Não deu o ponta-pé na guilhotina;  
 Não quiz, preferiu ser assassinado.  
 Longe da França, fulminou-o a nova  
 Da morte de Gabriella, a doce esposa,  
 E da orfandade anciosa de seus filhos!  
 Pouco mais ha de um anno. Esta tristeza  
 Deixou Danton inconsolavel, frio.  
 E quando elle pensava no imo d'alma  
 Em abnegar de toda a auctoridade,  
 E refugiar-se na familia espera,  
 De subito esse ideal que motivava  
 A generosa actividade, é extinto.  
 A morte, o nada foram-lhe refugio. »

## II

Confundido entre a multidão fremente,  
 Robespierre foi vér, sedento e alegre,  
 A morte de Danton. A fera gosta  
 De farejar o sangue! Na hora escura  
 Em que a cabeça de Danton rolava,  
 O sangrento Declamador conhece  
 Que o Poder absoluto lhe pertence.  
 Cresce o Terror...

— « Quem sabe quanto tempo  
 Esta hallucinaçao furiosa dura?  
 Por ventura até quando uma alma ingenua  
 Do Povo, já cansado de vér crimes,  
 Contra o chacal, impávida desseche!  
 Na morteinda Danton personifica  
 O genio heroico e secular da França: »

O antigo Gaulez,  
 Saudando os companheiros, os amigos,  
 Com quem sempre affrontára mil perigos  
     Da Patria no revés,  
 Perante a multidão de indiferentes,  
 Pede dinheiro, joias e presentes,  
     Como em paga da morte !  
 E á pessoa que mais amara em vida  
 Entregando-os, com mão segura e forte  
     Alegre se suicida.

Um Bispo, que deseja  
 Subjugar essa altiva e estranha raça  
 Submettendo-a ao Poder da Egreja,  
     Diz, vendo o que se pássa :  
 • Entre este Povo a servidão das almas  
 Assentarei, ao conceder-lhe as palmas  
     Da sacrosanta guerra. »  
 Na Orgia do Homem-Deus hallucinadas,  
 Derramaram o sangue sobre a terra  
     Nas inuteis Cruzadas.

O Despota, a seu turno,  
 Tem da absoluta submissão inveja,  
 E quer no seu Imperio, taciturno,  
     A sagrada da Egreja.  
 Em vez da hecatombe ante o altar,  
 Falla ao povo na Gloria militar,  
     E na longa phalange,  
 Com que leva os destroços e devasta,  
 O Povo que o acclama, e que elle arrasta,  
     Na mesma morte abrange !

Philosophos e Poetas

Tambem vieram fallar de Liberdade;  
 No espirito das turbas irrequietas  
     Fez-se a unanimidade:  
 O *Quatorze de Julho* immenso brilha,  
 Rue por terra em cinco horas a Bastilha,  
     N'esse fraterno heroismo!  
 Pela propria Nobreza eil-o deposto  
 O privilegiado Feudalismo,  
     Vede o *Quatro de Agosto*!

Era esta a forte raça

A que Danton impávido pertence;  
 Ao que traiçoeiro no combate o vence,  
     Generoso o abraça:  
 \* O corpo meu em breve volve ao nada!  
 No Pantheon da Historia consagrada  
     Será minha memoria;  
 Ao que ergue contra mim mão assassina,  
 Não disputo a phantastica victoria,  
     Prefiro a guilhotina.\*

De Danton hoje a morte odiosa, injusta  
 Põe á Revolução secunda o termo;  
 Domina o desvairado Robespierre,  
     No seu feroz Deismo decretando  
 As utopias de Rousseau! Não longe  
 Virá o Salvador, que a França escrava  
 Dos desvarios do Incorruptivel,  
 Junja ao seu carro triumphal e egoista.

## III

Descia a noite. Cabanis previne  
 O Philosopho : — « Que Suard o accolhe  
 No refugio de Fontenai-au-Rose. »  
 Parte. Da hora propicia se aproveita.  
 Pelo caminho, inesperada, encontra  
 A carroça que leva os condemnados  
 Do Tribunal revolucionario ;  
 Ao clarão dos archotes reconhece  
 De Lavoisier o intelligente vulto !  
 Novo crime, que a Humanidade fere  
 No orgão mais vital, mais importante.

\*

Na verificação da experiençia,  
 Demonstrará da Chimica a sciencia  
 O principio secundo :  
 • Nada se perde ! Nada, emfim, se cria ! »  
 E Lavoisier que o facto descobria,  
 Solta o germen do mundo !

A concepção de um Creador supremo,  
 O terror do aniquillamento extremo,  
 Geral do universo,  
 Que serviram de base ás Theologias,  
 E de um vago Deísmo em nossos dias,  
 São das ficções o berço.

De um mundo de chimeras esses pólos  
 Esváem-se, como o nevociro ao vento  
 Que o horizonte empana ;  
 Equiparam-se os crédulos aos tolos ;  
 E traz a Sciencia um novo fundamento  
 À Consciencia humana.

Cabanis considera n'esse instante  
 Morto já Lavoisier, a maior gloria  
 Que illuminava a França ; estava no auge  
 De um poderio estulto Robespierre,  
 Que pela Convenção audaz decreta  
 A existencia do Supremo Ente !  
 Torquemada político, persegue  
 Em Lavoisier o atheu ! É morto o sabio.

## IV

A solidão levava o desalento  
 De Condorcet ao animo. Perdida  
 É a Revolução, desde o instante  
 Da morte de Danton. N'esta incerteza,  
 Preoccupa-lhe o espirito a ideia  
 De que a presença sua arrasta agora  
 Sobre a pobre Viuva que o abriga,  
 O horror da mesma lei que o condenna !

Desde Outubro a Abril vive escondido...  
 Deixa o refugio ; parte silencioso.  
 O ar, os ruidos, tudo o aturdia ;  
 Nas sombras mal atina com as ruas.  
 Inquieto o azylo de Suard procura ;  
 E desvairado, n'essa longa noite.  
 Perde o caminho...

Pela madrugada,  
 Sophia e Cabanis cuidosos chegam  
 Da Viuva Vernet á pobre casa ;  
 Não encontraram Condorcet. Na mesa  
 Onde a sós o Philosopho escrevia  
 O Livro está, onde a alma generosa  
 Nas angustias do espirito se acolhe !

Sahiram á procura d'elle, prestes;  
 Tudo debalde! Quasi ao fim da tarde  
 Souberam que o grande homem fôra preso  
 De Glamart na taverna, por suspeito,  
 Por ter as mãos de aristocrata, brancas.

Não ha tempo a perder. Correram logo,  
 Vão a Bourg-la-Reine, onde internado  
 Dizem que está. Alli o acham morto!  
 No meio das insanias vis dos guardas,  
 Das queixas e tropel dos condemnados,  
 Na sordidez infecta da masmorra,  
 O Philosopho vira a perspectiva  
 Dos interrogatorios affrontosos,  
 No cannibal delirio dos que adoram  
 A Robespierre como o Deus da Patria.  
 Terrivel suggestão lhe acode á mente:  
 O exemplo de Sidney o incita,  
 Traz consigo o annel envenenado,  
 A rasão determina-lhe o suicidio.

---

De Condorcet a morte não sacia  
 O sangrento Declamador! Por terra  
 Um mez depois, de Lavoisier no cépo  
 Rôla a cabeça luminosa, augusta!  
 A Cidade sublime do futuro  
 Vae perdendo os obreiros generosos.  
 Esgota-se o Terror pela violencia,  
 Da apagada emoção fica o ludibrio.  
 Como a pezada nuvem se dissipá,  
 Cae por fim Robespierre entre os apupos  
 Da multidão que no messias cospe,  
 Emquanto um novo Salvador aguarda.

A Convenção prevê o ingente abysmo,  
 Vê a França caindo sob o imperio  
 De ignoto e audacioso aventureiro  
 Que á multidão se imponha : Como o nauta  
 Pela bussola vae, entre borrascas,  
 Singrando intemerato pelo oceano,  
 A Convenção recebe o exelso Livro  
 De Condorcet; dá-lhe a publicidade,  
 E espalha o Verbo novo pelo mundo !

Ao Terror doentio pôde alliar-se  
 A bruteza da militar Orgia,  
 Restauradores de um Passado morto,  
 Sophismas de ideologos pedantes,  
 Ligas dos Reis egoistas contra os Povos ;  
 Ei-la firme a universal Cidade,  
 Assente em alicerce inabalavel ;  
 Para ella convergem os esforços  
 De quantos pela Humanidade luctam.

## II

## A QUARTA CORDA DA LYRA

(POEMATO)

## I

Noventa e quatro. Brilha fulgurante  
 Á luz de eterna aurora  
 A Epopéa bella  
 Da Grecia, — como um testemunho novo,  
 Quando a Revolução é triumphante,  
 De como se revela  
 A força creadora  
 Com que renasce socialmente um Povo !

Das multidões a aspiração, a ideia  
 N'um impulso sincero,  
 Illumina-as agora  
 A comprehensão da hellenica Epopéa ;  
 Como o Povo se identifica a Homero !  
 Na inolvidavel hora  
 Da commoção suprema,  
 Ideal e Accção são canticos de um Poema ...

\*

O poeta Chénier sentira n'alma  
 Esta synthese augusta das edades  
 Na concordancia que desfere o acaso.  
 Tendo cantado o smyrneo Cégo, o aédo,  
 Ama a Revolução, e na onda envolta  
 Da convulsão do Povo, que o inspira,  
 Que as fontes lhe abre da immortal Poesia,  
 É arrastado ao sorvedouro escuro  
 Dos antros do Terror !  
 Que mão o salva  
 Ao novo Orpheo das sanguinosas furias ?

II

Por sua vez tambem, eil-o arrastado  
 À guilhotina Robespierre. A turba  
 Grita posséssaa, entusiasmada, alegre ;  
 Do Chefe do Terror, n'aquelle dia  
 A execução tornava-se uma festa.  
 E desde que a cabeça no chão róla,  
 Dos peitos todos um alento irrompe,  
 Como o acordar á luz do sol que nasce  
 De um longo e ensanguentado pezadello !

O brado de alegria e de esperança  
 Soôu por todas as prisões, que estavam  
 Atulhadas de gente, a cada hora  
 Do Tribunal revolucionario  
 Aguardando a sentença e o cutello,  
 O cutello, que os libertasse em breve  
 Da fome e sordidez dos negros antros,  
 E do capricho da horda jacobina !

Quando a nova, vehemente e inesperada  
 Transpirou nas prisões, ouvem-se cantos,  
 Hallucinados cantos, o delirio  
 Dos que tinham perdido a esperança  
 De salvação. Os cantos se propagam  
 Por todas as prisões do Luxemburgo ;  
 Em Plessis e Sam Lazaro retumbam,  
 Na Force, eram prenuncios do resgate !  
 As prisões são abertas. Pelas ruas  
 Os desgraçados, pálidos, famintos,  
 Como irmãos se abraçavam, como naufragos  
 Tocando a terra, incólumes da vaga.

## III

Foi n'essa hora de jubilo estrondoso  
 Que se abriram as ominosas portas  
 Da prisão de Sam Lazaro : Uma joven  
 Na formosura dos dezoito annos,  
 Na candidez de uma existencia amarga  
 Entre ruinas que ella não comprehende,  
 Ao dar na rua os temerosos passos  
 Mostra no rosto uma anciadade incrivel.  
 Outros presos que vêm na mesma onda,  
 Interrogam-na ? A bella perguntava

Do poeta André Chénier onde a morada?  
 Conhecerá no carcere o Poeta;  
 Não souberá mais d'elle desde o dia  
 Que fôra ao Tribunal chamado. Morto  
 É por certo? ou por acaso é salvo?

Do carcere um piedoso companheiro  
 Para a rua Clery prompto a acompanha;  
 A familia do Poeta é lá que mora.

## IV

A formosa donzella entra na sala  
 Silenciosa e sombria; encontra um velho  
 De um aspecto abatido, inconsolável.  
 Da prisão de Sam Lazaro o conhece,  
 É o pae de Chénier. Vem para ella  
 O bom do velho; abraça-a soluçando:

— Ditosa Aimé de Coigny sois livre...  
 \* Livre! eu vinha saber... mas essas lagrimas  
 Agora deixam-me adivinhar tudo.  
 É morto André Chénier? Como eu o amava! \*

Da formosa Coigny com que piedade  
 O triste velho toma as mãos e as beija:

— Eu só dei causa á morte de meu filho!  
 Procurando salvá-lo, eu activava  
 O moroso processo e o julgamento.  
 Foi peior! ah ficasse elle esquecido  
 Mais trez dias sequer; seria salvo  
 Como vós, como todos, desde a morte  
 De Robespierre, que o Terror estanca.—

Em tanta angustia o pobre velho chora,  
 Sua esposa apparece a confortal-o  
 Solicita ; depara com a joven,  
 Com Aimé de Coigny chorosa e triste.  
 A dôr muda, que abafa, é eloquente ;  
 Como na dôr se entendem essas almas !

— « Buscaes novas de André, do nosso filho ?  
 • Conheci-o no carcere em Sam Lazaro ;  
 Pensativo, enlevado na lembrança  
 Da desolada mãe, vendo baldados  
 Os esforços do pae para salval-o,  
 No meio d'essa angustia, oh não me esquecem  
 Palavras de coragem, de esperança  
 Que me dizia a mim, quando eu tremente  
 No páteo da prisão rodar sentia  
 A carreta que transportava os presos  
 Ao Tribunal sangrento ! Quantas vezes  
 Ao ouvir lér os nomes dos que tinham  
 De escutar a sentença aterradora,  
 Desmajava ao lembrar-me pesarosa  
 Dos malogrados meus dezoito annos,  
 Quando a manhã da vida raia bella !  
 Calava André Chénier seus desalentos ;  
 Quando eu ficava pálida de susto  
 Ante a partida para o cadasfalso,  
 Tomou-me as mãos nas suas segredando  
 De uma Joven Cativa a elegia  
 Que desde essa hora me obrigou a amal-o.  
 Foi o primeiro amor ! e que esperanças  
 N'um futuro risonho ! D'entre os presos  
 Ao Tribunal chamados, ouço o nome  
 De André Chénier ecoar... Nem teve tempo  
 De proferir uma palavra, à pressa  
 Dá-me o retrato que Suvé fizera

Poucos dias atraç . . .

(Tira do seio

O retrato que beija e á mãe chregá) :

Guardae, guardae no immortal sacrario  
De vosso peito essa reliquia santa ;  
Para mim, guardarei esta Elegia  
Que elle compoz, quando um amor nascente  
Dourava as trevas da prisão medonha,  
E matisava a solidão de encantos.  
Não tornei mais a vê-lo o doce Poeta ;  
Para consolação intima eu lia  
A dolorosa endexa, em que inda o escuto :

— Eu sorria em criança ao vir da aurora,  
Sempre ao cair da noite tinha medo ;  
Causa-me a luz do sol um tédio agora,  
E as trevas dão-me um gosto calmo e ledo.

De dia errava pelas varzeas fóra,  
Ao serão junto ao lar estava quedo ;  
Porque sorrindo ao despontar da aurora,  
Sempre em noite fechada tinha medo.

Como descanta e vôa ave canora  
Sem vér do caçador o laço tredo,  
Descuidado sorria á vida, á aurora,  
E a noite interrompia-me o brinquedo.

N'esta vida interior que nos devora  
A multidão perturba o ideal segredo ;  
Causa-me a luz do sol mais tédio agora,  
E as trevas dão-me um gosto calmo e ledo.

Hoje, que n'alma um pensamento mōra  
 Absorvente, exclusivo em seu enredo,  
 Fujo da luz do sol com tedio agora,  
 Porque me acorda d'esse enlevo cedo. — ,

## V

Mal acabara a candida donzella  
 De recitar a tenue Elegia,  
 De Chénier como um effluvio de alma,  
 Quando na sala entrava, repentina,  
 José, o irmão do poeta, consternado  
 E nos braços da velha māe se lança :

— Vede, a calumnia fere-me de morte,  
 Dizem de mim que eu sou um fraticida !  
 Propalam que eu dei causa a que a sentença  
 Fosse contraria a meu irmão . . . —

Sublime,  
 A contrastada māe, ao vêr afficto  
 José Chénier, a abraçal-o, exclama :

\* Erga-se o mundo inteiro hoje a accusar-te,  
 Mas, dando-te este beijo, filho, nunca  
 Subsistirão as vozes da calumnia  
 Contra a tua innocencia : é a verdade  
 De um coração de māe o teu escudo.  
 Falla de teu irmão, tudo nos conta,  
 O que sabes dos ultimos instantes ?  
 Vive comnosco pela saudade,  
 Pelo amor, pela admiração crescente.

— Quando André Chénier, silencioso  
 Ia no carro para a guilhotina,

E Roucher lamentava-se a seu lado  
 Da orfandade do filho, então o Poeta  
 Reconcentrado n'uma intensa ideia  
 Levou a mão à fronte, murmurando,  
 Tal se acordasse de um aéreo sonho :  
*Com tudo, alguma cousa aqui dentro houve...*  
 Ninguem pôde alcançar d'aquelle phrase  
 O intimo sentido ; ha poucas horas  
 Encontro em seus papeis, de um grande Poema  
 Ligeiro esboço : em *Hermes* representa  
 Da Humanidade a marcha progressiva.  
 Commentava elle a genial empreza :

= Nas festas dos hellenicos noivados  
 Os convivas corriam entregando  
 Os archotes de mão em mão, alegres ;  
 Tal parecem as gerações que passam,  
 Transmittindo entre si crenças e ideias,  
 As descobertas que as tornaram fortes,  
 A Linguagem, as Sciencias e a Poesia.  
 Cada individuo no incessante passo  
 Da carreira satidica que leva  
 Do berço à sepultura, aceita e entrega  
 O facho vivo que illumina e guia  
 A incomprehendida festa da existencia.

Quem, perdido em confuso Labyrinto  
 Vae procurando e segue os seixos brancos  
 Nos tortuosos meandros espalhados,  
 E chega alfim à Luz, à liberdade ;  
 Tal n'este espaço immenso do orbe somos  
 Transviados no tropel de leis ignotas  
 Que regem o universo ! Hermes, vós Sabios,  
 Vós seguis dos phenomenos os rastos  
 D'entre o perstigio das ficticias Causas

De que os povos phantasiaram Numes.  
 Accumulando os factos isolados  
 Para encontrar da construcçao o plano,  
 Miraes o seixo, o ramo, a folha solta  
 Levada pelo vento, a aza do insecto,  
 Tambem a podridão do verme e a morte!  
 Ante o olhar vosso é tudo itinerario  
 Da trajectoria immensa, evolutiva  
 Que leva a especie misera arrastada  
 Dos abyssmos do Sér até ao ponto  
 De ter consciencia um dia de si mesma.

É este o Ideal que o espirito me eleva;  
 N'esta anarchia bruta do presente  
 N'elle se refugia! Eu longe avisto  
 Fluctuando no Oceano das edades  
 A Lyra que das mãos de Orpheo cairá  
 Quando o mataram as bacchantes doidas.  
 Só essa Lyra hâde pulsar o canto  
 Da nova edade, achar a consonancia  
 Da voz dos Povos, das Nações, das Raças  
 No épos triumphal da Humanidade.  
 Poderei alcançar de Orpheo a Lyra  
 Que fluctua perdida?... =

— Aqui termina

De André Chénier o esboço da Epopéa,  
 A ideia que lhe allumiava a mente  
 Na hora oppressa do iniquo transe.  
 Foi como Orpheo tambem despedaçado  
 Do Terror n'esse indomito delirio. —

---

Ali André Chénier sentidos choram  
 Piedosos olhos; deplorou-o a França,  
 Tem da gloria a existencia subjectiva!

A formosa Coigny breve comprehende  
 Que o pensamento ultimo do Poeta  
 Fóra a grande Epopéa humana ; fere-a  
 Na alma o desdem por um amor primeiro,  
 Pela flor de sua alma ! e deslumbrante,  
 Olhando a vida por um prisma estranho,  
 Nos salões festivaes do Directorio,  
 Nas ephemeras pompas do Imperio,  
 Sob a Restauração banal, fascina  
 Feita Duqueza de Fleury, mas fria.

## III

## A ORGIA MILITAR

*Ce que j'admire le plus dans le monde, c'est l'impuissance de la force.*

NAPOLEON.

Quando o homem se eleva à Ideia, e a Liberdade  
 Conquista, fito o olhar na luz do alto horizonte,  
 Por essa lei fatal do atavismo, horrenda,  
 Surge Napoleão !  
 Do instinto cannibal faz verdadeira a lenda :  
 Ao bruto o homem baixa uma outra vez a fronte !  
 De vér golfar o sangue — é gloria e heroicidade  
 A bestial propensão.

## I

## A sepultura do Heroe

Alternam-se a derrota e a victoria,  
 Fluxo e refluxo d'esta onda humana !  
 E quanto mais a audacia fôr notoria  
 A catastrofe ocorre mais insana,

E no revés á deslumbrante gloria  
 Como em ludibrio todo o brilho empana.  
 Uma Aguia que se libra lá na altura  
 Sô pôde ter o mar por sepultura.

— A sepultura! Oh, qual será a minha?  
 Digna do heroe, de esplendida grandeza?  
 Nenhum imperio o meu poder detinha,  
 Fiz meu quanto alcancei na redondeza;  
 Talhei purpuras; báculos sustinha,  
 A cada general dava a realeza;  
 Eu ao Deus dos Exercitos, proscripto  
 Pela Rasão, mandei dar-lhe o infinito.

Filha de reis subiu para o meu leito,  
 E de reis me servi com apparato;  
 De jungir povos ao meu carro affeito,  
 Era o meteoro atroz do desbarato.  
 De Carlos Magno e Cesar o preceito  
 Tentei na Europa convertel-o em facto,  
 Amalgamando tudo n'um Imperio  
 Para mim; mas formava um cemiterio...

Dos triumphos eu fui seguindo a rôta;  
 A corrente das cousas quem a véda  
 Oppondo-se ao refluxo, á força ignota  
 Que os tropeços da evolução arreda?  
 Apoz cyclo triumphal vem a derrota,  
 Da grandeza ao fastigio segue a queda;  
 Cairei d'esta altura que hallucina,  
 Mas serei grande até na propria ruina.

Heide affrontar impávido o destino;  
 Como o rei Carlos Quinto em Sam Justo  
 No proprio funeral entoava um hymno  
 Junto do catafalco, em pé, sem susto;

Se esta ambição perseruto e examino,  
 Excederei aquelle animo augusto,  
 Abrindo a Sepultura, onde os meus ossos  
 Fiquem a salvo dos feraes destroços:

Arrebatavam-se os Heroes antigos  
 Para junto dos Deuses n'outras éras;  
 Tambem em ti, oh fogo, os seus jazigos  
 Buscaram, com que os povos incineras.  
 Os Reis húnicos tinham seus abrigos  
 Na morte, contra os homens, contra as feras,  
 No alveo, a que não vão hyenas, ursos,  
 Dos rios desviados dos seus cursos.

Como eu, foram tambem devastadores;  
 E sobre os fluviaes leitos descobertos  
 Fazia-se a hecatombe dos senhores,  
 Das mulheres e servos os mais certos;  
 Findada a ceremonia dos horrores  
 Os rios volvem aos alveos abertos,  
 E assim ficava o rei em um moimento  
 Dos ultrajes dos seculos isento.

No percurso do Lena, da Asia ao Rheno,  
 Attila a morte e o pavor espalha;  
 De Theodorico o barbaro, ao aceno  
 O colosso de Roma se escangalha;  
 Ambos querem o tumulo sereno,  
 Ambos querem a humida mortalha,  
 No alveo dos grandes rios desviados  
 Para accolher os corpos derrubados.

Qual hade ser a minha sepultura?  
 Descobri-a, por cumulo de gloria;  
 O curso que a Revolução procura  
 Desviarei! A obra é transitoria;

Mas na caudal da aspiração mais pura,  
E sob a vasa de quanto ha na historia,  
N'esse alveo ficará minha cubica :  
Eu, em vez do Direito e da Justiça !

Eu levarei a guerra além aos povos  
Destruindo essa ideal *Fraternidade* ;  
Faço a hecatombe dos principios novos,  
Meus generaes com reis têm *Egualdade* ;  
Amparando os catholicos renovos  
Contramino a futura *Liberdade*,  
Aos monarchas boçaes forço à Alliança  
Para matarem das Nações a esperança. —

## \*

Assim audaz Napoleão pensara !  
E desviou o curso da corrente  
Dos factos, por onde o homem afirmara  
O Direito entre os povos do Occidente;  
Milhões de vidas na hecatombe ignara  
Trucida ao seu orgulho, e de repente  
O curso volve ao natural alvéo,  
Onde sepulto o heroe jaz com labeo.

## II

**A covardia do bravo**

Cae a chuva a torrentes, e no espaço  
Entrecruzam-se os raios. Mais violento  
Do que dos vendavaes o atroz fracasso,  
É o abalo das almas, no momento  
Em que avançam com destemido passo  
Os batalhões com impeto sedento,  
Com a marcha fatal de uma onda viva  
À batalha campal e decisiva.

É uma hora da noite. Eil-o, a cavalo  
 Nopoleão monta; à granja de Rossomme  
 Caminha, Bertrand vae acompanhal-o;  
 De Waterloo a aldeia a nevoa sóme  
 De trez outeiros no infimo convalllo,  
 Dormita em paz, mal sonha o grande nome...  
 Estão sob aguaceiros mais terríveis  
 Os batalhões franceses impassíveis.

As posições ocupam a pé quedo  
 Prussianos e Anglo-Hollandeses;  
 Da noite e temporal esperam cedo  
 O fim; vân ter inicio outros revezes!  
 Napoleão exaltado exclama ledo,  
 Ao retroar dos bellicos pavezes:  
 « Deve sentir um forte orgulho a terra  
 Em suster estes bravos, e em tal guerra! »

As fauces a terra abre aterradoras,  
 Traga tudo isto, com mudez eterna...  
 Não começa a batalha! Já seis horas,  
 A chuva cessa; e aquelle que governa  
 No ataque, prolonga taes demoras  
 No rompimento! Na região superna  
 A irreflectida casualidade  
 Será prenuncio de fatalidade?

Duas horas depois começa o fogo  
 Incessante; já quasi meio dia,  
 Do exercito frances prorompe logo  
 Com que vigor toda a fuzilaria!  
 No planalto Saint Jean o mortal jogo  
 Do combate mais fero recrescia.  
 Napoleão aos Exercitos aliados  
 Oppõe mais de setenta mil soldados.

Canhões, conta duzentos e quarenta,  
 Vomitam morte, irreparaveis danos !  
 Antevendo a victoria mais se alenta  
 Batendo os isolados Prussianos.  
 Gloria, triumpho á mente representa  
 Vendo os Anglo-Hollandeses mais insanos  
 Isolados tambem. Quem não diria  
 Que tem as palmas d'este immortal dia ?

Wellington é batido e se conserva  
 Firme nas posições, quanto elle pôde ;  
 Bem sabe que Blucher como reserva  
 Já vem em marcha, e rapido lhe acode !  
 Se as duas horas da demora, observa,  
 Fazem que o vento da fortuna rôde !  
 De repente, contra os enormes danos,  
 Chega Blucher com trinta mil prussianos.

Entra logo em combate : continua  
 A tragedia nos lances mais sangrentos ;  
 Já o francez exercito recua  
 Do planalto aos terrenos lamaçentos  
 De Haie-Sainte. É a mortandade crúa,  
 Na lama atolam-se os canhões aos centos ;  
 A noite encobre o quadro horrendo, abjecto,  
 Dando á batalha um infernal aspecto.

Já quinze mil dos Anglo-Hollandeses  
 Ficam em lama e sangue sepultados ;  
 Por fundos barrancaes, n'estes revezes  
 Scis mil prussianos jazem recalcados !  
 Contam-se mais de trinta mil francezes  
 A voragem hedionda arremessados,  
 Dos que se matam sem saber a causa,  
 A morte por á ardente sanha, pausa !

Vem fria a noite rápida baixando,  
 N'uma mesma absoluta paz envolve  
 Cincoenta mil mortos ! Quadro infando.  
 Napoleão medita ; o que resolve ?  
 Da velha Guarda o destemido bando  
 Prostrado, aos toques do clarim não volve !  
 Que lhe resta ? O revés ao heroe decide-o,  
 Morrer na lucta ! um immortal suicídio.

Hesitou um instante... Vago, aéreo  
 Do perigo o afastam n'um momento ;  
 Vae seguindo das sombras no mysterio,  
 Calcando todo o lamaçal sangrento,  
 Em que o sonho do universal Imperio  
 Se afundára, com horrido escarmento !  
 Na consciencia ergue-se implacavel  
 Collisão vehemente e inaddiável :

Prisioneiro entregar-se confiado  
 À Inglaterra, o inimigo tredo ;  
 Ou já matar-se em tão misero estado !  
 Como isso é facil. Tem o annel no dedo,  
 De Condorcet o annel envenenado !  
 Ninguem sabe d'este intimo segredo  
 Do defensivo talisman ; n'essa hora  
 Que a dor resume... lança o annel fóra.

Não tinha no seu animo uma ideia  
 Por que morresse altivo e heroicamente,  
 Como o austero philosopho. Receia  
 Acaso a França exausta e decadente,  
 Que o vencedor com odio mais soffrêa ?  
 Bem aviltada e enfraquecida a sente.  
 Lança fóra o annel que possuia  
 N'um impulso de occulta covardia.

Chega a Fontainebleau, e ahí assigna  
 A exhautoração propria, preferindo  
 À morte altiva a servidão indigna  
 Do jugo inglez, da ingenuidade rindo  
 Com que se entrega á protecção benigna.  
 Da Orgia militar o imperio é findo !  
 Só tarde Napoleão viu claramente  
 Quanto a força brutal é impotente.

## III

## Napoleão moribundo

Como o grande astro, pálido e já frio  
 Vae a afundar-se lento no horisonte,  
 Olhos vagos do extremo desvario  
 Dão um sinistro aspecto áquella fronte ;  
 Sombra gélida a face lhe cobriu,  
 Como os nimbos no vértice do monte ;  
 Aguiia, que vae morrer, sacode as azas,  
 Tal se agitou, e disse então :

• Las Casas,

Estás ahí ? És sempre o mesmo amigo,  
 Mais vinculado a mim pela desgraça !  
 Attenta nas palavras que ora digo,  
 A custo sás a voz já surda e baça.  
 Um pezo enorme, aqui, duro castigo,  
 Me opprime o peito ; augmenta e ameaça  
 Prostrar-me... arquejo de agonia e medo,  
 Tira de sobre o peito este penedo...

Sim, um penedo ! Alguem o detém sobre  
 O peito exhausto para meu desdouro ;  
 Serei eu como o sapo que se encobre  
 Sob a pedra ? ou recondito thezouro ?

Jazo oppreso! sem ár, nem luz que sobre,  
 Acovarda-me o pezo d'esse agouro...  
 A pedra o gelo seu me communica,  
 E como pedra o corpo inerte fica.

Ouve: Acordei de um sonno longo, aziago,  
 Na vertigem da derradeira hora;  
 Prostra-me o pezadello mão, presago,  
 Que me levou além dos mundos fóra.  
 Por onde eu ia me seguia o estrago,  
 Pude então meu destino ler; e agora  
 A mim voltei; ah, sobre mim o bloco  
 Assim encontro!... e como o palpo e toco!

Fatalidade immensa; sim medonho!  
 Menos que o Prometheu do mundo antigo.  
 Como Sysipho ao bloco não me opponho,  
 Nem faço como Ajax da rocha abrigo.  
 Succumbo. Escuta o formidavel sonho,  
 Attenta na visão que aqui te digo,  
 Verás d'oncde caiu este penedo  
 De que fiz pedestal... Conto em segredo:

Vi-me perdido, como outr'ora o Dante  
 Não na floresta escura, mas bem perto  
 De uma Montanha que encontrei diante  
 Do passo temerario, vāo, incerto;  
 No flanco da Montanha a mais gigante  
 Achei um antro lobrego e aberto;  
 Quiz conhecer o goso de ir perdido,  
 E entrei, com esperança, destemido.

Era um algar profundo, escuro, mudo,  
 Gotejando a humidade e a doença;  
 Frio como o terror! e mais que tudo  
 Ermo como o que nunca teve crença.

Com a audacia da edade o passo ajudo  
 Através da visagem feia, densa;  
 Quero ir lá dentro ouvir a pythonissa  
 Na solidão dos que só têm justiça.

Era a via subterrea, má, sem tento,  
 Debaixo da Montanha aos céos erguida;  
 Interminável como o sofrimento,  
 Desconhecida como o entrar da vida.  
 Foi impávido adiante o pensamento.  
 Quem romperia a tétrica avenida?  
 Oh, não foram por certo as alimarias,  
 Sim, bem o sei, foi geração de pírias.

Parecia que o peço da Montanha  
 Já o sentia no offegar cansado;  
 A crassa escuridão era tamanha  
 Que ultrapassava os Dogmas do peccado.  
 A tristeza que o peito alli me banha  
 Similhava a do homem ultrajado;  
 Silencio igual ao seculo confuso  
 Que não deixou protesto contra o abuso.

E tacteando trépido, prosigo  
 Como o cego que orientação procura;  
 Poder da Tradição de um tempo antigo  
 Paralisa-me em apathia escura.  
 Sinto-me vérme dentro de um jazigo,  
 Reconheci que a vida quer luz pura;  
 Lá por dentro, nos infimos cancellos  
 Escuto ruidos como de martellos.

Pancadas longas, de quem rompe e excava,  
 Na compacta pedreira e a derruba;  
 O som pela caverna retumbava.  
 Fui avançando, quer eu desça ou suba

Mais se distingue a varia faina brava,  
Como o leão quando urra e alça a juba.  
Ais e vivas, lamentos e cantigas  
Sôam, como animando nas fadigas.

Cheguei mais perto! Vi-os; eram tantos...  
Catacabras de cyclopes, de athletas!  
Rostos sulcados por calados prantos,  
Peitos transidos por ignotas settas;  
Na expressão moral brutos e santos,  
Ingenuos como as almas dos poetas;  
Rudos, leaes e rotos, mas contentes;  
Chamam isto trabalho, aquellas gentes.

Levantavam os malhos contra a rocha,  
Ella repulsa em affiadas lascas;  
E quando no trabalho a força afrouxa  
Um canto anima as vacillantes vascas;  
O canto ou grito da agonia rôxa,  
*Câ ira!* voz de indomitas borrhascas,  
Vinha ao bater dos malhos dar compasso,  
Trazer alento no mortal cansaço.

Muitos caiam já sem força, em terra,  
Mudos outros ficavam sepultados  
Nas barreiras por culpa d'este que erra  
Indo minar em perigosos lados;  
Mas que poder sublime o canto encerra!  
*Câ ira!* levam eccos prolongados,  
E ao trabalho de novo mettem hombros,  
Na dor e na coragem sempre assombros.

Cheguei mais perto, ao perto dos mineiros:  
— Oh raças condenadas ao trabalho,  
Criadas na fadiga, e os primeiros  
Que procuraes romper tão longo stalho!

E para quem do Gólgota o madeiro  
Só produziu da forca o esteril galho ;  
Que sentença condena a essa lucta  
De vencerdes a Natureza bruta ? —

« Vamos minando o alteroso Monte,  
E temol-o furado pela base !  
Procuramos a luz de outro horizonte ;  
Nós sentimol-a ! é da alliança a phrase.  
Sem um fanal que a via nos aponte  
Vamos errantes, acertando quasi ;  
Mergulhados no frio e escuridade,  
Dá-nos alento o ideal da Liberdade.

Ha gerações que aqui nasceram mèstas ;  
E que se nasce livre aquella ignora ;  
Outra trabalha equiparada ás bestas,  
E pensa que só vive quando chora.  
Umas cãem na vala ; restam estas  
Na esperança de achar a nova aurora !  
Sobre nós a Montanha pesa horrenda,  
Na tradição de séculos tremenda.

*Cù ira!* Pois Encéladô palpita  
Sacudindo a montanha sobre o dorso ;  
A Montanha é a tradição maldita,  
Immovel como os dogmas do remorso,  
Impassivel como uma lei escripta ...  
Nós prosseguimos no baldado esforço,  
Para que um dia os pobres filhos vejam  
A luz que os nossos olhos tanto almejam.

Nós transmittimos o fatal legado  
Que herdâmos sem saber como nem quando . •  
E quando olhava para aquelle lado  
D'aonde o *Cù ira!* vinha ecoando,

De repente ficou tudo calado !  
 Vi transluzir clarão suave e brando ...  
 Jorros de luz que as trevas longe sómem,  
 Bem conheci, era os *Direitos do Homem* !

Por ti que gerações foram à vala  
 Affirmando o que a Tradição mais nega !  
 E em quanto o pranto em cada rosto falls,  
 E a ver a claridade cada um chega,  
 Lembrou-me a mim dever eu gradual-a  
 A diaphana luz que os olhos céga :  
 — Oh, parac um instante ! sabei que essa  
 Luz repentina é como a tréva espessa.

Confiae ora em mim ; que eu vá adiante  
 A ver se algum abysmo ahi está aberto ;  
 Quem sás da escuridão não vê distante,  
 Sustae o passo trépido e incerto. —  
 Como entra o mensageiro alegre, ovante  
 Na Promissão, saíndo do deserto,  
 Em quanto choram n'uma effusão terna,  
 Cheguci então à bocca da caverna.

Que mundo estranho ! que planicie infinda,  
 E que ár saudavel, tépido, faguciro !  
 Que céo azul, que paizagem linda,  
 A harmonia embalava o mundo inteiro.  
 Bloco enorme de pedra estava ainda  
 Na bocca da caverna sobranceiro ;  
 Cresceu-me esta ambição damnada minha  
 Ao ver a fragil lasca que o sustinha.

À posse d'esse mundo a mente eu alço ;  
 Senti o egoísmo de querer tal mundo  
 Só para mim ! porém, misero e falso,  
 Inda escutando o cantico jucundo,

De prompto o bloco intrépido descalso !  
 Rolou a pedra da caverna ao fundo ;  
 Como se entaipa no seu antro um urso,  
 Pensei interromper do tempo o curso.

Sepultos outra vez deixei em trévas  
 Miseraveis, que seculos luctaram ;  
 Abafei-te, Hymno ardente que sublevas,  
 Pux um dique ás torrentes que vazaram.  
 Cobri o quadro das angustias sévas  
 Que a Tradição e a Ordem ameaçaram,  
 Sobre essa pedra eu lobriguei a gloria,  
 Fiz d'ella o pedestal perante a Historia.

Ouves, Las Casas ? choras, fiel amigo ?  
 A custo saca-me a voz já surda e baça ...  
 O meu destino foi, à força o digo,  
 Missão de um bloco em sua inerte massa.  
 Eu o sinto opprimir-me por castigo  
 O peito, e com seu peso me ameaça ;  
 No estertor de Job, ai se me ouvissem :  
*Melius erat si natus non fuisse ! \**

Como se afunda do alto no oceano  
 A mō do Apocalypse amaldiçoada,  
 Tal para sempre no desprezo humano  
 Se imerge essa existencia egoista, errada.  
 Vomitou destruição o ignobil cano,  
 Da morte e do que é morto fez parada !  
 Se para a dor allivio ha no improperio,  
 Sirva-lhe de alvô a sua vida e imperio.

## IV

**Os semeadores da Peste**

Populações miserrimas, transidas  
 Pelos campos e burgos com o medo,  
 Da Peste negra que lhes ceifa as vidas  
 Vêem alçar-se o braço aziago e tredo !  
 Por mortandade vasta surprehendidas,  
 Prostradas no terror gélido e quedo,  
 Em vão procuram d'onde vem o mal  
 Nos mil annos da Noite medieval ?

Não tinha a Scienza ainda illuminado  
 De atras Superstições o antro escuro ;  
 O seu verbo eloquente era abafado  
 Pelo alarido convulsivo e duro  
 Dos que ululam em choro prolongado  
 Do joven-Deus no transe prematuro ;  
 E na hallucinação d'esse terror  
 Viam passar da Peste o Semeador.

Eis a Dansa da Morte, que além passa ;  
 Leva Papas e Reis pelos cabellos ;  
 A semente da Peste horrivel grassa,  
 Entre filhos e irmãos quebram-se os elos !  
 Não se resiste ! a vida é fraca e lassa,  
 Seguem-se uns apoz outros os flagellos ;  
 Alfim da Scienza espalha-se o clarão,  
 Dissolve os germens da destruição.

E como se dissipá a vā Chimera  
 Oppressiva do espírito doente,  
 A rasão, como a aurora da nova éra,  
 Extinguira a pestifera semente !

O terror medieval já não altera  
 Mais o labor dos povos do Occidente?  
 Tudo em vão! nasce um virus singular,  
 Peior que a peste — a Lenda militar.

Qual do cadáver o miasma infecto  
 Vem atacar o vivo e o destróe,  
 Tal de Napoleão, grande e abjecto,  
 A lenda heroica para a Europa foi!  
 A lenda que degrada o ânimo recto,  
 E energias do espírito corrói,  
 Que faz com que de um banal traidor  
 Se alevante mais um Imperador.

Entre os povos cansados e indiferentes,  
 Rhetoricos, poetas e pintores  
 Sem um ideal, com mãos inconscientes  
 Da pestifera lenda semeadores,  
 Espalharam em traços surprehendentes  
 Das batalhas do Imperio altos rumores;  
 Da peste napoleonica o afan  
 Rompe em *Dous de Dezembro* e em *Sédan*.

Da pestifera lenda um Bonaparte  
 Saiu! o detestável parricida!  
 O destino da pátria foram dar-te,  
 Para mantel-a, e foi por ti trahida.  
 Minaste a dignidade em toda a parte  
 Onde ella ia acutar-se foragida;  
 E a energia da nação viril,  
 Para mais dominar, tornaste-a vil.

O povo, o povo assim envilecido  
 Aos canhões allemães foste leval-o,  
 Como se purifica no brazido  
 Cancro que lavra, ou insensível calo!

D'essa lenda pestifera saído  
 Tem as guerras que ao mundo dão abalo ;  
 Mas dos selvagens pela arteira mão  
 Quebrou-se o elo á absurda tradição.

## V

*Parada sinistra*

Como cai sob o joelho do sicário  
 O homem que combate leal, sem manha,  
 Succumbe a França ao vil golpe arbitrario  
 Que apoz Sédan lhe vibra inda a Allemanha.  
 Assiste a Europa indiferente ao vario  
 Destino da injustissima campanha,  
 Consentindo na infame iniquidade  
 Que aos Povos quebra a solidariedade.

Na colera fremente da impotencia,  
 Covardia e traição Paris escolta ;  
 A Communa organisa a resistencia,  
 A hallucinação faz-se revolta.  
 Uma alma livre, em funda impaciencia  
 Courbet — da indignação o grito solta  
 « Ligam-se a Invasão e o Bonaparte ?  
 Abaixo o que houver d'elle em qualquer parte.

Em quanto hoje estrangula o estrangeiro  
 A este povo exausto pela fome,  
 O indigno Imperador é soberaneiro  
 Do alto da Columna de Vendôme,  
 Attestando glorioso ao mundo inteiro  
 Que o monumento estúpido e sem nome,  
 Representa no bronze da conquista  
 Os crimes da ambição torpe e egoista.

Caia por terra a estolidia homenagem,  
 Apague-se esse titulo nefando  
 Que aos Povos lembra a dura vassalagem  
 Da força bruta, que os submetteu, quando  
 Unidos do progresso na romagem,  
 Fôra por esse despota execrando  
 Perturbada a concordia e alliança,  
 Roubando-os elle com a mão da França !

A França exprime a confraternidade,  
 A união das raças do Occidente ;  
 Nas luctas pela crença e liberdade  
 Generosa, altruista, vae na frente !  
 Da Grecia e Roma a continuidade  
 Prosegue altaiva, ousada, consciente :  
 Este o destino seu ! Caia a memoria  
 Dada ao homem que fez mentir a Historia. \*

E a Columna caiu ! rojou na praça  
 Ao longo em estilhaços ; ruido enorme,  
 Violento abalo, que retumba e passa,  
 Qual convulsão subterrea que se forme  
 Instantanea ; de perto a ingente massa  
 Assemelha um gigante quando dorme ;  
 A multidão observa, mas sem pasmo,  
 A Justiça não tem entuziasmo.

Repercuteu no seio amplo da França  
 O estranho abalo e mysterioso ruido  
 Capaz de despertar o que descansa  
 No sonno secular, mudo, esquecido ;  
 Retrôa como o grito da vingança,  
 De val em val repete-se o estampido,  
 Prolongando-se n'um clangor de — Álera !  
 Que os heroes de combates mil desperta.

Descera a noite; então trévas espessas  
 Cobriram a cidade angustiada;  
 No vago das visagens inexpressas  
 Destaca-se a Columna derrubada,  
 Como torre de cathedral; e n'essas  
 Horas de espanto e medo uma Parada  
 De sombras, a Columna de Vendome  
 Cárcere; viu-as o desvario da fome:

N'essas horas de agouros e terrores,  
 Do Imperador a Estatua hirta se erguera;  
 Move-se lenta, como alheia a dores,  
 No manto azul envolta, que trouxera  
 De Marengo nos cannibales horrores,  
 E em Santa Helena por mortalha houvera;  
 Volve á Columna a Estatua escalavrada,  
 E altiva ordena sepulchral Parada.

Sobre todos os campos de batalha  
 Da iliada sangrenta do Imperio,  
 Como poeiras que o furacão espalha,  
 Sombras inultas vêm com ár funereo  
 D'aquellos mutilados da metralha,  
 Em um tropel sinistro, estranho, aério,  
 De intrepidas phalanges no alvoroco,  
 Chamadas pelos eccos do destroço.

Levantaram-se as sombras glorioas:  
 Vêm dos campos de Lodi e Montenotte,  
 De Rivoli e Arcóle! Corajosas  
 As sombras de Austerlitz vêm em magotes;  
 De Esseling e Wagram silenciosas,  
 Fataes avançam como um duro bóte,  
 E de lena em columna vêm cerrada  
 Os bravos hoje á imperial chamada.

Como a sondar o horizonte opaco,  
 E até onde a ousada vista abrange,  
 Por traz inda dos mortos do Bussaco  
 Viu erguendo-se a egypcia phalange;  
 Heroes de Beresina, que ora o saco  
 De Moscow sob os gelos não constrange,  
 Lividos chegam; e apoz elles, torvos  
 Vencidos de Waterloo, pasto de corvos.

Como os nimbos que trazem nos seus flancos  
 A tempestade, e se acastellam densos,  
 Tal se formára de phantasmas brancos  
 A Parada de exercitos immensos,  
 Dilacerados em brutaes arrancos  
 De uma ambição sem plano! mas propensos  
 Ao dever, vêm á Estatua que os governa:  
 — Sire! comece-se a batalha eterna! —

Prompto responde o Imperador, sem pejo:  
 « Heroes! é minha gloria ameaçada!  
 A velha Guarda cerca-me, bem vejo;  
 De Wagram a phalange denodada,  
 E de Marengo o funeral cortejo  
 Prestes surgem! Mas faltam á Parada  
 Esses bravos d'Eyleau e de Friedland!  
 Onde estão? ha, sem elles, quem commanda? »

Um redemoinho, como de rajada  
 Aspero irrompe vindo do nordeste:  
 — Eis-nos aqui, tambem, n'esta Parada!  
 Bem tarde vimos; porque tu nos deste  
 Desillusão cruenta, desalmada  
 Um dia, quando sobre o Niémén vieste  
 Dar no Czar um abraço de alliança  
 Sobre o campo da mais atroz matança.

Cahimos na bestial carnificina  
 D'Eyleau e Friedland ! era indecisa  
 A victoria, mão grado essa ferina  
 Vertigem, que na morte a dor suavisa.  
 Corria o sangue a jôrros na campina,  
 Ninguem de um tal combate o fim divisa ;  
 Suspende um armistício esses furores,  
 Abraçando-se os dois Imperadores !

Ao encontro um do outro se adiantam,  
 No meio de cadaveres se abraçam !  
 Os soldados boçaes que os reis levantam,  
 Para que o orgulho insano satisfaçam,  
 Batem as palmas ! em delírio cantam  
 O heroísmo dos dois que os despedaçam,  
 Fundando de seus thronos o equilibrio  
 Da vida e paz das gentes no ludibrio.

Sangue, estrago e ruinas para nada,  
 Foram assim tantas absurdas guerras ! —  
 N'isto vinha rompendo a alvorada  
 Já por detraz das escalvadas serras,  
 Prestes dissolve a funeral Parada,  
 E tu, oh monstro que da especie aberras,  
 Synthetisas na tua phrase cõrsa  
 A impotencia estupida da força.

---

### 3.<sup>o</sup> TRILOGIA

---

## AS REVOLTAS DO ESPIRITO

### I

#### O TEDIO DE HAROLD

(POEMA)

... o peregrino Harold seta quasi  
inteiramente fundido com o auctor,  
fallando em seu proprio nome. O fa-  
cto é que eu me cansava de tirar en-  
tre mim e Harold uma linha de se-  
paraçao, que cada qual parecia deci-  
dido a não dar por cila, etc.

*Child Harold, Pref. do canto xv.*

Abriu-se outr'ora em Roma um sorvedouro!  
E chamados os Flâminos — o agouro  
Do golfo insondavel  
Foi por elles a medo contemplado!  
Pensando em sustentar-se em base estavel,  
Viu a Rasão de Estado  
Na horrifica caverna  
Negro destino da Cidade eterna:

— Como atalhar presagios de ruina? —

Respondeu a sciencia aruspicina:

\* A salvação do Estado

Depende do civismo

Do varão forte, impavido e ousado

Que fôr precipitar-se n'esse abysmo!

Para sempre, e assim só, será fechado. \*

D'entre a turba irrompeu um cavalleiro,

De um salto atira-se ao despenhadeiro!

Fôra Curcio o heroe do sacrificio.

De um seculo no inicio,

Sempre que entre o passado e o futuro

Se abre um abysmo escuro,

Ergue-se uma alma intrépida, sedenta

Que se arroja ao incognito golfão,

E em sua dor as ancias representa

Da era de transição.

Na transição da Fé para a Sciencia,

Do Privilegio para a Lei prescripta;

Da brutal violencia

Das Guerras para a acção que a Paz incita

Pela Industria e Trabalho:

No conflicto de crenças em ruinas,

E nas vacilações de outras doutrinas

Dos que vão tacteando ignoto atalho,

Byron! Byron, surgiste

Concentrando o profundo desalento

De um seculo, n'essa ironia triste,

Na febre irrequieta do talento.

## CANTO I

Elle era joven, bello, audaz e forte,  
 Era nobre, opulento !  
 E quiz tambem a sorte  
 Que em cada gesto livre e espontaneo,  
 E d'esse olymbo do soberbo craneo  
 Luminoso irrompesse o pensamento.

Mas, quem contempla a limpidez do espaço  
 Que mil clarões inundam, mal suspeita  
 Que n'aquella serena infinitude,  
 No cariz do diaphano vapor,  
 Silva a faisca ethérea, que o laço  
 Córta ás azas da negra tempestade,  
 Que até ali contrafica,  
 Rue, devasta e invade  
 Os páramos do attonito rumor !

Esse rumor da gloria, que deslumbra  
 Os contentes de si, e os adorna  
 De um riso satisfeito,  
 Byron envolve na lethal penumbra  
 De uma tristeza desdenhosa e crua !  
 E do louvor e preito  
 Que lhe votára, cedo, a patria sua,  
 Orgulhosa Inglaterra,  
 Em sarcasmos se torna,  
 E da etiqueta na mesquinha guerra.

Elle era joven, bello ! o entusiasmo  
 Deixava na passagem,  
 Como esplendida e boreal aurora.  
 E a par da gentileza seductora,  
 Que nos salões é pasmo,

Mão grado os pergaminhos da linhagem  
 De antigos reis saxonios, Byron sente  
     Absorto, indiferente,  
 Cancro moral — o tedio que devora  
     A pobre alma doente!

O tedio é esse insaciado abutre  
 Que ao novo Prometheu lhe dilacera  
     De contínuo as entranhas;  
     E a dor de que se nutre  
     São cóleras e sanhas  
 Das incertezas de ultma nova éra.

As leis da aristocrática etiqueta  
     De convenções e manhas,  
 Em vão procuram algemar o Poeta,  
 Abrindo-lhe as gehenas do desprezo!  
     Sacode, desdenhoso,  
 Do liliputiano mundo o pezo;  
 Como o Satan de Milton, orgulhoso  
 Affronta o raio que ao abyssmo o impelle,  
 E quebra a algema que o detinha preso  
     A elle, ao Poeta, a elle!

Como Hamlet, isolado e pensativo  
 Contempla a sociedade que deslumbrá,  
     Que aturdir-se procura  
     Com pompas e loucura  
 Da riqueza em que o sangue inda ressumbra,  
 O quente sangue do obreiro activo,  
 Que derrama como um protesto vivo  
     A multidão obscura.

## A voz do seculo

Ergue-te, oh Poeta ! inquire os sacerdotes:  
 Onde está do seu Christo a Egualdade ?  
 Onde a mansuetude e caridade ?  
 Tua acerba ironia não esgotes.  
 Porque é que aos estupidos dynastas  
     E abastardadas Castas  
 Couberam n'este mundo optimos lotes ?  
 Ergue-te, oh Poeta ! e vibra a ironia  
 De um tal seculo contra a antinomia.

Esse velho perstigio de uma lenda  
 De um Deus que morre, evaporou-se inane ;  
 E comtudo da Sciencia a clara senda  
 Com sombras de mysterio ha quem profane.  
 Chega hoje o Homem á edade adulta,  
 Antepondo ás fieções a realidade ;  
 Mas para dominal-o, a Auctoridade  
 Da Religião nos antros o sepulta !

Um dia, como irmãos uncem-se os fracos,  
 O despotismo secular derrubam,  
     Fazem-lhe o throno em cacos.  
 E antes que os clamores ao ár subam,  
 Oppondo a esse arbitrio a Liberdade,  
     Por infernal engano  
         Que o egoísmo tópa  
 Com que explora do povo a ingenuidade,  
 Rebenta a Orgia militar na Europa,  
 Devastadora, estupida, sem plano.

Quando o laço da Confraternidade  
 Devia unir os Povos para a lucta,  
     A lucta da existencia.  
 Na paz da industriosa actividade,  
 Da Natureza contra a força bruta ;  
     Forma-se a dissidencia  
 Da Tradição com os Princípios novos ;  
 E contra a irradiação que vem de França  
 Os Reis juntam-se em cynica Aliança  
 Para algemarem outra vez os Povos !

Recua a Europa até éras passadas  
     Do Direito divino,  
 Não pela força bruta das espadas,  
 Mas pela astucia — o pacto leonino  
     A que chamaram *Cartas outorgadas*.  
 N'esta dissolução, que immensa lavra,  
     Em sophismas, cynismo  
     De ignobres parlamentos,  
     Nasceu o aphorismo ;  
 — Infundiu Deus ao homem a palavra  
 Para encobrir melhor seus pensamentos ! —

Oh ! não ha uma voz, um brado, um grito,  
 Uma nota vibrante, um ai, um gesto,  
     Que erga ao infinito  
     O indignado protesto ?  
 Um poder tal, um tal poder como esse  
 De fazer-se escutar em toda a parte,  
 De alevantar nas almas a revolta,  
     Em seu desinteresse,  
 De um tal Poder dispõe sómente — a Arte,  
     Quando a sua voz sólta.

Byron ! achaste a nota, o epicédio  
 De uma Ordem fundada na mentira,  
 E que explora a mentira por sistema ;  
 O teu profundo tédio  
 Ao perpassar na lyra  
 Inspira-te o nemésico Poema.

Canta ! ao idyllo placido, tranquillo  
 Da limpidez dos lagos e horisontes,  
 Oppõe das consciencias a procella !  
 E esse canto hão-de ouvil-o  
 Rasas com a lama as frontes  
 Quem os Direitos do Homem atropella !  
 Canta ! e as notas harmoniosas, santas  
 Ida mais alto, que o fragor impuro  
 De inconsequencias tantas,  
 Dirão de edade em edade,  
 Que sobre este monturo  
 Alguem viu claro e teve dignidade !

## O POETA :

\* E como heide cantar? anciado vate ;  
 Trez cordas tem a Lyra humana apenas,  
 Que pelo mesmo Amor vibram serenas,  
 Que em nossos corações constante bate :  
 Uma canta da *Emoção pessoal*  
 O íntimo ideal ;  
 Outra canta a *Família*, o seio mago  
 Onde em risos e afago  
 As almas fórmâ grandes e as tempéra !  
 Outra decanta a *Patria*, o fôco ardente  
 De altruismo vehemente,  
 Que aos nobres sacrifícios delibera.

Quarta corda presinto, que me absorve,  
E sóa como a voz de uma refrega  
Por toda a immensidade !  
Tem um poder supremo que congrega  
A especie em lucta sobre a face do orbe,  
Vibração que revela a *Humanidade*.

O que posso eu pulsar na eterna Lyra,  
No meu cantico rouco ?  
Bem mais feliz foi Sóphocles : os filhos  
Accusaram-no um dia de estar louco ;  
O Poeta, então pedira  
Aos versos seus onde as paixões esplendem,  
Que da Justiça os trâhos  
Ao Tribunal desvendem ;  
Só a mim a Poesia me deprime !  
A inspirada vigilia  
Converte-a a esposa em crime,  
Deixando-me sem lar, e sem família.

O que posso eu cantar na eterna Lyra,  
Na corda que restava ?  
Camões ! Camões ao vêr a Patria escrava  
Se foi bem mais feliz ! com ella expira.  
Ah, se a dor que o consome  
Nunca foi consolada,  
No alto Poema eternisou o nome  
D'essa ditosa Patria sua amada !

O britanico orgulho me renega ?  
Renegue embora o bardo  
O sedento Leopardio,  
Que friamente as suas unhas prega

Na carne viva das Nações pequenas:  
 Na Escóssia sua irmã, e na Irlanda,  
 Fazendo da união mentido alardo!  
 Quem vai por toda a banda  
 Lançando aqui, além, suas antenás  
 Para o tráfico vil;  
 Aqui o heroico Portugal desgraça,  
 Arranca-lhe o Brazil;  
 Pela mesma fieira a Índia passa,  
 E com a mão com que envenena a China,  
 Por tino diplomático sem par  
 De adestrada rapina,  
 Com impudente manha  
 Na rede envolve a Hespanha,  
 Empolga Gibraltar.

Quem das Nações da Europa não conhece  
 Solidariedade íntima, fraterna,  
 Doce nome de Patria não merece  
 Que inspire o canto de uma Lyra eterna.

Que poderei pulsar na eterna Lyra?  
 Ai, Cervantes! feriu-me o fino bote  
 Da acerada armadura  
 Do teu sarcasmo insano,  
 Quando igualaste a Honra e a loucura  
 No generoso typo do *Quixote*!  
 Quebraste o impulso do ideal humano.  
 De Pansa hoje a doutrina utilitaria  
 Dirige a Inglaterra;  
 Sejam a Honra e o Valor engano,  
 Não comprará o Ideal nota bancaria,  
 A Humanidade, sér ideal, não erra.

A Família, deixou-me ermo, indefeso  
 Como o leproso das passadas éras:  
 Minha mãe, envolveu-me em seu desprezo,  
     Com palavras severas,  
 Primeira me apontou o meu defeito.  
 A mulher tanto amada, a escolhida  
     Nas douradas chimeras  
 Dos momentos sublimes d'esta vida,  
 Por capricho abandona o nupcial leito.

A Patria detestou-me! eu era crente  
 Na Lei, na Liberdade, na Justiça;  
     Do Parlamento á liça  
     Me arrojei eloquente.  
 Ergui a voz convicto, solitario  
 Entre essa aristocratica indifferença,  
 Em favor do invalido operario.  
     Imparcial, sem jactancia  
     Reclamei tolerancia  
     A toda e qualquer crença.  
 Ah, não sabia os liberaes sophismas!  
 Porém, quando a Justiça tomou vulto,  
 Recordando a desventurada Irlanda,  
     Por seus austeros prismas  
     De uma e outra banda  
 Os lords me entreolharam como estulto.

Pôde a Patria negar-me hoje o seu seio,  
 Que a sua voz á minha não responda!  
 Não serei connivente com o crime,  
     O crime ignobil, feio  
 De amordaçar a Europa, n'essa hedionda  
 Santa Alliança dos Reis, que a Europa opprime.

Ainda mais do que a Familia e a Patria,  
 E acima da ficticia Divindade,  
 Ha outra causa ! e todo o que a sente  
     Em sua alma, idolatre-a :  
 É esse ente ideal — a Humanidade !  
     Sentiu-a o Occidente,  
 Que n'um progresso ascensional, crescente,  
 Harmonisa o passado e o presente,  
 E da especie acha a solidariedade.

Pôde hoje o Norte frio e atrasado,  
 A Russia, Prussia e Austria reagirem  
     Para impôr o Passado ;  
     E esse monstro damnado  
 Da Orgia militar substituirem !  
 Oh, não se apaga o sol da Liberdade  
     Que no horizonte assoma  
     E as almas todas banha,  
 D'esse fôco commum — a Humanidade,  
 Representado pela Grecia e Roma,  
     Italia, França e Hespanha.

Como na quadra hiberna emigra uma ave  
 À procura das tépidas paragens,  
     E de um clima suave ;  
 Com o nome de Harold, impaciente,  
     Proseguirei as viagens  
 No alumiado e floreto Occidente,  
 Onde as mulheres se amam com delirio  
 E pela Patria soffre-se o martyrio,  
     Onde o atheu é um crentc.

Terra da maldição e do nevoeiro,  
 Criaste a liberal hypocrisia  
 E tentas propagal-a ao mundo inteiro,  
     Prosegue na porfia

De separar com odios as nações;  
 A par da intriga faz a mercancia  
     De polvora e canhões,  
     Lucrando nos destrócos !  
 Parto! um dia virão ter cá meus ossos,  
 Utilisa-os ao menos em botões. »

## CANTO II

Sem teçto, agua, nem lar, da propria terra  
 O banido partia outr'ora, expulso ;  
     Afasta-se convulso  
 Byron da oligarchia de Inglaterra.  
 Não mais verá do Harrow a colina  
 Onde sentira a vibração primeira  
     De uma lyra divina !  
 E de uma filha, ingenua e pequenina,  
 Não mais contempla a expressão fagucira.

O coração ás vezes adivinha !  
 E o peregrino do ideal procura  
 Olhando o que atraç deixa, n'um relance  
 Calar o anseio que lhe aos labios vinha,  
 E encobrir nos caprichos da loucura  
     As angustias do transc.

Sem saber como, em sua soledade,  
     Morto para a esperança,  
     Inconsciente avança  
 Para os plainos da grande mortandade,  
     Waterloo visita !  
     A colera infinita  
 Do genio lasso o espírito tempéra :  
         « Oh generosa França,  
         Matou-te a napoleonica chimera.

De todos os destroços  
 Do cannibal Napoleão, subsiste  
 O monumento inolvidavel, triste  
     De tantos milhóes de ossos :  
 Attestando perante o universo  
     Quanto era estulto o esforço,  
     Esse plano perverso  
 De unificar a Europa o egoísta Córso.

Dos triumphos a estrella se lhe offusca ;  
     Surda ambição rebenta :  
     A Santa Alliança busca  
 Sepultal-as de Waterloo na cova  
 As bases fundas sobre que ora assenta  
 A construcção de uma Edade nova !  
     Contempla a Inglaterra  
 Da Liberdade a morte, sem queixume ;  
 Pensa no seu proveito, e desenterra  
 Aquelles ossos de que faz estrume. »

## I

*Peregrinação pela França*

A grande dor o espirito concentra !  
     Uma mesma desgraça  
 Como irmãos aos estranhos une e abraça :  
     Em França Byron entra.  
 Sob a pressão da velha monarchia,  
 E dos Reis colligados sob a ira.  
 Do Terror branco na vingança fria,  
     Inda a França respira.  
 Byron sentiu esse estertor, esse ésto  
 Passar latente, e vir como um protesto  
     Vibrar em sua Lyra :

Sob o pezo das desditas,  
 O Geral dos Jesuitas  
     Reverente  
 Ao Czar de todas as Russias,  
 Com satanicas argucias,  
     - Frente a frente,  
 Um refugio lhe pedia  
 Para a expulsa Companhia  
     Do Occidente.

Mas, pergunta-lhe o Czar logo:  
 \* Se eu attender o teu rogo  
     Findo o exilio,  
 De ti que serviço espero?  
 Qual é, de alliado sincero,  
     Teu auxilio?  
 Tenho exercitos, metralhas,  
 Do mundo faço em batalhas  
     Domicilio. \*

Curvando-se com respeito,  
 Diz o Geral, com aspeito  
     Singular:  
 — Enquanto no homem sinto  
 Bruto e cannibal instinto  
     Campear,  
 Hâode exercitos, batalhas,  
 Conquistas, pendões, mortalhas,  
     Dominar;

Na especie, eu bem sabia  
 Que a fraqueza e covardia  
     Tem apoio

Na invencivel perfidia,  
 Pois sempre triumpha a insidiao  
 No conloio.—  
 Comprehendeu o Czar da Russia;  
 Unem-se a Força e a Astucia  
 N'um só coio.

E disse ao padre nefasto:  
 « Tens todo este Imperio vasto  
 Por azylo  
 Nas obcecadas violencias! »  
 Respondeu com reverencias,  
 Vendo aquillo:  
 — Ante o teu thrano, de rasto  
 Submetto-te as Consciencias,  
 A Liberdade aniquillo. —

Era a França como um anciado porto  
 Dos naufragos das aspirações grandes  
 Que ali acham azylo;  
 De Portugal, escravo e semimorto,  
 (Que as forcas de Beresford tem tranquillo,  
 Qual Duque d'Alba em Flandes,)  
 À França amparo os filhos vêm pedil-o.

De Filangieri a sublime espessa  
 Desterrada de Napoles, — castigo  
 Da obra generosa  
 Do grande pensador, pede-te abrigo.  
 Como os sabios Vecchietti e Odazi,  
 Filangieri succumbe ao punhal, quasi  
 Na mudez ignorada da masmorra!  
 E Carolina Frendel, na orfandade  
 Dos seus dois filhos, vem á Liberdade  
 Pedir que os socorra!

« Oh rígida Cornélia ! é bello o arrobo  
 De gratidão queinda te liga à França.  
 Mudou-se o azylo em um covil de lobo ;  
 Contra tudo o que é probo  
 O Direito divino audaz se lança.  
 De Filangieri o ideal não erra !  
 Do porvir na neblina  
 Pôde entrevêr a ruina  
 Do colosso egoista de Inglaterra.

Emancipou-se a America ! e do pulso  
 Roxeado, lhe irrompe vida estranha.  
 As colônias de Portugal e Hespanha  
 Hâode seguir da Liberdade o impulso !  
 Ah ! contra o mais flagrante dos aggravos  
 À Civilisação do Occidente,  
 Ergueste a voz, oh lucido vidente,  
 Maldizendo o commercio dos escravos !

E a abolição do affrontoso trato,  
 Na aspiração que a vida te dirige,  
 Torna-se em breve um facto ;  
 Um obscuro estudante de Cambridge  
 Que em seu latim disserta  
 Contra essa mercantil monstruosidade,  
 A opinião desperta !  
 Insurgem-se os espíritos profundos,  
 Reconhece-se ao Negro a Liberdade  
 - No acordo dos dois mundos. »

## II

*Peregrinação em Portugal*

« Ah ! como o hómem, ha nações escravas.  
 Fujamos ! A caminho do Occidente.  
 Ao mar ! Quero affrontar as ondas bravas,  
 E respirar no illimitado ambiente,  
 Rugir ao vendaval ! »

Byron prosegue em caprichosa rôta ;  
 Um perfume da terra, em brisa ignota,  
 Denuncia de longe — Portugal.

Portugal ! Eis de Cintra ao longe a serra,  
 Sob o azul se destaca !  
 Eil-a a bahia, o adito que encerra  
 Um éden, onde a dor mortal se applaca.  
 « Oh, bem hajas, pequeno Povo altivo ;  
 Depois que te libertas pela guerra,  
 Covarde rei entrega-te cativo  
 Ao jugo de Inglaterra.

Oh, bem hajas, pequeno e altivo Povo !  
 Do Oceano tenebroso abriste o atalho ;  
 Achando um mundo novo,  
 Deste-o por campo à acção e ao trabalho.  
 Mas, retalho a retalho,  
 Roubam-te outras Nações as descobertas,  
 Provas da escravidão o fel amargo ;  
 Fé e Imperio prolongam-te o lethargo,  
 Crêem-te morto, por que não despertas.

Oh, não! Ha em teu seio aquella ardência  
 Da chamma viva, que te alenta e leva  
 Á revolta, ao combate e independência  
 Quebrando a algema séva  
 Proclamando-te livre entre as Nações!  
 Sob a garra leonina de Castella  
 Cahiste um dia! libertou-te d'ella  
 O Poema de Camões! »

\*

« Onde está de Camões a sepultura? »  
 Byron sentido e a scismar pergunta,  
 Entrando em Portugal;  
 Em volta d'elle a multidão se ajunta,  
 E atraíçoadamente conjectura  
 Intenção desleal.

De vergonha e estupidez no címulo,  
 Ninguem sabe dizer onde era o tumulo  
 Do Poeta immortal!  
 Então Byron, os olhos pondo em terra:  
 « Camões, ao vér cahida a Patria escrava,  
 À luz os olhos cerrá,  
 Triste à vala baixava...  
 Foi sua sepultura Portugal! »

Ah, com certeza, o Genio nunca morre!  
 Como elle, n'um momento  
 Revivesce da Patria o sentimento,  
 A explosão da Liberdade ocorre!  
 E o chão sagrado que era a sepultura  
 Do Cantor sem igual,  
 Eis de Camões, em sua gloria pura,  
 • Eterno pedestal. »

\*

Um Symbolo vê Byron da Realeza,  
 A Estatua equestre! Observa pensativo;  
 Na Estatua representa-se-lhe ao vivo,  
     Com assombro e surpreza  
 Synthetisada a Historia portugueza:

**A Estatua equestre**

Está o bronze ao fogo  
 Para vasar-se logo  
 No gigantesco molde  
 D'essa figura fátua  
 Da equestre Estatua  
 Que o Rei ao bruto soldé!

O Ministro potente  
 Excogitou na mente  
 Um colossal prodigo:  
 Do Rei nullo e estulto  
 Eternizar-lhe o vulto  
 Com soberbo prestigio.

Obras bellas, antigas,  
 Com violentas fadigas  
 São partidas a malho:  
 Baterias tomadas  
 De Hollandezas esquadras  
 Tem igual enxovalho.

Portões das Fortalezas  
 Da India e Africa, prezas  
 São da mesquinha obra!  
 Vem as correntes grossas  
 Que romperam nãos nossas,  
 E inda o bronze não sóbra.

Bem como a Real Casa  
Devora, absorve, arrasa  
A sciva da Nação,  
Para a Estatua gigante  
Se funde a cada instante  
Historico padrão.

Falta de bronze havia ;  
Mas o momento urgia,  
Mais bronze se pediu !  
Com egoismo sinistro,  
Disse o Rei ao Ministro :  
— Venha a Peça de Diu ! —

E o titulo da gloria  
Da portugueza historia  
No longinquo Oriente,  
Em zorras foi trazido,  
Para ser derretido  
Para a Estatua, impiamente !

O Ministro obedece  
Ao Rei, mas não esquece  
A Patria ! e lhe responde  
Tranquillo e resoluto,  
Áquelle egoismo bruto,  
Na ironia que esconde :

\* Na onda assoladora  
D'este tempo de agora,  
Chamada a — Opinião,  
Olhae que aos Reis só resta  
*Ultima ratio* esta ...  
Conserve-se o canhão. \*

O Rei percebeu tarde  
 E ordena que se guarde  
 Logo a Peça de Diu !  
 Fundiu-se então a Estantua,  
 Olhando hirta e fátua  
 Virada para o rio.

E ainda continua  
 A descendencia sua  
 A dar reis a tal Gente ;  
 E egoista se propaga  
 Na tua velha chaga,  
 Lazaro do Occidente !

Quando já parecias sem destino  
 Morto de todo para a dignidade,  
 Entregue ao que te invade  
 Por sordido Bertholdo bragantino  
 Que salva o throno seu n'outro hemispherio,  
 Communicaste à Europa um nobre impulso :  
 Aqui achou o Imperio  
 Esse vigor convulso  
 Que lhe apontou o inicio dos revézes  
 Na altivez de ultrajados Portuguezes. »

## III

*Peregrinação em Hespanha*

Byron ! o Prometheu solto, a jornada  
 Prosegue ; passa o Guadiana e chega  
 À Hespanha audaz, que se defende ousada ;  
 Elleinda escuta os ecos da refrega,

E resoar parece  
 Lucta eterna da Cruz com o Crescente !  
 Ai, como os outros povos adormece  
 Na idiotia e absurdos do presente.

Não fâscam alfanges, cimitarras,  
 Com graça e valentia ;  
 Nas doces noites de um fulgor tranquillo  
 Dorme embalado ao som de mil guitarras  
 Lembrando-se d'aquillo  
 A sensual, vistosa Andalusia ;  
 E repete do seu amor nos lances  
 Velhos cantares, xícaras, romances.

Quando a voluvel, perfida guitana,  
 De negros olhos e morena face,  
 Desenastrada a trança,  
 Assim louca e insana  
 Em seu delirio dansa ;  
 Qualquer vulto que na penumbra passe,  
 Entre os leves rumores,  
 Parece ao luar e na mudez amiga,  
 Um Don Juan na complicada intriga  
 De tragicos amores.

Byron vagava solitario e triste,  
 Cac-lhe a capa do hombro,  
 E o frémrito ligeiro  
 Das emoções traz-lhe a alma inebriada :  
 \* Como altiva resiste  
 A generosa Hespanha devastada  
 Pela ambição de um torpe aventureiro !  
 Tu sabes defender-te com assombro,  
 A traição do teu Rei, o parricidio  
 Força-te á lucta, ao ponto do suicidio !

Hespanha ! E de que serve tanto heroismo  
 Se ha um virus que o sangue te desora :  
     O boçal fanatismo  
 Da multidão vulgar que o padre explora.  
 Vives na absurda e atroz duplicitade  
     Comtigo mesmo em lucta  
     Que inconsequencia gera :  
 Amor, Ideal, o Bem, a Liberdade,  
     Tudo, essa classe astuta  
 Corrompe, impondo uma lethal chimera !

Parece, que inda exâmpe suspira  
 Na mystica e febril passividade,  
     A queixã viva, acceza  
 Que irrompe do Mosteiro pela grade,  
 Quando a Sapho christã, Santa Thereza,  
 Na violenta nevrose em que delira,  
 Fez de um madeiro, um Christo ensanguentado,  
 Doentia illusão ! seu doce Amado !

Sevilha ! ali no carcere sombrio  
 Da fria Argamasilla, ali faminto  
 O intrepido Cervantes descobriu  
 Esta contradicção — o labyrinto  
 Onde se embrenha e perde a alma hespanhola !  
     O real a captiva,  
     O ideal a desconsola ;  
 E na oscillação d'esta anciedade,  
 Sofre o contraste crú da realidade,  
 Que perverte a miragem subjectiva.

Oh sublime estropiado de Lepanto,  
     N'esse teu abandono,  
 Tu mesmo sustentaste o Altar e o Throno,  
 Oppondo ás balas turcas esse peito,  
 Ias atraç do vaporoso encanto.

Mas sabias ser esse o ultimo feito  
 Em que a Egreja vencendo succumbia ;  
 Porque a Europa não mais compareceu  
 A verter sangue desde aquelle dia  
 Pelas cousas do cõo.

#### O paroxismo de Quixote

Quixote, o hallucinado heroe, estava  
 Para morrer,  
 E em vez da agitação convulsa e brava  
 Com que á illusão de outr'ora corpo dava,  
 Viram-no erguer  
 A fronte, e melancolico sorriu  
 Com pesar do passado desvario.

\*

Da loucura da Cruz em que estivera  
 A Europa desperta de repente  
 Da hallucinação  
 Que arrojára ás paragens do Oriente  
 À posse de um Sepulchro ondas de gente,  
 E em paroxismos da lethal chiméra  
 Cobra a rasão.

IV

#### Peregrinação na Italia

Sedento de ideal, de goso e vida,  
 Byron quer afogar sua tristeza ;  
 E sacudindo a fronte  
 Da nevoa aborrecida :  
 « Oh ! a Italia sorri-me no horisonte !

Nas gondolas da magica Veneza,  
 Nas carreiras do Lido,  
 Na vertigem do carnaval fremente,  
 Quero aturdir o tédio no ruido  
 D'esta insomnìa doente.

Bem sei, bem sei quanto esta alma é fraca,  
 Mas a minha agonia quem a sonda?  
 Luctando com a ressaca.  
 Sei vencer do Adriatico a onda;  
 Mas procuro, covarde, ir esconder-me  
 Nas ruinas esplendidas de Roma,  
 Qual solitario yrme  
 Por entre as fendas, quando o sol assoma.

E quando a vista outro horizonte abarca,  
 E mais se alarga esta agonia immensa,  
 Escuto as confidencias de Petrarcha  
 Nos murmurios da Fonte de Vauclusa!  
 Eu cuido n'esse instante  
 Vér sombrio nas ruas de Florença  
 Errar o vulto impávido do Dante,  
 Que as facções á posteridade accusa. \*

A Italia irridenta abriu-lhe o seio;  
 A Byron mil amores vêm violentos!  
 Contrasta esta anciedade  
 Com a d'aquelles Tantalos sedentos  
 Dante, Petrarcha, Fóscolo, que alheio  
 Lar procuram nos fundos desalentos  
 De se verem sem patria e liberdade.

No Cabo Montenero, onde rebenta  
 A vaga lamentosa, enfurecida,  
     De longe alveja a crmida  
 Da Virgem, doce estrella da tormenta ;  
 No caminho que li conduz, n'um horto  
     Byron faustoso habita ;  
     E contemplando absorto  
 Do mar a vista esplendida, infinita,  
 Quantas vezes viu vir, soltando brados  
     As mäes e as esposas  
 Rogar á Virgem, supplices, chorosas  
     Na sua voz contrita  
 Pelos que andam no mar desamparados !

\* Italia ! Italia ! a Virgem da procella  
     Que o povo crente adora,  
     É sempre a visão bella  
 Que tu chamas Beatriz, Laura, Eleonora,  
     Nos cantos dos Poetas !  
 É a Mulher ideal, sem realidade  
 Vaporosa, de linhas incompletas,  
     Que suscita no peito  
     O vehemente desejo  
 Do ósculo febril da Liberdade,  
 Esse anhelante, indefinido beijo,  
 Ah, nunca, nunca em vida satisfeito. \*

BYRON, visitando a cella do Hospital de Santa Anna, onde  
 estivera o Tasso :

\* Italia ! Italia, oh parsiso eleito,  
 Oh desmembrada nacionalidade !  
 Como o Tasso exprimiu aquelle effeito  
     Da intima anciadade  
     De uma vindoura aurora,  
 Louco, beijando a mão de Eleonora ! \*

## O beijo do Tasso

I

Pállido e abatido, triste, lasso,  
 No Hospital de Santa Anna em cella estreita,  
 O Duque de Ferrara altivo dcita  
 Como alienado o desditoso Tasso!

D'esse abysmo, transpõe a mente o espaço,  
 Em sonhos bellos, a união perfeita  
 Realisa o Poeta, na sua alma eleita,  
 De Platão e Jesus! mystico abraço.

Porque o tem preso o Duque, e pois não pára  
 Contra o Poeta um tal odio? este rigor?  
 Sabe-o bem toda a Corte de Ferrara:

Tasso não pôde occultar mais o amor  
 Pela princeza! o amor o atraíçoa...  
 Louco, beijou a mão de Leonor!

II

Tasso em delirio, mal sentindo a algema  
 Que a exaltação subjuga anciada, brusca,  
 Exclama: — Não me dôe, sabios da Crusca,  
 Que ao Canto meu não deis valor de Poema!

Menos me importa a inanição extrema  
 Que estou sofrendo e quasi a luz me offusca,  
 Quando mais sangue a Medicina busca  
 Tirar-me, sem que a minha morte tema.

Que me persiga o Duque... Sei que é forte;  
 De horríveis pezadellos o cortejo  
 Venha cercar-me no estertor da morte...

Nada me extingue este extasis que eu vejo,  
 Que eu sinto e aspiro, sem que o mais me importe,  
 Lembrando de Leonor na mão o beijo.—

Byron sente que a angustia se lhe applaca  
 N'esta terra de amores e prazeres,  
 De sensual tristeza !  
 E como a nympha de azulados mares  
 Ridente se destaca  
 Esbelta a joven, pálida Thereza, -  
 Que se atira ao Poeta doudamente,  
 Como ao carro do ídolo em Benáres  
 Se arroja mudo o crente.

Como Paolo e Francesca liam juntos  
 O poema do amor de *Lancillotto*,  
 Trocando beijos muitos;  
 Do pinheiral sob a copada sombra,  
 E n'um retiro ignoto  
 Dos jardins de Ravena, em doce alfombra  
 Byron lia com morbida frieza  
 Que a paixão hallucina,  
 Junto da pálida e nervosa Thereza  
 O livro de *Corína*.

— Como eu te adivinhava ! li teus versos,  
 Revelaste-me um mundo !  
 E cahindo-me o livro no joelho,  
 À mente desvendavam-se universos...

Um paraíso terreal perdido.  
 Minava-me a tristeza junto ao velho  
 Que se lembraram dar-me por marido.—  
 Pintando essa tristeza,  
 Enlaçava-o nos braços, louca, Thereza.

— Tantas mulheres amam-te! Eu sofría  
 Febril impaciencia!  
 O meu pezar, a pena  
 De não poder seguir-te em toda a parte.  
 O segredo minava-me a existencia!  
 Acaso poderia,  
 Poderia eu então deixar de amar-te?  
 Ia morrendo... e vim para Ravena,  
 Doente d'esse meu pezar e pena.

Bem vinda a hora da visão completa,  
 Bem vinda a *Vita nuova* que entrevia  
 Lá no baile d'Albrizzi... —

O Poeta,  
 Estreitando-a nos braços, respondia:  
 « Oh quam bella é na lingua italiana  
*Meu amor!* Esta phrase simples, breve,  
 E immensa de poesia,  
 É como o jorro de agua que espadana  
 Da nascente onde embalde se conteve.

Ella encerra minha existencia inteira;  
 Aqui a entrego aos teus dezoito annos,  
 Mas sempre angustiada!  
 Se não é um tormento!  
 Inda ha pouco sahida de um convento,  
 Vir achar-te, e tão cedo, já casada!  
 Eleva-me do teu amor na aza,  
 Succeda embora o que ao destino apraza.

O amor de Thereza o elevava;  
 Byron extranha-lhe a melancolia.  
 Um pensamento íntimo a pungia;

O Poeta perguntava:

\* O que sofres? Que mais há que te offerte?  
 — Sinto a agonia de uma Patria escrava,  
     E n'este fundo abyssmo,  
     Mulher embora, scismo  
 No dia em que esta Italia se liberte.

Sou mulher, mas que importa? Tambem posso,  
     Sibylla que annuncia  
 No horizonte a redemptora estrella,  
     Como essa Portugueza gloriosa  
 Leonor Pimentel, dar meu pescoço  
     Ao garrote do algoz, morrer como ella  
 Por annunciar da Liberdade o dia.—

Não vinha longe o dia! Immersa a Europa  
 Na mudez sepulchral, que a Santa Aliança  
 Mantem pela pressão bruta da tropa,  
 Vê de um passado morto esses espectros  
     Em cynico tripudio!  
 Quem quebrará essas marombas-sceptros?  
 Quem varrerá este sabbath? a França?...  
 Ella está manietada e impotente.  
 A Hespanha do porvir canta o preludio,  
 E as nações acorda do lethargo,  
     Seu grito impaciente  
     Eccoando ao longe e largo.

Contra as forcas do Campo de Sant'Anna  
 Portugal da Inglaterra o jugo quebra,  
 Uma só força o une !  
 A alma napolitana  
 Que vira da Austria a tyrannia impune  
 O resgate da Italia audaz celebra !  
 Do abyssmo sobre a borda  
 Hallucinada pela enorme chamma,  
 Tambem a Grecia acorda,  
 E livre se proclama !

Byron sentiu então que intimo laço  
 Une entre si os Povos do Occidente,  
 E que através dos tempos e do espaço  
 A solidariedade,  
 Extincta dos Tyrannos pela Liga,  
 Em convulsão latente  
 Inda ardente profliga  
 Na revindicação da Liberdade.

A Liga dos Tyrannos, mais violenta  
 Atropella o direito em torpe sanha ;  
 E com instineto fero  
 Obriga a França a reprimir a Hespanha  
 N'essa abjecta victoria  
 Da batalha vilã do Trocadéro !  
 Essa vergonha que hoje infecta a historia.  
 A pobre Italia calca a Austria soberba,  
 E o livre estandarte lhe conspurca,  
 Cuspindo em seu escudo.  
 Que restava de tudo ?  
 A Grecia ! a Grecia ! n'uma lucta acerba,  
 Abandonada á prepotencia turca !

## V

## Para a Grecia

Lucta isolada ! E como outr' ora em Plátea,  
 Será livre ! ou então de existir deixa  
 A Grecia, o fóco da cultura humana ;  
 A Meia-Lua abate-a,  
 E o cyclo infame à prepotencia fecha !  
 N'esta heroica surpreza,  
 De que a Historia se ufana,  
 — A Grecia antiga como surge agora ! —  
 Assim brada Thereza,  
 E abraçando Byron, ri e chora :

— Oh Poeta ! a alegria a alma te inunde  
 Ao contemplares como se redime  
 A Grecia, a Patria-Mãe da Humanidade,  
 Que dos seios diffunde  
 No mundo o que ha de Bello e de Sublime !  
 E tu, qué o Bello sentes, d'ella és filho ;  
 Sacrifica da Grecia à Liberdade  
 O puro amor de uma mulher, apenas :  
 À sacrosanta guerra  
 Vae ! dá ao genio immarcescivel brilho,  
 Oh excelso exilado de Inglaterra,  
 É tua Patria Athenas. —

## CANTO III

Byron abraça a bella italiana:  
 « Separa-nos a mão do despotismo !  
 Apontam-te o desterro da Toscana  
 Por tanto patriotismo.  
 Vê a Italia fugir-lhe o doce sonho  
 Da Liberdade que ora a alenta e engana ;  
 Ah, como me envergonho  
 De contemplar este moral abysmo.

A generosa Hespanha cai agora  
 Escrava, agonisante !  
 Foi cravar-lhe o punhal a Santa Aliança  
 Pela mão do rhetorico pedante,  
 Que a hypocrisia liberal explora,  
 E faz cumplice a França !  
 Quem poderá lutar ? Eu vejo apenas  
 Que a phalange da guerra defensiva  
 Resiste audaz, activa  
 Sempre no grupo das Nações pequenas :

## No caminho do Sepulchro

Foram as santas mulheres  
 Em prantos e alaridos  
 À visita do sepulchro  
 Onde está morto Jesus !  
 D'aquelle semblante pulchro  
 Que a dor converte em prazeres,  
 E consola os desvalidos,  
 Buscavam a doce luz.

Lá pelo caminho alpestre  
 Ouviram clamar, dizendo:  
 — Foi o corpo arrebatado  
 Em nuvem de gloria aos céos! —  
 No estranho mysterio credo,  
 De povoado em povoado  
 Proclamam divino o Mestre,  
 Despem os fúnebres véos.

\*

Assim foram em visita  
 Ao tumulo onde está morta  
 Sua santa Liberdade  
 Trez desoladas nações!  
 — A força bruta que importa,  
 Se o protesto ressuscita! —  
 Claimavam com anciadade  
 Na viz das oppressões.

— Ressuscita no martyrio! —  
 Apregôa exausta a Irlanda.  
 — Resurge para o combate! —  
 Brada a Polonia tambem.  
 Quebrada a algema execranda,  
 Sublime, em vago delirio  
 Do sonho do seu resgate  
 Acorda a Grecia! cil-a, vem.

Como santa mulher, que anda  
 Espalhando a boa-nova  
 Do Mestre que resurgira,  
 Na sincera afirmação:

A Grecia, a Polonia, a Irlanda,  
 Cada uma á beira da cova,  
 Da mortalha que despira  
 Talha o fraterno pendão.

Hoje da antiguidade heroica as lendas  
 Da Grecia, já com ella tomam vida,  
 Nas batalhas horrendas  
 Com que a algema ottomana é destruida.  
 Como os heroes de Homero,  
 De uma bravura rara,  
 No Epiro, e em Selleis, ou em Psára  
 No meio de uma gente envilecida,  
 Cada qual se levanta ousado, austero.

O triumpho de Plátea se repete.  
 Ainda mais esplendido que outr' ora !  
 De Odisseus o heroísmo,  
 A sombra vingadora  
 Em debandada as forças turcas mette,  
 E Athenas liberta !  
 Receiando o poder, de gloria lasso,  
 Condemna-se a si mesmo ao ostracismo,  
 Mas conserva-se álera,  
 Solitario, n'um antro do Parnasso.

Surge Botzaris, corajoso e ledo,  
 O feito das Thermopylas imita !  
 Joven, guerreiro, aédo,  
 Com sua espada e canto á lucta incita.  
 Seiscentos palikáres  
 Destemidos e bellos,  
 Juram seguir-o em todos os azares :

E além, junto da fonte de Crionero,  
 Do Aracyntho na encosta,  
 E soltos os cabellos,  
 Ergueram este grito audaz e fero,  
 A mão na mão do companheiro pôsta :

=Ulamia ! Ulamia ! Mantida  
 Seja esta Liga da Fraternidade !=  
 E então repetida  
 A fórmula : *A minha alma é a tua alma,*  
*Minha vida tua vida !*  
 Do monte na sublime soledade  
 Cada um troca a arma  
 N'essa effusão fraterna ;  
 E atiram-se febris à mortandade  
 N'uma refrega eterna.

Themistocles tivera, certo, inveja  
 Ao terrível Kanáris ! Com trinta annos,  
 E em desigual peleja,  
 Trez vezes queima os brigues ottomanos !  
 Em Tenedos se abriga a turca frota ;  
 Mas pela noite escura,  
 Entre a borrasca e a maresia grossa,  
 N'uma flotilha ignota  
 Por entre as nãos da armada turca fura,  
 Com audacia invencível a destroça.

Oh contraste sublime  
 Com essa Grecia escrava  
 Que os harens povoava  
 Do turco que a opprime :

## A Odalisca

Que lubricos abraços!  
 Que risos! que suspiros  
     Lá se dão;  
 Que ósculos devassos!  
 Famelicos vampiros  
     Elles são.

O ár é todo aromas,  
 Á vista é tudo festa  
     No harem;  
 E na indolente sesta  
 O amor destrança as comas  
     Com desdem.

Inventam-se disvelos,  
 Com mimo são aceitos,  
     Não tem fim;  
 Nem fim querem anhelos  
 Sonhados sobre leitos  
     De setim.

Transluz alma faísca  
 No riso, nas beldades  
     De uma huri;  
 E a flascida Odalisca  
 Da Grecia com saudades,  
     Mal sorri.

O eunuco indiferente  
 Repara... entra, cubica  
     Com que ardor!  
 A grega o enfeitiça,  
 Olham-se longamente,  
     Muda é a dor.

Ao gynereo vão juntos,  
 Da patria e amor da infancia  
     Fallam só!  
 Dão beijos muitos, muitos...  
 Aperta amor com ancia  
     Mais seu nó.

Abraçam-se! Da mente  
 Ao peito baixa o sonho  
 Sonhado sempre em vão!  
 E cãem doudamente;  
 Mas o prazer risonho  
 Mudou-se em afflição.

Da vida no deserto,  
 Que dor! a eterna sede  
 Não podem saciar!  
 Que lucta em ambos! vêde  
 Que abysmo sempre aberto,  
 Que morte sem findar!

Mas como a luz se apaga  
 Ao sôpro violento  
 Depois de crepitar!  
 E como á flor o vento  
 Que vem da ardente plaga  
 A séca e faz tombar...

E como a corda estala  
 Vibrada com vehemencia  
 Por furiosa mão;  
 Do gelo, branca opala,  
 Se esvæe a consistencia  
 Na cálida estação...

O eunuco não resiste,  
 No incendio dos desejos  
 Os braços lhe estendeu !  
 Mas como o som de arpejos  
 No ár se perde — o triste  
 De subito morreu.

Byron ouvindo aquellas narrativas  
 De uma Illiada nova,  
 Quer alentar-se d'essas paixões vivas,  
 Do sacrificio heroico dar a prova.

Pensa em partir, movido pelo impulso  
 Do sacrosanto fogo,  
 A tomar parte na sublime guerra !  
 Eis, n'esse instante logo  
 Entregam-lhe uma carta... Abre-a convulso,  
 Traz cōr de lucto... e vinda de Inglaterra :

« Da cara filha me annuncia a morte !  
 Que me resta do lar que adorei ? Nada.  
 Tinha apenas cinco annos ! a pobre Adda,  
 O meu fito, o meu norte.  
 Eu, foragido assim de plaga em plaga,  
 De longe mesmo a via !  
 Via-a, como contempla o nauta a estrella  
 Que o dirige na tetrica procella.  
 Mas, quão breve se apaga  
 O porvir da esperança que sorria !

Oh vida afflita, máesta,  
 O teu vacuo me traz da morte inveja !  
 Já que no mundo nada mais me resta,  
     A Grecia, a Grecia seja  
 O sepulchro onde eu misero descanse ! »

Sáe de Livurno o Poeta,  
 Deixa o Poeta a Italia n'esse transe,  
     E na febre da insomnia  
     Encostado á amurada  
 Contempla o mar que doira a madrugada,  
     Apórta em Cephalonia.

No seu combate abandonara a Grecia  
     A Europa indiferente,  
 E ainda enfraquecida pela inepcia  
 De um e de outro bando dissidente !  
 Byron traz a união, o entuziasmo,  
     Contra o impossivel arca !  
 O seu tédio converte-se em bravura,  
     E alegre desembarca  
 Em Missolonghi ; o Tirteu, com pasmo  
 Em heroe do ideal se transfigura.

Byron percorre a Grecia ; ali se inspira  
 Das tradições sublimes do passado,  
 E como Eschylo outr'ora, preferira  
 Á gloria de Poeta a do Soldado ;  
     Com seu dinheiro paga  
     Então a grega fróta ;  
 Com seu ardor e com o canto embriaga  
 A valente phalange suliota.

Como outr'ora, das hordas mil da Persia,  
 Hoje a Grecia vencia.  
 Da decahida Europa a vil inercia,  
 E as gargalheiras torpes da Turquia !  
 Pelo calor de abril exacerbada  
     Minaz rebenta a peste,  
 E da Morte a fatídica brigada  
 D'entre os despojos tábidos se erguia,  
     Vertiginosa investe.

E quando os bravos erguem suas frontes,  
 E se vestem de flores ermos prados,  
 E respludem abertos horisontes  
     De côres irisados,  
 N'uma harmonia esplendida, completa,  
 Que a liberdade de Héllade célebre ;  
     Momentos desolados !  
 A peste fere o Poeta ...  
 Cae, succumbindo exhausto pela febre.

No extremo delirio reprobra a Europa,  
 Balbuciando em vágados : « Lepanto ! »  
 O rosto pállido o suór lhe ensópa,  
 E apaga-se-lhe a voz do eterno canto.  
     A mente desvairada  
         Julga-se n'esse instante  
 No tropel da terrível escalada  
 Dos muros de Lepanto ! e ossejante,  
 Como animando uma invisível trópa  
 Caiu immovel, proferindo : « Ávante ! »

Quando outr'ora se erguia um monumento,  
Castello, ponte ou muro de Cidade,  
Era tambem usança  
Sob o cavouco escuro,  
Como uma condição de segurança,  
Sepultar vivo ahí um sér humano !  
No triumpho da ardente Liberdade,  
N'este combate insano  
Que elevanta a Cidade do Futuro,  
Byron ! tu foste a victima sincera,  
Pela alta intuição de uma nova Éra,  
Sepultada debaixo d'esse muro.

## II

## VIGILIAS DO FAUSTO

{POESIA}

«a propósito do Fausto... caracteriza como partes constitutivas da minha natureza não sólamente essa actividade sombria, insaciável do personagem principal, mas ainda esse motejo, essa aspera ironia de Mephistopheles.»

Goethe, Conversas com Eckermann.

## I

## Gargalhada de Mephistopheles

O POETA, na vigília de uma noite estrelada e fútil:

Que noite! Oh erma alampada,  
Oh muda confidente!  
À claridade pálida  
Que a froixa luz derrama,  
N'esta hora silenciosa,  
Minha alma aspira, sente.

Pois como a mariposa  
Crestando as leves azas,  
Doida, um tal fulgor ama!  
Quando na febre velas,  
Alma, assim tu te abrazas  
Do Ideal na eterna chamma.

Ei!-as! milhões de estrelas  
 Bordando a immensidão!  
 E quem, sózinho, ao vél-as  
 No insondado ambiente,  
 Sentir, scismar não hade  
 Na luz que alta irradia!

N'uma ronda cadente  
 Da vaga etherea e fria  
 Esplendem astros ledos!  
 Ouve no espaço a mente  
 Recondita harmonia,  
 Suspensa em mil chimeras.

Interpreta os segredos  
 Das lubricas espheras;  
 No musgo dos fraguedos,  
 Ou na pégada froixa  
 Que accusa uma vontade,  
 Anima extintas éras.

Vôa na tempestade  
 A phantasia aéria;  
 Vê despenhar-se a rocha  
 Tocada pelo raio  
 Que n'um relance fere-a;  
 E como desabrocha  
 A flor ao sol de maio.

Escuta o mar que ruge  
 Na voz de ao longe e ao perto,  
 O vulcão que restruge,  
 E a mudez do deserto;

Ouve o cedro que verga,  
 O vento que basurda,  
 E a fera que se alverga  
 Na furna escura e surda;

Vê baquear em terra  
 Os ídolos das gentes,  
 Ouve o clarim que aterra  
 Os esquadrões frementes.

E vê a toda a parte,  
 Os abyssos perscruta  
 Na subjectiva luz!  
 Estranho côro escuta.  
 Dá forma ao sonho—é a Arte,  
 A vida em si traduz.

Fragil argila, embora,  
 Na eterna sede aspira!  
 E a duvida, a agonia  
 É a aguia que o devora.  
 Tudo illusão, mentira,  
 Verdade é só—Poesia.

Que noite! oh erma alampada,  
 Oh muda confidente!  
 À claridade pálida  
 De uma luz veladora,  
 N'esta saudosa hora  
 Quasi me sinto crente.

MERCK, entrando com familiaridade no  
apartamento de Goethe, e parando  
diante do Poeta:

Tu crente! crente agora,  
Oh, desdenhoso Fausto!  
Na sede do saber que te devora,  
Quanto mais da Sciencia provas o hausto,  
Desalentado ficas;  
E as illusões de uma hora  
Nas áras da razão em holocausto  
Austero sacrificias.

Em tua altiva mente  
Debatem-se a Razão e a Phantasia;  
E à intima porfia,  
A essa lucta ardente,  
Que te traz alheiado e indiferente  
Chamas-lhe tu—Poesia!  
Mephistopheles, surge hoje a teu lado  
Sustentando da Dúvida o systema;  
Ah, vê quanto é boldado  
O esforço para achar uma harmonia  
N'esse eterno dilemma.

Entre a miragem vaga, subjectiva  
Em que a mente delira,  
Creando as temerosas Entidades  
Das Religiões na absurda construcção,  
E essa outra mentira  
Que a Razão traz cativa  
Da sensação das vias modalidades  
De uma realidade unica e concreta,  
Um só caminho, oh Poeta,  
Se abre para as Verdades,  
Desvendo-o! entra n'elle—a Negação.

O POETA, como em defensão:

Que importa que a Verdade,  
Visão longínqua, tréda,  
Do saber na anciedade.  
Muda, intangível seja?

Há uma realidade  
Que se sonha e se beija:  
O Amor, a labareda  
Que alenta a Humanidade.

As nuvens poiam sobre  
O pincar do monte;  
Estreita-se o horizonte,  
A noite tudo cobre.

Mergulho-me nas trevas  
Da noite, absorto scismo!  
Mas das bordas do abysmo  
Oh alma, mais te elevas.

Absoluto! o meu braço  
É contra ti inerme;  
Fulmina o ignoto verme,  
Ajax, pois te ameaço.

Não sei dizer que sinto  
Ao vel-a orar constricta  
Assim bianco vestita  
Do templo no recinto.

Oh lampada que velas,  
 Teu brilho porque o alastras  
 Do templo entre as pilastres,  
 Nas gothicas janellas?

Eu n'alma reconcentro  
 Do templo as harmonias  
 Que, Amor, de lá me envias,  
 Que envias lá de dentro.

## MERCK :

Na agonia de um seculo que expira,  
 Na ruina de crenças e de ideias,  
 Na vertigem febril da nova Edade,  
 Oh Poeta! só te inspira  
 Essa emoção em que ermo devaneias,  
 Amesquinhando a Lyra  
 Na vaga e feminil passividade?

Ao vérmos proclamar-se livre o Povo,  
 Quando os Dogmas desfaz de um sopro o ateu,  
 Na hora da revolta,  
 Ergue-te! como o Dante,  
 Da Negação o hymno estranho solta;  
 Ou como o audaz Tyrteu,  
 Hoje o cantico novo  
 Entoa triumphante.

## O POETA, ainsi devanciando:

A face empallidece!  
 Oh vem, moça e menina;  
 Ao pôr do sol me ensina  
 Do santo amor a prece.

Do mar no envolto pégo  
 A minha pobre vida  
 É não que anda perdida,  
 De Deus se o nome nego.

Véo tenue que me acenas,  
 Nuvem ligeira e branca,  
 As lagrimas estanca,  
 Fique-me a dor apenas.

## PSALMO DA NEGAÇÃO

## STROPHE :

Mas quem és tu, a cuja vista os montes  
 Nos fundamentos ríjos estremecem,  
 E te invocam por Deus?  
 Que trazes sob os pés redemoinhos  
 De nuvens de um palor caliginoso,  
 Nas azas de escarçóos?

Que das narinas fumo espesso de ira,  
 De indignação exhalas, e na bocca  
 Tens vulcão que incendeia?  
 Cuja voz são trovões que o mundo aterraram,  
 E o olhar é relâmpago fremente  
 Que nas trévas serpêa?

São tuas settas raios que se cruzam  
 Nos espaços, fendendo com assombro  
 O páramo dos céos!  
 Alegra-te, mortal! O teu repouso  
 Não o perturba o estrépito ominoso,  
 Não existe um tal Deus.

## ANTISTROPHE :

Outro é o meu Deus! Eu o contemplo  
 No intimo bem da alma quando exulta,  
     Sentindo-o todo — amor!  
 Nos canticos das aves na alvorada,  
 Ao fim da tarde no círculo da brisa,  
     Eu te adoro, Senhor!

No perfume da flor que o prado esmalta,  
 No deslizar da fonte que suspira,  
     Contemplo o teu poder;  
 No orvalho matinal, no ardor da calma,  
 E no quebrar da vaga que o sol doira  
     Tu me ensinas a crer.

## MERCK, sorrindo:

Detesto esse Deísmo  
 Inconsciente, rhetorico, piégas,  
 Em que affirms, incerto; e a medo negas;  
 Antes mil vezes quero a primitiva  
     Rudeza do selvagem,  
     Que no seu Fetichismo  
 Contempla a Natureza como activa,  
 E Deuses faz da sua propria imagem.

## O POETA:

Tu tens das cousas a visão concreta,  
 No pessimismo teu sempre idealisas:  
 Pela critica a tudo pulvérisas,  
     Das ruinas és poeta!

Esvaê-se a Divindade  
 Como a sonhâra a pobre Humanidade,  
     Incompleta noção,  
 Dentro de um rude crânio quaternario ;  
 Mas como o Diabo, o tal da tradição,  
 Que ante os passos do homem se *altravessa*,  
     Eterno adversario,  
     Hoje em tua cabeça  
 Forma-se outra terrifica Entidade :  
     A fria Negação.

Eu procuro a harmonia  
 Que sustenta o universo !  
 Essa ideal cadencia,  
 Ou sibyllino verso  
 Deve encontrar-se um dia  
 Na tacita immanencia  
 D'onde no Sér immerso  
 Se destaca a existencia  
 Pela infinita via !

## MERCK :

Como podes achar tal harmonia  
 Quando a perturba o grito  
     Do perpetuo conflito  
 Do *homo duplex* da Theologia ?  
     Se o espirito se eleva  
     À concepção mais pura,  
 A carne abjecta é fragil mais se céva  
 No que mais prende á terra a creatura.

Como podes sentir essa immanencia,  
 Se a visão subjectiva  
 Te desvaira, te priva  
 De achar a realidade da existencia?  
 Se o espirito remonta  
 A Synthese suprema,  
 Perde-se no infinito que defronta,  
 Do torpel de impressões faz um poema.

## O POETA :

Eternamente triste  
 E desgraçado fôra,  
 Se n'esta luz da aurora  
 Que o horizonte alegra,  
 A ordem não existe!

Se n'esta nuvem negra  
 Que paira pelo espaço  
 Electrica, convulsa,  
 Não actua o compasso  
 Onde a ordem serena  
 Surprehendente pulsa.

N'esta intima pena  
 A lei do Sér completo  
 Como se patentêa?  
 O Sentimento, o affecto  
 Conjuga a Acção e a Ideia.

A Acção é a Vontade,  
 Forma da Consciencia,  
 Por onde se conhece  
 Que é livre a Humanidade,  
 N'esta complexidade  
 Das leis a que obedece.

A Ideia é a Sciencia,  
Objectiva, suprema,  
Que ajunta os elementos  
Desconnexos, fragmentos  
Da infinita existencia  
Num completo Poema.

O Sentimento amplia  
Esta vida restricta,  
Ephémera, vasia  
Em outro sér tambem:  
Ação e Pensamento  
Que o Sentimento incita,  
Têm por norma infinita  
Verdade, Amor e Bem.

MERCK, estendendo-lhe o braço:

Pobre Poeta! esse espirito profliga  
Entre a contemplação passiva e vaga,  
E a fria observação do que investiga.

Desce da realidade á crúa plaga,  
Rir-te-has das phrases vãs do idealismo,  
Que a mente te desvaira e tanto embriaga.

O Amor foi sempre um sensual egoísmo,  
Sciencia, antigo acérvo de mentiras,  
O Bem, trégua ao passar perante o abysmo.

E em quanto assim deliras,  
Oh vem com Mephistopheles sombrio;  
Com desdem soberano  
Guspir sarcasmos sobre cada engano,  
Rasgar do Templo o véo, o véo em tiras,  
E no barathro insano  
Sondar a inconsciencia e o vazio.

## II

## Vigilie da Verdade

O POETA :

Para fóra do ádito sereno  
 Do meu quarto de estudo me has trazido ;  
     Lanças-me no ruido  
 Dos salões ! ahí sinto-me pequeno,  
 Nas pompas deslumbrantes da opulencia ;  
 Quando aspiro da gloria o arôma, a essencia,  
 Escutando o meu nome repetido !

É bem suave este lethal veneno ;  
 Um rumor que adormenta e halucina ;  
 Eu adoro o sorriso que o propina !  
 Ante a feminil graça a fronte rojo ;  
 Mas no conflicto de ambições me enojo,  
     E sinto-me pequeno.

Como posso voltar ao meu reducto ?  
 Pobre aguia anceia os pincaros alpestres ;  
     Sou como o animal bruto,  
 Que arrancado dos páramos sylvestres  
 Esquece a liberdade e o seu caminho ;  
     E sinto que nem lucio,  
 Feliz, banal, mediocre e mesquinho.

Fizeste-me vér essa mulher bella  
 Como o que a fera impelle para a liça ;  
 Ouvi-lhe a voz que canta e enfeitiça,  
     E o desejo de tel-a

Nasceu em mim, indomito, tyranno,  
 Com a minha alma a sua, em tanta ardencia,  
 Entretinham estranha confidencia  
 Percorrendo o teclado do piano.

## O Piano de Lili

Que noite, e que sitio! nas horas remotas  
 Do vago silencio, do mago luar,  
 Nem de Ossian a Virgem nas praias ignotas,  
 De formas mais alvas que a espuma do mar...

Dormia tranquilla,  
 Sonhando, talvez?  
 E vinha tingil-a  
 Mortal pallidez.

O vento, de subito, as nuvens espessas  
 Da face da lua dispersa no céo;  
 Eu vi-a! lembraram-se as nossas promessas  
 Ao vêr alvos seios a arfar sob o véo...

Sorrindo n'essa hora,  
 Murmura tambem:  
 Que longa demora!  
 Tão tarde; não vem.

Não quiz acordal-a! Quém ha que desperte  
 Um anjo esquecido dos céos por amor?  
 Mas, eis se elevanta: vae languida, inerte,  
 Cendal branco e longo lhe oculta o palor.

E as formas? nas dobras do véo transparente  
 Destacam-se, ostentam incertos perfis!  
 Vae linda ao piano sentar-se indolente,  
 Dedilha frenética... a nota amor diz.

Trementes sons vagam  
Nas mudas soildões,  
Quanto alma embriagam  
Fataes tentações.

Fascina-me o abysmo ! que importa ? a meu lado  
Se auróla angelica a vem defender !  
Sentada ao piano percorre o teclado,  
Os sons, hora e sitio me fazem perder.

Nos braços a aperto,  
Magnetico ardor ;  
Um novo concerto  
Resôa, de amor.

Que noite ligeira ! rebenta-me a corda  
Cantando o delirio da ingenua vestal ;  
Aperto-a nos braços ; somnambula, acorda,  
Sorri-se... e em meus braços se inclina a final.

## MERCK :

Que de vezes, Poeta, me dizias  
É o espirito livre da materia !  
Sustentavas a illusão que crias,  
Na voz da inspiração febril, ethérea.

Para restituir-te o equilibrio  
À mente que desvaira ergui tua alma  
Ao doce Oásis, onde a verde palma  
Dá licor que nos faz do amor ludibrio.

Do amor no lago azul onde bebias,  
Quasi a afogar-te, até à saciedade,  
Te acotovélo, e tu não attendias  
A rasão que te chama á realidade.

O POETA :

Como esse austero mestre, não me faças,  
 Que o incauto pupillo  
 Deixa ao som d'água, enquanto vae tranquillo  
 Discursando de eventuaes desgraças

MERCK :

Attrae-te uma apparencia ;  
 Cada impressão te véda  
 Sobre o teu sér moral  
 De manter o dominio !  
 Como vencer o mal ?  
 Pela visão da Sciencia,  
 Ascendendo a vereda  
 Aberta ao raciocínio.

O POETA :

Não digas mais ! Seja essa a minha róta.  
 Vamos ! Mas, dize-me onde  
 Começa e acaba a tal vereda ignota ?  
 Este o problema inicial ; — responde.

MERCK :

Procurou sempre o homem até hoje  
 Nos Livros o caminho da Sciencia !  
 Carradas de demencia  
 De edade em edade tem-se accumulado ;  
 D'esse sahará de desvarios foge.  
 Detesta pois a poeira  
 Das Bíblias porque o homem tem jurado.

Dos séculos sacode o pezadelo ;  
 Livre d'essa cegueira  
 Começa a grande empreza :  
 Dos velhos preconceitos quebra o elo  
 Que o homem afastou da Natureza.

A Natureza ! eterno livro aberto,  
 Dos nossos olhos baços posto diante ;  
 Não como o palimpsesto errado, incerto,  
 Prezo á corrente da claustral estante !  
 E enquanto a mente altiva  
 Decifra o texto inutil do hierophante,  
 Fica cega, e da santa luz se priva  
 De ridente clareza.  
 Que vem da Natureza  
 N'uma expressão palpável, objectiva.

É n'este livro immenso, aonde impressa  
 Em caracteres, symbolos, emblemas,  
 Se lê do Universo a historia a esmo,  
 Que o homem, como absorto em mil poemas,  
 Chegará bem depressa  
 A ter conhecimento de si mesmo.

## O POETA :

Por onde começar ? Tu me inicia  
 Da Natureza no mysterio occulto,  
 Sublime, reverente . . .

## MERCK :

Ahi vás cahir humilde em novo Culto!  
 Deixa das Religiões a louca Orgia,  
     Observa friamente.  
 Da Natureza o absorvente arcano,  
 No tropel de impressões, mais te deslumbra,  
 Do que esse sensual ardor que o Piano  
 De Lili sobre ti verte e ressumbra.

As tristezas do amor que te amargura,  
     Lethargica doença,  
 Os vastos horisontes da Suissa  
     Dão-te rapida cura.

## O POETA :

A caminho! Essa viagem me enseitia;  
 Da Natureza ahi pagina immensa  
     Se abre á minha primeira e sã leitura!  
     Partamos, sem detença.

*Ao encontrar-se nas montanhas da Suissa:*

Esta vista de habitações tranquillas  
     Esquecidas nos valles,  
 Vem despertar-me uma recordação  
     Do lar paterno e bom! Lar que me azylas!  
     Aqui, de intimos males  
     De um amor mal extinto,  
 Por entre os sons dispersos inda sinto  
 Resonancia da vaga vibração:

O cyclope do dia  
No espaço a luz entorna,  
Como um martello espalha  
Faiscas da bigorna ;

Da noite na mortalha  
Se envolve moribundo,  
Thuríbulo que arde  
E em trevas deixa o mundo.

E quando o sol á tarde  
Bardeja além na serra,  
Parece o ingente dedo  
Que impõe silêncio á terra ;

Esta hora é do segredo  
Que as sombras me vêm dar ;  
Tambem é da ardentia  
Quando se agita o mar.

Amor, melancholia  
Me inspira tanto esta hora,  
Pois que a costura, n'ella,  
Deixavas tu, senhora ...

E vinhas á janella  
Radiante de candura,  
Sempre a primeira estrella  
Em céo de noite escura.

MERCK :

O som mais forte engrossa a intensidade,  
 Confundindo os que vibram tenuamente;  
 Olha esse lago límpido e tremente;  
 Estende a vista a toda a immensidade!

O POETA :

Estes áres dão força, audácia ! Eu quero  
 Lutar, vencer, e dispender a vida  
 Nas manifestações do sér complexas !  
 Que panorama esplendido ! Ha quem ouse  
 Tentar commigo a ascenção do monte ?  
 Contempla o Sam-Gothardo ! e como pulsa  
 O coração de amor pela Montanha !  
 Bem fez a humanidade, quando outr'ora  
 Sentiu que era a Montanha um Templo immenso,  
 O Sinai, o Meru, o Orcb, o Olympo,  
 De adoração suprema ! Quando o homem  
 À criação do Deus oppoz a Industria,  
 Fez do Cauciso o pedestal heroico ;  
 No Calvario elle se transsubstancia  
 Ao comprehender o sacrifício altruista.  
 Prometheu e Jesus, eis os dois pólos  
 Da elevação da activa Humanidade.

MERCK :

Ascende, oh Poeta ! Á falda da montanha  
 Não te roçam a face as fortes brisas ;  
 Os pinheiros das gélidas alturas  
 Não transpuzeste ainda, e satisfazem-te  
 Essas velhas comparações já gastas !  
 Quando attingires as nevosas cimas,  
 Ante a visão immensa, com certeza  
 Será outra em teus labios a linguagem.

## O POETA, olhando-se:

Revelou a Petrarcha o grande Monte  
 Para o mundo moral novo horizonte,  
 A voz do eterno Amor!  
 A mim, da luz a anciedade acalma,  
 Faz-me sentir na Natureza uma alma;  
 Vem-m'a em contacto pôr,

## MENCK:

Que fontes de Poesia o monte jorra!  
 Não basta conhecer da Natureza  
 Modalidades cósmicas. Latente  
 N'ella a harmonia é implícita unidade.  
 Olha a medalha em suas duas faces!  
 Espíritos mediocres conhecem  
 Um aspecto sómente; e para elles  
 Sempre a Ciência foi pallida lua,  
 Que uma face única e gelada mostra.  
 Detesta um saber tal por fragmentário,  
 De um pedantismo especial, concreto,  
 De estériles controvérsias sem intuito,  
 Com palavrosa e doutoral philosofia.

## O POETA:

Bem sabes, que insistente eu pela vista  
 Busco abranger o mundo; e quando avanço  
 É apoiado na objectividade.  
 Para mim, o Espírito e Materia  
 Não podem actuar um sem o outro,  
 Tal como a vibração da onda sonora  
 Depende do ar. D'esta unidade parto.  
 Com novo aspecto o mundo se me ostenta:

A variedade incongruente, infinda  
 Das cousas torna-se expressão grandiosa  
 Da unidade immanente no universo;  
 A Razão creadora a sente e fixa,  
 Identifica o Ideal e a Realidade.  
 É contemplação intima a Scienzia.  
 Senão, vêde: Uma Flor ? é deslumbrante  
 Para os olhos, que as cōres lisongeam,  
 Para o olfato, que aromas inebriam,  
 Para os labios quando os nectarios tocam.  
 Pelo porte gentil encanta, vence !  
 Mas que novo perstigio lhe descobre  
 A visão subjectiva, quando as fórmas  
 Caprichosas que a flor ostenta, todas,  
 Contempla na unidade—o *Cotylédon*!  
 No mundo orgânico eu observo o mesmo.  
 Nas fórmas animaes, complexidade  
 Que desvaira o que o nexo ás cousas busca,  
 A unitario typo de estructura  
 Se reduz; vêde:—a *Vertebra*, tão simples.  
 Avançando, a unidade dos tecidos  
 Se impõe, relacionando esses dois mundos  
 Vegetal e animal, no breve esboço  
 Da *Cellula*! Tão pouco; e que infinito!  
 E se ascendermos mais ao alto, e formos  
 Sondar as Forças que ainda se combinam  
 Na construcção continua do Universo,  
 O Calor e a Luz, o Magnetismo,  
 A Electricidade incoercivel,  
 São vibrações da mesma resonancia  
 Do unitario impulso—o Movimento.

## MERCK :

Basta, oh Poeta ! Suspende o entusiasmo.  
 Do saber a insaciavel sede  
 Que no teu apresento te encerrara,  
 Levou-te a presentir a ancia forte  
 De uma Synthese nova. Tu aberras  
 Do meu typo do Sabio ; bem pertences  
 A uma especie não classificada.  
 Aqui, estes momentos me recordam  
 Da Taverna de Auerback as lendas :  
 Dias no grande tonel volta á torneira,  
 O licor hilariante é luz que jorra !

## O POETA :

Comparação de uma ironia fina :  
 Não me toca ; tu vês como conheço  
 Os dois typos do Sabio, que entre o vulgo  
 Gosa de admiração : um, Sabio-theurgo,  
 Que symbolisa a excelsa Natureza  
 N'uma Entidade abstracta, fria, inane ;  
 Das proprias emoções faz evangelho  
 De iniciação theosophica, profunda,  
 Com perstigio secreto anunciando  
 Redemptora missão ! Tu avalias  
 Um tal typo de Sabio, quando há pouco  
 Recordavas a situação da lenda  
 Do theurgico e velho Doutor Fausto.

## MERCK :

Retrata o outro typo.

## O POETA :

Esse é o Sabio  
 Que entrevê só fragmentos de verdades;  
 O que observa detalhes desconnexos;  
 Que descreve as minúcias uma a uma,  
 Que tudo classifica, conduzido  
 Pelas analogias exteriores;  
 Não vae além de um empirismo cauto.  
 Para tal Sabio é sempre a Natureza  
 Apparelho de complicadas peças,  
 No enumeral-as o saber consiste.

## MERCK :

O typo é conhecido; faz Memorias.  
 Dissertações, Scholios, Commentarios,  
 Dá-se e prospéra nas Academias...

## O POETA :

O illuminado e o eruditão odeiam-se;  
 Inseparáveis são, pois se completam.  
*Fausto* carece d'esse companheiro.  
 Que nome lhe daremos? Seja *Wagner*.  
 Wagner fabrica então peça por peça  
 Os elementos todos que compõem  
 O organismo do Homem; d'esse esforço  
 Sac-lhe das mãos o *Humunculo* irrisório!  
 Elle simula os sentimentos d'alma,  
 Mas resurge a Rhetorica dormente,  
 Com que os dois se disfructam ou se enganam.  
 Sem ti, Merck, impossivel me seria  
 Desprender-me das pontas do dilemma:  
 Ou Theosopho, ou Pedante especialista!

Negação systematica em ti acho;  
 Criticismo que austero disciplina,  
 A' realidade attrae-me a cada instante  
 Se para o vacuo da abstracção propendo  
 Ou se á chateza do concreto corro.  
 Como Genio diabolico, respiras  
 Contradicção e tédio, e a ti devo  
 Fé na Verdade e Consciencia livre.  
 Sem ti Wagner seria um grande assombro,  
*Fausto*, um mesquinho magico grotesco.  
 Mephistopheles és; em ti se encarna  
 A negação, a critica, o juizo  
 Dos motivos secretamente egoistas,  
 E esse espirito livre, que fulgura  
 Em Voltaire e em Diderot ...

## MERCK :

A viagem  
 Da Suissa na tua mente acorda ...  
 O genio da Scienzia; foi-se o Poeta.  
 Carece o teu espirito do acordo  
 Da noção subjectiva, una, suprema  
 Com os dados da objectividade.  
 Vaes n'esse esforço como o equilibrista,  
 Que atravessa na corda a cataracta  
 De um Niagara immenso; attrae-te o abysso.  
 Tu como Poeta, a Luz tanto idealisas,  
 Mas na contemplação serena absorto,  
 Passas além, e no ádito da Scienzia  
 A Theoria das Cores nos revelas !  
 Como Poeta, os rumores da Floresta  
 Fallam-te mil segredos; muda a Lyra  
 Fica, perante o exame da estructura

Do mundo vegetal, descortinando  
 Typo inicial e uniforme—a *Folha*.  
 Como Poeta, as femininas fórmas  
 Deixam-te n'alma agitação ardente;  
 Mas em vez da mulher amada, cantas,  
 O que? O Ideal, o *eterno feminino!*  
 Deixeste Lili, e esqueceste Augusta,  
 Frederica ante o frio desdem expira...  
 Se tu sómente amavas Galathéa,  
 A mysteriosa e animica Entidade,  
 A quem Bichat, Lamarck e Bell levantam  
 A fimbria do cendal que oculta a *Vida*!  
 A contensão científica conduz-te  
 A' solidão do individualismo;  
 Pela Razão abranges o universo!  
 Em ti, Poeta, a harmonia reconcentra  
 Accordando a Razão e a Phantasia:  
 —O *Viver para outrem!* eis a norma  
 Que synthetisa os sentimentos todos,  
 O movele das acções mais nobres do homem!  
 É tarde para mim! não me é possível  
 Reconstruir o sér moral, succumbo  
 Sob um temperamento e pessimismo  
 Que me leva á ironia e ao sarcasmo,  
 A um lethal e amargo desespero.  
 Nada admiro, nada amo; nada quero;  
 Nenhum consolo busco: atroz Nirvâna.  
 Torna-se a vida um pezo; deito-a á margem,  
 Jumento sob a carga estatelado.

## O POETA:

Dos pináculos do Sam Gothardo avistam-se  
 Da Lombardia os viridentes plainos!  
 O vento espalha acastellados nimbos

Que obumbram o horizonte ; assim varressem  
 Da mente do homem doutrinarios fumos.  
 Um perfume de Antiguidade e de Arte  
 Vem das bandas da Italia. Que attractivo !  
 Pudesse eu ter o voo dos condores,  
 Pelos espaços fóra me librara,  
 E no doce paiz das laranjeiras  
 Baixaria, a admirar a bella Italia !

## MERCK :

Guarda esse impulso no imo de teu peito,  
 Como doente que um elixir possue  
 Que o chama á vida, o guarda confiado  
 N'uma vaga esperança, para a hora  
 De perigo lethargico e terrivel.  
 Lembra-te então da Italia ! Se em tua alma,  
 Que a paixão da Verdade orienta e excita,  
 Te achares impotente, esteril, certo  
 É que a corda, isolada, vibra froixa.  
 Na Lyra de tua alma ha outra fibra,  
 O Sentimento. É lá, é lá na Italia  
 Que irás ouvir a mysteriosa nota  
 Dos velhos carmes, que revela augusta  
 Da Humanidade a Synthese affectiva.

## III

## Vigília do Amor

O POETA, lendo uma carta de Augusto:

\* É bem triste a noticia, oh caro Poeta,  
 Suicidou-se Merck ! era previsto.  
 Se da erença o calor nos abandona,  
 O pobre coração de pulsar deixa ;

É a morte, antes mesmo d'essa horrenda  
 Decomposição crua da materia !  
 Volta á Religião, Poeta . . .»

*(Interrompe a leitura):*

Lembro-me

Das palavras de Merck—Ao Amor volta!—  
 Vira no templo o apaixonado Lullo  
 A deslumbrante Ambrosia de Castello,  
 Louco por tanto ardor, tenta salval-a  
 Do cancro hediondo que lhe róe o peito.  
 Com qué fervor estuda as Sciencias todas  
 Que o mundo antigo tinha accumulado!  
 E achando-se impotente em tanto esforço,  
 Volve-se á Religião que o hallucina  
 Perdido no tropel dos desvarios.  
 Da comprehensão das Sciencias caminhando,  
 Levarei outro movel, alto intuito  
 Para o Amor, que as sensações corrompem,  
 Ao invés do Doutor Illuminado.  
 O suicídio de Merck um desalento  
 Quasi invencível para mim seria,  
 N'este vacuo moral em que succumbo,  
 Se elle proprio o remedio não me aponta:  
 Quando me assalte o tedio, proveniente  
 De uma especulação intensa, abstracta,  
 Uma viagem me salva—a Italia, a Italia!  
 Reanima-me um bom amigo—Schiller.

*(Como em evocação):*

Merck! oh viva lembrança da amisade,  
 Que a morte torna como que divina,  
 E que intima saudade  
 Sempre pungente aviva;

Com o fulgor do bom senso me illumina !  
 Pelo pacto ideal da consciencia  
     Resurge na existencia,  
     Imagen subjectiva !

Livre das phrases vãs do idealismo,  
 Das convenções banais, tu representas  
 Da Negação a synthese audaciosa !  
     N'esse teu scepticismo  
     Me dás força e sustentas,  
 Mostras o mobil de uma acção ruidosa.  
 E os heroicos feitos, a virtude,  
 O sacrificio, e o óbolo que illude,  
 Tudo resolves n'um secreto egoísmo.

Como Satan, o eterno adversario  
 Ante os passos do homem se atravessa,  
     Que a Antiguidade oppresa  
 Creou, n'um pezadello imaginario,  
 Espírito do Mal, sempre em revolta,  
 Como Satan, resurge, as azas sóltas.

Deixa evocar-te ! deixa ;  
 Quero-te assim, acerbo e negativo,  
 Tu serás *Mephistopheles* sombrio !  
     Attende o febril hausto  
     Da minha ardente quicixa,  
 Companheiro sarcastico do *Fausto*,  
 Mostra do Amor o engano doce e vivo,  
     Qual ninguem o sentiu.

Os amores, que ardentes me assaltaram  
 E me algemaram tanto, eu cri, sincero,  
     Ingenuamente um dia,  
 Que à noção scientifica deparam  
 Luminoso relévo, essa harmonia  
 Que existe entre o Ideal e a Realidade,  
     Que debalde achar quero.

Aventuras da edade,  
 Embaraçando-a em minimas intrigas,  
     Em vistosos enganos!  
 Fazem-me pena os corações levianos,  
 Para quem é questão de vida ou morte  
     N'aquellas mudas brigas  
         Em que se vive muito,  
 Sorriso incerto, vago olhar fortuito!

Mas um olhar que custa?  
     Com relances vehementes,  
 Sem fallar, como dizes tudo e encantas!  
     Como me olhava Augusta,  
 Lili, Bettina, Frederica e tantas...  
 Hallucinadas, são como esses crentes  
 Que na frente do ídolo se próstram;  
     E quanto mais nos mostram  
         As almas namorudas,  
 Na marcha triumphal são esmagadas.

De Jagarnath repugna-me o destino;  
     Como observador sinto  
         O impulso latente  
             De invencivel instinto,  
 O sexual instinto, irmão da morte!

O fatal desatino,  
 Do sentimento a força inconsciente,  
 Como um rapido corte  
 A Werther, que ama com fervor, decide-o  
 A lançar-se ao suicidio!

MERCK, *apparecendo*:

Fere-me essa palavra que dissesse !  
 O Suicídio? eis o unico momento,  
 Para mostrar que é livre, ao homem dado !  
 Fatal contradicção ! Que importa ? É este  
 O Paradoxo atroz do pensamento,  
 Problema inexplicado :  
 Affirmar a Vontade, aniquilando-a !  
 Negação, affirmando-a !

Como ao raio de luz o prisma vitrio  
 O decompõe, de cada cõr o priva ;  
 Na critica sem plano, e negativa  
 Assim se exerce o nosso livre arbitrio,  
 Se a morte busco e quero !  
 Chamado à vida sem ter sido ouvido,  
 Nem consultado no lethal destino,  
 Em hora incerta a morte certa espero,  
 Misero e combalido,  
 Objecto inutil n'este esterquilino.

Nasci, sem ter um germen de vontade ;  
 Determinei morrer, volver á massa  
 Da universal materia inconsciente,  
 Como maneira escassa  
 De affirmar dignamente  
 Aancia de presentida liberdade !

## O POETA :

Entre a vida e a morte,  
 Pólos de tudo quanto vive e existe,  
 Mão ignota vêm pôr-te  
 Um intermedio, pelo qual subsiste  
 Da Vontade plenissima o dominio :  
 É o Amor ! Joia da alma no escrinio.

O Amor ! effusão da alma,  
 Incarnação do Logos incessável ;  
 Clarão de eterno brilho  
 Que na procella erguida,  
 E em ancia incomportavel  
 Brando, o terror do bárauthro accalma,  
 Seguro e forte o misero soccorre !  
 Se toma corpo, abraça-se n'um filho,  
 Que além da morte nos prolonga a vida.  
 Vive-se pelo Amor, quando se morre !

Sómente assim o homem se liberta,  
 E os vinculos dissolve  
 D'esta imposta e atroz fatalidade  
 Que o arrasta e aperta  
 N'um circulo sem fim, sem claridade  
 Em que a matéria organica se evolve.

## MERCK :

Como tens comprehendido o Amor, Poeta !  
 Miragem que a rasão desequilibra !  
 Novo Pygmalion que o golpe vibra  
 Sobre o blöco de marmore inda informe !  
 Mas, ai ! o artista louco se inquieta,

No marmor' frio estranho vulto dorme,  
 Elle o oscula débalde, mas não sente  
 Pulsar ao tacto a animada fibra,  
     E no abraço vehemente,  
 Crendo animar essa matéria inerte  
 Morre exhausto; e na louca illusão crente,  
 Que dando a vida, á vida ella desperte.

A tua estrophe ardente,  
 Poder que a vós, Poetas, só pertence,  
 Vao acordar na alma das mulheres  
 A musica interior que as prostra e vence!  
     Quando o plectro desferes,  
 Seguem-te ansiosas, como que enlevadas  
 Na magia do canto, e assim parecem  
 Eurydices do bárathro subindo;  
     Porém, desde que cessem  
 As vibrações do canto aéreo e lindo,  
 Ao desespero são arremessadas!

## O POETA:

Eu, simplesmente busco  
 Isto que ha de fatal no sentimento  
 Vencer, dando á emoção a fórmula da Arte!  
     A nenhum brilho offuso,  
 O genial alcanto  
 Procuro em toda a parte!  
 A ti devo o científico processo  
 Da concepção estheticá! e, se eu amo  
 Bettina ou Frederica, ala-se a mente  
     (Como a ti o confesso)  
 À Galathéa eterna, surprehendente,  
     Por quem suspiro e chamo,  
 Visão do Bello, ideal que me fascina,  
 A expressão da graça feminina.

MERCK :

Como o pintor, que vae tocando, lento,  
 A expressão, a graciosa linha,  
 Até que por sim deixa  
 N'um incerto momento,  
 O retrato com vida e movimento...  
 E embebido na creaçao sublime  
 Se esqueze da pobre alma que definha  
 Na sombra, e não se queixa...

Sem pensar no seu crime,  
 E enquanto esse ár à tela elle transports,  
 Que arrebata á gentil physionómia,  
 O Pintor nem sentia  
 Que ella já estava morta !

Ante o triumpho da Arte absorto fica !  
 Tu és assim, oh Poeta ; o desvario  
 De uma paixão ardente acha-te frio ;  
 Tal desfallece a pobre Frederica !

O POETA, angústiaço:

É morta Frederica ? é morta ? Falla ...

MERCK :

Morta de desalento, como Ophelia ;  
 Tu deste-lhe a grinalda de teus versos,  
 E a harmonia dolente  
 Que os vãos sonhos embala  
 Invencivel impelle-a  
 Descuidada na gélida corrente  
 Da morte, em que os seus sonhos vão submersos !

## O POETA :

Não digas mais! Arrasta á idiotia  
 Essa revelação que atroz me punge!  
 Onde ao espirito encontrar repouso  
 Contra a recordação que me estrangula?  
 Serenidade da alma, d'ora em diante,  
 A condição da lucidez do artista,  
 Onde encontral-a? Quem poderá dar-m'a?

## MERCK :

Suscitou-te a viagem da Suissa  
 Vivo interesse pela Sciencia; agora  
 Grata serenidade de alma alcanças  
 Contemplando a limpidez suprema  
 Das bellas creações antigas da Arte.  
 Tu, prófugo, procura a Italia, a Italia...  
 Que nova inspiração da Antiguidade!  
 Nunca a Grecia em si teve outra harmonia;  
 Pela expressão do Belloinda domina  
 Das Renascenças sempre o activo fóco.  
 Debatiam-se os Cultos, louca furia  
 Entre Delios e Zeus; e conflagravam  
 Philosophias da Eléa e Jonia;  
 No Ágora luctavam os partidos  
 À voz dos exaltados demagogos:  
 Tudo levava ao immanente acordo  
 Da affirmação da Liberdade humana,  
 Sob um unico impulso que unifica,  
 O Bello — o sentimento pleno da Arte.  
 Hoje, no meio de um conflicto enorme  
 De um Seculo que acaba e se dissolve  
 Da ordem social minando as velhas bases

Pela queda da Egreja e da Realça,  
 Onde, o espirito encontrará apoio?  
 Busca na Arte os unanimes affectos,  
 O suave esboço de uma ideal concordia.  
 Oh *Fausto* inquieto, é tempo, é tempo agora  
 De evocares a deslumbrante Hellena,  
 Quando em volta de ti os outros luctam  
 Para empunharem da discordia o sceptro.

O POETA, abraçando Wieland, no momento  
 da partida:

Parto! À romagem da Italia eu sigo;  
 Do passado segredam-me as ruinas  
 Esse mysterio da consciencia antigo,  
 Quando deu forma ás concepções divinas  
 Na mente do Poeta!  
 Quem soube achar a intima harmonia  
 Entre o Ideal, ou subjectiva norma,  
 E o Real, ou a visão concreta  
 Na pureza da forma?  
 Como a lampada de Hero me allumia  
 Esse clarão latente,  
 Através das borrascas do presente.

WIELAND:

Saudae, saudae as sombras gloriosas  
 D'esses Fieis do Amor, Dante, Petrarcha,  
 E do galhardo Ariosto!  
 Almas puras, sublimes, em que a marca  
 Da burguezia parca  
 Não perturbou scus ledos devaneios!

Sabem fazer amar, sentir o gosto  
 D'esse apagado mundo dos tornacíos,  
 Das castellãs o amoroso emblema,  
 E o voto ousado que se cumpre a custo!  
 Ahí, lerás da Edade media o Poema,  
 Penetrando o sentido íntimo e justo,  
 D'onde outra luz dimane,  
*Sotto il velame degli versi strani.*

## À VENTURA NAS RUAS DE ROMA

O POETA :

Como hei de contemplar o frio marmore  
 Guardado em silenciosas galerias;  
 Concentrar-me n'um sacrosanto calévo  
 Debaixo das abobadas vetustas  
 De eternos monumentos,—se nas ruas  
 Passam rindo as formosas raparigas,  
 Mais bellas do que as Dryadas sonhadas  
 Na doce Arcodia outr'ora! A ti, Catullo,  
 Dou-te razão—*Vitamus mea Lesbia!*  
 De rosas e de myrtos coroêmo-nos.  
 Bem andaram ante esta claridade  
 Que inunda o espaço azul, Tibullo, Ovidio,  
 Propercio, essa dourada juventude  
 Em doudamente amarem, em cantarem  
 Delia, Corinna, Cynthia, Lydia, todas,  
 Pondo de parte as vãs questões do Imperio  
 Entre o poder de Augusto e o Consulado.  
*Vitamus!* Foi o grito, o santo *Oremus*,  
 N'este holocausto da encantada Psyche.

*Para Merck, mostrando-lhe uma Ursinha com o typo de Madona:*

Se a visses á janella  
Cuidando em seu bordado,  
Pudesses, como eu, vel-a  
Detraz do cortinado!

Se a visses pensativa,  
A mão firmada ao rosto;  
Ingenua sensitiva  
Que é languida ao sol posto!

Quando modula ás vezes  
Uma ária favorita;  
Se um dia em muitos mères  
É pallida e afflita!

E os annéis dispersos  
Do nitido cabello?  
O seio, o mais que em versos  
Mal posso a ti dizer-o?

Se visses isto tudo  
N'um hymeneu de graças,  
Ficáras talvez mudo,  
Mas olhas frio, e passas.

E quando meia occulta  
Com magico recato,  
No vêo a mão lhe avulta  
Amaciando o gato?

Ou quando ao vir da aurora  
 Em alva toalha envolta  
 Ao espelho se namora,  
 E olhar lascivo solta?

Eu amo-a muito, muito,  
 E então n'esses instantes  
 A mim mesmo pergunto  
 Em que pensava eu d'antes?

E se á janella, triste  
 Vem pôr sua gaiola?  
 Se vem deitar alpiste  
 No comedouro á rola?

Ai rôla! quem pudesse  
 Gozar esses carinhos,  
 Que a vida me parece  
 Um thalamo de espinhos!

Cativa, a pobre arrulha  
 Com peito á angustia dado;  
 E a dona move a agulha  
 No lérido bordado?

Eu vejo-a sempre esquiva  
 A angelical visinha;  
 Ai dói! a alma é cativa  
 Talvez mais que a avesinha.

MERCK:

Segues, oh Poeta, por caminho errado,  
 Às emoções submisso! Se tu amas  
 Como Tibullo, ou como amou Propércio,  
 No delírio do goso caes exhausto...

O POETA, galantando a vizinha:

Quando à tarde te assentas á janella  
 A costurar,  
 Sobre a cassa a mäosinha, alva como ella,  
 Deixas mirar.

Como brinca o teu gato! É gosto vél-o  
 Brincar assim:  
 Se do regaço teu cae o novello,  
 Com frenesim,

Elle o torna e o lança pela esteira,  
 Depois... com dór,  
 Cuido, ao vél-o brincar d'essa maneira  
 Vêr nosso amor:

Porque abrazado n'esta ardente sède  
 Pedem meus ais  
 Um pingo de agua! a rir me dizes—Vede...  
 E escondes mais.

MERCK:

Nova poesia o povo te revela!  
 Pudesses tu juntar n'uma corrente  
 Esses dois pólos — Natureza e Arte...

O POETA, galanteando a vizinha, à propósito do seu gato:

Gôsto de vél-o com singido sonno  
Todo ás caricias que lhe faço alheio ;  
Vél-o deitado, como em abandono  
Sobre meu colo e conchegar-se ao seio.

Gôsto de vél-o no jardim correndo  
Leve apoz ave, que fugiu de vél-o ;  
Quando estendido no sol que vem nascendo  
Lambe, amacia o avelludado pello.

Sempre brincando quando o sol é nado,  
Não pára ao menos quando o sol definha,  
Dando lições de amor, sobre o telhado  
Lá no casal da magica visinha.

MERCK :

Na vertigem do amor, salva a ironia.  
Ella sorriu-se, e tu voltas-lhe a face ?

O POETA, partindo para ir admirar uma estatua da Venus Calípiga:

Turva-te, espelho do sereno lago,  
Esvae-te, aroma da purpurea rosa ;  
Abraza-te, indiscreta mariposa  
Na luz funérea de brandão aziago.

Esvaece-te, oh sonho aéreo e vago !  
Que val', que importa amor ? esta alma anciosa  
Paire absorta na onda harmoniosa,  
E tem da lyra em cada nota o affago.

Do puro Ideal é ella a confidente,  
De Deus as obras a egualar se atreve,  
Dá vida à Galathea, a estatua sente.

Foste a illusão de uma hora ! hora tão breve...  
Foste a vertigem de estonteada mente ;  
Meu fogo destruiu-te — eras de neve.

MERCK, *versão o Poeta contemplando uma  
Venus Fítria:*

Essa inerme nudez, com que ousou Phryne  
Vencer os seus Juizes, tanto impera,  
Que te traz subjugado; silencioso !

O POETA :

É sempre a forma humana, do que existe  
Para ser admirado o que ha mais digno.  
Symbolo incomparavel da Arte grega :

Zeuxis, para pintar  
A imagem de Venus,  
Formosa entre as mais bellas,  
Mandou vir nada menos  
Do que sete donzellias  
Das mais lindas, sem par !

E poz-se a contemplar,  
Despidas dos adornos,  
As linhas, os contornos,  
Os flexuosos traços  
Das Virgens de Cortona,  
Os indolentes braços  
Onde Amor se abandona  
Vencido a devançar.

Tentando copiar  
 A esplendida nudeza  
 Que tem de si defronte,  
 De uma o cabello em rolos,  
 A soberana fronte,  
 De outras os niveos collos,  
 D'esta o scio redondo . . .  
 De surpreza em surpreza  
 Um vulto vac compondo  
 Bem digno de adorar !

Como sabe igualar  
 A volupia da coxa !  
 N'uma luz quente e viva  
 A cõr, o tom afrouxa  
 Dando a curva lasciva  
 Ou o eburneo hombro !  
 E pôde tanto o Artista  
 Representando á vista  
 O que ha mais vago . . . assombro !  
 O desejo, o anhelo,  
 O impalpavel vello,  
 Efecto de encantar.

E depois de fixar  
 As formas seductoras  
 Da feminil beldade  
 Que furta á realidade  
 Nas inspiradas horas ;  
 Toda essa nudez bella  
 Que brilha em cada linha,  
 Suavemente vela,  
 De modo que adivinha  
 A alma, sem que se farte . . .  
 Esse o poder da Arte,  
 Que leva a idealisar.

## MERCK :

É um Symbolo augusto a forma humana,  
 Que o sér moral encarna e significa !  
 Mas não comprehendes o Amor immenso  
 O novo Amor que o seculo transforma.  
 O Amor, força immanente da harmonia,  
 Todas as Religiões o perverteram  
 Nos Cultos sensuaes de Orgias loucas !  
 Mystico amor do inane solitario  
 Pela miragem da futura vida,  
 É o bruto egoismo vil, que abjura  
 Do *Uiver para oulrem. Prazer bello !*  
 O Amor, por tantos seculos, occulto  
 Nos claustros mudos e soidores escuras,  
 Sob o humilde cendal da *Caridade*,  
 Sólta um dia tambem as azas de ouro,  
 Apparece radiante, retemperado  
 Pela humana affeição—*Philantropia*...  
 A alma moderna allia as duas notas  
 Do sentimento de Hélade e do Lacio !  
 Bem vés como, annualmente, pela Europa  
 Desgraçados succumbem aos milhares  
 Ao fogo da Variola ! Tranquillas  
 Sabias Academias se conservam,  
 Contra a inoculação sentenciando,  
 Máo grado a indiscutivel efficacia.  
 Venceu o sentimento suggestivo  
 Por via da Mulher ! Com que heroísmo  
 Evangelisa esse remedio novo !  
 Possuidas de uma intuição suprema,  
 As mulheres ensaiam nos seus filhos  
 A inoculação ; brilham entre elles  
 Lady Wortley Montagu generosa,  
 A lucida Condessa Buffulini,  
 Com as Imperatrizes de Austria e Russia,

E Maria Antoinette ! Pio culto  
 Da forma humana, bella, destruida  
 Pela terrível pústula eruptiva,  
 Que levava a mulher por alto instinto  
 A consagrar a ingente descoberta.

## O POETA :

O Viver para outrem ! noção pura,  
 É do Amor a definitiva norma,  
 O destino completo da existencia,  
 Como a mulher sublimemente ensina.  
 Esposa, Filha e Mãe, Trindade excelsa  
 No Feminino eterno unificada,  
 Sempre vivendo para outrem, sinto  
 Que a harmonia moral em si realisa.  
 O que vale a Scienzia, se a Verdade  
 Como abstracta de estímulos carece,  
 Do relevo de um vivo sentimento ?  
 Quem não ri de officiaes Academias ?  
 Do saber o deposito conservam  
 Na esteril inação do vão prestigio ;  
 Nos Salões, a conversa audaz e franca  
 As conquistas da Scienzia espalha, e a forma  
 De um novo Amor universal lhe imprime !  
 Quem operou este milagre, prompto ?  
 As Mulheres ! só elles. Nos brilhantes,  
 Esplendidos Salões nasceu a graça,  
 Da convivencia o ideal encanto,,  
 Que pelo Sentimento evangelisa  
 A corrente invencivel das ideias.  
 Tambem a Grecia, em Péricles, attinge  
 O apogeo das Artes, da Poesia,  
 Do Drama e da indomita Eloquencia !  
 D'onde hauriram os genios essa força ?  
 Na convivencia das gentis hetairas.

## MERCK:

Desvaira-te a exterior analogia,  
 Das fórmas a pagan esflorescência!  
 Ah, se a serenidade augusta da alma  
 Vés que te restitue a Arte antiga  
 Na idealização do corpo humano,  
 Falta-te, oh Poeta, ainda a Equidade,  
 Por onde o homem interior contemplates.  
 Eu, negativo Espírito, não ouso  
 Dizer-te mais. Uma amisade pura  
 Tens em Schiller; é, como tu, poeta,  
 De um seculo que surge audaz e forte  
 As vibrações moraes na alma concentra.

SCHILLER, no primeiro encontro com Goethe;

## O Poder do Sentimento

Quando o baixel sossobra e vae a pique,  
 Sereno até ao fim é bem que fique  
 No seu posto o valente capitão;  
 Tal, perguntaram a Voltaire, um dia,  
 Como ao ultimo que sobrevivia  
 Da Encyclopedia, a forte geração:

—Porque pôde Rousseau actuar tão fundo  
 N'esta renovação moral do mundo,  
 Tendo um incompletissimo saber?  
 Quando na mente, onde a alta ideia paira,  
 Do paradoxo a luz que o desvaira,  
 Mal o deixa as verdades entrevê?—

Nos triumphos da Ideia sempre absorto,  
E esquecendo a pessoal rivalidade,  
Voltaire, em patriarchal simplicidade,  
Responde e faz justiça ao grande morto:

•Tinha Rousseau uma palavra ardente,  
No Estylo, da Lyra as sete cordas;  
Deu ás ideias mal comprehendidas,  
Mesmo ás aspirações indefinidas,  
Ás emoções latentes, comprimidas,  
Como um Oceano que transpõe as bordas.  
Deu a expressão fogosa e vehemente  
Que enchia as almas universalmente.»

Desde o bruto anthropoide ao habitante  
De opulentas cidades federadas,  
Entre as luctas, paixões, guerras, soubeste  
Rousseau, achar da Natureza humana  
A bondade nativa! Revelaste  
Ao homem o valor moral do homem!  
Quando as iniciacões desegualdades  
Perpetuavam a aversão das Classes,  
Restos primordiaes e inconscientes  
De odios de Raças e rancor das Castas,  
Foi o Amor, o Amor o que oblitera  
Do passado a horrorosa antinomia!  
Dedilha o Trovador um lai furtivo,  
Melanchólica a castellâ o escuta  
No solar mudo do Barão furioso;  
Como se opéra a communhão das almas!  
A noção da Egualdade o Amor diffunde,

É o sentimento que liberta a Europa.  
 Da prepotencia dos feudaes bandidos.  
 O Amor universal ante a Egualdade  
 Do sofrimento, mais que o civil nexo,  
 Reune agora sobre a terra os homens !  
 O Amor dirige a Ação e Pensamento  
 D'esse apostolo novo — Howard ! Vede  
 Como as prisões da Europa elle percorre,  
 Possuido do horror em que se extorcem  
 Os que suspiram pela liberdade !  
 Contemplae Oberlin ! funda os Azylos  
 Para a indigencia erma e desvalida !  
 Como Bailly os hospitaes melhora !  
 Pinel acha o affectuoso tratamento  
 Para infelizes da razão privados.  
 Bourgelat e Rozier, ambos condóidios  
 Dos animaes que para nós trabalham,  
 Socorrem-os, eil-a a Veterenaria.  
 As desgraças encontram resonancia.  
 Nos corações sinceros ; já Pereira,  
 L'Epée, Sicard, dão falla aos surdos-mudos.  
 Hay funda a Eschola para cegos !  
 Parmentier de Sablons pelas planícies  
 Cultiva a nova planta : não mais deixa  
 Morrer de fome, á mingua o indigente.  
 Helvetius, para as classes desvalidas  
 Fórm a Sôpa-economica ! Bem hajam.  
 Quem viu em tempo algum tal sympathia  
 Por este sér moral o Homem ? Nunca  
 A vibração do affecto foi mais clara ;  
 Um diluvio de Amor ! Olhae, os Sabios  
 As Machinas inventam, suavizando  
 O indefeso e material trabalho.  
 Montyon cria os prémios destinados  
 Para quem mais dotar a Humanidade

Com instrumentos uteis! Beocaria  
 Levanta a dignidade da Justiça;  
 Voltaire rehabilita os innocentes;  
 O Abbade Sam Pedro, e Kant o Plano  
 Da Paz universal, perpetua esboçam!  
 Um diluvio de Amor, ideal, immenso  
 Que a Humanidade agora retempéra.  
 E a criança? essa vergontea fragil,  
 Que sympathia e encanto que provoca!  
 Abre Lassalle a Eschola das crianças,  
 Pestalozzi e Fallemberg inventam  
 O methodo adequado áquella branda  
 Intelligenzia em rudimento ainda.

*GOETHE, como arrabalizado pelas palavras  
 de Schiller:*

Como a palavra boa  
 Abre edêntica estancia!  
 Já das montanhas da Suissa eccôa  
 Cantico matinal, vozes da infancia.

Vendo na criança não do mal o herdeiro  
 Mas o germen sublime do futuro,  
 Ergue-se Pestalozzi, santo obreiro  
 Que faz do ensino o sacerdocio puro.

*Cantico das Crianças:*

« Se no blôco de marmor" procura  
 O escôpro uma estatua que é bella,  
 Tal no homem, que é propria feitura  
 Pelo estudo o alto sér se revela.

A criança é vergonha tremente,  
 Flores mostra; de fructos se inunde!  
 Seja a luz do saber quem a alente,  
 E o calor da Verdade a secunde.

Pestalozzi! Oh alma opulenta,  
 Deste à Eschola alegria na lida,  
 Foste o rio na calma sedenta,  
 Foi o ensino o teu culto na vida.

Quando um dia te davam coroas,  
 Tendo mortas tuas esperanças,  
 Tu sorriste! eram santas e boas,  
 E tornaste-as a dar às crianças.

Surge Froebel! O ensino intuitivo  
 Como attrae e avigora o intellecto!  
 Elle à férula arranca o cativo,  
 E a ração fortifica no affecto.

No ocio alegre da Eschola cantemos  
 Esses nomes em sérvidos hymnos;  
 Pestalozzi e Froebel amemos,  
 Do futuro os obreiros divinos.»

---

Nesta laboriosa e activa convergência  
 Um novo Sér moral se eleva, o deus apca!  
 Do espírito e matéria acabe a dissidencia,  
 Faça-se o accordo enfim entre a Acção e a Idéa.

(Abraçando Schiller):

A ti, oh Poeta, que a Mulher heroica  
 Tanto exaltaste no soberbo drama,  
 Que aos fracos sempre a resistência ensinas  
 Contra os da Terra estultos prepotentes;  
 A ti devo esta luz que me esclarece,  
 Que no fragor de um seculo a extinguir-se  
 Me revela um Amor sublime e novo,  
 Philantropia! A essa luz contempro  
 O homem interior pela equidade.

## IV

## Vigília do Bem

O POETA, contristado pela morte de Schiller:

Viver é recordar-se! Com saudade  
 A emoção do Passado em nós se alente  
 Pelo perstigio da Antiguidade,  
 Ou pelas amarguras do presente.

Recordar-se é viver! Lembram-me os dias  
 Da esplendida corte de Weimar,  
 Esse dias sem par,  
 De santas harmonias,  
 Quando entre Herder e Wieland, em antes,  
 Na phalange de espíritos gigantes,  
 Schiller, tanto fulgias!

Schiller condão possuir soberano  
De harmonizar com a Philosophia  
Quanto n'alma sentia,  
A concepção poetica, sublime,  
Com que aos seus vultos tragicos imprime  
O typo universal do sér humano!

Como da Italia os immortaes Artistas  
Se elevaram do Bello ás emoções,  
Fugindo ás crúas e ominosas vistas  
Da Patria desolada,  
Submettida, calcada  
Por estrangeiras hostes e nações;

Tal na corte de Weimar nos unia  
O laço que pela Arte fortifica  
O espirito cansado;  
Na leitura que bom refugio havia,  
Explorando essa mina immensa e rica  
De obras imperecíveis do passado!

A *Iphigenia*, a *Phedra*, a *Sacuntala*,  
*Julietta*, maravilhas das edades,  
Não nos deixavam conhecer os danos,  
Nem as barbaridades  
Da Guerra dos Sete annos,  
Que o Povo com o terror da fome abala!

Herder nos ensinava a ouvir attentos  
A íntima e sublime Voz das Gentes,  
Os Cantos nacionaes;  
A viva Tradição dos Monumentos,  
Alma da Antiguidade!  
Os gritos eloquentes,  
Acclamações e ais  
Que formam o Épos da Humanidade.

Comprehendo a phantastica magia  
 Como outr'ora Pythagoras absorto  
 Escutava a harmonia das espheras!  
 Deliciosas chimeras  
 Passaram como nuvem fugidia,  
 Schiller, Schiller é morto.

Extinguem-se os Espíritos brilhantes  
 Como a lampada no sopro da rajada!  
 As optimistas concepções que eu d'antes  
 Expunha em minhas fallas  
 Vem a morte de Schiller perturbal-as,  
 Volvem todas ao nada.

*(Cahido em uma concentração sombria.)*

Que séculos não leva a Natureza  
 Elementos organicos reunindo,  
 Na criação individual de um genio!  
 Depois, imprevidente, exposto o deixa  
 Às mesmas condições do vulgo ignaro  
 Que ao cadiño da sepultura arroja!  
 Quem comprehenderá o estatuario  
 Que, apoz ter desbastado o informe bloco,  
 Em vez de lhe esculpir no sóco, altivo  
 A divisa — *Perfeci monumentum!*  
 Lhe bate ás cegas, loucas martelladas  
 E espalha em terra, em torno, os estilhaços?  
 Ao menos, fôra logico o absurdo,  
 Se deixasse de vez martello e escôpro,  
 Desalentado para sempre o Artista  
 Por não vêr a expressão do Ideal que sente;  
 Mas começar de novo?... Andar criando

Novas capacidades para a idéia,  
 Formar os delicados organismos  
 Onde vibrar a emoção do sentimento,  
 Para impôr à razão por fim o absurdo,  
 E dar ao sentimento a dôr, a angustia  
 Da dilaceração irremediável.  
 Vendo morrer o sér que nos é caro!  
 Sentiu o mundo antigo o desconcerto,  
 E descreu, quando Job em o monturo  
 Maldisse a hora azaiga em que nascera.  
 A Morte é o Mal! Como vencer a morte?  
 O problema do Mal paira insolível,  
 Supplantando o espirito que pensa.  
 Merck! Eu bem desejará n'este instante  
 Por ti, inda uma vez, ser suggerido,  
 Libertar-me de apprehensões sombrias  
 A que a morte de Schiller me arremessa.

## MERCK, apparecendo:

Junto a ti tens-me sempre! embora, hoje,  
 Mais não seja que ammonical residuo  
 Que entra na formação do humus secundo  
 D'onde flor bröte, ou herba sem apropço,  
 Até que em construcção de outro organismo  
 Volva á consciencia alsim, a dôr sentindo.  
 Esta visão que obtive do universo  
 Das vãs miragens do Ideal despido,  
 Commigo não morreu, n'ella subsisto.  
 Junto a ti tens-me sempre em pensamento  
 Na vibração das cellulæ do cerebro  
 Que fazem cogitar n'um mesmo acordo.  
 A Duvida fórmula que te opprime.

## O POETA:

A affectividade eleva o homem  
 Ao ponto da dedicação altruísta ;  
 E pelo sofrimento a que obedece  
 Transforma o sexual Amor no abraço  
 Da universal solidariedade  
 Humana e pura da Philantropia !  
 Como, pois, a Razão e o Sentimento  
 Concilia-los com a Actividade,  
 Se prepondera o contingente, o instável,  
 O Mal, a Morte em tragicos aspectos ?

## MERCER:

Em vão buscas o pacto contra a morte ;  
 Hade comtudo um dia ser vencida.  
 Quando indeciso em vago theurgismo  
 Andavas, deu-te a *Viagem da Suissa*  
 A saúde moral; o ar das montanhas  
 Pela contemplação vasta, na mente  
 O genio científico desperte.  
 Da alegre edade no deslumbramento  
 Aggravado por sexuaes impulsos,  
 Ao golfo de amorosas aventuras  
 Ia-te a vida esteril, foste salvo  
 Tornando a emoção consciente na Arte :  
 Emprehendeste a *Viagem da Italia*.  
 Lá penetraste o Bello, como a Grecia  
 O realisara outr' ora, e d'essa altura  
 Attingiste a expressão serena e grande  
 Do universal Amor — Philanthropia.  
 Este seculo entrou no paroxismo,  
 É de demolição toda a sua obra ;  
 Não condemnemos a missão terrivel.

Cheg o Poder espiritual da Egreja,  
 E baqueta no pó das cousas mortas  
 O Poder temporal das Realezas.  
 No meio d'este caihos apparente  
 Onde se estão abrindo os alicerces  
 Para a Cidade do Porvir, formada  
 Das Patrias todas, olha o horisonte,  
 Contempla o alvor da nova aurora — a França !

## O POETA :

Vendo a demolição do velho mundo  
 Comprehendo que o mal presente é crise  
 De transição para o anciado estado  
 Para onde ha tanto a Humanidade avança.  
 Qual será, pois, a forma provindoura  
 Que no accordo do Sentimento e Ideia  
 Dá á Acção o seu maximo relévo  
 Como a expressão do Bem sem recompensa ?

## MERCK :

O espírito meu é negativo,  
 Sempre impotente em constructivo plano.  
 Para a revelação da dignidade  
 Do Homem interior, com segurança  
 Apontei-te de Schiller a amisade.  
 Na aspiração da Synthesis consciente  
 Que à unanimidade o Homem guie,  
 (Tudo indica que esta órbita encetamos)  
 Busca Herder ! A obra está traçada.  
 Temporaria cegueira obriga o sabio  
 À escuridão apathica de um quarto.  
 Ele está só e triste; vae, consola-o  
 Em quanto a luz exterior lhe falta.

Os objectos palpaveis não distriem  
 O seu olhar profundo ; a Phantasia  
 Vôa e desvenda todas as Edades.  
 Vac, da morte de Schiller tu lhe falla.

O POETA, entrando no aposento escuro de  
*Herder*:

Ha n'esta silenciosa obscuridade  
 Irradiações do espirito que pensa . . .

HERDER:

E que soffre uma condenação longa  
 A quietismo imbecil. Abraço o Poeta,  
 E duplamente, pois te abraço como  
 Depositario da amisade santa  
 Do immortal e incomparavel Schiller !

O POETA :

Se a Natureza obedecesse a um plano,  
 Não existiam, certo, estes absurdos :  
 Vér-se a organisação alta, perfeita,  
 Mais lucida e fecunda, decomposta  
 Pelo fermento pútrido da febre . . .

HERDER :

Oh Poeta ! o individuo só existe  
 Na Naturcza physica ; ella o toma,  
 Como seu o transforma e elabora ;

É só isso o que morre. Em sociedade,  
 O individuo é orgão de um conjunto ;  
 Cada um coopera n'essa obra,  
 E embora caia exausto na jornada  
 Pela vereda ascensional da Historia,  
 O que ha de imperecivel em sua alma  
 Não mais se perde, e fica constituindo  
 Depósitos de força, de energia,  
 Que a Humanidade para diante impellem !  
 Vê como o sér moral venceu a morte !  
 Para nós vive ainda o grande Schiller,  
 E para sempre viverá ; morrendo,  
 Na Humanidade eterna se incorpora.  
 Que a Humanidade seja o objectivo  
 Dos nobres sentimentos, longo tempo  
 Na adoração estulta viciados,  
 Nas doutrinas da vida contingente  
 Pelos dogmas das mortas theologias.  
 Dirija a Acção a Confraternidade  
 Tal como a presentiram generosos  
 Rousseau, Kant, o Abbade de Sam Pedro,  
 E Lessing ! Seja este o Dogma novo,  
 D'onde o regimén do suave culto.  
 Pelo nome de Deus o Padre impéra,  
 Das Armas pela força os Reis impõem-se ;  
 D'entre estas duas mós, que pulverisam  
 O humano sér, — um grânulo se escapa,  
 Germen fecundo — o Individualismo !  
 Elle irrompeu anarchico em revolta,  
 Vem dos Paizes-Baixos, da Hollanda,  
 De Inglaterra e da America ; eil-o agora  
 Derrubando a Bastilha, e faz que role  
 Sobre o farelo uma cabeça régia.  
 Se ao Individualismo cabe o triumpho,  
 Recua a Humanidade ao odio antigo.

É provisório o triumpho, e necessário...  
 Vem como uma caudal impetuosa  
 Desobstruir o territorio, aonde,  
 Em vez do Pantheon das ficções mortas,  
 Do Porvir se ergue a universal Cidade,  
 Erecta pela união das Patrias todas.

## O POETA:

O individualismo é liberdade!  
 Não é o rei da criação o homem?

## HERDER:

Julgou-se a Terra centro do universo,  
 E para a illuminar o Sol creado!  
 O geocentrico erro destruído  
 Pela observação, lento se apaga;  
 A Fé cedera o passo ante a evidencia,  
 E Galileo proclama: *E pur si muove!*  
 Ficou de pé ainda esse outro erro,  
 Ficção, em que soberbo se imagina  
 Acima das leis physicas o homem,  
 Do seu mundo moral no isolamento.  
 Hoje, oh Poeta! cõe-lhe o régio manto.  
 Vê, do lado da França: este problema  
 Ardentemente se debate; luctam  
 Protentosos athletas das ideias.

## O POETA, a sua metà de estudo:

É tempo agora de eu evocar Wagner,  
 O Espírito das Academias,  
 De uma Scienzia espessa e fragmentada.  
 Vem, pois, e dize-me em que altura a esta hora  
 O debate se encontra? Mas, quem vence?  
 A Scienzia analytica e concreta,  
 Ou a Synthese nova? Hora solemne.  
 É na criação o Homem isolado,  
 Ou élo terminal da série viva?

## WAGNER:

Quando a luz está prestes a extinguir-se,  
 Ao crepitar com mais clarão se expande.  
 N'um genio superior hoje se encontra  
 O meu concreto espirito; brilhante,  
 Que perstigio auctoritário exerce  
 Cuvier! de officiaes honras coberto!  
 Contra elle, ou melhor, contra mim luctam  
 Lamarck, posto já fóra do campo,  
 Geoffroy Saint Hilaire... O velho mundo  
 Das convenções, salvando as velhas causas  
 Fortifica Cuvier, dando-lhe as honras,  
 Fal-o seu Senador; e elle, temendo  
 A catastrophe do estatuido,  
 Sustenta com ardor, que os typos, formas  
 Dos variados organismos surgem  
 De cataclysmos mil da Natureza...

*Desaparece pela entrada de um AMIGO, com espanto:*

Não chegou cá a grande novidade?

## O POETA :

Tanto o acontecimento me interessa !  
 Situação de incerteza ... Está pendente  
 O futuro das concepções humanas.  
 Que mais alegre nova do que a queda  
 Da velha anthropocentrica theoria !  
 Saint Hilaire lhe deu golpe de morte.

## O AMIGO :

Não alludo à questão do Instituto.  
 De Carlos Dez o throno está em terra !

## O POETA, recostando-se com dignidade :

Roupa suja de egoistas Dynastias,  
 O que vale isso ! Eu lembro-me de Erasmo,  
 Quando ao fallar das luctas doutrinárias  
 Da Reforma, sorria indiferente  
 No desdem soberano do bom senso  
 D'essas birras de sacrifício acerbos !  
 Amo do velho mestre as ironias.  
 Para mim a demolição de um throno  
 Reduz-se a vãs questões de camarilha :  
 Cáem abjectos, erguem-se intrigantes.  
 Mas, a victoria das idéias justas,  
 Determinismo dos humanos actos,  
 Funda no Bem o seu normal carácter.

---

*Dias depois e sentia placidamente  
na sua poltrona:*

A imaginação quando se exerce  
Chega a dar às imagens um relevo  
De realidade! Eu sinto esvaecer-se  
A visão dos objectos, mas percebo  
Destacarem-se vultos  
D'entre um nimbo glorioso meio ocultos.

Esses vultos, da intelligencia pasma,  
Que orientam o moderno pensamento,  
Ah, como se destacam n'um momento...  
Com santo entusiasmo  
Caminham para mim: Já se distingue  
Buffon e Daubenton, Cuvier, Lamarck;  
Vem Saint Hilaire, Camper, Semering,  
Quanto a Sciencia abarque.

Os excelsos Titans n'um côro unido  
Vem afirmar-me entre esta sombra escura  
O criterio objectivo, luz segura,  
Na anthropocentrica illusão perdido!  
Visão nitida e alta,  
Que a intelligencia afasta do tropeço...  
Offusca-se a visão... eu desfalleço,  
*Mais luz! mais luz! mais luz!* a voz me falta.

MERCK, dedicando-se d'entre o círculo dos  
sabios:

Mais luz ! Mais luz ! essa a necessidade  
Da grande edade iniciada agora !  
Vem, oh Poeta, entre os génios da Scienza  
Em communhão de espírito contigo  
Compete-te um logar glorioso ! ascende,  
Do progresso na continuidade  
Não mais se esquece o nome teu, o nome  
Que entre a Imaginação e Rasão fixa  
As relações da intima harmonia.  
Tu corrigiste a doentia amnesia  
Que sofreu tantos séculos o homem !  
Ascende, oh Goethe, á vida subjectiva.  
D'aquellos pensadores que os problemas  
Da Verdade, do Amor, do Bem sondaram ;  
Por que essas fórmas da unidade humana  
Da mente e acção, do afecto, que sentiste,  
Na propria perfeição as realizaste  
Do homem normal a que a especie tende.  
Fausto ! o Elixir que os Sabios procuravam  
Para ampliarem da existencia o curso,  
Essa Fonte da Vida, presentida,  
Que os Heroes demandavam sequiosos ;  
Ficando contra a morte invulneraveis,  
Tornaste real, chegando á eterna Fonte  
Quando em tua alma o sentimento vibra  
Da Humanidade, de que és orgão puro.

## III

## STRUGGLE FOR LIFE

(POEMA)

o que é a guerra, destruição, desmoronamento no mundo real, aparece no mundo ideal sob a fisionomia de aliança, de paz, de unidade eterna...

QUINET, Obr. 1, p. 15.

## CANTO I

**Barbara Carmina**

Napoleão avançando sobre o Rheno,  
Intenta subjugar toda a Allemanha  
N'uma final campanha !

N'uma marcha veloz, como um aceno,  
Irresistível, de impetos titânicos,  
Já desnorteia os príncepes germanicos.

Consegue o audaz córso  
Trez vitórias terríficas, damninhas :  
Lutzen, Bautzen e Würschen ; n'esse esforço  
Alcançou da estratégia as fortes linhas.

Pela ambição e vãs rivalidades  
Dos príncepes, já nada se consegue ;  
Para a defesa o Povo se congregue  
Ante as hostilidades !

Torna-se a guerra um santo entusiasmo,  
 A exaltação da alma popular !  
 À defesa da Patria e do seu lar,  
 Com assombro e com pasmo,  
 Velhos e novos tudo ás armas corre,  
 Na emoção espontânea  
 Com que affronta o combate  
 E com que alegre morre,  
 Vindicando o resgate  
 Do solo da Germania !

Dias terríveis, mãos, de sofrimento,  
 De miseria, de luto, mas de gloria !  
 Leipzig ! é na Historia  
 Alto grito de guerra, no momento  
 Em que estão rancorosos, frente a frente  
 Em combates pegados  
 Trez dias n'um destroço permanente  
 Para mais de quinhentos mil soldados !

Quem vencerá na indomita referta ?  
 Ganhará o Invasor mais gloria e fama ?  
 Ou o Povo que o sangue seu derrama  
 No solo da Germania, que liberta ?  
 Cincoenta mil franceses  
 Sobre a terra estrangeira estão prostrados ;  
 Outenta mil dos bravos colligados  
 Jazem cahidos nos lethões revezes.

Quem venceu n'esse horrendo e atroz conflito  
 De disputada gloria ?  
 Leipzig é o grito  
 Com que o estrangeiro arroja-se á victoria !

Do Invasor o exercito retira  
 Por Erfurt e por Fulda até ao Rheno,  
 Por aldeias desertas atravessa;  
 Já o typho e a fome  
 A soldadesca pâvida consome!  
 Napoleão não confessa  
 Que fica mais pequeno  
 Agora o seu renome.

O grito de Leipzig  
 Para a Allemanha eternamente fique  
 O eco da — Batalha das Nações!  
 Alevantam-se, até agora inultos  
 Dos Niebelungens os heróicos vultos  
 Para saudar as novas gerações!

Nesta Batalha das Nações, tamanha,  
 Transe mortal da França ou da Allemanha,  
 Quem o futuro antolha?

De um velho pergaminho em solta folha  
 Achou-se em Fulda o Canto do duello  
 De um pae e o filho, que o não conhece,  
 Lucta de morte em bruto desatino!

Nesse cantico bello  
 Dos dois Povos bem claro transparece  
 O terrivel destino:

#### Hildebrand e Hadebrand

(VERSO SEGURO O PERGAMINHO DE FULDA)

Ouvi contar que outr'ora em temeroso trilho  
 Hildebrand e Hadebrand, em frente pae e filho,  
 Docaram-se à lucta em combate de morte!  
 Então os dois heroes, qual d'elles o mais forte,

Posto o cinto guerreiro, arrancaram da espada,  
 Arremettem: taes vão corceis à desfilada.  
 Hildebrand, o pae, falla a seu filho Hadebrand,  
 Com um tom de nobreza e de prudencia grande;  
 Pergunta ao líder breve:

Quem seu pae era?  
 A raça de que vem? familia em que nascera?  
 \* Se me disseres tudo, esta cota offereço  
 Teclida a fios trez. De prompto eu reconheço  
 Qualquer grey ou nação. \*

Hadebrand não se aterra;  
 Responde: — Homens anciãos, que ouvi em minha terra,  
 Já todos mortos hoje, em tempo me contaram  
 Que de Hildebrand, meu pae, os dias se acabaram.  
 Meu nome é Hadebrand. Bem sei que elle outr'ora  
 Para as bandas de leste homiziado fôra,  
 Fugindo de Odoacro à sanha, ao odio inico;  
 Que esteve entre os heroes que cercam Theodorico.  
 Deixou seu ermo lar, tambem a esposa cara,  
 Um filho ainda pequeno, entre anciãos desampara  
 Mesmo as armas que estão privadas do seu braço.  
 Para as bandas de leste avanca em firme passo.  
 E quando a Theodorico a sorte loi adversa,  
 Sem ter mais junto a si quem a amizade exerce,  
 Meu pae não quiz ficar ao serviço de Odoacro.  
 Entre guerreiros era exemplo e simulacro;  
 Como intrepido heróe, seguia sempre à frente  
 Do exercito; elle amava a batalha fremente,  
 E muito mais a morte antes que ser cativo;  
 Mas eu não creio que elle ainda esteja vivo. —

\* Senhor dos Céos! (exclama Hildebrand assombrado)  
 Não permittaes que seja o combate travado  
 Entre os homens em quem o mesmo sangue gira! \*

Um bracelete de ouro ali do braço tira,  
Que dos Hunnos o rei lhe dera:

« Toma-o, filho,

Por brinde o offereço! »

— A aceitar não me humilho!

(Hadebrand devolveu com a resposta prompta)

Com a lança na mão, e contra o peito a ponta,

Desses presentes toas é que eu me sinto digno!

Oh velho hunno, tu és companheiro maligno.

Ardilosso espião, com a assavel palavra.

Tu queres-me enganar! Verás quanto escalavra

Minha lança, que em breve a esse chão te atira.

Pois como o velho sabe armar tanta mentira!

Anciões, que pelo mar navegaram dos Vedes,

Contaram de um combate em que foi morto, entendes,

Hildebrand, esse que era de Herebrand o filho. —

Torna Hildebrand, o que era o filho de Herebrand:

\* Não ha nenhum poder que o meu fadado abrande;

Longe da minha terra andei errante, ás feras,

Sessenta invernos, sim, sem breves primaveras.

Na frente me encontrei dos sangrentos combates,

Sempre audaz não soffri a abjeccão dos resgates.

E agora, um filho, aqui, sem o saber, tal acho,

Com sua espada quer talhar-lhe de alto a baixo!

Que transe! Ou me derrube o montante ferino,

Talvez peior, contra elle eu seja o assassino!

Mancebo! pôde ser acaso que o teu braço

Te sirva com audácia, e firme no teu passo

A este homem leal desarmes com arrojo,

E que morto, depois lhe arranques o despojo.

Procede então assim, se vés que é teu direito.

Entre os homens de leste hade ser de vil peito

Aquelle que no combate em que audaz te empenhaste

Oppuzer um pretexto ou razão que te afaste.

Companheiros! que olhaes a pugna como heroes,  
 Corajosos julgæ entre nós qual dos dois  
 Hoje aqui brandirã lançadas mais seguras,  
 E quem se hade arreiar com duas armaduras. »

Logo as lanças em riste, e em dura arremettida  
 Se enterram nos broqueis. Abarcam-se em seguida,  
 Deixam em terra, presto, as lanças como atrancos.  
 Das clavas sêam já sobre os escudos brancos  
 As pedras... armadura onde ha que não destrua  
 Golpe tal? Mas nenhum dos dois bravos recúa...

\* \* \* \* \*

A folha solta nada mais encerra;  
 D'esse combate quem conhece a sorte?  
 Qual d'esses dois venceu?  
 Matou ao pae acaso o filho em guerra?  
 Ou aos golpes do pae seguro e forte  
 Caiu o filho seu?

Como os bravos heroes  
 Hildebrand e o filho Had-brand, sois  
 Vós, Alemanha e França,  
 Em guerra de extermínio e de vingança!  
 A consciencia dos Povos interpreta  
 A Poesia em profundas intuições:  
 Da Cantilena essa apagada letra  
 Convida á alliança  
 De um mesmo sangue a ambas as Nações.

—

Não é passado um seculo ; — de novo  
 Nas fronteiras do Rheno,  
 Eis um e outro Povo ;  
 Dos velhos odios chama-os crú aceno !  
 Cada um a destruição do outro jura.  
 Soberba a França lucta  
 Confiada, segura  
 Com vaidoso despeito.  
 Eis de prompto a Allemanha ás armas chama  
 Um milhão de homens ! Pela força bruta,  
 E depois em Sédan, no sangue e lama  
 Triumphantemente proclama :  
 « Cede á Força o Direito. »

Sombra feral como mortalha empana  
 O seculo, em que a consciencia avança !  
 Foi derrotada a França ...  
 O que será da liberdade humana ?

## CANTO II

**Consciencia intemerata**

Sentem os Poetas a alma das Nações,  
 Dão-lhe expressão e voz  
 Em eternas Canções,

Quando immersas em cataclysmo atroz,  
 Caladas no martyrio  
 Que a força bruta impoz ;

Ou quando dos triumphos no delirio  
 Dos immortaes eventos,  
 Dos fundos sentimentos

Brota espontaneo o immarcescivel lirio,  
 A flor casta de ingenuas multidões,  
 Nas grandes tradições ...

Sentem os Poetas a alma das Nações !

Solitario, como o ancião de Pátmos  
 Que do Mestre o regresso aguarda crente  
 Para implantar o Reino Millenario,  
 Tal de Jersey na ilha vive o Poeta !  
 Vivo protesto permanente e firme  
 Contra o Crime coroado ! Representa  
 A consciencia da França Victor Hugo,  
 A incorruptivel fibra ! Em quanto o Imperio  
 Na triumphante liga de bandidos  
 Mascarava a traição e os latrocínios  
 Com as pompas da cynica grandeza  
 De uma corte devassa, mas estulta,  
 O Poeta, o Poeta, longe, em seu desterro  
 Esperou pela aurora da Justiça !

Lei tremenda da historia : Sempre em sangue  
 Revive a Liberdade !

O Poeta espera.  
 Correm felizes para o Crime os annos ;  
 Reina a Moral dos factos consummados.  
 Quem condenna a traição se ella é gloriosa ?

A pouco e pouco as almas se submettem,  
Transigem com a infamia.

Unico, o Poeta  
Na harmonia da lei moral confia ;  
Elle aguarda a catastrophe imprevista,  
Intemperato no insular exilio !

Rompe entre a França e Allemanha a guerra ;  
Hildebrand e Hadebrand acham-se em frente,  
N'um duello de raça a todo o transe !  
Qual dos dois Povos vencerá ? Contempla  
Mudo o Poeta a criminosa lucta  
Que a grandeza do seculo amesquinha :  
Hildebrand, no furor derruba em terra  
Hadebrand que o provocou na insanía,  
Aos pés lhe calca o mutilado corpo,  
O pacifico lar sedento invade,  
Rijo o abarca em apertado céroo.

Ao vér Paris rendido, o Poeta sente  
Eccor dentro d'alma o som que outr'ora  
Da trombeta Olifant Roland tirára  
Com desespero, nos desfiladeiros  
De Roncesvalles, vendo-se esmagado  
Pelos calhios rólados dos Cantabros ...  
Hoje o numero bruto esmaga a França.

Ferido o Poeta no íntimo do affecto,  
Vendo os dois irmãos de armas n'um combate  
Desegual, sem heroísmo, triste exclama :

— Não descri da Justiça nos vinte annos  
 Do admirado e consagrado Crime ;  
 Confio n'ella ainda, ante os triumphos  
 Com que o numero bruto a França esmaga !  
 Com maior segurança, do que em Pátmos  
 O solitario apostolo, eu espero  
 Não remota a victoria da Consciencia.—

Ao ruir por terra o ominoso Imperio  
 Que chamou a invasão, sae do desterro  
 O Poeta apoz ; para Paris caminha ;  
 As angustias do cerco não o affrontam,  
 Nem os brutos delírios da anarchia !  
 Vem a terra a Columna de Vendome ;  
 De Napoleão a lenda synthetisa,  
 Da Orgia militar. O Poeta brada :

— Não foi ferida a França mortalmente !  
 Palpita-lhe a consciencia da Justiça ;  
 Volta a si, comprehendendo o seu destino. —

---

O velho Rei da Prussia, no odio herdado,  
 Em Versalhes Imperador se acclama  
 Da Allemanha feudal; põe na cabeça  
 A Coroa de ferro, e crê na mente  
 Que faz recuar um seculo que é livre  
 A noite medieval das prepotencias.

A voz do Poeta é um candente estigma :

## Pyramides da Morte

No seu orgulho o Imperador pergunta :  
 • Quem são no mundo os maximos guerreiros,  
 Que cimentaram pela audacia e força  
 Dominio vasto ?

Que deixaram de sanguem um maior rasto ?  
 Que hoje ainda nas paginas da historia  
 Lançam sombra mortal, nuvem de estragos  
 Que espanta e aterra ? \*

— D'esses que derramaram sobre a terra  
 Mais sangue, levantaram-se audaciosos  
 Logo Alexandre, Cesar, Carlos Magno,  
 Napoleão !

De gélida e feral desolação  
 Similhavam no arrojo os quatro ventos,  
 Que revolveram a floresta humana  
 N'um vórtice átro.

Interrogados todos esses quatro :  
 — • Para que eram carnificinas tantas ?  
 Que sonho de ambição os torna horrendos  
 Mais do que as pestes ? —

Respondeu Alexandre altivo, prestes :  
 • É bem que a guerra os povos aproxime,  
 Esse o meu ideal grande e sublime,  
 Inclita empreza !

Avassallar da terra a redondeza,  
 Alfim tornar-me o universal monarcha  
 Que do Occidente ao Oriente abarca  
 Rispido sceptro ! »

De Cesar falla o temeroso espectro :  
 « Quiz o meu jugo impôr, missão tamanha,  
 Por sobre Africa, Iberia e a Bretanha,  
 Barbara Gallia,

Depois de ter escravizado a Italia  
 Abafando a romana liberdade ;  
 À lei dei-lhe do Imperio a unidade,  
 Arbitro sendo. »

Carlos Magno a seu turno a fronte erguendo :  
 « Se um vasto Imperio ergui de mim em roda,  
 Dei estabilidade à Europa toda ;  
 Susti-lhe ao Norte

Dos Germanos a assoladora cohorte ;  
 Às tribus Agarenas que o Occidente  
 Atacaram com destruidora enchente  
 Cavo-lhe o abysso.

Imponho uma só Fé, no Christianismo ;  
 Confundindo a Lei franka e a romana ;  
 Debalde ! a estirpe que de mim dimana  
 Mancha-me o throno ! »

Napoleão falou com mais entono:  
 « Contra as Nações da Europa com pujança,  
 Precipitei a destemida França,  
 Horrida lucta !

A tradição sublime, ininterrupta  
 Da occidental Confraternidade  
 Quebrei, tornando odiosa a Liberdade,  
 Lúcida palma,

Que da Revolução foi luz e alma,  
 Confundindo-a com a torpe ambição minha !  
 Ter nascido mais cedo me convinha :  
 Suplice ante a ara,

Prostrado o povo um culto me prestaria ;  
 Como Alexandre um Deus por pae teria ,  
 Como Cesar por nume ficaria  
 Unico, raro ! \*

A voz dos tempos solta um grito claro,  
 Formado pelos lamentosos êstos  
 Dos que na angustia ergueram vãos protestos,  
 Víctimas tristes :

« Ide, reprobos vis ! Pois que espargisteis  
 O sangue, amedrontando a humanidade !  
 Fosteis um vento de esterilidade,  
 Mórbido vento . . .

Da impotência da força o documento.

E tu estulto velho cachético,  
 Que ao terminar o activo seculo,  
     Que á Paz fraterna aspira,  
     Precipitas catastrophes;

Entre as nações um abysmo insólito  
 Abres; não o enchem tantos cadaveres!  
     Coroa imperial cinges  
     Sem ter remorso no animo?

A podridão e o cancro tábido  
 Mina-te a raça ambiciosa, indómita,  
     Da Historia no esterquilinio  
     Ficas em espectaculo!»

---

Como as altas Pyramides do Egypto  
 Tornaram-se o funéreo monumento  
     Da exticta Theocracia;  
     Assim sereis um dia

Na terra o eterno, o repugnante emblema  
 Que lembrará a Edade das violencias,  
     Do sangue e hostilidade,  
     Que affronta a Humanidade.

Do militar regimen decahido  
 Vós, monstros, entre todos sois o assombro,  
 Sois, na sangrenta cohorte,  
 Pyramides da Morte !

*Regresso de um Soldado alemão, terminada a Campanha:*

Elegia

Não me sinto capaz,  
 Com coragem bastante  
 Para erguer um punhal  
 Contra o meu semelhante !  
 Que ideia ou poder faz  
 Que ao praticar o mal  
 Me julgue triumphante ?  
 Que em meu lar me conforte,  
 Tendo eu com mãos sangrentas  
 Em batalhas violentas  
 Dado a tantos a morte ?

Não me sinto capaz,  
 Nem de animo daninho  
 De assaltar um vizinho,  
 Pôr fogo à sua casa !  
 E, contudo, eu audaz  
 Lancei bomba que abraça  
 A opulenta cidade  
 Que a minha marcha invade  
 E que a minha mão pilha,  
 Sem remorso nem nojo  
 Do soberbo despojo  
 Em que entrei na partilha !

Atroz contradicção  
 Entre o meu sentimento  
 E a gloriosa acção !  
 Mas diz-me o pensamento  
 Que a frio não delira :  
 É infernal mentira  
 Dos que usam o poder  
 Ensinar, fazer crer  
 Com íntimo cynismo,  
 Do amor da Patria o arrobo  
 Converte o incendio e o roubo  
 Em virtude e heroísmo.

Arranque-se da Historia  
 Toda a pagina infame  
 Ondeinda se proclame  
 A guerra como gloria.  
 É só digna de amor  
 A Patria, quando fór  
 Em sua actividade  
 Como um primeiro albor  
 Do ideal da Humanidade !

## CANTO III

## O Tribunal das Nações

Quando Hadebrand estava supplantado  
 Debaixo de Hildebrand, que aos pés o calça,  
 Quasi a estrangulal-o, olhou em roda  
 O rival destemido, interrogando  
 Quantos o viram combater com garbo ...  
 Tal a Prussia ás Nações que consentiram  
 Na lucta, que é do seculo a vergonha !

Vencedora, pergunta a cada uma  
 Qual a sorte da França derrotada,  
 Subjugada, impotente?

Responderam:

A AUSTRIA:

Depois da atroz campanha,  
 Que seja a França agora desmembrada!  
 Quando o Imperio meu por sobre a Hespanha  
     Se estendia, e Italia,  
 Deu direitos, que a mim ficaram menos.  
     Aos Estados pequenos  
     Pela Paz de Westphalia!

A RUSSIA:

A França deu-me a luz que inda fulgura  
 Dos philosophos seus, toda a cultura  
     De um desvelado mestre!  
     E essa Estatua equestre  
     Que a Arte tanto admira!  
 Caiu a França, desmembre-se na lucta,  
     Por que assim me não fira  
 Minha norma autocratica, absoluta.

A INGLATERRA:

Lançou a França a luz da intelligencia  
     Sobre as almas saxonias,  
 Deu-nos as bases da sociedade!  
 Mas, sugerindo o ideal da Liberdade  
     Eu perdi as Colonias  
     Da florescente America!

Desmembrem-n'a ! Pois nunca foi chimerica  
 A prática Inglaterra :  
 Com tanto que eu encontre ocasiões  
 De vender balas, polvora, canhões,  
 Os apréstos da guerra.

## A ITALIA :

Pelos seus trovadores  
 A França revelara-me a Poesia !  
 E como outr'ora ia  
 Nas Cruzadas, de mysticos ardores  
 Resgatar o Sepulchro de Solyma,  
 A santa e ideal Cidade,  
 Hoje, o seu sangue rega, alenta, anima  
 A flor da italiana liberdade !  
 Só depois de Magenta e Solferino  
 Eu resurgi á vida de nação !  
 Que se retalhe a França ! Eu a elimino,  
 Testemunha da abjecta ingratidão.

## A HESPAÑIA :

Não me é indiferente  
 Que a França caiá exhausta ante o verdugo ;  
 Por ella Portugal sacode o jugo  
 De Philippe o Prudente.  
 Do meu seio arrancou o cancro a ferro  
 Da Santa Inquisição ;  
 Que a França expie da Liberdade o erro  
 Com desdouro e baldão.

Attenta escuta a Prussia o pensamento  
Da Pentarchia das Nações ; triumphante,  
Com orgulho feroz e egoista, falla :

« O reino meu deriva  
De uma compra a dinheiro de contado ;  
Por isso o meu ideal heroico, ousado  
No dinheiro resume a empreza altiva !  
Para saciar o odio que devasta  
Duas provincias basta,  
Sem mais desmembrações ;  
Em vez do inutil sangue,  
Mas só para que fique a França exangue  
Quero cinco milhares de milhões ! »

Conta a França o dinheiro do resgate  
Como o viandante ao salteador ! Liberto  
Por papel financeiro o territorio,  
Ficou lavada a mancha da derrota ;  
Foi um jogo, em que os dados carregaram  
Pelo pezo numerico a um lado.  
Onde a gloria ? No que pagou com honra !  
Quem mais força e poder agora ostenta ?  
É a Devastação ou o Trabalho ?

O Poeta que representou a França  
Na consciencia impolluta do protesto,  
Quando vergara ante o coroado Crime,  
Ao vél-a erguer-se livre, nobre, activa,  
Reorganisada pela Liberdade,  
Como o homericoo Aédo, solta um canto  
Como o que a Grecia inteira ao triumpho leva ...

— A legitima ação do homem illustre-a  
 Productivo trabalho !  
 Que a França agora chame  
 Para um magno Certâme  
 De labor intensissimo da Industria  
 Quantos prezam a Espada mais que o malho !

Seja a festa da Confraternidade,  
 A viva tradição  
 Com que a Revolução  
 Tornou Paris a universal Cidade !  
 Renunciando ás emprezas de conquista,  
 A França pela festa jámais vista  
 Abdica a militar actividade. —

---

Chamou então a França as Nações todas  
 Á arena deslumbrante do trabalho !  
 Que vigor, que esplendor ! Magnificencia  
 Das Industrias, das Artes ; maravilhas  
 Pelo sonho da vida concebidas,  
 Pela implicita ideia da concordia.  
 Não aceita a Allemanha o repto ; á lide  
 Exime-se, impotente.

E quando a França  
 No convívio dos Povos do Occidente  
 O supremo logar reassume, em paga  
 De ter servido o ideal da Humanidade,  
 Ao seu encontro vem as Patrias bellas  
 Para offertar-lhe o Pômo da Concordia,  
 Como á que mais cumpriu o alto destino :

## ATHENAS :

Das cidades a lucta em toda a parte  
 Da cohesão nacional me priva ;  
     Pelas creações da Arte  
 Fiz a unidade — a synthese affectiva !  
     Continuas a Grecia,  
     Doce e amada Lutecia !

## ROMA :

Aproximei os Povos  
 Dando-lhe a unidade de uma Lei !  
     Fui n'isto o Povo-rei ;  
 Vós, modernas nações, sois meus renovos ;  
 Propagando a política Egualdade,  
     À França a gloria da continuidade !

## FLORENÇA :

Quando a Italia se achava desmembrada,  
 Quiz continuar essa missão de Athenas ;  
     Dei a todas as penas  
 Uma linguagem pura, consagrada  
     Pela poesia e canto.  
 Uniu a Italia um vínculo tão santo !  
 Bem haja a França ! À Nacionalidade,  
     O infíndo sonho, deu realidade.

## PORTUGAL :

Em vez de ser o homem do homem lobo,  
     Dei a volta do globo,  
 Transpuz do Atlântico a immensidão !  
     Para as luctas eternas  
 Abri ás Civilisações hodiernas  
     Novo campo de acção.

Saudarei a França,  
No destino pacífico em que avança,  
Chama os povos da terra a nova aliança.

## A HOLLANDA:

Quando impetava a crença tenebrosa  
Com selvagem violencia,  
No meio d'esse esplamo,  
Azylo à Liberdade de Consciencia  
Prestei a Spinoza,  
A Descartes, a Erasmo.  
Se não consagrarei n'este momento  
A França ! Libertaste o Pensamento.

=

A quem compete da Concordia o Pômo,  
Esse vago phanal  
Que de edade em edade  
N'um resplendente assôomo  
Conduz a Humanidade  
Para uma éra normal ?

## A AMERICA:

Quando luctava pela Liberdade,  
A França deu-me apoio e amizade,  
Paladino de quanto é justo e bom !  
Por isso Jefferson,  
Proclamou : *Tem todo o homem duas Patrias,*  
*Aquella onde nasceu e foi criança,*  
*E em seguida a França.*  
A ambas idolatre-as.  
Através do azar bruto da violencia  
Tem sempre a França o imperio da consciencia.

Contra aquella moral supremacia,  
 Férida em seu orgulhoinda a Allemanha  
 Protesta pela bocca dos seus Sabios:

\* A vida é um combate; a Natureza  
 Nos está revelando que o triumpho  
 Ao mais forte compete; ella, impassível  
 Desamparando os fracos, os incermes,  
 Opéra a selecção dos organismos  
 Mais resistentes no conflicto activo,  
 Com que vae transmittindo as energias!  
 Esse o impulso das Nações, das Raças  
 Nos seus odios, e nas desegualdades  
 Com que se invadem e se devastam crúas!  
 O imperio do mundo, a omnipotencia  
 Ao mais forte compete! Seja o molde  
 Da Ordem humana a lei da Natureza;  
 Bem o declara o Chanceller de Ferro:  
*La Force prime le Droit!* \*

Triste erro!

O POETA, tornanfo-se depois da consciéncia nacional uma voz da Humanidade:

Se a Natureza sacrifica e opprime  
 Os fracos que supplanta,  
 Diante d'ella o Homem se elevanta,  
 Faz d'essa lei um crime.

A brutal Natureza corrigeia,  
 Abre um moral abyssmo!  
 Como um poder se ergue de harmonia  
 Concebendo o altruismo!

Os velhos, as mulheres, a criança,  
Por quanto é fraco pune!  
As bases da concordia assim alcança,  
O que se ama mais une!

Foi sempre a França o paladim dos fracos,  
Do ideal da Liberdade e da Justiça;  
Mas, descertou da liça  
N'esses dias opacos  
De iniquas guerras do affrontoso Imperio,  
Em que era a Europa um vasto necroterio.  
Expiado o mal por duro cataclysmo,  
Ergue o standarte do universalismo:

Da Lyra humana affinem-se as trez cordas  
Na final transição  
Para a normal Edade!  
Tu, oh França, n'esta harmonia accordas  
O espirito inglez de utilidade,  
De productiva Accção!

E ao genio allemão,  
Que se exhaure na vaga idealidade,  
Enlevado no abstracto Pensamento  
Dê-lhe o destino humano o fundamento  
Da mais clara generalisaçao.

Na alma italiana  
A affectiva Emoção  
Da universal fraternidade humana,  
Na sua estheticá espontaneidade  
Hade fixar do Bello a alta expressão.

A harmonia tamanha  
 Não ficará extranha  
 Enthusiastica Hespanha,  
 De sempre heroica individualidade  
 N'este concerto ideal da Humanidade !

Como o velho Simeão vendo no Templo  
 O esperado Messias  
 Disse : — Posso morrer ! —  
 Hoje, que a França livre emfim contemplo,  
 Acabem-se os meus dias.  
 Posso á terra volver.

#### A apotheose do Poeta

O Poeta Firdusi a corte deixa  
 Do despota Mahmud, com a endecha  
 Em que altivo se queixa :  
 « Uma espada tambem tenho, que fere !  
 E este carme que o plectro meu desfere  
 A gloria dos vindouros te confere ! »

Foi com maior desdém que Victor Hugo  
 Deixou Paris entregue ao seu verdugo,  
 Que lhe impoz traidor jugo !  
 O protesto moral contra o perverso,  
 Como um gladio de fogo no seu verso,  
 Insurgiu as consciencias no universo.

Como o Poeta Firdusi, que aspirara  
 Trazer ao riacho secco em que brincara  
 Enchentes de agua clara ;  
 Victor Hugo abre á França o esteril leito  
 Jorrando a Liberdade e o Direito :  
 Pela emoção revolta cada peito.

E a França acompanhou-o no momento  
 Que o Poeta exhala o derradeiro alento,  
 E leva-o ao moimento :  
 Sob o Arco de Triumpho ergue-lhe altares,  
 Onde o consagra em honras singulares,  
 Como o termo das glórias militares.

Para a *Crypta de Santa Genoveva*,  
 Como um clarão quando assfugenta a tréva,  
 O seu cadaver leva :  
 A sanctificação que o povo engana  
 Dada á virtude egoista, estulta e ufana,  
 De ora em diante ao que serve a causa humana.

#

Na batalha da vida intensa e grande  
 Vê-se em frente Hildebrand e Hadebrand . . .  
 Quem do futuro a negra ameaça abrande ?  
 Sómente o ideal humano, se aos dois mande.

## CANTO DECIMO TERCEIRO

IDEALISACAO DA EXISTENCIA NORMAL: AFFECTIVA,  
CONTEMPLATIVA E PRÁTICA,  
TANTO COLLECTIVA COMO INDIVIDUAL.

## ELENCO PHILOSOPHICO

DO

## CANTO DECIMO TERCEIRO

Como no desenvolvimento das Sciencias, as hypotheses secundas dão lugar às theories definitivas, que aprimoram relações imprevistas para o descobrimento da Verdade, assim na complexidade dos successos humanos e da marcha da sociedade a Utopia é uma dedução suggestiva, que actua sobre as modificações que a propria sociedade espontaneamente apresenta. Como a figura geometrica torna possível a realização mecanica, a ficção poetica é o esboço ideal que vai dando forma às aspirações indefinidas da consciencia. A Humanidade caminha na sua evolução histórica para uma situação de harmonia psychologica e social: essa idade normal, para que se avança, constitui por ora uma utopia, que à Arte compete representar, como meio de generalizar essa aspiração como impulso de ação. A idade normal da Humanidade não é o phantastico sonho do Millenium, da synthese religiosa passada; é a previsão philosophica da synthese sociocratica servindo de tema secundo às novas idealizações da Poesia. A Arte, tendo-se vivificado na Tradição, exerce a sua missão final como a linguagem da Aspiração.

O Eden, que uma falsa compreensão das origens da humanidade collocou no passado, haverá desvendar-se no futuro, segundo a dedução implícita na marcha histórica. A terra da Promissão é uma vaga emoção d'essa esperança, que não se preocupa do logar mas do tempo ou idade em que terá de realizar-se. Quinet descreve de um modo pitoresco este tema, que é a base do sonho de cada nação, e que hoje se torna uma concepção philosophica: «O navegador que atravessa os mares para trocar o producto dos seus trabalhos, tem, sem dúvida, por fim proximo o porto a que haverá chegar; mas para além d'esse porto, ele descobre um

outro com o repouso e a immutavel recompensa de seus soñes. Ninguem trabalha pelo simples prazer de trabalhar. Ha na essencia de toda a industria, de todo o esforço da humanidade, um pensamento para o qual elle tende sem cessar. Ora, essa riba longinqua e grandiosa é tambem essa mesma para onde tendem o artista, o poeta, o philosopho, de maneira que todos se assemelham pelo intuito; só diferem em quanto aos meios.» (*Gen. das Relig.*, p. 398.)

A contemplação da realidade objectiva deu à Grecia o mais bello sonho da vida; agora, cada vez que o homem individual se vai apropriando dos dados concretos com que constaas as Scienças, pela nova synthese subjectiva, em que entram todas as previsões, constrói o sonho mais bello do futuro, que será um estado normal para os que vierem depois de nós. Como Moysés da alto do Abarim avista a terra da Promissão, mas não pode entrar n'ella, assim o Poeta representando a Utopia social dirige para ali a coerente das sentimentos que precedem sempre os actos.

### Paz e Verdade

(POENETO)

As Nações e as Raças procuraram a sua primeira aproximação pela *Equalidade*, diante da submissão a um Deus universal ou a um despotismo; mas essa tentativa servindo de moel às Religiões proselyticas, conduziu os povos à apatia mystica e aos sonhos chimericos de um individualismo revolucionario. Constituído o antagonismo entre o Individual e o Estado, que o comprimiu com os seus poderes enormes, veio outra luta, mais tenaz e sanguenta, a da *Liberdade*, resgando contra toda a autoridade, e determinando os terríveis retrocessos da autoridade em nome da *Ordem*. Nesta escalada audaciosa para a harmonia humana, nunca determinadamente atingida, é pela *Faternidade*, ou o sentimento da solidariedade da espécie, que a concordia se tornará efectiva na Humanidade.

Nas lutas da Natureza, que se prolongam desde a confligção das forças cósmicas até aos odios das Raças, o homem vai realizando a ordem e creando a harmonia moral ou a *Paz*; diante da phenomenalidade do Universo, em que uma transformação permanente produz as desvairadas impressões subjectivas do espírito, a intelligência humana abandonada à credulidade nas ficções, ou arrastada na analyse dispersiva de um negativismo systematico, conssegue determinar a imutabilidade das Leis naturaes, e pela Sciença induciva e poder de previsão, aprofunda-se da *Verdade*. Eis as duas colunas do Templo sob o qual se congregará a Humanidade, como uma potencia criadora, que tende a realizar a Utopia, esboçada por Herder: «Tudo se liga na Natureza; um estado provoca e per-

para outro. Se n'esse caso o élo ultimo é o mais elevado que termina e fecha a cadeia da organização terrestre, então deve ser ao mesmo tempo o élo inferior que começa uma cadeia de criaturas de uma ordem superior e forma o laço entre dois sistemas adjacentes da criação. » (Phil. de l'Hist., liv. v, cap. 6.)

Alastor (personificação de Schelley) contemplando as edades passadas eleva-se à comprehensão d'essa Utopia, e levado pela hallucinação vê-a representada «uma miragem encantadora, corre para ella, mas um vórtice repentino faz submergir a barca que o leva, e succumbe nas águas, na anciadade d'esse futuro longinquio.

## PAZ E VERDADE

(POEMETO)

Quando desbasta o artista  
Pesado bloco informe,  
Saltando as lascas d'essa mole enorme,  
Logo sua alma avista  
O typo ideal, occulto  
Que do bronco volume  
Lhe destaca os contornos de algum nunc,  
De um heroe protentoso a estatua, o vulto;

Tal, d'entre a espessa massa  
De cada geraçāo, de tribu e raça,  
Da Patria e da Cidade,  
Quando o sôpro da Morte entre ellas passa,  
E as prostra sem piedade,  
Esse vulto sublime,  
Que immortal se redime,  
Resurge, o Grande-Sér — a Humanidade.

## CANTO I

## A Utopia humana

\* 1

Quando o excelso Pintor  
 Dava uma graça plena e seductora  
 Com os vislumbres de perenne aurora,  
 Illuminando de immortal fulgor  
 A figura da Virgem, mãe do amor,  
 De uma maternidade protectora;

Accentuava em seus traços  
 O tom suave da melancolia  
 Com que presente a Dolorosa Via  
 Que hade abrir-se ante os vacillantes passos  
 Do meigo Filho, que ella tem nos braços.

O artista repetindo  
 As deslumbrantes fórmas femininas  
 Da bondade, candura e da belleza  
 Das Virgens florentinas,  
 Remontava-se a um ideal infindo  
 Por contemplar de perto a Natureza.

Ao excelso Pintor,  
 Que figurar com tanto assan queria  
 A visão intangivel que fugia,  
 Sobre a tela fixal-a com fervor,  
 Perguntaram-lhe um dia:  
 Que pensamento, que celeste norma  
 Tenta exprimir na surprehendente fórmā?

O artista sobrehumano,  
 Com um sorriso intraduzivel, puro,  
 De uma alta inspiração a mente cheia,  
 Respondeu simples, lhano:  
 — O que exprimir procuro?...  
 É *Una certa idéa!* —

E quando sobre a tela infunde a vida  
 N'esses typos humildes, bons e doces  
 Com que as Virgens romanas  
 Mostram a força à graça reunida,  
 Amoraveis, tranquillas, soberanas,  
 Vê-se do genio inexauriveis posses!  
 E bem se patentea,  
 Que elle se inspira de — *Una certa idéa!*

Quanto se eleva na ascenção intensa  
 Quando a belleza da Antiguidade  
 Classica funde n'um gracioso mixto  
 Com essa medieval ingenuidade  
 À luz da Renascença,  
 Na gloriosa Virgem de San Sixto!  
 De Raphael a mente se incendeia  
 Por *Una certa idéa!*

\* \* \*

É essa *Certa idéa*, que revela  
 Na Virgem santa e bella  
 De dôr e de piedade  
 Um Symbolo de augusta magestade,  
 Que faz contemplar n'ella  
 A ideal Entidade  
 Na Mater dolorosa — a Humanidade.

Pela terrível senda da existência,  
 Mãe, nos traz em seus braços,  
 Nos encaminha os passos,  
 E nos conserva a luz da experiência!  
 Ignota e desvelada Providência.

Ao desfazer-se a ilusão divina,  
 A forma feminina  
 Da Verdade, Concordia e da Justiça,  
 Torna-se o Emblema vivo que infiça,  
 E dá uma expressão de realidade  
 Ao sentimento da Humanidade.

---

Na marcha do homem que ao Porvir se alteia  
 Ha *Una certa idéa* . . .  
 Deixaes oh Poetas a ficção que engana,  
 E em nova melopéa  
 Cantae, dæ corpo á Utopia humana.

## II

Desde a infância Alastor sempre enlevedo  
 N'uma visão sublime, em aureos sonhos,  
 Sente o contraste da existência amarga  
 Cheia de luctas, de odio e desalentos.  
 Na frieza do lar, e na orfandade,  
 Na solidão acha o unico refugio.  
 Medita a sós em absorção vehemente,  
 Contemplando os remotos horizontes;  
 E como ao perpassar n'uma harpa cólica  
 As virações estivas, na sua alma  
 As vibrações de uma emoção dorida  
 Que a Natureza que interroga, acorda,  
 Segredaram-lhe o verbo da Poesia.

Foi desde a infancia Poeta ; o sofrimento  
 Fel-o sentir, pensar, amar bem cedo ;  
 A sós contempla a ordem do universo,  
 E presentindo uma alma em cada cousa,  
 Um sentido recondito, os seus labios  
 Nas fontes vivas da Philosophia  
 Saciaram-se soffregos, ardentes :

« Grande, esplendida, bella,  
 Parece-me que tenho  
 Nitida comprehensão da Natureza,  
 Que um occulto dissenso  
 Patente me revela :

Como baobab immenso  
 Gigante, escuro, denso,  
 Envolveram da Terra a redondeza  
 As venenosas plantas,  
 De espinhos lethaes, tantas...

Vegetação activa  
 N'esse morno calor  
 Terminal perfeição busca, attingindo  
 Por fórm'a gradativa  
 O ápice na — Flór !

E na escala animal?  
 Com garras, trombas, dentes,  
 Monstros ferozes, brutos vão seguindo  
 De esboços ascendentes  
 Até à fórm'a ideal :

Na vida, em sonhos, quer  
Fixar a Natureza  
Mais alta floração, o que ha mais lindo:  
Graça, emoção, belleza...  
Organisa a — Mulher !

Que tintas deu á Flôr,  
Que aromas indecisos !  
Poz na alma da Mulher todo o mysterio  
Das lagrimas e risos,  
Extasis mil — o Amor.

Segue inda a Natureza  
O seu plano, com tino...  
Da Humanidade afirma-se o imperio:  
Paz e Verdade! empreza  
Do porvir, seu destino. »

---

Da marcha ascensional que achou na mente  
Pôde Alastor representar brilhante  
Quanto o passado teve de mais santo,  
Lendo nos Mythos a linguagem pura  
Das concepções mais intimas do homem.  
Penetria dos Symbolos sagrados  
Os mysterios grandiosos, e dos Cultos  
Os Dogmas immutaveis que ligaram  
Os vôos da razão á obscura Causa.

Enquanto as Raças se combatem crúas,  
 Sangrentas, implacaveis, defendendo  
 Ora as fronteiras de uma terra amada,  
 Ou para gloria da sieção divina  
 Levam a guerra aos términos do mundo,  
 Os seus Mythos e Symbolos reunidos,  
 Entre as raças hostis sonho igual pintam,  
 A mesma aspiração ideal que alenta  
 A romagem dorida da existencia.

Pôde Alastor sentir pela Poesia  
 A unidade implicita na onda  
 Tumultuosa das gerações humanas  
 Que vae perder-se no golfo da morte !  
 A aspiração ideal é esse laço  
 Da latente harmonia e da concordia  
 A que obedece cada Povo. A vida,  
 A vida é sonho ! assim o disse o Poeta ;  
 Do sonho das Nações forma-se a Historia !  
 Quiz Alastor de perto vér as ruinas  
 Venerandas dos primitivos tempos ;  
 Do Egypto olha as Pyramides eternas,  
 O mysterio da morte se desveoda  
 No terror de além-tumulo, no esforço  
 De perpetuar o corpo, ultimo resto  
 Da existencia objectiva, que lhe foge.  
 Como a Mumia o Egypto immovel fica,  
 N'um pezadello tragicó, oppressivo,  
 Que ainda a livre consciencia espanta.  
 Percorreu Babylonia : o chão instavel  
 Das arcias moventes, que sepultam  
 Os vastos monumentos, quanto explicam  
 A paixão sensual de antigos ritos  
 Que incitam á renovação da vida !

Na expiação sagrada se confundem  
O Amor e a Morte ! Babylonia e Egypto,  
Através dos desertos que os separam,  
Vivem unidos pelo mesmo sonho.

N'esta lucta do homem contra as forças  
Da Natureza exuberante e estranha,  
Que o afoga no seu vigor, resiste  
Pelo Carme piedoso transmittido  
Na voz da tradição de edade em edade ;  
Como, na India, elle a família reune,  
E a cohesão social estabelece.  
Lei da fatalidade átra, implacavel !  
Quem ha que vença a Morte ? Heroes e Deuses  
Soffrem o golpe da caducidade ;  
O homem pensa no problema escuro,  
Mas crédulo e sincero escuta os Dogmas  
Que o illudem fallando de outra vida !  
Como vencer a Morte ? Antigos Mythos,  
Os mysterios da Alchimia impenetraveis.  
Teorias metaphysicas, trataram  
De dominar o horrendo pezadello.

Tu só, Grecia, tiveste o dom supremo  
Do ironico sorriso que emancipa  
A mente das ficsões aterradoras !  
Tu, Roma, a vida do homem unificas  
Com a vida da Patria, por quem morre  
Pelo dever : Com a Cidade eterna  
Se tornou immortal o justo, o bravo,  
Presentindo o triumpho alto, vindouro  
Da incorporação na Humanidade.

Como athletas cahindo sobre a arena  
 No combate sangrento da existencia  
 Pela justiça, pelo ideal altruista.  
 Na radiação de immorredoura gloria,  
 Na tradição da Fama inolvidavel  
 Bradarão: *Morituri te salutant!*

## III

Através da viagem do passado,  
 Quando attingia a edade hodierna, sente  
 Alastor profundissima tristeza:

« Vi o desesperado antagonismo  
 Dos Povos; vejo a incessante lucta  
 Em cada Patria, em que os irmãos profligam.  
 Ah, se o homem sobre este chão que rega  
 Com lagrimas e sangue, não consegue  
 Fundar a *Paz*, pela concordia mutua,  
 O sér mais desgraçado é do universo! »

Vi as Religiões, Philosophias.  
 As Escholas, as Biblias, confundirem  
 N'uma miragem subjectiva, no erro  
 A rasão tresvaliada do homem. Passam  
 Os conflictos de todas as doutrinas;  
 Novas doutrinas se propagam, jungem  
 Sectarios e adeptos. Ah, se o homem  
 Não é capaz de conseguir um dia  
 A posse da *Verdade*, com certeza  
 O sér mais desgraçado é do universo! »

Não me alegra o presente; guerra, embustes  
 Envolvem-me quaes tábidos miasmas;  
 Quero fugir d'esta atmosphera espessa,  
 Remontar-me ás alturas... Como encanta  
 A visão do futuro incomparável!  
 Respira-se o ideal: doce esperança,  
 Harmonia remota presentida...  
 Quem me déra alcançar de longe, embora,  
 Como a visão da promettida Terra  
 Concedida a Moysés, quando sózinho  
 Do monte de Abarim a contemplava,  
 Essa edade vindoura da Consciencia!  
 Através dos desertos quarenta annos,  
 Moysés alísim a Promissão avista.  
 Como lhe foi vedado o accesso, eu sinto  
 Que se escapa a visão que se me ostenta,  
 Transformando-se as cimas viridentes  
 Que se alcançam de Tunis á Judeia,  
 E de Genova a Athenas, que circumdam  
 Do Mar Mediterraneo o santo berço  
 Das Civilisações iniciadoras,  
 Transformando-se em sáfaros Calvários.

Pudesse eu entrevér n'esse horizonte  
 Vago fulgor da esplendente aurora  
 De uma edade normal da Humanidade!

Sinto banhar-se agora em luz a fronte,  
 N'um extasis minha alma se evapora,  
 E o corpo vae errante  
 N'um oceano de Amor e de Verdade! »

Subito, n'esse instante  
 Um clarão boreal suave alaga  
     De Alastor o semblante !  
 Da fluidez das aguas irradia  
 A claridade intensa da ardentia,  
 Como o luar sobre a dormente vaga.

E essa luz crepuscular e baça  
 Vem de um corpo que fluctuando passa,  
     Que ao som das ondas anda  
 Espalhando uma resonancia branda,  
 Que embala em harmonia a terra e o céo !  
 Era a Lyra de Orpheo  
     Cahida no oceano,  
     Quando o delírio insano  
 Dos cultos orgiasticos do Oriente  
 A vida occidental torna dolente,  
 Desviando o homem do destino humano.

No mar fluctua aquella eterna Lyra  
 Que a concordia dos Povos inicia,  
     Einda hoje a annuncia  
     Ao vogar sem paragem.  
 Das vagas ao rumor ella suspira  
     Misteriosa, animada ;  
 Ninguem pôde alcançal-a na voragem  
 Que a vida attrai, fatal, aterradora ;  
 Vae de edade em edade arrebatada  
     Na dorida romagem  
 À espera que a pulse mão vindoura.

A resonancia d'essa maga Lyra  
     Presentiu-a Virgilio  
 Quando os Povos do Lacio reunira  
 Na mesma Tradição de um santo idyllio.

Do mysterioso Carmo a melopéia  
 Dante Alighieri alcança  
 Na sublime epopéia,  
 Substituindo á divinal vingança  
 A humana sentença.

Escutára Camões na Renascença  
 Da Lyra os soltos brados,  
 Quando invocára o homem para a lucta  
 Da Natureza bruta  
*Por mares nunca d'antes navegados!*  
 Ensinando-nos como o peito forte  
 Na acção e gloria vence a Lei da morte!

Quem mais ouviu o som, o canto, a falla  
 D'essa Lyra de Orpheo,  
 Que paira e adormenta o escarreço?  
 Goëthe chamou os Poetas a escutal-a;  
 Oh, quem fosse buscal-a,  
 Ignota, desde o aédo que a perdeu.

Deslumbrado Alastor brada: — Vou eu! —  
 E desfraldando ancioso a vela á brisa,  
 Vae n'um barco seguindo  
 Por um argenteo alveo  
 Préstos, a Lyra do aédo que deslisa  
 Soltando carme delicioso, insíndo.

Elle percebe o som mais breve e lindo,  
 Verbo ineffável, puro;  
 E vai perdido n'esse mar sem bordas  
 No largo Oceano, allumiado, aberto,  
 Pela visão augusta do futuro:

\* Tem a Lyra de Orpheo trez simples cordas,  
 A vibração de cada uma encerra  
 Maravilhas de divinal concerto  
     De uma harmonia viva  
     Que secundou a terra !  
 Uma corda, na Edade primitiva  
 A vaga melodia da *Egualdade*  
 Espalha entre as Nações... O ardente sonho  
 Que identificou ante a Divindade  
 O escravo e senhor, o fraco e o forte,  
 Tornou-se um germen da hostilidade,  
     Pezadello medonho !  
 Na mentida ficção a Theocracia  
 A escravidão das almas funda um dia  
     Faz o Dogma da Morte !

Outra corda da Lyra alegre vibra  
 Clamorosa Canção da *Liberdade*,  
 Que os Povos elevanta ! Mas na hora  
     Suprema, redemptora  
 Em que a Graça e os Privilegios caem  
 Ante a Justiça, pela iniquidade,  
 A vingança a rasão desequilibra !  
     As paixões brutas siem  
     Num impeto violento,  
 Suscitadas pelos sophismas falsos ;  
 Mata a Revolução os que a alentaram.  
 Pelas idéas, pelo sentimento,  
     Que se sacrificaram,  
 Sob o Terror nos torpes cadasfalsos ! \*

Mar abaixo, na vaga em que fluctua  
 Como espalha centelhas de ouro a lua  
 Quando nas águas bate o seu fulgor,  
 Vê a Lyra de Orpheo mudo Alastor ;

Vogando, segue-a para onde ella for  
 Do mar na immensidade,  
 Como n'um sonho de que não acorda.  
 Attrae-o o som d'essa terceira corda  
 Que aéria canta da *Fraternidade*:

« É esta a corda que por vezes raras  
 Se tem vibrado ! O que os trez sons dispersos  
 Reunir um dia, como o Orpheo antigo,  
 Hade ter nos seus versos,  
 Nas melodias claras  
 Condão potente, amigo  
 De dar concordia ás almas, convergencia  
 À accão, e objectivo á consciencia. »

E contemplando a suave claridade  
 Que da Lyra de Orpheo longe se espalha  
 Por todo o espaço em volta e immensidade,  
 N'um clarão subitaneo,  
 Mostram-se as margens do Mediterraneo,  
 Sagrado berço que o Porvir trabalha :  
 Como um fóco de luz serena o Egypto  
 Tem da cultura a iniciação propicia,  
 Propaga o social rito  
 A Grecia e a Phenicia,  
 Roma, a patria da Lei, e em seu estrago  
 A mercantil Carthago !

« Salve, sagrado berço !  
 Emergindo do bruto onde era immerso  
 Póde o homem um dia  
 Sentir a propria solidariedade,  
 E aqui sonhar a posse do universo !

Da Lei a magestade,  
 O imperio, se inicia  
 Os costumes da Paz impondo ao mundo:  
 Da Grecia o sonho, o ideal jucundo  
 Identifica o bello e a realidade  
 Na Arte, na Poesia!

Oh, com certeza a Grecia entre os mais Povos  
 Sonhou da vida o mais díitoso sonho;  
 E que horisontes novos  
 Abre á rasão!... Mas repentinamente  
 Um nevoeiro medonho  
 No ar se diffundi,  
 E ao sonho alegre segue o desvario  
 Da Orgia sagrada do Oriente! \*

## IV

Ficou mudo Alastor em tanta magoa  
 Vendo as sombras da Noite de mil annos,  
 Os terrores da Egreja!  
 Mar a baixo a fluctuar sempre ao som d'agua  
 Busca a Lyra de Orpheo outros Oceanos.  
 Fis com luz matutina  
 Todo o mar illumina,  
 Sem ter á lua inveja.

Alastor do seu extasis desperta  
 Em que tanto se esquece:  
 • Mediterraneo amplissimo parece  
 Cercado pela America e Europa,  
 Pela Africa: é a vasta liça aberta  
 De accão commum que cada Povo abi tópa:  
 Vencer a Natureza!  
 Quem primeiro se arroja á grande empreza?

Como se esvae o secular engano  
 Da terra, centro estavel do universo!  
 Achando o oriental berço  
 Não mais o orgulho humano  
 Do Dogma aceita a vã credulidade  
 E o mystico arrobo:  
 Ao fazer-se a circumducção do globo,  
 Tudo o conduz á posse da Verdade!

A conservar recusa  
 O espirito o hierático lethargo;  
 Tem da revolta germens espontaneos  
 Contra a fíeção divina!  
 E essa luz diffusa,  
 Como a phosphorecência de um mar largo  
 Que da Lyra de Orpheu sic, illumina  
 E identifica os dois Mediterraneos.

Eis d'essa Lyra cada uma fibra  
 Deliciosa vibra  
 Sons que dão os mais íntimos consolos,  
 Mysteriosas runas:  
 — Paz e Verdade! — são alíum os pólos  
 Em que a Humanidade se equilibra,  
 São do Templo ineffável as Columnas. \*

---

## CANTO II

## As Columnas do Templo

1

Quando o architecto Hiran tinha acabado  
 De modelar em bronze para o templo  
 Duas Columnas, que assentou na frente  
 Da portada sublime;

Salomão veiu alegre e pressuroso  
 Contemplar essa maravilha ao perto:  
 E ficou meditando no sentido  
 Das potentes Columnas.

Então pergunta Hiran ao rei absorto:  
 « Sabeis ler o intuito de tales Symbolos? »  
 E pela vez primeira é impotente  
 De Salomão a Scienzia.

Quiz revelar-lhe Hiran todo o mysterio:  
 « Iakin é o nome da Columna  
 Da direita do templo, — symbolisa  
 Da Creação a força.

Essa outra igual que está do lado esquierdo  
 É Boaz o seu nome; considera-a  
 Como essencia da propria Divindade,  
 Da Destruição emblema!

É grande Iahvé por sobre os demais deuses;  
*Criou do nada as fórmas do universo,*  
 E n'um relance *destruindo* as causas  
 Já tudo volve ao nada.

Na concepção mais alta a que ha chegado  
 O espírito do homem dando forma  
 A Deus em attributos,— só o adorem  
 Por esses dois Poderes!

Para a raça que creu foi isto um dogma!  
 Para a raça que pensa e ha descoberto  
 A persistencia eterna da matéria  
 Pela visão da sciencia,

*Créação e Destruição, vestígios*  
 Da primitiva e intellectual miragem,  
 Tudo persiste e tudo se transforma,  
 Sem isso, a Deus que fica?

Assim ao Deus succede a Humanidade;  
 As Columnas do Templo estaveis, firmes,  
 Symbolisam da Consciencia a força  
 Na Paz e na Verdade!

\* Jerusalem um dia devastada  
 Pelo invasor romano, o Templo em chamas  
 Enchendo o espaço de um clarão horrendo,  
 Ante o assombro dos crentes;

Desvairado corria pelas ruas  
 N'um phrenesim de espanto e de loucura  
 Um homem roto e misero, clamando  
 N'um lamento sinistro :

— A voz do Oriente, a voz do Occidente,  
 A voz dos quatro ventos revoltosos !  
 Ai de Jerusalem toda em ruinas !  
 Ai do Templo ! ai do Templo ! —

Cahiram as vetustas Theocracias,  
 A patriarchal e a militar Realeza,  
 Revindicações revolucionárias,  
 Como um vento de morte !

Cae a letra das Biblias immutável,  
 E os Códigos que em sangue a Lei fundaram ;  
 Sobre as feraes ruínas se elevanta  
 Hoje a Cidade humana !

Por entre a multidão vaga o Poeta  
 Proclamando ao Oriente, ao Occidente,  
 Aos quatro ventos o sublime grito  
 De Paz e de Verdade !

## III

*Paz e Verdade!* Eis as creações do Homem,  
 Do Templo universal firmes Columnas,  
 A synthese consciente da existencia.  
 Diante do espectáculo assombroso  
 Da evolução da Natureza inteira  
 Sempre a lucta implacavel! Desde as plantas  
 Revestidas de espinhos como dardos,  
 Vertendo succos causticos, venenos  
 Que inebriam e matam repentina,  
 Até aos monstros animaes, cobertos  
 De escamas por couraça impenetravel,  
 De anavalhados dentes para a briga  
 De uma sanha instinctiva e destruidora,  
 Ve-se que a Natureza em seu intuito  
 Chamou os seres vegetaes, e vivos  
 Para um tremendo circo, em que a existencia  
 É combate sangrento, atroz, sem tréguas!  
 Devoram-se, atassalham-se, destróem-se;  
 E certo foi que as primitivas raças  
 Herdaram tacs rancores, esses odios  
 Que fizeram do homem lobo do homem;  
 Dos trez Irmãos a lucta que enche a Historia!

Como d'esta crysalida terrivel  
 Surgiu a borboleta aurea, impalpavel,  
 A boa nova, o venturoso agoum  
 Que despertou no mundo o sentimento  
 Da Paz, do bem, da confraternidade!

Diante da phenomenalidade  
 Do universo immensuravel, vendo

Uma transformação ininterrupta  
 Que desorienta e à vertigem leva,  
 Produzindo as miragens subjectivas,  
 Achou-se a mente do homem desvairada.  
 Pelo delírio crédulo, envolvida  
 N'um cajos de illusões e inanes sonhos!  
 Greou mythos, religões, poderes,  
 Subordinou-se ás lugubres chimeras,  
 Como um baixel perdido entre nevoeiros!  
 Sómente ao fim de séculos de analyse  
 Conseguiu entrevér leis immutaveis  
 Na Natureza! A inductiva sciencia  
 Dá-lhe o poder da previsão segura.  
 A comprehensão e a posse da *Verdade!*

*Paz e Verdade!* Eis o destino do homem,  
 O seu poder de criação, que o torna  
 A potencia moral, que se destaca  
 Por sobre as grandes forças do universo. \*

Em quanto isto pensava Alastor, vaga  
 Se espalhá no ar a luz de uma alvorada  
 Melancholica, bella, deslumbrante!  
 Olha assombrado! Celestial miragem...  
 Parece uma Cidade, qual de longe  
 A patria ao desterrado quando volta...  
 Venusta e esplendorosa architectura!  
 Sobre o Monte Salvat não avistaram  
 Cavalleiros de Graal mais bello o Templo  
 Sonhado na pureza dos desejos.  
 E ao som da branda e doce resonancia

Com que a Lyra de Orpheo o ar serena  
 Tenta Alastor tocar a margem linda,  
 Entrar n'esse paiz ridente e novo,  
 Na Promissão que n'alma elle entrevira ;  
 E impelle a barca ás regiões da aurora.

Aos impulsos da perfumada brisa  
 A barca de Alastor arrebatada  
     A vela desengilha,  
     Veloz segue, desliza,  
 Vae nas azas de subita rajada :

\* Quem se aproxima de remota ilha  
 Perdida e ignota no insondado Oceano,  
     Sente de longe o aroma  
     Que a terra denuncia,  
     E assim o rumo toma  
 Seguro, sem engano !

Sympathica Utopia,  
 Oh deslumbrante e immensa maravilha !  
 Das paixões n'este labyrinto humano,  
 No conflicto das crenças e da sciencia,  
     Harmonia latente  
     Revela á consciencia  
     Que se aproxima a edade  
     Da solidariedade  
 Na synthese moral da Humanidade !

\*

Quando o homem achou casualmente  
 O magnete que o norte fixo aponta,  
 Guiado pela Bussola elle affronta  
     Destemido, valente

O Oceano Tenebroso, e as borrascas,  
 Tópa outro continente,  
 E entre as horridas vascas  
 De uma lucta iracunda  
 Toma posse da terra e a circumda.

Quando nas almas vibré  
 Da Humanidade o alto sentimento,  
 Destino, movel livre  
 De toda a actividade e pensamento,  
 Será mais larga, mais alegre e aberta  
 A romagem sombria da existencia,  
 Guiando a consciencia  
 Essa bussola certa.

\*

Segue o navegador intelligente  
 Nas correntes oceanicas o curso  
 Do Gulf-Stream, aquelle rio quente,  
 Que o leva até á America do norte;  
 E por este recurso,  
 Tal calor o defende contra a morte,  
 E lhe mantém os dias  
 Sobre essas costas frias.

Nas correntes da Historia  
 Mais tempestuosa e mais contradictoria,  
 Foi irrompendo d'entre a hostilidade  
 De povo a povo, grave,  
 Como corrente tépida e suave  
 O sentimento da Humanidade,

Que fez transpôr o abysmo  
Do primordial egoísmo,  
De altas emprezas no sublime intento  
Fortificando a acção e o pensamento.\*

Aos impulsos da perfumada brisa  
A barca de Alastor arrebatada,  
Veloz segue, desliza,  
Ao vento a vela solta,  
Vae nas azas de subita rajada.

Observa o Poeta em volta,  
Vê um círculo na agua em redemoinho;  
Um sorvedouro ignoto o olhar abarca !  
Nunca vista Charybides ! ao centro  
É attrahida fatalmente a barca,  
Com o Poeta se abysma e cão lá dentro  
D'esse golfinho damninho !

Sinistra, escura é a fatalidade;  
Quem lhe foge ? Baldada é a porfia ...  
Ergue-se o Poeta na aura da Utopia,  
Affoga-o a implacavel realidade !

Ah, quando Alastor morto veiu á praia,  
Mudo no labio o mysterioso carme  
Da divina Poesia,  
Em que soltou o alarme  
Com que a expressão do humano ideal ensaiá,  
Na genial e brilhante phantasia ...

Quando era extinto na sua alma o sonho,  
 Deslumbrante e risonho  
 Que encheu da vida a estancia;  
 Gelado o fôco onde a paixão vehemente  
 Ahi pulsara por Ideal ingente  
 Com tanto ardor e ancia...

Por sobre a vaga que argentea a lua  
 Do Oceano que estúa,  
 Ida a Lyra de Orpheo  
 Mansamente fluctua;  
 Na remota e indistincta resonancia  
 Como que continua  
 A aspiração do Poeta que morreu!  
 Vae repetindo o mystico segredo,  
 Até que, um dia, alcance-a  
 O glorioso Aédo,  
 Que pulsará o magico instrumento  
 Que harmonisa a razão e o sentimento:

A resonancia éolla:

Cantaes o Amor, que torna o animo largo  
 Quando o confrange o sofrimento amargo:  
 Que faz a dor ser doce,  
 Como se um nectar fosse!

Um Amor, que a si só se não pertence,  
 Crendo tudo possível tudo vence,  
 Que não sente o cansaço  
 Do que é de affecto escasso.

Um Amor, como a luz que se derrama,  
 Como o calor vital de etherea chamma,  
 Nos desalentos forte,  
 Sorrindo até na morte.

Um Amor generoso na alta empreza,  
 Que excita á perfeição e á belleza ;  
 Que ao dar fica desnudo,  
 Mas possuindo tudo !

Um Amor firme, leal, que em si não pensa,  
 Magnanimo e humilde, pura crença ;  
 Sempre sereno e casto  
 Se aos sentidos dá pasto.

Amor, que nasce e vive e mais se apura  
 Na dórr muda, na incognita amargura,  
 Na insondavel piedade...  
 O Amor da Humanidade..



## GRAÇA INEFFAVEL

---

Quella que emparadisa la mia mente.

Dante.

Contemplando este immenso mar amargo  
Onde rugem eternas tempestades,  
A Visão das Edades.  
Sobre o horizonte largo  
Deixa a impressão de uma harmonia equórea,  
Concerto ideal implícito na Historia.

Como uma luz de branda claridade,  
Sempre fulgindo no horizonte escuro,  
Filha! symbolo puro  
De esperança e bondade,  
Ao transpôr as procellas, a voragem,  
Que alento encontro em tua doce imagem!

Morta na flor de ideias dezeseis annos,  
Nunca mais esse immaculado vulto  
Foi para mim occulto;  
Nos conflictos insanos  
Do torpel das paixões, vinhas serena  
Dar-me um refugio em ti, visão amena.

*quia sine dolore  
non vivitur in amore.*

*Imitata, m. 5.*

E dizias: — A dói quem tem receio?  
Toda a existencia a dói jámais se isenta;  
Ter o coração cheio  
Mesmo de uma dói leitta,  
Conduz a alma a placida equidade,  
Fez-te sentir e amar a Humanidade.

FIM DO QUARTO E ULTIMO VOLUME.

# INDICE

PAGE

Canto undecimo: *Dissolução do régimen cathólico-fidalgo.*

Elenco philosophico do Canto undecimo . . . . . 6

## AS DUAS VEROADES

### I. Auras do Occidente:

i.	O suppicio do Templario . . . . .	13
ii.	O Vaticínio de Dante . . . . .	17
iii.	Delírio de Petrarcha . . . . .	20
iv.	Última ratio Regum . . . . .	21
v.	O Mar tempestoso (Poema) . . . . .	26
vi.	Savonarola . . . . .	44
vii.	Phrase de Miguel Angelo . . . . .	51
viii.	A Estátua . . . . .	58
ix.	O Queimadizo . . . . .	62
x.	O eclipse da Renda . . . . .	64

### II. Clarté de tout, ou a Epopéa do Risso:

i.	Rísum teneatis . . . . .	68
ii.	Pathelin tragicó . . . . .	72
iii.	O riso de Erasmo . . . . .	75
iv.	O riso de Rabelais . . . . .	78
v.	O riso de Areíno . . . . .	85
vi.	O riso de Cervantes . . . . .	90

## III. Tentanda via est:

	PAG.
i. Sagração da Epopéia . . . . .	93
ii. Vaticínio do Adamastor . . . . .	95
iii. O Poema de Camões . . . . .	100
iv. A batalha de Lepanto . . . . .	103
v. Desalento de Tasso . . . . .	106
vi. A confissão de Calderon . . . . .	109
vii. O Bravo de Uiraçaba (Poema) . . . . .	110

## PARTE III

## Cyclo da Liberdade

*Movimento esthetico, científico e philosophico, concorrendo para o progresso moral, economico e politico.*

Elenco philosophico do Cyclo da Liberdade . . . . .	156
A Philosophia . . . . .	159

**Canto duodecimo:** *Unidade impulsional da Revolução occidental até ao fim da grande crise.*

Elenco philosophico do Canto duodecimo . . . . .	174
--	-----

## A EPOPEIA DA REVOLUÇÃO

Gigantomachia . . . . .	181
-------------------------	-----

## 1.\* Trilogia:

## Os Athletas da Idéia:

ii. Leviathan (Poema) . . . . .	189
ii. Milton . . . . .	224
iii. O Banquete dos Livres (Poema) . . . . .	230

## 2.\* Trilogia:

## A explosão da Força:

ii. A Cidade universal (Poema) . . . . .	271
ii. A quarta corda da Lyra (Poemeto) . . . . .	313
iii. A Orgia militar (Poemetos)	

	PÁG.
i. A sepultura do Heros . . . . .	323
ii. A covardia do bravo . . . . .	325
iii. Napoleão moribundo . . . . .	329
iv. Os Semeadores da Peste . . . . .	335
v. Farada sinistra . . . . .	338
 3. <sup>a</sup> Trilogia :	
As revoltas do Espírito :	
i. O tédio de Harold (Poema) . . . . .	343
ii. Vigilias do Fausto (Poema) . . . . .	385
iii. Struggle for Life (Poema) . . . . .	447
 <b>Canto decimo terceiro:</b> <i>Idealização da existência normal: afe- cção, contemplativa e prática, tanto colectiva como individual.</i>	
Elenco philosophico do Canto decimo terceiro . . . . .	474
Paz e Verdade (Poemeto) . . . . .	477
Graca ineffável (Epílogo) . . . . .	503

